



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Michelle Aline Barreto**

**DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS:  
CONSTRUÇÃO/CONSTITUIÇÃO, EQUÍVOCOS E LEGITIMIDADE.**

**Juiz de Fora**

**2011**

**Michelle Aline Barreto**

**DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS:  
CONSTRUÇÃO/CONSTITUIÇÃO, EQUÍVOCOS E LEGITIMIDADE.**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Lúcia Ferreira

**Juiz de Fora - MG**

**2011**

Barreto, Michelle Aline.

Dança esportiva em cadeira de rodas: construção/constituição, equívocos e legitimidade / Michelle Aline Barreto. – 2011.

245 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

1. Deficiente físico. 2. Esportes. I. Título.

CDU 376.2

**Michelle Aline Barreto**

**DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS:  
CONSTRUÇÃO/CONSTITUIÇÃO, EQUÍVOCOS E LEGITIMIDADE.**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Rocha Ferreira - UNICAMP

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tereza Cristina Bellosi - UFJF

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Lúcia Ferreira - UFJF

*Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre acreditam  
no que faço e são meu porto seguro. E ao meu namorado,  
Edinho, que me apoiou e incentivou neste voo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores e ao programa de mestrado da Universidade Federal de Juiz de Fora/Universidade Federal de Viçosa. Em especial a minha orientadora professora Eliana Lucia Ferreira, manifesto minha gratidão pelas oportunidades, ensinamentos e amizade. Ressaltando ainda minha admiração pela profissional competente que é.

À Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas e todos seus membros, com carinho especial aos atletas que colaboraram tão prontamente, de forma profissional e afetiva, para a realização desse estudo, expresso minha gratidão.

Aos amigos que fiz nessa etapa de minha vida agradeço pela amizade, carinho e acolhimento.

## RESUMO

A dança esportiva em cadeira de rodas é uma modalidade competitiva de dança que é praticada em diversos países. O esporte é disputado em duplas em dois estilos: no *duo dance*, os dois atletas usam cadeira de rodas para dançar, já no *combi*, um dos competidores deve ter a necessidade do uso da cadeira de rodas para dançar e o outro parceiro dança de pé, e não tem deficiência. Esse último estilo é praticado no Brasil há cerca de dez anos. A proposta desse estudo foi contar a história da dança esportiva em cadeira de rodas no país, através de fatos e vozes. Para tal história, além de escrever uma versão factual e cronológica, baseada em documentos, buscamos auxílio na história oral que tem por objetivo permitir que as minorias, nesse caso as pessoas com deficiência, tenham voz perante a sociedade. Os atletas tiveram oportunidade de relatar suas experiências buscando em suas memórias fatos marcantes que revelam os significados da dança esportiva em cadeiras rodas para si mesmos e que constroem uma possível história do esporte. O estudo iniciou-se a partir da necessidade de entender como essa modalidade, sem raízes na cultura brasileira, se constituiu e se consolidou no país, mantendo-se há dez anos, sem incentivos enquanto modalidade esportiva. Descrever de forma científica e cronológica a história do surgimento e da construção da dança esportiva em cadeira de rodas nos permitiu analisar os eventos ocorridos e os significados para os atletas envolvidos nesse contexto, e isso nos mostrou uma história diferente se comparada aos demais esportes e apontou para o momento de evolução do esporte.

Palavras-chaves: Dança esportiva em cadeira de rodas, história, história oral.

## ABSTRACT

The wheelchair dance sport is a competitive sport dancing that is practiced in many countries. The sport is played in pairs in two styles: the *duo dance*, the two athletes in wheelchair dance, as in *combi*, an athlete must have the need to use the wheelchair to dance and another standing dance partner without any disability. This latter style has been practiced in Brazil for about ten years. The purpose of this study was to tell the history of wheelchair dance sport in the country considering facts and voices. To do so and write a factual and chronological version, based on documents, it was tried to find the basis in oral history which gives the minorities, in this case people with disabilities, a voice in the society. The athletes had the opportunity to communicate their experiences. In doing so they were motivated to search in their memories the meaningful facts related to the wheelchair sportive dance that helped to create an imaginary about the sport history in their lives. This study started from the need to understand how this modality without roots in Brazilian culture was produced and consolidated in the country, and even without any support for about ten years, it remained until today. Taking into consideration scientific and chronological history referred to the emergence and construction of the wheelchair sportive dance thru the events and important facts considered by the athletes implicated in this context shows us a different story compared to other sports and announces a time of evolution for this sport.

Keywords: Wheelchair dance sport, history, oral history.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Fotografia 1:</b> Atletas no primeiro campeonato.....	<b>38</b>
<b>Fotografia 2:</b> Em destaque – Luciene Rodrigues e Waldemir Tavares. Em segundo plano – Luciana Carla e Luciano Marques.....	<b>38</b>
<b>Fotografia 3:</b> Casal Anete Otília Cardoso de Santana Cruz e Cabral.....	<b>38</b>
<b>Fotografia 4:</b> Célia Diniz e Alexandre Siqueira.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 5:</b> Anete e Cabral.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 6:</b> Dupla campeã – Luciene e Waldemir.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 7:</b> Duplas participantes do III Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 8:</b> Dupla campeã - Luciene e Waldemir.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 9:</b> Primeira participação internacional de atletas brasileiros.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 10:</b> atletas competindo no IV Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.....	<b>40</b>
<b>Fotografia 11:</b> Luciene e Waldemir.....	<b>40</b>
<b>Fotografia 12:</b> Anete e Cabral.....	<b>40</b>
<b>Fotografia 13:</b> Dupla representante da cidade de Santos.....	<b>40</b>
<b>Fotografia 14:</b> Luciene e Waldemir.....	<b>40</b>
<b>Fotografia 15:</b> Anete e Cabral.....	<b>40</b>
<b>Fotografia 16:</b> dupla Alexandre e Adelina, e a esquerda a técnica Luciana Carla.....	<b>41</b>
<b>Fotografia 17:</b> em primeiro plano – Anete e Cabral. E Luciene e Waldemir....	<b>41</b>
<b>Fotografia 18:</b> dupla campeã Viviane Pereira Macedo e Valdeci Clemente....	<b>41</b>
<b>Fotografia 19:</b> Adelina Perez e Alexandre.....	<b>41</b>
<b>Fotografia 20:</b> Luciene e Waldemir.....	<b>41</b>
<b>Fotografia 21:</b> Anete e Cabral.....	<b>42</b>
<b>Fotografia 22:</b> Viviane e Luiz Cláudio Passos.....	<b>42</b>

<b>Fotografia 23:</b> Adelina e Alexandre.....	<b>42</b>
<b>Fotografia 24:</b> Luciene e Waldemir.....	<b>42</b>
<b>Fotografia 25:</b> à esquerda – a dupla Viviane e Luiz Cláudio; no centro a atleta Daniele e à direita – a dupla Anete e Cabral.....	<b>43</b>
<b>Fotografia 26:</b> Equipe de Santos.....	<b>43</b>
<b>Fotografia 27:</b> atletas do IX Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.....	<b>43</b>
<b>Fotografia 28:</b> dupla campeã Viviane e Luiz Cláudio.....	<b>43</b>
<b>Fotografia 29:</b> Grupo Artes sem Barreira – São Paulo/SP.....	<b>48</b>
<b>Fotografia 30:</b> Grupo de Jundiaí/ SP.....	<b>48</b>
<b>Fotografia 31:</b> Grupo Artes sem Barreira – São Paulo/SP.....	<b>48</b>
<b>Fotografia 32:</b> Desfile das delegações.....	<b>72</b>
<b>Fotografia 33:</b> Aquecimento dos atletas – Anete e Cabral.....	<b>72</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Apresentação geral do <i>corpus</i> analisado.....	<b>33</b>
<b>Quadro 2:</b> Notícias de jornais analisadas.....	<b>34</b>
<b>Quadro 3:</b> Trechos dos depoimentos dos atletas.....	<b>36</b>
<b>Quadro 4:</b> Grupos de dança participantes da I Mostra de dança artística.....	<b>47</b>
<b>Quadro 5:</b> Primeira Formação da Diretoria da CBDCCR.....	<b>54</b>
<b>Quadro 6:</b> Cursos de dança esportiva em cadeira de rodas.....	<b>56</b>
<b>Quadro 7:</b> Participantes do primeiro curso de arbitragem no Brasil.....	<b>60</b>
<b>Quadro 8:</b> Resultados dos campeonatos brasileiros de dança esportiva em cadeira de rodas da classe LWD2.....	<b>65</b>
<b>Quadro 9:</b> Segunda Formação da Diretoria da CBDCCR.....	<b>68</b>
<b>Quadro 10:</b> Participantes do segundo curso de arbitragem.....	<b>77</b>
<b>Quadro 11:</b> Número de atletas nas competições.....	<b>84</b>
<b>Quadro 12:</b> Terceira Formação da Diretoria da CBDCCR.....	<b>85</b>
<b>Quadro 13:</b> Eventos de dança em cadeira de rodas e parceria com as universidades.....	<b>98</b>
<b>Quadro 14:</b> Órgãos financiadores dos eventos.....	<b>100</b>

## LISTA DE SIGLAS

<b>ABDR</b>	Associação Brasileira de Dança sobre Rodas
<b>ABRADECAR</b>	Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas
<b>ANDE</b>	Associação Nacional de Deficientes
<b>CBDance</b>	Confederação Brasileira de Dança Esportiva
<b>CBD CR</b>	Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>COMDEF</b>	Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência
<b>CPB</b>	Comitê Paraolímpico Brasileiro
<b>DECR</b>	Dança Esportiva em Cadeira de Rodas
<b>FAPEMIG</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
<b>FAPESP</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
<b>FUNAD</b>	Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência
<b>FUNART</b>	Fundação Nacional de Arte
<b>IBDD</b>	Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência
<b>IDSF</b>	International Dance Sport Federation
<b>IPC</b>	International Paralympic Committee
<b>ISOD</b>	International Sport Organization for the Disabled
<b>LWD</b>	Level Wheelchair Dance
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>PA</b>	Paraíba
<b>PETROBRAS</b>	Petróleo Brasileiro S/A
<b>SESC</b>	Serviço Social do Comércio
<b>SIDCR</b>	Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas
<b>SOBAMA</b>	Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada
<b>SP</b>	São Paulo
<b>UFJF</b>	Universidade Federal de Juiz de Fora
<b>UFU</b>	Universidade Federal de Uberlândia
<b>UNESCO</b>	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>UNIMEP</b>	Universidade Metodista de Piracicaba
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo
<b>WDSC</b>	Wheelchair Dancesport Committee

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: CONTEXTO HISTÓRICO MUNDIAL E NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO.....	18
2.0 METODOLOGIA.....	27
2.1 Objeto e objetivo da pesquisa.....	27
2.2 População de estudo.....	27
2.3 Tipo de pesquisa, instrumento e técnicas.....	28
2.4 Coleta de dados.....	29
2.5 Referenciais metodológicos.....	31
2.5.1 História Oral.....	32
2.6 Constituição do <i>corpus</i> verbal.....	33
2.7 Constituição do <i>corpus</i> não verbal.....	39
3.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: PASSOS INICIAIS – 2001, 2002 e 2003 .....	45
3.1 Ano 2001.....	45
3.2 Ano 2002.....	59
3.3 Ano 2003.....	67
4.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: FOMENTO DA MODALIDADE – 2004, 2005 e 2006.....	70
4.1 Ano 2004.....	70
4.2 Ano 2005.....	76
4.3 Ano 2006.....	79
5.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: ESTABILIDADE DO ESPORTE – 2007 e 2008.....	81
5.1 Ano 2007.....	81
5.2 Ano 2008.....	83
6.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: LEGITIMIDADE E SUSTENTAÇÃO – 2009, 2010 e 2011.....	88
6.1 Ano 2009.....	88
6.2 Ano 2010.....	91
7.0 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	95

<b>7.1 Ações e atores da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil....</b>	<b>95</b>
<b>7.2 Dança esportiva em cadeira de rodas e suas relações.....</b>	<b>98</b>
<b>7.3 Dificuldades, desenvolvimento e evolução da dança esportiva em cadeira de rodas.....</b>	<b>105</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE A</b>	
<b>APÊNDICE B</b>	
<b>APÊNDICE C</b>	
<b>ANEXO A</b>	
<b>ANEXO B</b>	
<b>ANEXO C</b>	
<b>ANEXO D</b>	
<b>ANEXO E</b>	
<b>ANEXO F</b>	
<b>ANEXO G</b>	

## INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa é a dança esportiva em cadeira de rodas. O fio condutor das nossas reflexões deu-se a partir de elementos da história factual baseado nos anais dos simpósios de dança em cadeira de rodas, livros publicados, relatórios técnicos dos eventos e documentos oficiais da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas.

A proposta da pesquisa, em um primeiro momento é construir a história da dança esportiva em cadeira de rodas (DECR), a partir da compreensão e significados dos eventos realizados e principais fatos históricos dessa modalidade. Procuramos identificar os momentos de relevância deste percurso e construir, cronologicamente, sua história.

Para tal, criamos uma sequência cronológica que será apresentada por ano, e elaboramos uma tabela que contém dados gerais de cada evento com o objetivo de contextualizar os acontecimentos (APÊNDICE C).

A partir dessas reflexões verificamos que a dança em cadeira de rodas apresenta uma trajetória histórica que vem se modificando no decorrer dos tempos.

Sendo assim, visando contribuir com a reconstrução da história da modalidade, e entendendo que novas ações devem ser pensadas considerando-se acontecimentos passados, optamos por complementar os dados com as falas dos atores que viveram essa constituição, com o propósito de contar uma história próxima da realidade.

Fizemos uso das premissas da história oral, para dar voz aos atletas, para que os mesmos pudessem ter suas vivências com esta modalidade esportiva conhecida e reconhecida historicamente. Realizamos então, uma entrevista com os atletas que fazem parte da Confederação Brasileira de



Dança em Cadeira de Rodas e participam desde a primeira competição do esporte, no país.

Estas falas serão utilizadas no texto para justificar, reafirmar, apresentar ou descrever o momento ou fato, tendo como sustentação o significado na memória dos indivíduos.

Este mapeamento contribuiu para identificarmos o lugar do dançarino com deficiência nesta construção histórica e verificar as possibilidades da atividade se tornar reconhecida no país.

Utilizou-se ainda um diário de campo, que auxiliou na coleta de informações nos três anos de envolvimento com a modalidade e este período constituiu-se como fonte de observação.

As buscas têm o objetivo de entender como a dança esportiva em cadeira de rodas se sustenta há dez anos no Brasil, sendo que ela não faz parte da cultura e não recebe incentivos financeiros dos órgãos administradores do esporte no país.

Os recortes nos momentos que constituíram fases dessa história que têm objetivos e passagens semelhantes no panorama histórico geral.

No primeiro capítulo, haverá considerações sobre o momento histórico do esporte adaptado no Brasil e no mundo, bem como a trajetória do desenvolvimento da dança esportiva em cadeira de rodas, nas suas características mais significativas.

No segundo capítulo, apresentaremos o processo metodológico da pesquisa, mostrando os procedimentos de coleta e análise.

Já no terceiro capítulo, abordaremos os passos iniciais que foram dados para a implantação da modalidade, que foram de extrema relevância para que a dança criasse raízes no país.

No quarto capítulo, mostraremos a busca pelo fomento do esporte no país, as tentativas e os investimentos.

No quinto capítulo, abordaremos um momento de estabilidade do esporte e de fortalecimento dos grupos.

No sexto capítulo, discutiremos a legitimidade da dança esportiva em cadeira de rodas no país e a busca por novos patamares.

No sétimo capítulo apresentaremos as considerações, que aparecem subdividas em tópicos.

E, por fim, explicitaremos as considerações conclusivas da dissertação.

## **2.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: CONTEXTO HISTÓRICO MUNDIAL E NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO.**

Não se tem uma data inicial das atividades físicas para pessoas com deficiência, porém as primeiras atividades físicas para essas pessoas datam de 1838 em Boston, quando se iniciou um programa de educação física para crianças com deficiência visual. Mas os maiores esforços para servir a essa população por meio da educação física e do esporte só receberam atenção especial durante o século XX (WINNICK, 2004). E afirma que o esporte para pessoas com deficiência tem suas primeiras manifestações a partir de 1885 – com futebol americano; em 1870 – beisebol, ambos para deficientes auditivos; em 1907 – há registros da primeira competição formal de atletismo para deficientes visuais. Anos mais tarde, as guerras estimularam o desenvolvimento do esporte para deficientes físicos que utilizavam cadeira de rodas, sobretudo o basquete e o atletismo.

Um importante momento de desenvolvimento do esporte em cadeira de rodas é o ano de 1949, após a segunda Guerra Mundial, quando em Stoke Mandeville, aconteceram os primeiros jogos oficiais de basquete em cadeira de rodas (WINNICK, 2004).

A partir de então, influenciados por um movimento social dos egressos das guerras, principalmente nos Estados Unidos, o desenvolvimento desses esportes continuaram a ocorrer. Outros esportes foram adaptados, diversas competições e eventos foram voltados para esse grupo, programas e instituições começaram a desenvolver e administrar essas modalidades. Dentre essas atividades desenvolvidas e adaptadas destaca-se a dança esportiva em cadeira de rodas.

Segundo Hart e Edwards (1976), na Europa em meados de 1960, a dança em cadeira de rodas iniciou-se através da *Spastics Society School*, em

Londres. Essas possibilitaram aos usuários de cadeira de rodas, principalmente as crianças, desenvolvessem o seu próprio conceito do significado da locomoção em suas vidas.

As primeiras aulas consistiam em movimentar-se para a esquerda/direita, frente/atrás e deslocamentos com giros. Esses movimentos eram treinados para serem executados em um espaço determinado e limitado. Mas, devido ao grande interesse dos alunos em realizar os movimentos de forma ritmada, logo surgiu a proposta de trabalhos em grupos e, conseqüentemente, novos movimentos associados ao ritmo musical passaram a ser explorados.

De acordo com Krombholz (2004)<sup>1</sup> foi também em Stock Mandeville, em meados dos anos sessenta que a dança em cadeira de rodas surgiu como proposta de reabilitação neurológica, voltada principalmente para pessoas adultas. E com a evolução desses movimentos surge o interesse de adaptar os gestos da dança esportiva, muito praticada na Europa, para a cadeira de rodas, criando-se assim a dança esportiva em cadeira de rodas (KROMBHOLZ, 2001).

Mas nos registros encontrados por Ferreira (2003), a dança esportiva em cadeira de rodas começou a ser realizada em campeonatos regionais e locais, sem reconhecimento oficial. Em caráter oficial aconteceram em 1985 na Holanda onde houve a primeira Conferência de Dança em Cadeira de Rodas e a primeira competição, na Bélgica (1987) e na Alemanha (1991).

Nesse último evento, na Alemanha, houve a segunda Conferência de Dança em Cadeira de Rodas, realizada em 18 de Janeiro de 1991, onde se constituiu a *Wheelchair Dancesport Committee* (WDSC), que era filiada à *International Sport Organization for the Disabled*<sup>2</sup> (ISOD), cuja responsabilidade

---

<sup>1</sup> Gertrude Krombholz concedeu essa entrevista à professora Eliana Lucia Ferreira, em Munique. Contudo não há nenhuma publicação que contenha este dado.

<sup>2</sup> No Brasil, a instituição associada à ISOD é a ABRADCAR (Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas).

era implantar a dança em cadeira de rodas, tanto na modalidade recreativa, como na competitiva (FERREIRA, 2003).

Em 1992, ocorreu a primeira competição de dança em cadeira de rodas, organizada pelo WDSC, em parceria com a *Deutscher Rollstuhl-Sportverband, Fechbereich Tanz in Arrangement*. A partir de 1993, definiu-se que os campeonatos europeus seriam realizados a cada dois anos. Surgem os campeonatos europeus: Holanda (1993), Alemanha (1995), Suécia (1997) e Grécia (1999) (FERREIRA, 2003).

No campeonato da Suécia, o *International Paralympic Committee (IPC)* apoiou internacionalmente o desenvolvimento da modalidade que foi indicada para os Jogos de Inverno. Esse apoio originou a legitimação da WDSC, que se tornou o Subcomitê Técnico de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas<sup>3</sup>, em 1998 (IPC, 2010). E desde então, organiza-se o Campeonato Mundial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, de acordo com as regras da *International Dance Sport Federation (IDSF)*, que acontece a cada dois anos, sendo que o primeiro foi realizado em 2000 (HULLU e KLEPPE, 2002).

Segundo Krombholz (2001) embora as principais regras técnicas e de arbitragem, organização e vestimentas sejam definidas pela IDSF, essas sofreram adaptações de acordo com as especificidades do esporte.

O esporte é realizado por um casal, podendo ser: 1) no estilo *combi* - necessariamente o casal precisa ser formado por uma pessoa com deficiência física, usuário de cadeira de rodas para dançar e um parceiro andante; ou 2) no estilo *duo dance* – composto por um casal, em que ambos apresentam algum tipo de deficiência física, e utilizam-se da cadeira de rodas para dançar (RIED *et al.*, 2003). Este último estilo surgiu algum tempo depois, possivelmente pela falta de parceiros andantes interessados na prática do esporte.

---

<sup>3</sup> É importante ressaltar que a dança esportiva em cadeira de rodas tem uma posição atípica se comparada aos demais esportes, pois mesmo não sendo uma modalidade paraolímpica, tem um subcomitê específico dentro do IPC que se mantém. E embora o IPC recomende a modalidade, o fato de a mesma não fazer parte do quadro dos Jogos Paraolímpicos dificulta o desenvolvimento do esporte.

Nos dois estilos, há a categoria das *danças standard* que é composta pelos ritmos – Valsa, Tango, Valsa Vienense, Slow Foxtrot e o Quickstep; e as *danças latinas* – Samba, Cha cha cha, Rumba, Passo Doble e Jive (KROMBOLZ, 2001).

A organização de um campeonato desta modalidade exige além das especificidades técnicas, uma equipe de arbitragem, composta por sete a nove árbitros, filiados à IDSF, e uma equipe de três classificadores funcionais credenciados pelo IPC, para tal função estes profissionais devem médicos, fisioterapeutas ou educadores físicos (IPC, 2010).

Em todos os esportes paraolímpicos as competições são divididas de acordo com a funcionalidade corporal dos atletas com deficiência, buscando assim equiparar os competidores. Na DECR, os atletas com deficiência passam pela classificação funcional e disputam em duas categorias específicas da dança esportiva em cadeira de rodas.

Hullu e Kleppe (2002) afirmam que as primeiras propostas de classificação funcional apresentavam várias categorias, mas foram repensadas, pois eram poucos atletas nas competições e a grande fragmentação fazia com que as disputas ocorressem entre um número pequeno de duplas. Por isso, hoje estabeleceu-se as categorias *LWD1* e a *LWD2*<sup>4</sup> – *Level Wheelchair Dance* – nessa última os atletas têm maior mobilidade, mas ainda continuam sendo discutidas no IPC.

Os critérios de arbitragem definidos pela IDSF são avaliados em uma sequência, na qual os critérios têm uma prioridade de importância, sendo o ritmo o mais importante deles, seguido pelo cumprimento das figuras básicas de cada estilo, a expressividade, conexão entre a dupla, postura e linhas de equilíbrio dos atletas.

---

<sup>4</sup> As classes são definidas baseadas no número de pontos obtidos pelo dançarino cadeirante, durante a realização de testes padronizados pelo WDSC. Os testes envolvem movimentos de: manejo da cadeira de rodas, função de empurrar e puxar o parceiro, amplitude de movimento dos braços e estabilidade do tronco (RIED *et al.*, 2003).

As vestimentas seguem um padrão de acordo com as categorias, ou seja, nas danças *standard* os vestidos são longos e luxuosos para as mulheres, para os homens são usados trajes de gala. Nas danças latinas os vestidos são mais leves, com muito brilho e bastante movimento, para os homens as roupas são menos formais, contudo exige-se camisa com manga longa (RIED *et al.*, 2003).

A partir dessa normalização da modalidade, a mesma começou a se difundir por diversos países, chegando ao Brasil em 2001, encontrando aqui uma situação favorável em relação à inclusão das pessoas com deficiência que possibilitou a implantação do esporte.

Carmo (2008) aponta que desde 1988, o país passava por um forte movimento de mudança de paradigma e de busca pela inclusão das pessoas com deficiência, e isso ocorria tanto no meio social quanto esportivo.

A educação inclusiva era uma orientação dominante na maioria dos países que subscreveram a Declaração de Salamanca, em 1994. Ao definir a educação inclusiva como "para todos e para cada um", procura-se desenvolver e construir modelos educativos que rejeitem a exclusão e promovam uma aprendizagem livre de barreiras (RODRIGUES, 2003).

Ferreira (2010) sustenta que é importante notar que nas propostas de educação física inclusiva todos os alunos, com suas mais diversas características físicas aprendem a conviver e conhecer as diferenças do outro. Através das aulas práticas constitui-se um espaço onde os alunos interagem e, juntos, constroem maneiras novas de lembrar, celebrar e superar as diversidades culturais, em busca de uma sociedade mais democrática.

Nessa mesma perspectiva, Carmo (2010) coloca que a ideia de inclusão não visa apenas atender às crianças com deficiência e sim representa um avanço nas relações estabelecidas pela escola e pela sociedade. A Educação Física, enquanto parte integrante e inalienável do currículo tem se mantido à margem desse movimento inclusivo (RODRIGUES, 2003).

Essa prática da atividade física nas escolas aproximou mais as pessoas com deficiência das atividades esportivas. A inclusão por meio do esporte, praticada em algumas instituições reforçava os ganhos sociais, psicológicos, além é claro dos benefícios físicos e motores que a atividade esportiva proporciona (COSTA e SOUSA, 2004; TEIXEIRA e ZYCH, 2008).

Gorgatti (2008) comenta que atividade física traz vários benefícios aos seus praticantes. Entre eles destacamos a melhora da aptidão física, ganho de independência e autoconfiança para realização das atividades diárias, além da melhora do autoconceito e da autoestima.

E complementa afirmando que a prática do esporte, para pessoas com deficiência permite que os atletas desenvolvam sua competitividade e superem os limites em relação a seus pares e a si mesmos.

Em busca desses benefícios vários esportes adaptados foram trazidos para o Brasil para atender a esse novo público que começou buscar seu desenvolvimento através do esporte. Um desses esportes foi a dança esportiva em cadeira de rodas.

A DECR é uma modalidade desenvolvida nos países europeus, por isso no Brasil essa prática não é muito comum. No entanto, no país há registros de diversos grupos de dança que desenvolviam a dança em cadeira de rodas dentro de uma perspectiva artística.

Um mapeamento que foi feito por Ferreira (1998) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) apontava cerca de 30 grupos em diferentes regiões do país, desenvolvendo essa atividade no final da década de 1990.

Os grupos brasileiros identificavam-se como grupos de dança de caráter artístico, a maioria desses era associada à *Very Special Arts*<sup>5</sup> do Brasil; num

---

<sup>5</sup> O Programa Very Special Arts (VSA) foi criado em 1974, pela Sra. Jean Kennedy Smith, no Kennedy Center Performing Arts, em Washington, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento da capacidade de criação da pessoa portadora de deficiência. Em 1984, com o apoio da UNESCO, foi realizada a 1a. Conferência Internacional com os núcleos já existentes em vários pontos do mundo. Em outubro de 1988 foi organizado na sede da FUNARTE o



número menor encontravam-se grupos independentes filiados a associações de deficientes e outros grupos advindos de algumas universidades públicas.

Vale ressaltar o grupo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que, em 1990, iniciou um trabalho com dança em cadeira de rodas, que está registrado em diversos eventos científicos, apresentando resultados de estudos (FERREIRA e CARMO, 1996).

A UFU destacou-se no cenário nacional como a universidade que privilegiava as práticas para pessoas com deficiência. Segundo os autores, os projetos da instituição implementavam diversas modalidades esportivas, contemplando cerca de duzentas pessoas com variadas deficiências. Sendo portanto essa universidade um ambiente favorável para desenvolver a dança em cadeira rodas.

Segundo Ferreira (1998) foi possível desenvolver a dança naquele momento porque o professor/pesquisador Apolônio Abadio do Carmo, um grande pesquisador do país, privilegiava oportunizar que as pessoas com deficiência praticassem atividades com as quais se identificassem. Para isso propôs a dança em cadeira de rodas, por mais que naquele momento essa prática na época fosse algo distante da realidade.

Portanto Carmo (2001) evidencia a necessidade de pesquisadores da Educação Física avançarem no sentido de responder às expectativas da nova relação social que seria estabelecida após a inclusão escolar.

Após quatro anos de desenvolvimento de uma proposta metodológica de dança em cadeira de rodas pelos pesquisadores da UFU, os mesmos buscaram outros trabalhos nessa mesma perspectiva e identificaram o trabalho de Gertrude Krombholz na Universidade de Munique.

Essa professora veio ao Brasil a convite da UFU, com o apoio do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), para ministrar alguns

---

Comitê Brasileiro, filiado à Organização Internacional, sob o título de Very Special Arts/Brasil (VSA, 2010).

cursos de dança recreativa em cadeira de rodas no Brasil, entre eles um curso na UFU. À partir das experiências internacionais, pesquisadores e dançarinos do Grupo Ázigo (UFU) tiveram oportunidade de conhecer os avanços da dança em cadeira de rodas no mundo.

Sentindo a necessidade de aprofundar os estudos na dança em cadeira de rodas, a pesquisadora Eliana Lucia Ferreira fez dois cursos de especialização que tratavam de esportes e educação física para pessoas com deficiência, e buscou o curso de pós-graduação da UNICAMP para desenvolver tais pesquisas. Pois até então não se tinha nenhum trabalho científico para respaldar essa área. Assim desenvolveram-se os primeiros trabalhos de mestrado e doutorado em dança em cadeira de rodas no Brasil.

A partir de então tem-se como principais dissertações de mestrado os trabalhos de: Ferreira (1998), Bernabé (2002), Freitas (2006), Freitas (2007), Cruz (2009), De Paula (2010), e as teses de doutorado: Ferreira (2003) e Cunha (2004).

Para Ferreira (2003), a dança em cadeira de rodas, de um modo geral, começou a ser valorizada no Brasil através de esforços conjuntos de diferentes áreas do conhecimento, de interesse da comunidade acadêmica e científica, de organizações não governamentais, do governo e de grupos independentes criados a partir da iniciativa de algumas pessoas.

E a autora ainda ressalta que a diversidade de áreas do conhecimento – podia ser vista a partir das coreografias apresentadas pelos grupos brasileiros. A presença de traços dos mais diversificados estilos de dança tais como a dança moderna, contemporânea, folclórica e outras, indicava que não havia a definição e compreensão do que poderia ser dançar em cadeira de rodas.

Essa discussão era pertinente porque não era claro se a dança em cadeira de rodas era um novo estilo ou se era uma possibilidade da dança moderna, uma vez que não havia uma técnica para se desenvolver a dança em cadeira de rodas.

O número de grupos existentes no Brasil apresentava crescimento<sup>6</sup> contínuo a cada ano, apontando assim para a necessidade de reflexões sobre a dança em cadeira de rodas, e também para a legitimação e definição do que vinha a ser dança em cadeira de rodas e suas possibilidades, objetivando impulsionar o desenvolvimento dessa modalidade (FERREIRA, 2001).

Para compreensão desse crescimento e para sanar a falta de material para sustentar essa prática, a pesquisadora Maria Beatriz Rocha Ferreira, organizou um simpósio convidando diversos coreógrafos brasileiros de dança e de dança em cadeira de rodas, professores de educação física e áreas afins, para contribuir com a discussão sobre a dança em cadeira de rodas.

A organização desse evento promoveu uma vasta discussão da área, contudo enfrentaram-se vários obstáculos para sua realização. Os impasses políticos e sociais tiveram que ser vencidos, mas a credibilidade da pesquisadora e organizadora fez com que tais dificuldades fossem vencidas. Prova disso é que o evento foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Ministério dos Esportes.

Com a reunião desses e outros profissionais, realizou-se o I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, no qual tentou-se pela primeira vez entender e discutir o que era a dança em cadeira de rodas no país.

Além das discussões, nesse momento foi apresentada a dança esportiva em cadeira de rodas, que segundo Rocha Ferreira (2001) foi trazida para o evento com o objetivo de difundir mais uma possibilidade de prática esportiva para as pessoas com deficiência física. Podemos afirmar que, a partir dessa iniciativa, a dança em cadeira de rodas adquiriu uma outra trajetória, com novos personagens, objetivos e propostas.

---

<sup>6</sup> FERREIRA, Eliana Lucia. **Dança em cadeira de rodas: os sentidos da dança como linguagem não verbal**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

### **3.0 METODOLOGIA**

#### **MOMENTO I**

##### **3.1 Objeto e objetivo da pesquisa**

O objeto dessa pesquisa é dança esportiva em cadeira de rodas, objetivando-se construir a possível história dessa modalidade no Brasil, de acordo com a população de estudo e os documentos acessados.

Pretendeu-se compreender como esse esporte se desenvolveu e se instituiu enquanto modalidade esportiva no país. Traçamos os caminhos dessa construção buscando evidenciar os principais equívocos e ações desse processo.

##### **3.2 População de estudo**

A população de estudo foram os atletas dessa modalidade no período de 2001 a 2010, através de imagens, reportagens e outros. Pontualmente, entrevistamos cinco atletas praticantes da modalidade de dança esportiva em

cadeira de rodas, de ambos os sexos, deficientes e sem deficiência, que participaram de todos os campeonatos realizados pela CBDCR.

Foram excluídos portanto os atletas que iniciaram sua trajetória na dança esportiva em cadeira de rodas nos anos posteriores a 2002 ou que por algum motivo não participaram de alguns desses campeonatos.

A justificativa de não termos um número par na amostra, embora a modalidade seja praticada em duplas, deve-se ao fato de um dos atletas ter trocado várias vezes de parceira, sendo que atual dançarina, não atende ao critério de inclusão da pesquisa.

Devido ao reduzido número de praticantes da modalidade e à necessidade de atender aos critérios da pesquisa temos uma amostra reduzida.

### **3.3 Tipo de pesquisa, instrumento e técnicas.**

Esta é uma pesquisa histórica, baseada em alguns princípios da história oral. A história oral é a metodologia qualitativa que se vale da memória de informantes selecionados para reconstituir oralmente e registrar através de áudio-gravação ou filmagem, aspectos do passado não contidos em outros suportes (VON SIMSON, 1996).

A pesquisa seguiu os seguintes passos:

- Revisão bibliográfica;
- Coleta de material;
- Análise de reportagens da mídia escrita do período de 2001 a 2010;

- Anotações do diário de campo da pesquisadora;
- Análise de fotos e vídeos dos campeonatos brasileiros, considerando os vestuários e gestos técnicos;
- Entrevistas com os atletas.

### **3.4 Coleta de dados**

A coleta de dados dessa pesquisa aconteceu em vários momentos, contudo não foram momentos isolados, e sim uma construção de um *corpus* que necessitou de diversas buscas.

O primeiro momento consistiu na busca de documentos que se deu *in loco* na Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCR), sediada na cidade de Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo, onde foram analisadas súmulas dos campeonatos, ofícios, atas e o estatuto (ANEXO C e ANEXO D). Ainda neste momento elaboramos quadros contendo as informações dos eventos realizados pela CBDCR, com o objetivo de visualizar os acontecimentos de cada ano. Os quadros foram elaborados principalmente com as informações dos anais dos simpósios de dança em cadeira de rodas (APÊNDICE C).

Em um segundo momento, as entrevistas foram gravadas individualmente com um aparelho em áudio, após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido obedecendo a resolução 196/96 (ANEXO B). As gravações foram realizadas no dia 10 de dezembro de 2009, durante a realização do VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, em Juiz de Fora - Minas Gerais, na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nessa entrevista foi solicitado que cada atleta contasse sua história na dança em cadeira de rodas. Posteriormente essas entrevistas foram transcritas

pela pesquisadora, e consta do apêndice A. Importante ressaltar que as gravações encontram-se salvas em CD e serão arquivadas na Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Feral de Juiz de Fora, pelo prazo de cinco anos.

Ainda neste simpósio houve uma reunião dos árbitros brasileiros, com a técnica da equipe de Malta Pippa Roberts e com a classificadora funcional Dorit Sharet. Essa reunião foi filmada e transcrita para constituir os esse *corpus*, conforme o apêndice B.

Já no ano de 2010, no mês de julho, foram visitadas as equipes de dança esportiva com o objetivo de coletar fotos, jornais locais e documentos históricos para esta pesquisa, além de possibilitar o conhecimento da rotina de treinamento das equipes.

Portanto, a natureza do *corpus* de análise desta pesquisa foi constituída por: a) materiais orais de entrevistas realizadas com a população de estudo acima citada; b) materiais escritos – resultantes da transcrição dessas entrevistas grafadas pela pesquisadora; c) reportagens da mídia; d) documentos oficiais da CBDCCR, como: súmulas e ofícios; e) materiais pedagógicos produzidos nos eventos; e f) materiais visuais diversos: vídeos e fotos dos eventos da CBDCCR.

## **MOMENTO II**

### **3.5 Referenciais metodológicos**

Existem vários métodos para se contar e analisar a história. Foram organizadas informações trazidas de documentos, em forma cronológica, elegendo momentos históricos da dança esportiva em cadeira de rodas.

Outros elementos foram apresentados a partir da história contada pelas pessoas viveram os fatos, ou seja, faremos uso da metodologia da história oral.

Enquanto educadora física e pesquisadora da dança esportiva em cadeira de rodas, utilizamos essas metodologias para construir a história da modalidade, mas com a ressalva algumas limitações por não ser uma historiadora.

A escrita da história não se compõe de duas etapas estanques - a seleção dos fatos primeiro e a sua interpretação depois. Estas duas etapas confundem-se na prática, pois a seleção dos fatos relevantes baseia-se numa determinada valorização deles, numa certa interpretação da organização da sociedade e sua evolução no tempo (STURNA, 2002).

Os fatos relevantes para uma teoria podem não sê-los para outra. Por exemplo, uma interpretação da história que privilegie ações individuais de setores dominantes da sociedade tenderá a escolher fatos que comprovem tais ações.

O historiador fornece toda a informação sobre o fato histórico, mas ele não se dá ao direito de "interpretar" tal fato, o que seria algo pernicioso, porque cada pessoa, de posse dos fatos factuais do acontecido, comprovadas por documentos, tem a capacidade de interpretar esse fato histórico (ALCÂNTRA, 1995). Por isso, houve distanciamento e objetividade para descrever essa história.



### 3.5.1 História Oral

Com propósito de construir uma possível história da dança esportiva em cadeira de rodas mais próxima da realidade, privilegiou-se o uso da memória de quem viveu o fato.

A metodologia da história oral propõe um trabalho prolongado que passa pelas etapas de pesquisa para preparação dos roteiros das entrevistas, por sua realização, por seu processamento e por sua análise (NEVES, 2000).

Para Bosi (2003), a história oral nos permite fazer uma história do tempo presente, tendo-se como fonte os entrevistados que reconstroem a história ao re-contar os fatos vividos que aconteceram nesse período de tempo próximo, e como cada sujeito carrega consigo as memórias do tempo vivido, a história está fragmentada e dispersa, ainda não escrita.

Ferreira (2004) complementa que essa singularidade de conviver com testemunhos vivos, é o que nos possibilita trabalhar com foco nos depoimentos orais. E a escolha da metodologia ampara-se, segundo Von Simson (1996), no pilar de dar condições para que a minoria, ou grupo marginal, tenha voz em uma dada sociedade, nesse estudo um grupo de atletas que desenvolve a dança esportiva em cadeira de rodas.

Os fatos apontados pelos documentos foram enriquecidos e justificados pelos relatos conseguidos a partir da memória dos sujeitos que vivenciaram aquele momento; sendo assim, pretendemos aqui confrontar os fatos com as vozes.

Mas devemos ter em mente que a memória traz o sentido, o significado para cada um, portanto as divergências de fatos, apontados nos relatos não são consideradas como *falhas*, e sim como o *sentido*, o que realmente significou aquele fato para cada um (ORLANDI, 2001).

Portanto, coletaram-se argumentos para legitimar a pesquisa, sem restrição, essencialmente, a uma história política e econômica, percebendo que a história impõe-se como uma ciência que busca o conhecimento do todo.

### 3.6 Constituição do *corpus verbal*

O *corpus verbal* foi construído a partir de algumas ações que nos permitiram a estruturação cronológica da história:

- A organização da documentação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas;
- A reestruturação do site da referida confederação;
- Apoio à secretaria da CBDRC nos anos de 2009 e 2010.

O quadro a seguir apresenta os elementos que constituíram a análise de cada ano:

<b>Quadro 1: Síntese do <i>corpus</i> consultado</b>	
I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas I Mostra de Dança em Cadeira de Rodas	Projeto e relatório do simpósio, anais do simpósio, fotos, vídeos, jornais, ata de criação da CBDRC e depoimentos dos entrevistados.
II Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas II Mostra de Dança em Cadeira de Rodas I Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	Anais do simpósio, fotos, vídeos, jornais e depoimentos dos entrevistados.
III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas III Mostra de Dança em Cadeira de Rodas II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de	Anais do simpósio, fotos, vídeos, jornais e depoimentos dos entrevistados.

Rodas	
III Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	Fotos e depoimentos dos entrevistados.
IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas IV Mostra de Dança em Cadeira de Rodas IV Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	Anais do simpósio, fotos, vídeos, jornais e depoimentos dos entrevistados.
V Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas V Mostra de Dança em Cadeira de Rodas V Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	Anais do simpósio, fotos, vídeos, jornais e depoimentos dos entrevistados.
VI Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas VI Mostra de Dança em Cadeira de Rodas VI Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	Fotos, vídeos, jornais e depoimentos dos entrevistados.
VII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas VII Mostra de Dança em Cadeira de Rodas	Fotos, vídeos, jornais, diário de bordo, depoimentos dos entrevistados.
VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas VII Mostra de Dança em Cadeira de Rodas VIII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	Anais do simpósio, fotos, vídeos, jornais, diário de bordo e depoimentos dos entrevistados.
IX Mostra de Dança em Cadeira de Rodas IX Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	Fotos, vídeos, jornais, diário de bordo, depoimentos dos entrevistados.

O quadro abaixo apresenta os jornais de circulação regional e nacional, publicados no período de 2001 à 2010, que divulgaram matérias sobre a dança esportiva em cadeira de rodas .

<b>Quadro 2: Notícias de jornais analisadas</b>	
<p><b>Coreografia com cadeira de Rodas</b></p> <p>Uma mostra de coreografias criadas com a participação de pessoas usuárias de cadeira de rodas será realizada no teatro do SESC Campinas...</p>	<p>Campinas, 04 de novembro de 2001.</p> <p>Semana da UNICAMP</p>
<p><b>Arte sem barreiras</b></p> <p>Hoje, andantes e cadeirantes se encontram para assistir a espetáculos com dançarinos sobre rodas...</p>	<p>Campinas, 06 de novembro de 2001.</p> <p>Jornal Folha de São Paulo</p>
<p><b>Voar é possível</b></p> <p>Estrelas brincando com sua própria luz, um brilho autêntico, que emerge de dentro para fora...</p>	<p>Campinas, novembro de 2001.</p> <p>Jornal da UNICAMP</p>
<p><b>Dança propõe um novo olhar sobre o deficiente</b></p> <p>Na elegância do negro de seus trajes, a dupla Anete Cruz e Antônio (Cabral) entra no salão sob aplausos...</p>	<p>Campinas, 28 de novembro de 2002.</p> <p>Jornal Folha de São Paulo</p>
<p><b>Grupos fazem mostra de dança em cadeira de rodas durante simpósio</b></p> <p>A dançarina de braços estendidos exibe a graça dos movimentos. O dançarino, em trajes elegantes, está sentado numa cadeira de rodas...</p>	<p>Campinas, 28 de novembro de 2002.</p> <p>Jornal Folha de São Paulo</p>
<p><b>Mogi sedia simpósio internacional</b></p> <p>Mogi das Cruzes vai sediar o III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas a partir de amanhã até sábado...</p>	<p>Mogi das Cruzes, 12 de novembro de 2003.</p> <p>Mogi News</p>
<p><b>Simpósio integra portadores de deficiência</b></p> <p>Interagindo com o meio as pessoas com deficiência redescobrem suas habilidades. Pelo terceiro ano, o simpósio se consolida como um evento científico...</p>	<p>Mogi das Cruzes, 14 de novembro de 2003.</p> <p>Jornal "O Diário"</p>
<p><b>Cadeirantes dançam em Mogi</b></p>	<p>Mogi das Cruzes, 13 de novembro de 2003.</p>

<p>Mogi das Cruzes vai sediar o III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas a partir de amanhã até sábado...</p>	<p>Jornal "Folha de São Paulo"</p>
<p><b>Entidade beneficia portadores de necessidades especiais</b></p> <p>Muitas pessoas com algum tipo de necessidade especial possuem talento e, mais que isso, força de vontade para desenvolver atividades físicas e artísticas...</p>	<p>Mogi das Cruzes, 13 de novembro de 2003.</p> <p>Jornal "Folha de São Paulo"</p>
<p><b>De amor e de rodas</b></p> <p>Os dançarinos foram convidados a representar o Brasil pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas. E fizeram bonito, dando conta da prova...</p>	<p>Salvador, 10 de janeiro de 2005.</p> <p>Correio da Bahia</p>
<p><b>JP sedia campeonato de dança sobre cadeira de rodas</b></p> <p>A Paraíba vai sediar a sexta edição do Campeonato Brasileiro de Dança em Cadeira de Rodas...</p>	<p>João Pessoa, 14 de novembro de 2007.</p> <p>Jornal "A União"</p> <p>Site: <a href="http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=11984&amp;Itemid=35">http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=11984&amp;Itemid=35</a></p>
<p><b>Campeonato de Dança Esportiva será realizado em Santos</b></p> <p>A cidade sediará, pela primeira vez, o 7º Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e a 7ª Mostra Nacional de Dança Artística em Cadeira de Rodas...</p>	<p>Santos, 17 de julho de 2008.</p> <p>Jornal "Baixada Santista"</p> <p>Site: <a href="http://santos.jornalbaixadasantista.com.br/conteudo/cadeiras_rodas_esportiva2008.asp">http://santos.jornalbaixadasantista.com.br/conteudo/cadeiras_rodas_esportiva2008.asp</a></p>
<p><b>VII Mostra de Dança em Cadeira de Rodas acontece nesta quarta</b></p> <p>Nesta quarta-feira, dia 9, ocorre a VII Mostra de dança em cadeira de rodas, no Teatro Pró-Música, às 19 horas...</p>	<p>Juiz de Fora, 08 de dezembro de 2009.</p> <p>Site: <a href="http://www.ufjf.br/dircom/2009/12/08/vii-mostradedancaemcadeiraderodas">www.ufjf.br/dircom/2009/12/08/vii-mostradedancaemcadeiraderodas</a>.</p>
<p><b>Cadeirantes mostram ginga e consciência no VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas</b></p> <p>A partir da próxima terça-feira, 8 de dezembro, começa o VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, em Juiz de Fora...</p>	<p>Juiz de Fora 04 de dezembro de 2009.</p> <p>Site: <a href="http://www.acesa.com.br/direitoshumanos/aquivo/noticias/2009">www.acesa.com.br/direitoshumanos/aquivo/noticias/2009</a></p>
<p><b>Unidos pela vontade de dançar</b></p> <p>Hoje, o Pró-Música abre suas portas para o início da VII Mostra de dança</p>	<p>Juiz de Fora, 09 de dezembro de 2009</p> <p>Site: <a href="http://www.tribunademinas.com.br/doi/doi/30.php">www.tribunademinas.com.br/doi/doi/30.php</a></p>

em cadeira de rodas	
<b>UFJF sedia Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas</b>  Mostrar que o esporte é também uma ferramenta de inserção social é o objetivo do VII Simpósio Internacional...	Juiz de Fora, 05 de dezembro de 2009  Site: <a href="http://www.ufjf.br/faefid/2009/12/05/ufjf-sedia-simposio">www.ufjf.br/faefid/2009/12/05/ufjf-sedia-simposio</a>
<b>Santos: Cidade vai sediar campeonato de dança em cadeira de rodas</b>  Pelo segundo ano consecutivo, Santos sediará o 9º Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e 9ª Mostra Artística Nacional...	Santos, 05 de julho de 2010.  <a href="http://www.cidadespaulistas.com.br/not/not.asp?c=5466&amp;pagina=69">http://www.cidadespaulistas.com.br/not/not.asp?c=5466&amp;pagina=69</a>

**Fonte:** Jornais analisados.

E para finalizar os elementos de análise verbal seguem abaixo pequenos trechos das entrevistas que foram realizadas com os atletas, baseadas nas premissas da história oral, que tem como pretensão permitir que os excluídos ou menos favorecidos do processo possam apresentar suas versões dos fatos.

<b>Quadro 3: Trechos dos depoimentos dos atletas</b>	
<b>Alexandre de Aguiar Siqueira</b>	...E em 2010 a gente pretende ta com mais duplas também, quem sabe até com as crianças. Enquanto bailarino isso é muito gostoso ver esse sucesso todo. No ano de 2009 eu inscrevi para o simpósio um texto intitulado Arquitetura da Dança: do Desenho a Construção de Uma Dupla, que justamente conta essa necessidade de juntar a dança esportiva andante, trazer para o maior número de público possível, moldar essas pessoas para tarem sendo inseridas na dança de cadeira de rodas...
<b>Anete Otília Cardoso de Santana Cruz</b>	Bom! Eu comecei nessa história da dança em 2001, 2000 mais ou menos, quando eu namorava com o Cabral, ele participava de esportes em cadeira de rodas, basquete, aí viajava. Eu comecei a viajar com ele, acompanhando ele. Mesmo ensinando, dando aula de matemática quando eu tinha oportunidade eu viajava com ele, com o grupo lá da Bahia, que era de uma outra associação. E nesses eventos que eu

	participava, via as meninas cadeirantes, praticando esportes...
<b>Luciene Rodrigues Fernandes</b>	...E aí foi quando, em um desses momentos que começamos a dançar, até então a dança artística e nós... eu tive a oportunidade de vir a Campinas, em 2001, onde eu conheci a Dra. Eliana Lúcia Ferreira, professora de dança em cadeira de rodas, e após conhece-la, também vi o histórico que era da cidade, em Uberlândia em 1983, com o grupo, se não engano, Giro, começava sua trajetória de dança em cadeira de rodas...
<b>Luiz Antônio Lacerda Barros Cruz</b>	...E nisso a gente começou fazer... comecei a me interessar mais na dança, eu comecei a me dedicar mais, a gente começou a fazer apresentações, né? E montamos um espetáculo pra se apresentar num teatro em Salvador... aí nesse espetáculo eu estreei esse solo... todo mundo gostou, ta.... adorou! Aí pronto... Veio o convite de Eliana pra o Simpósio, o primeiro Simpósio Internacional. E aí a gente ficou numa “perrenga” porque não conseguimos patrocínio pra levar o grupo todo...
<b>Waldemir Tavares</b>	...E... comecei a dança com uma proposta de ser um futuro atleta dessa área. Antes da dança eu já fazia basquete em cadeira de rodas, esporte que eu amo de paixão. E a Luciene veio pra um simpósio aqui em São Paulo e no simpósio foi fundada a Confederação Brasileira de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e quando ela retornou pra Paraíba, ela chegou com a proposta de montar esse trabalho esportivo com dança esportiva em cadeira de rodas pra deficiente e daí ela foi na minha equipe de basquete lá

**Fonte:** entrevistas coletadas.

### 3.7 Constituição do *corpus* não-verbal

O nosso *corpus* não-verbal foi composto de fotografias selecionadas principalmente pela presença dos sujeitos da pesquisa. A seguir apresentamos alguns exemplos de imagens que foram mais significativas em nossa análise.

**Fotografia 1:** Atletas no primeiro campeonato.



**Fonte:** I Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2002.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 2:** Em destaque – Luciene Rodrigues e Waldemir Tavares. Em segundo plano – Luciana Carla e Luciano Marques.



**Fonte:** I Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2002.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 3:** Casal Anete Otília Cardoso de Santana Cruz e Cabral.



**Fonte:** I Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2002.

**Cedida:** pela CBDCR.



**Fotografia 4:** Célia Diniz e Alexandre Siqueira.



**Fonte:** II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2003.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 5:** Anete e Cabral.



**Fonte:** II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2003.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 6:** Dupla campeã – Luciene e Waldemir.



**Fonte:** II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2003.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 7:** Duplas participantes do III Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.



**Fonte:** III Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2004.

**Cedida:** pela atleta Luciene Rodrigues

**Fotografia 8:** Dupla campeã - Luciene e Waldemir.



**Fonte:** III Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2004.

**Cedida:** pela atleta Luciene Rodrigues

**Fotografia 9:** Primeira participação internacional de atletas brasileiros.



**Fonte:** 2th The Malta Open Wheelchair Dancesport Championship - 2004.

**Cedida:** pelos atletas.

**Fotografia 10:** atletas competindo no IV Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.



**Fonte:** IV Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2005.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 11:** Luciene e Waldemir.



**Fonte:** IV Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2005.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 12:** Anete e Cabral.



**Fonte:** IV Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2005.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 13:** dupla representante da cidade de Santos.



**Fonte:** V Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2006.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 14:** Luciene e Waldemir.



**Fonte:** V Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2006.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 15:** dupla campeã – Anete e Cabral.



**Fonte:** V Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2006.

**Cedida:** pela CBDCR.

**Fotografia 16:** dupla Alexandre e Adelina, e a esquerda a técnica Luciana Carla.



**Fotografia 17:** em primeiro plano – Anete e Cabral. E Luciene e Waldemir.



**Fotografia 18:** dupla campeã Viviane Pereira Macedo e Valdeci Clemente.



**Fonte:** VI Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2007.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fonte:** VI Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2007.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fonte:** VI Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2007.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fotografia 19:** Adelina Perez e Alexandre.



**Fonte:** VII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2008.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fotografia 20:** Luciene e Waldemir.



**Fonte:** VII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2008.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fotografia 21:** Anete e Cabral.



**Fonte:** VII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2008.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fotografia 22:** Viviane e Luiz Cláudio Passos.



**Fonte:** VII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2008.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fotografia 23:** Adelina e Alexandre.



**Fonte:** VIII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2009.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fotografia 24:** Luciene e Waldemir.



**Fonte:** VIII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2009.

**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fotografia 25:** à esquerda – a dupla Viviane e Luiz Cláudio; no centro a atleta Daniele e à direita – a dupla Anete e Cabral.



**Fonte:** VIII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2009.  
**Cedida:** pela CBDCCR.

**Fotografia 26:** Equipe de Santos.

**Fotografia 27:** atletas do IX Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.

**Fotografia 28:** dupla campeã Viviane e Luiz Cláudio.



**Fonte:** IX Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2010.

**Fonte:** IX Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2010.

**Fonte:** IX Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - 2010.

**Cedida:** pelo atleta Alexandre.

**Cedida:** pela atleta Viviane.

**Cedida:** pela atleta Viviane.

### **3.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: PASSOS INICIAIS – 2001, 2002 e 2003.**

Estes três primeiros anos foram de fundamental importância para dança em cadeira de rodas no país, tanto no aspecto artístico como no esportivo.

Houve pela primeira vez no Brasil a organização de uma mostra específica de dança em cadeira de rodas, um simpósio para discutir as manifestações artísticas que aconteciam isoladas em várias regiões do país, a proposta e o investimento na dança esportiva em cadeira de rodas. Tendo como principais ações a criação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas e os cursos de capacitação em DECR e dança artística.

#### **3.1 Ano 2001**

Algumas ações ocorriam de forma isolada em diversas regiões do Brasil para contemplar a dança em cadeira de rodas. Dentre esses acontecimentos vale a pena ressaltar a instituição da *Very Special Arts* – que classificava a dança para deficientes em dança-produto e dança-processo, buscando estipular o que deveria ser a dança em cadeira de rodas. Em outubro de 2000, Carlinhos de Jesus foi como coreógrafo de um grupo de dança em cadeira de rodas à Casa Brasil nas Paraolimpíadas de Sidney.

Outro fato importante foi a participação do grupo de dança Ázigo de Uberlândia no Festival de Dança de Joinville<sup>7</sup> que abriu portas para a participação de outros grupos de pessoas com deficiência.

Internacionalmente, os esportes em cadeira de rodas são representados pela ISOD, e com já vimos a ABRADecAR é filiada a essa instituição. Com o objetivo de incentivar a criação de grupos de dança em cadeira de rodas, membros da SOBAMA e a professora Maria Beatriz buscaram contato com Irajá Vaz de Brito, o presidente da ABRADecAR, para que o mesmo apoiasse essa ação.

Tendo seus interesses alcançados, no início de 2001, a ABRADecAR financiou a participação da professora Eliana Lucia Ferreira nos jogos regionais de esportes em cadeira de rodas, oportunizando que a mesma apresentasse a dança em cadeira de rodas e divulgasse o simpósio que ocorreria em novembro do mesmo ano.

Conforme discutido anteriormente, o foco desta pesquisa é a dança esportiva em cadeira de rodas, por isso concentram-se as atenções nos eventos que procedem a realização do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas.

Os eventos ou encontros científicos, também denominados congresso, seminário, simpósio, colóquio, entre outros têm por finalidade a reunião de profissionais e especialistas de uma determinada área de atuação para transmissão de informações de interesse comum aos participantes. E, normalmente, são organizados por instituições de ensino (UNICAMP, 2011).

Os estudos na área de educação física para pessoas com deficiência no país começaram a ser intensificados na década de 1990 e o Simpósio Paulista de Educação Física, organizado na Universidade de São Paulo (USP), foi o

---

<sup>7</sup> O Festival de Dança de Joinville é um festival de [dança](#) que ocorre anualmente no mês de [julho](#) na cidade de [Joinville, Santa Catarina](#). Foi criado em [1983](#) e atualmente é considerado, pelo [Livro Guinness dos Recordes](#), como o maior evento do gênero do mundo em número de participantes –cerca de 4.500 bailarinos. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Festival\\_de\\_Dan%C3%A7a\\_de\\_Joinville](http://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_de_Dan%C3%A7a_de_Joinville). Acessado em 15/01/2011.

primeiro evento que abriu espaço para as discussões da educação física adaptada no Brasil. A partir dessa possibilidade, em 09 de dezembro de 1994, foi criada por pesquisadores e acadêmicos da área, a Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – SOBAMA – que se constituiu como o espaço científico exclusivamente dedicado a discussão da educação física adaptada no país (SOBAMA, 2010).

Nos anais desse evento percebe-se, sem muita representatividade, a apresentação de trabalhos desenvolvidos com a dança em cadeira de rodas. Também são identificados alguns poucos trabalhos de dança para pessoas com deficiência, que de um modo geral, apontam para a possibilidade de dança para as pessoas com deficiência.

Comum nestes eventos era a discussão, ainda que tímida, sobre a dança para as pessoas com deficiência. Apontavam que a deficiência não era o fim nem o limite, os pesquisadores buscavam mostrar as possibilidades e o potencial desta prática para a inclusão social (REVISTA SOBAMA, 2000; 2001; 2002).

O Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas aconteceu de 05 a 07 de novembro de 2001. Este evento foi constituído por quatro momentos principais: 1) discussões científicas – espaço criado para discutir as pesquisas de dança em cadeira de rodas; 2) amostra de dança em cadeira de rodas – para permitir que as pessoas com deficiência se fizessem presentes; 3) cursos de capacitação em dança de cadeira de rodas – para incentivar e desenvolver a modalidade no país; e 4) mesas redondas – para possibilitar que pessoas com deficiência e membros do meio acadêmico e de instituições pudessem discutir assuntos de interesse da dança em cadeira de rodas.

As principais temáticas abordadas sobre a dança em cadeira de rodas foram: as perspectivas de pesquisa sobre a dança em cadeira de rodas; a relação dança artística e dança esporte; e discussões sobre o contexto organizacional da dança esporte no Brasil.



Este simpósio além de financiado pelos órgãos de fomento à pesquisa, também o foi pela ABRADCAR, sendo esta a organizadora do evento.

Já a I Mostra de Dança em Cadeira de Rodas permitiu que várias pessoas e grupos de dança artística tivessem um espaço para se apresentar, se envolver com seus pares e conhecer a dança esportiva em cadeira de rodas. Embora esse evento possa parecer excludente, pois só permitia a participação de grupo que tivesse dançarinos em cadeira de rodas, percebe-se nas falas dos entrevistados que havia a necessidade de um espaço com essas características, como fica claro na fala do dançarino:

[...] Lá em Campinas a gente participou da mostra de dança, foi onde eu conheci outros grupos. Parecia que pela primeira vez eu tava vivenciando uma situação de ter vários companheiros de dança, no mesmo espaço, apresentando seus trabalhos e tudo mais<sup>8</sup>. E realmente eu me senti muito empolgado com isso, que antigamente eu dançava [...](Luiz Antônio Lacerda Barros Cruz<sup>9</sup>).

Nessa mostra realizada no dia 06 de novembro de 2001, no teatro do Serviço Social do Comércio (SESC) de Campinas, participaram oito instituições/grupos de dança de diversos estados, apresentando um total de quatorze coreografias.

---

<sup>8</sup> Em todas as falas dos entrevistados os grifos foram feitos pela autora para destacar a ideia central a ser analisada.

<sup>9</sup> Luiz Antônio Lacerda Barros Cruz é internacionalmente conhecido como Cabral, por isso ao longo do texto utilizaremos também esse codinome.

<b>Quadro 4: Grupos de dança participantes da I Mostra de dança artística</b>			
Nome do grupo ou Instituição	Local	Número de coreografias	Coordenador (es)
Amarati	Jundiaí	2	Luis Carlos Faustini/César Rálio
Grupo de Dança Associação Baiana de Atletas Deficientes	Salvador	1	Anete Cruz
Roda Viva/FUNAD	João Pessoa	1	Luciene Rodrigues
Rodação	Salvador	1	Ninfa Cunha
Fundo Social/PEAMA	Jundiaí	1	Carlos Faustini
CIAD-PUC	Campinas	2	Renata Russo
...	Brasília	1	Helena Peres
Sobre Rodas	Uberlândia	1	Claudia Vilela
Arte sem barreiras – Clube dos Paraplégicos de São Paulo	São Paulo	3	Andréa Passarelli
...	João Pessoa	1	Helena Holanda

**Fonte:** documentos da CBD CR.

A seguir seguem fotos da I Mostra de Dança em Cadeira de Rodas que se encontram disponíveis no site da CBD CR.

**Fotografia 29:** Grupo Artes sem Barreira – São Paulo/SP.



**Fotografia 30:** Grupo de Jundiaí/ SP.



**Fotografia 31:** Grupo Artes sem Barreira – São Paulo/SP.



**Fonte:** I Mostra de Dança Artística de Dança em Cadeira de Rodas – Campinas/SP.

**Cedida:** pela CBD CR<sup>10</sup>.

**Fonte:** I Mostra de Dança Artística de Dança em Cadeira de Rodas – Campinas/SP.

**Cedida:** pela CBD CR.

**Fonte:** I Mostra de Dança Artística de Dança em Cadeira de Rodas – Campinas/SP.

**Cedida:** pela CBD CR.

Para capacitar recursos humanos, em paralelo aos demais acontecimentos foram ministrados cursos de dança artística e de dança esportiva em cadeira de rodas. Contemplando a dança esportiva foi proporcionado aos participantes um curso – “Mini-curso de dança em cadeira de rodas” – ministrado pelo professor Hebert Rausch, professor e dançarino pertencente ao grupo de dança em cadeira de rodas da Alemanha, seus país de origem. Nesse curso foram passadas as primeiras noções da dança esportiva, passos básicos e regras.

Segundo Ferreira (2003), a presença deste professor não foi intencional no sentido de trazer outra modalidade de dança para o país, e sim de conhecer o que se fazia de dança em cadeira de rodas no exterior. A autora diz que: *“esse interesse emergiu dos contatos anteriores com a professora Gertrude Krombhoz, que por motivo de saúde não pode participar do Simpósio e indicou o professor Hebert Rausch para substituí-la”*.

---

<sup>10</sup> As fotos cedidas pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas apresentadas no trabalho, têm autorização dos atletas para serem divulgadas.

Este simpósio contou com a participação de professores de educação física e de dança, representantes de instituições e vários grupos de dança do país, que eram apontados pela VSA como grupo processo, ou seja, não constituíam a elite da dança em cadeira de rodas.

Com a finalidade de debater a dança em cadeiras de rodas no Brasil o evento finalizou com uma mesa de discussão intitulada “Perspectivas organizacionais da dança esporte em cadeira de rodas no Brasil”, contando com a presença de representantes das seguintes instituições:

ABAD – Associação Baiana de Deficientes/Bahia

ABRADECAR – Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas/Paraná

AMDF – Associação Mogiana de Deficientes Físicos/São Paulo

ANDE – Associação Nacional de Desporto para Deficiente/Rio de Janeiro

APDEF – Associação Petropolitana de Deficientes Físicos/Rio de Janeiro

ARDEF – Associação Riopretense dos Deficientes Físicos/São Paulo

CPSP – Clube dos Paraplégicos de São Paulo/São Paulo

FUNAD – Fundação Centro Integrado e Apoio ao Portador de Deficiência/Paraíba

Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas/São Paulo

Faculdade de Educação Física – Universidade Federal de Juiz de Fora/Minas Gerais

Faculdade de Educação Física – Universidade de Itaúna/Minas Gerais

Instituto de Psicologia Clínica Educacional e Profissional/Rio de Janeiro

Contou ainda com a presença das seguintes pessoas: Ademir Gebara, Eliana Lucia Ferreira, Maria Beatriz Rocha Ferreira, Ninfa Cunha de Santana e Rosângela Bernabé.

Este foi um momento de acirrado debate entre os presentes, pois as ações até então desenvolvidas em prol da dança em cadeira de rodas no país, não atendiam por igual aos interesses de todos os grupos de dança em cadeira de rodas.

O que se percebe historicamente é que as ações realizadas contemplavam um número reduzido de pessoas com deficiência e/ou grupos de dança em cadeira de rodas, elitizando a modalidade, e restringindo principalmente a participação nos eventos que eram financiados pelo governo, como por exemplo, a participação nas Paraolimpíadas de Sidney.

A partir destes debates os grupos buscaram representatividade. As instituições e pessoas presentes, aí incluídos os professores universitários, mobilizaram-se, pensando em estratégias para os próximos passos da dança em cadeira de rodas.

Para Prado (2002) o processo de mobilização social se dá a partir do momento em que se inicia um processo de politização das relações sociais. Portanto, a criação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, marcou o início para dança em cadeira de rodas no Brasil, com representatividade perante os órgãos e instituições nacionais e internacionais.

Para o autor essa mobilização social pode ser definida *“como um processo de desenvolvimento de condições materiais, psicossociais e políticas que são necessárias para a constituição de identidades políticas e que, desta forma, permite um controle coletivo sobre os recursos sociais”* (p.58, 2008).

Envolvidos pelas experiências excludentes vivenciadas pelos grupos que desenvolviam dança em cadeira de rodas, pela possibilidade de implantação do novo espore apresentado no simpósio, e pela possibilidade de criação de

uma confederação; um grupo de dirigentes de instituições e professores propuseram a fundação de uma confederação de dança em cadeira de rodas.

Para Ferreira e Rocha Ferreira (2004) a criação da confederação surgiu da necessidade de haver uma representatividade dos inúmeros grupos de dança que desenvolviam a dança sobre rodas no país, pois os mesmos se sentiam excluídos perante algumas ações.

Essa proposta só foi possível devido à presença de vários representantes de outras instituições, como por exemplo, da ABRADCAR e ANDE. Mas, em especial contou-se com a participação de Sérgio Coelho de Oliveira<sup>11</sup>, representando o Instituto de Psicologia Clínica Educacional e Profissional, do Rio de Janeiro, conhecedor da legislação esportiva, que orientou sobre os procedimentos legais para a criação da confederação.

Para atender aos grupos de dança, pertencentes a vários estados do Brasil, que buscavam representatividade, no dia 6 de novembro de 2001, foi criada na Faculdade de Educação Física da Unicamp, a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas - CBDCCR, que se intitula no Estatuto como: (ANEXO C):

...uma entidade civil, não governamental, de caráter esportivo, artístico e educacional, sem finalidade lucrativa, responsável pela administração, direção, difusão, promoção e incentivo da modalidade de dança em cadeira de rodas, praticado por dançarinos com e/ou sem deficiência física no Brasil.

As instituições de pessoa com deficiência e as de ensino, por seus representantes, bem como as pessoas anteriormente nominadas, foram os sócios fundadores da CBDCCR, que posteriormente retornaram a Campinas para aprovação do Estatuto.

---

<sup>11</sup> Diretor-técnico da ABRADCAR – Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas

É importante ressaltar que a CBDCCR foi criada com o intuito de: 1) incentivar a dança artística já praticada no país; 2) desenvolver a dança esportiva; 3) capacitar recursos humanos; e 4) aprovar pesquisas na área.

Para assumir suas responsabilidades e até mesmo para legitimar-se como instituição representante da modalidade, a CBDCCR, em parceria com diversas universidades brasileiras, passou a realizar anual e concomitantemente: o simpósio internacional de dança em cadeira de rodas; a mostra artística de dança em cadeira de rodas; o campeonato brasileiro de dança esportiva em cadeira de rodas e cursos de capacitação para a dança em cadeira de rodas, tanto artística como esportiva (FERREIRA, 2003).

A legalidade da confederação só foi possível devido a Lei 9.615/98 – Lei Pelé. Pois antes dessa lei só era possível criar uma confederação se houvessem três federações compostas por três ligas, que por sua vez deveriam ser formadas por, pelo menos, três clubes (BRASIL, 1993).

A Lei Pelé passou a permitir que uma confederação pudesse existir conforme descrito anteriormente, ou ainda podia ser criada autonomamente, por força de lei, necessidade ou vontade dos clubes, com abrangência nacional. E a partir do momento da sua formação, todo o poder passa a emanar da confederação, que retira das federações e ligas as suas faculdades decisórias (BRASIL, 1998). A lei ainda permitia a criação de mais de um órgão administrativo para uma mesma modalidade.

Como essa lei ainda era recente, de 1998, nem todos os cartórios tinham o entendimento de sua aplicação, por isso a CBDCCR foi registrada na cidade de Mogi das Cruzes - SP, no 1º Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, onde havia sido registrada outra confederação<sup>12</sup>, de acordo com os novos estabelecimentos da lei. E também porque um dos clubes, sócio fundador da confederação era da referida cidade.

---

<sup>12</sup> A Federação de Tênis de Mesa foi registrada nesse cartório, e o estatuto da CBDCCR segue os moldes do estatuto dessa instituição.

Em maio de 2001, em Niterói, no Rio de Janeiro, um outro grupo de pessoas interessadas na dança em cadeira de rodas, fundou Associação Brasileira de Dança sobre Rodas (ABDR), que tem entre seus sócios fundadores a Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF) e Associação Mineira de Paraplégicos (AMP).

É interessante observar que essas instituições não desenvolveram e não fomentaram a dança esportiva em cadeira de rodas, e se isso tivesse ocorrido, talvez a modalidade estivesse mais forte no país.

Segundo documento anexo, a instituição foi registrada com o objetivo de incentivar a prática de atividades artísticas, culturais e competitivas, principalmente a dança em cadeira em de rodas. Além de organizar, apoiar e promover congressos, cursos, debates, apresentações e exposições, nacionais e internacionais que visem o engrandecimento das pessoas com deficiência. Contudo, ao longo desses anos não há registros oficiais de ações propostas pela ABDR em prol da DECR, contudo vale ressaltar que dança artística em cadeira de rodas é praticada pelos membros dessa instituição (ANEXO E).

Internacionalmente, existem várias instituições que fomentam a dança esportiva em cadeira de rodas, contudo estas são formadas por um número reduzido de atletas devido à especificidade da modalidade, no Brasil esse fato se repete. As pessoas que eram membros dos grupos de dança e de instituições de ensino, fizeram parte da diretoria, como nos mostra a relação abaixo da ata de fundação (ANEXO D). Este grupo constituiu uma diretoria provisória com mandato de dois anos, e a presença de vários professores universitários em sua composição justifica-se por termos essa criação dentro de um evento acadêmico.

A eleição foi realizada em 06 de novembro de 2001, durante a assembléia de criação da CBDCR. E abaixo segue um quadro com a primeira diretoria eleita:



Quadro 5: Primeira Formação da Diretoria da CBDCR		
Cargo	Nome	Profissão
Presidente	Eliana Lucia Ferreira	Professora universitária
Vice-presidente	Luciene Rodrigues Fernandes	Professora de dança e atleta
Secretária Geral	Márcia da Silva Campeão	Professora universitária
1ª. Secretária	Anete Otilia Cardoso de Santana Cruz	Professora
Tesoureiro Geral	Andréa Passarelli G. e Melo	Professora de dança e artes
1º. Tesoureiro	Sebastião Edson Neto	Desenhista
Diretor de Relações Públicas	Rosangela Bernabé	Professora universitária
Conselho Fiscal	Helena Prioste Pimenta	Professora de artes
	Sérgio Coelho de Oliveira	Professor
	Ninfa Cunha de Santana	Relações públicas
Conselho Fiscal Suplente	Luis Antônio Lacerda Barros Cruz	Designer gráfico e bailarino
	Maria Rachel Digenio Alvarenga	Professora de dança
Conselho Consultivo	Márcia M. Conceição de Sousa	Professora universitária
	Maria Beatriz Rocha Ferreira	Professora universitária
	Ademir Gebara	Professor universitário

**Fonte:** ata de criação da CBDCR.

Destacamos ainda a importância do acolhimento das pessoas com deficiência, pois a partir da confederação, o deficiente passa para uma posição de ator social. Eles ocupavam cargos na CBDCR e durante os simpósios podiam relatar seus interesses e experiências, tendo principalmente um espaço para apresentar seus trabalhos.

A fala apresentada abaixo ilustra esse momento vivido pelos atletas e membros da CBDCR:

[...] E aí participei do primeiro Congresso Internacional que nessa época também foi efetivado e fundado a Confederação de Dança em Cadeira de Rodas, e também por coincidência, ironia do destino, sei lá o que, fui também eleita vice-presidente da confederação e aí foi uma coisa que me deu bastante condição pra que eu pudesse caminhar mais ainda, a passos largos, e com mais vontade de ir mais distante. Então foi quando eu comecei a estudar sobre a dança esportiva, na Universidade de Campinas, a Universidade Federal de Juiz de Fora, a UNIMEP em Piracicaba, algumas dessas universidades que já conhecia alguns instrutores, técnicos e doutores da área, internacional da dança em cadeira de rodas, foi me apresentado vários professores, né? [...] (Luciene Rodrigues Fernandes).

A instituição da CBDCR fez com que a dança em cadeira de rodas, principalmente em sua vertente esportiva fosse implantada e desenvolvida: possibilitou que os grupos de dança em cadeira de rodas participassem com respaldo da instituição, de eventos nacionais e internacionais de DECR; subsidiou e incentivou estudos sobre a modalidade; e finalmente lançou o Brasil no cenário internacional da dança esportiva em cadeira de rodas.

Em 2001, a diretoria da CBDCR solicitou que esta confederação fosse reconhecida pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro, e não obteve resposta oficial. Por outro lado, a CBDCR se registrou no Ministério dos Esportes, passando assim a divulgar seus eventos no calendário nacional dos esportes.

Segundo Ferreira (2002), o CPB não colaborou efetivamente com o desenvolvimento da modalidade e embora o mesmo tenha sido aconselhado pelo IPC. Em diversos momentos o presidente em exercício – Vital Severino Neto<sup>13</sup> – manifestou respeito pelo esporte, mas entendia que não cabia ao comitê o fomento do mesmo.

---

<sup>13</sup> Foi secretário executivo e presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro, nos períodos de 1996 a 2001 e 2001 a 2009, respectivamente.

Vale ressaltar que, em 2002, o Ministério dos Esportes financiou o curso de classificação funcional de um membro da CBDCCR e de dois membros da ABDCCR.

A partir disso, somente em 2004, quando o IPC passou a exigir que as inscrições nos eventos internacionais fossem feitas pelos comitês nacionais, é que, a pedido da CBDCCR, o CPB começou a desenvolver essa ação. No entanto, as responsabilidades financeiras e técnicas eram de responsabilidade da confederação.

Essa exigência sinalizou e permitiu uma aproximação entre as instituições, o que resultou em um estreitamento das relações, inclusive o CPB indicou a presidente da CBDCCR para representar o país no Fórum Internacional da Dança em Cadeira de Rodas na Alemanha.

Muitos esforços foram feitos pela confederação para implantação da modalidade. Entre eles ressaltamos aqui os cursos de dança esportiva que foram ministrados por professores de outros países:

<b>Quadro 6: Cursos de dança esportiva em cadeira de rodas</b>		
Ano	Curso	Professor – País
2001	Dança em cadeira de rodas.	Herbert Hausch – Alemanha
2002	Modalidades de dança esporte em cadeira de rodas: <i>latin dance e standard</i> .	Herbert Hausch – Alemanha
2003	Dança esportiva em cadeira de rodas	Herbert Hausch – Alemanha
2005	Arbitragem em dança esportiva em cadeira de rodas	Iwona Ciok e Wlodzimmierz Ciok – Polônia
	Técnica de dança esportiva em cadeira de rodas	Pippa Roberts – Malta
2009	Curso Avançado de Técnica de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	Pippa Roberts - Malta
	Dança esportiva em cadeira de rodas	

**Fonte:** documentos da CBDCCR.

A ousada experimentação de novos movimentos sobre uma cadeira de rodas proposta pela dança esporte, fez com que os dançarinos com deficiência passassem a buscar um enriquecimento de suas performances. Isso resultou na motivação de um grupo que se aglutinou, nestes últimos dez anos, para as competições de dança.

A fala de Cabral comprova esse interesse competitivo aguçado da época: *...quando eu vi o nome dança esportiva aquilo já me arregalou logo os olhos... atleta... aí eu ótimo... vou juntar o útil ao agradável*".

Rose Junior (1999) diz que a competição de maneira mais simplificada pode ser interpretada como o momento em que indivíduos ou grupos se confrontam para buscar um mesmo objetivo. Entre os atletas com deficiência essa situação não é diferente.

As pessoas têm diferentes níveis de competitividade, e por isso alguns dançarinos que participaram da mostra de dança artística e que conheceram a dança esportiva durante o simpósio não se sentiram atraídos pelo esporte, outros se identificaram e se tornaram atletas.

Para Gallegos *et al.* (2002) o esporte competitivo, por suas características próprias de confronto, demonstração, comparação e avaliação constante de seus participantes, apresenta peculiaridades que são inerentes a algumas pessoas e a outras, não.

A oportunidade de se tornar um atleta em um esporte que era totalmente novo no país, principalmente para pessoas com deficiência, estimulou vários participantes a investirem nessa prática esportiva, principalmente se considerarmos o momento histórico pelo qual o esporte adaptado passava no Brasil.

De acordo com dados do Comitê Paraolímpico Brasileiro, no ano 2000, nos Jogos Paraolímpicos de Sidney, na Austrália, o país conquistou 22

medalhas, sendo 6 de ouro, 10 de prata e 13 de bronze, colocando o Brasil na 24ª posição geral dos jogos (CPB, 2010). Esse quadro estimulava mais pessoas com deficiência a se envolverem com o esporte adaptado. E, embora a dança esportiva não fizesse parte das Paraolimpíadas, o desejo e as tentativas para que essa modalidade fizesse parte dos jogos eram constantes no mundo.

A partir de então, verificamos que a dança em cadeira de rodas havia começado a modificar as pessoas que com ela estavam envolvidas. E como cada um carrega consigo um tempo, um lugar e uma história, o novo esporte começou a escrever sua história.

A nova modalidade esportiva de dança, com suas nuances e características, passou a ser uma realidade e, entre questionamentos e contestações, o movimento seguiu o seu fluxo.

Seguindo seu curso na história, a dança esportiva em cadeira de rodas quebrou com o conceito de pluralidade da dança artística em cadeira de rodas. A partir dos princípios da dança esportiva, mais importante do que a experimentação do corpo, o resultado final tornou-se a prioridade. O foco de experiências corporais e caminhos inusitados de possibilidades de movimentos passaram a ser perseguidos. Aqui, a relação processo e produto passa a ser valorizada, pois o processo influenciaria diretamente no produto final.

A partir de então passou a ser responsabilidade da CBDCR a organização dos eventos de dança em cadeira de roda no país, sendo estes o simpósio, a mostra de dança artística e o campeonato de dança esportiva. A diretoria da confederação passou a traçar diretrizes para a modalidade.

### 3.2 Ano 2002

Como mencionado anteriormente os eventos realizados pela CBDCCR se constituíam de quatro momentos: o simpósio, a mostra, os cursos práticos e o campeonato de dança esportiva em cadeira de rodas. E essa ordem será seguida em nossa apresentação.

Como o objetivo era fomentar e discutir o que seria a dança esportiva em cadeira de rodas foram realizadas várias ações:

1) Para estruturar e organizar o campeonato de acordo com as normas ditadas pela Federação Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, a professora brasileira Rute Estanislava Tolocka, foi participar de um evento internacional, trazendo os subsídios necessários e participando de um curso de classificação funcional;

2) A CBDCCR negociou com o Subcomitê de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas do IPC para trazer ao Brasil uma classificadora funcional. Mas de acordo com alguns e-mails enviados ao IPC pela professora Maria Beatriz Rocha Ferreira, percebia-se uma grande resistência, pois entendiam que o Brasil não podia realizar um campeonato, por não ter profissionais capacitados, como árbitros e classificadores, mas ainda assim foi possível porque mostrou-se que o principal interesse do país era a realização do simpósio. E para fazer a primeira classificação funcional dos atletas, a classificadora funcional internacional Miriam de Hass veio para o primeiro campeonato.

Foi solicitado ao IPC que realizasse um curso de classificação funcional no país, mas isto foi negado, e, em 2002, o Ministério dos Esportes assumiu que colaboraria com a capacitação de profissionais nessa área. Para tal, a CBDCCR formou uma comissão de professores que elegeu, por sua competência e interesse, a professora Rute Estanislava Tolocka, para representar a instituição junto a mais duas pessoas da ABDR. E embora os

mesmos tenham feito o curso, não cumpriram a carga horária completa, devido ao atraso na liberação da verba para viagem, e por isso não foram certificados<sup>14</sup>.

Em 2003, as professoras Rute, Eliana e Bettina, assumem a classificação funcional do esporte, sendo que esta última dedica-se mais à arbitragem. Em 2008, a professora Rute, opta por não continuar como classificadora, e a árbitra e presidente da CBDCR, por questões éticas também o deixa de ser. Sendo assim, em 2009, o país volta a depender de classificadores internacionais.

3) O professor Herbert Hausch, foi trazido para ministrar cursos técnicos e também para preparar árbitros. Foram selecionadas no país, pessoas com experiência em competições de outras modalidades ou em dança esportiva, como consta no quadro a seguir:

<b>Quadro 7: Participantes do primeiro curso de arbitragem no Brasil</b>	
Bettina Ried	Professora alemã de dança de salão internacional.
Torsten Ried	Professor alemão de dança de salão internacional.
Zigrig Bitter	Árbitra e ex-atleta de ginástica rítmica desportiva.
Eliana Lucia Ferreira	Professora de dança em cadeira de rodas.
Rute Tolocka	Professora da educação física.

**Fonte:** documentos da CBDCR.

4) Ocorreram também várias reuniões no CPSP para preparar tecnicamente os atletas para a competição que aconteceria. Como não havia, no país material didático sobre a modalidade as professoras Bettina, Eliana e Rute treinaram os atletas.

---

<sup>14</sup> Estes dados encontram-se nos relatórios técnicos enviados ao Ministério de Esporte, nos anos de 2001, 2002 e 2004.

Após essas ações, no período de 25 a 29 de novembro de 2002, foi realizado o II Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, com a justificativa de que após o primeiro evento muitas pessoas alegavam que não tiveram conhecimento da realização do mesmo e manifestaram seus interesses em discutir o tema, e porque essa era uma ação assumida pela CBDCCR.

A diretoria da confederação, em parceria com os pesquisadores do programa de pós-graduação da UNICAMP, os pesquisadores organizaram o segundo evento para somar esforços no sentido de contribuir para a reflexão dessa área específica, bem como reafirmar e consolidar a possibilidade de avanços nos estudos e na técnica da dança em cadeira de rodas, tornando-se, portanto, um marco histórico importante.

Em relação à II Mostra de dança artística, ela foi realizada para tornar-se um espaço para a apresentação dos trabalhos dos grupos de dança em cadeira de rodas – e, nesse segundo momento, houve a participação de um grande número de grupos de dança, possivelmente devido à criação da CBDCCR.

Nessa oportunidade, no dia 28 de novembro, contou-se com a participação de 21 grupos ou instituições, apresentando um total de vinte e seis coreografias.

Sobre as mostras de dança artística em cadeira de rodas, Ferreira (2003), afirma que

O que se viu neste evento foi um movimento crescente e inovador, que consagrou um espaço para permitir todas as instituições que desenvolvessem a dança em cadeira de rodas pudessem participar. É perceptível que o corpo da dança em cadeira de rodas vai se construindo através de uma inscrição baseada nas particularidades de cada grupo. É possível observar que a própria dança em cadeira de rodas está se constituindo por uma multiplicidade quanto ao uso do corpo que a executa. Os estilos variados permitem um novo jogo de imagens e abordagens temáticas. Cada performance apresenta uma lógica própria (p. 93).



Sobre os cursos propostos, foram oferecidos quatro de dança artística, ministrado por professores brasileiros da área e um curso de dança esportiva. O professor Herbert Rausch voltou ao Brasil e, além de ministrar cursos de dança esportiva, participou do campeonato como árbitro. E se comprometeu a fornecer informações ao país e trazer material, como foi o caso dos vídeos dos passos básicos da dança em cadeira de rodas, vendidos à CBDCCR.

O I Campeonato Brasileiro de Dança em Cadeira de Rodas foi realizado no dia 26 de novembro de 2002, na Sociedade Hípica de Campinas, um clube da elite desta cidade. O campeonato foi considerado pela mídia como um evento histórico, pois não havia registros de outros campeonatos oficiais de dança esportiva em cadeira de rodas na América Latina, como citou o jornal “Folha de São Paulo”, do dia 28 de novembro de 2002:

[...] a apresentação aconteceu na Sociedade Hípica de Campinas e o evento – histórico no país e na América Latina – faz parte do 2º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas promovido pela UNICAMP, a Universidade de Campinas (BIANCARELLI, 2002).

Para a realização dos três primeiros campeonatos brasileiros, contou-se com a participação de um classificador funcional e também um árbitro internacional. A presença de um *staff* internacional nos eventos foi sendo substituída na medida em que os grupos brasileiros, membros e árbitros da CBDCCR, se qualificaram para as funções, por isso a CBDCCR investiu intensamente em cursos.

Em relação aos atletas, com apenas um ano de experiência, participaram da competição dançando os ritmos latinos jive e samba, que foram escolhidos pela organização, sob orientação do professor Herber Hausch, devido à semelhança com os ritmos brasileiros, e estabeleceu-se na reunião da CBDCCR, que a cada ano se incluiria um novo ritmo, até que se chegasse às cinco danças latinas.

Nesse ano, elegeram-se os primeiros campeões brasileiros de dança esportiva em cadeira de rodas no país, que foram atletas da então Companhia Arte de Viver, da cidade de Santos/SP – Alexandre Aguiar Siqueira e Célia Regina Diniz.

Ferreira (2009) sustenta que a dança esportiva em cadeira de rodas tem seu mérito social, pois ao ocupar um espaço até então considerado exclusivo de um corpo idealizado, cresce a visibilidade do corpo do dançarino com deficiência. E isso é muito importante, pois se provoca reflexões e reações, também estimula, fomenta e contribui para a legitimação e crescimento da modalidade.

O fato de ser campeão é algo que fica marcado profundamente em qualquer indivíduo, e não é diferente com as pessoas com deficiência. A pesquisa de Samulski e Noce (2002) evidencia que as pessoas com deficiência demonstram grande interesse pelo aspecto competitividade e os principais motivos que os levam à prática esportiva, de acordo com a pesquisa, são: a possibilidade de “ser campeão”, “conquistar medalhas” e “ser reconhecido”.

Verificamos então na fala de todos os sujeitos que os títulos e vitórias estão fortemente marcados na memória de cada um. Vejamos as falas de alguns colaboradores:

[...] então, bom, com este trabalho nós fomos, Santos foi, o primeiro campeão brasileiro de dança esportiva em cadeira de rodas, CBDCR, primeiro e terceiro lugar, isto foi em 2002, e a partir daí a gente começou a investir um pouco mais na dança esportiva (Alexandre Siqueira).

E nós estávamos com uma cadeira super-feia, horrível, né? Sem estrutura nenhuma, era uma cadeira adaptada que eu tinha pego do basquete, pra dançar. E daí, tudo bem, era o que nós tínhamos então foi o que nós levamos. Dançamos com ela e graças a Deus conseguimos ser vice-campeão nesse ano, perdemos pro casal de Santos, que hoje não dança mais, que é o Luciano cadeirante, e continuamos trabalhando. Bom e no ano seguinte, nós continuamos

trabalhando forte e no ano seguinte, acho que foi em São Paulo o campeonato, é foi em São Paulo sim, e daí nós conseguimos ser campeão já. E no primeiro ano, no segundo ano campeão, continuamos trabalhando mais forte, no segundo ano bi-campeão seguido [...] (Waldemir Tavares).

Colaborando Figueiredo (2010) nos diz que não se pode negar a existência de regras e valores comuns a toda sociedade e a todo ser humano. Assim, percebemos que os fatos dolorosos, são esquecidos ou ludibriados, e as vitórias, expressadas com emoção e intensidade, e isso é consequência do fato de não ser natural ao homem a admissão de falhas e derrotas. Fomos então, em busca de marcas e outras observações que a modalidade deixou impressa nas memórias de seus atletas.

A competitividade é algo inato ao ser humano e é inegável o papel significativo que o esporte tem em qualquer cultura ou sociedade em todo o mundo, capaz de colocar em cena as emoções, os sentimentos, os esforços, o tempo e a energia, de uma forma que nenhuma outra atividade se aproxima (LOVISOLO, 2001).

O autor ainda destaca que a competição, como alguma vez explicou Lévi-Straus, é o contrário do ritual. A competição desiguala os iguais, o ritual iguala os desiguais. A desigualação gerada pela competição é sancionada pela distribuição de bens simbólicos (como fato de ser campeão) ou materiais (moeda ou espécie).

O desporto pode ser entendido como uma disputa entre pessoas que concorrem individualmente ou em equipes, podendo ser praticado em diversas modalidades. Essas características atribuem o caráter competitivo ao desporto, tendo em vista que os indivíduos se confrontam desde os primórdios da civilização, buscando a superação.

O fato de ser campeão, segundo o estudo de Samulski e Noce (2002), é apontado por 20,8 % atletas paraolímpicos como objetivo principal da prática

esportiva. E a dança esportiva em cadeira de rodas, embora não seja uma modalidade paraolímpica, vem imbricada desses significados.

Percebemos no discurso de Waldemir Tavares, ao nos contar sua história, que o atleta se apresenta como um nato competidor. Em sua memória as vitórias e derrotas, suas e de seus adversários estão muito bem marcadas.

[...] É até engraçada essa história, porque eu fui bi-campeão seguido, o Cabral bi-campeão seguido e no ano que era pra gente desempatar que ia ser tri, apareceu a Viviane, que é muito boa também, né? E foi campeã, no ano que gente esperava ser campeão, ou eu ou o Cabral. E no ano que a Viviane foi campeã, o Cabral foi vice e eu fiquei em terceiro. No ano seguinte, novamente a Viviane foi campeã, o Cabral foi vice e eu fiquei em terceiro. Nesse evento que vai acontecer aqui, amanhã, então alguém vai ter que ser tricampeão, não tem jeito. Então amanhã, alguém vai ter que ser tricampeão, imperar aí um ano com esse título, né? [...] (Waldemir Tavares).

Podemos destacar nessa fala alguns aspectos que nos chamam atenção além das conquistas dos títulos. Evidenciamos que o atleta da narrativa é um competidor cadeirante e nos mostra a relação de disputa entre seus pares, ou seja, os outros cadeirantes, e não com a outra dupla. Mesmo sabendo que as competições no Brasil, acontecem no estilo *combi* – um atleta cadeirante dança com um atleta andante, torna-se irrelevante a disputa com este último.

Podemos identificar que a relação de poder, ou seja, de vitória se aflora em supremacia a seu semelhante. Elias (p. 36, 2000) nos mostra que “*o conceito de poder deixou de ser uma substância para se transformar numa relação entre duas ou mais pessoas e objetos naturais; assim, o poder é um atributo destas relações que se mantêm num equilíbrio instável de forças*”. Ora sou campeão, ora estou treinando para voltar a ser campeão, e isso move as competições.

Contudo esta disputa de poder na DECR tornou-se desestimulante para quem não se consagrou campeão. Identificamos que diversas duplas e clubes,

ao longo desses dez anos, abandonaram as competições, e um dos motivos pode ter sido o fato de que o “poder”, a vitória, se revezou entre um pequeno grupo.

Veja abaixo o quadro das duplas campeãs em seus revezamentos na posição de campeões brasileiros da modalidade.

<b>Quadro 8: Resultados dos campeonatos brasileiros de dança esportiva em cadeira de rodas da classe LWD2.</b>		
Edição/ano	Dupla campeã da categoria principal	Cidade – Estado
1º. Campeonato – 2002	Alexandre e Célia	Santos – SP
2º. Campeonato – 2003	Waldemir e Luciene	João Pessoa – PB
3º. Campeonato – 2004	Waldemir e Luciene	João Pessoa – PB
4º. Campeonato – 2005	Luiz Antônio e Anete	Salvador – BA
5º. Campeonato – 2006	Luiz Antônio e Anete	Salvador – BA
6º. Campeonato – 2007	Viviane e Valdeci	Rio de Janeiro – RJ
7º. Campeonato – 2008	Viviane e Luiz Cláudio	Rio de Janeiro – RJ
8º. Campeonato – 2009	Viviane e Luiz Cláudio	Rio de Janeiro – RJ
9º. Campeonato – 2010	Viviane e Luiz Cláudio	Rio de Janeiro – RJ

**Fonte:** Documentos da CBDCCR.

Um fator complicador para o desenvolvimento da dança esportiva em cadeira de rodas no país é o fato da modalidade não fazer parte dos Jogos Paraolímpicos. Isso impede que haja repasse de verbas do Ministério dos Esportes, através do Comitê Paraolímpico, para a CBDCCR. Embora a dança faça parte de um subcomitê do IPC, o CPB não tem ações efetivas para subsidiar a modalidade.

Essa modalidade foi indicada para fazer parte dos Jogos Parolímpicos de Inverno, e embora Gertrude Krombholz tenha recebido uma medalha em uma cerimônia indicando que a modalidade faria parte da programação dos jogos isso não ocorreu (KROMBHOLZ, 2004).

A possibilidade da DECR tornar-se modalidade paraolímpica ainda é um pouco distante devido a dois aspectos. O primeiro pauta-se no aspecto subjetivo da arbitragem, que é discutido internacionalmente, mas não há uma regra de pontuação, como por exemplo ocorre, na ginástica rítmica. O segundo debruça-se no fato de que o esporte é oficialmente praticado em um número reduzido de países (DIÁRIO DE CAMPO).

No campeonato mundial de dança esportiva em cadeira de rodas de 2010, o discurso do presidente do IPC - Philip Craven – aventou-se a possibilidade que a modalidade faça parte dos jogos paraolímpicos de 2020, embora não haja nenhum documento oficial sobre a discussão<sup>15</sup>.

### **3.3 Ano 2003**

No dia 19 de junho desse ano, foi realizado pela primeira vez um campeonato estadual de dança esportiva em cadeira de rodas na cidade de Jundiaí – SP. Aconteceu o I Campeonato Paulista de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas no Clube Jundiaense. De acordo com a súmula do campeonato participaram nove duplas.

Se de um lado o campeonato regional atrairia mais competidores para modalidade, por outro permitiria que somente a dupla campeã do regional participasse do campeonato brasileiro. Isso dificultaria mais o acesso dos atletas iniciantes à modalidade.

Pelo terceiro ano consecutivo foi realizado em 2003, de 13 a 15 de novembro, em Mogi das Cruzes – SP, o III Simpósio Internacional de Dança

---

<sup>15</sup> Essas informações foram coletadas a partir da análise do vídeo do Mundial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, realizado em novembro de 2010 (arquivos da CBDCR).

em Cadeira de Rodas em parceria com a Faculdade Brás Cubas. Esse evento foi se tornando cada vez mais procurado e respeitado no meio acadêmico. As discussões sobre a dança em cadeira de rodas, tanto como arte como esporte, foram ganhando mais cientificidade e as pessoas envolvidas buscaram mais fundamentação.

Com o objetivo de permitir que outros locais pudessem sediar os eventos da CBDCR, o evento foi realizado em Mogi das Cruzes, mas ainda permanece o interesse da confederação em manter o evento na região sudeste do país, devido à visibilidade nacional.

A III Mostra de Dança foi realizada no dia 13 de novembro de 2003, contando com 26 coreografias de 11 grupos de diversas regiões brasileiras.

Percebe-se que o investimento da dança esporte foi contínuo e pela terceira vez, contou-se com a realização de cursos, ministrados pelo professor alemão Herbert Rausch, assim como cursos de dança artística, conforme o apêndice (APÊNDICE C).

O evento realizado em Mogi das Cruzes, pela proximidade com a cidade São Paulo, teve ampla repercussão na mídia. Importantes jornais televisionados, como o Bom Dia Brasil e o Jornal Hoje, da Rede Globo noticiaram a realização do simpósio, campeonato e mostra de dança em cadeira de rodas, organizados pela CBDCR.

Os jornais, tanto de circulação local, quanto os de alcance nacional divulgaram matérias sobre o evento, entre eles citamos:

Mogi das Cruzes vai sediar o III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas a partir de amanhã até sábado. O evento prevê uma ampla programação composta por cursos, palestras, debates, mostra e campeonato de dança em cadeira de rodas. Além de reunir profissionais das mais renomadas universidades brasileiras, o simpósio contará com a participação de palestrantes do exterior (MOGI NEWS, 2003).

Na “Folha de São Paulo” Biancarelli (2003) escreveu:

[...] Os encontros sempre mesclam a dança livre e a dança de competição, com apresentações científicas, por ser um campo de experimentação e de recuperação [...].

Uma vez instituída a CBDCCR era obrigatória a realização dos campeonatos anualmente. Por isso foi realizado o II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, em 14 de novembro de 2003, no Clube Náutico Mogiano.

O relatório final deste evento apontou para necessidade de se realizarem as discussões científicas a cada dois anos, permitindo assim que os estudos científicos apresentados estivessem mais consolidados<sup>16</sup>. Mas tendo em vista que uma confederação tem o papel de organizar as competições brasileiras, estabeleceu-se que os campeonatos e a mostra de dança ocorreriam anualmente.

Nesse ano, após dois anos de mandato da diretoria provisória eleita em 2001, houve uma nova eleição neste ano, em que os sócios da confederação votaram e elegeram pelo período de quatro anos (2004 – 2007), conforme legislação vigente, os seguintes representantes:

<b>Quadro 9: Segunda Formação da Diretoria da CBDCCR</b>		
<b>Cargo</b>	<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>
Presidente	Eliana Lucia Ferreira	Professora universitária
Vice-presidente	Luciene Rodrigues Fernandes	Professora de dança e atleta
Secretário Geral	Alexandre Siqueira	Arquiteto e atleta
1ª. Secretária	Anete Otilia Cardoso de S. Cruz	Professora
Tesoureiro Geral	Márcia da Silva Campeão	Professora de dança e artes
1º. Tesoureiro	Andréa Passarelli G. e Melo	Desenhista

**Fonte:** anais do IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas.

<sup>16</sup> Embora os organizadores do simpósio tenham estabelecido que o mesmo ocorreria a cada dois anos, isso não se cumpriu, pois os eventos da CBDCCR foram realizados por meio de parcerias com outras instituições, o que não fez da proposta uma regra. Inclusive a data dos eventos passou a ser definida de acordo com os interesses e necessidade dos parceiros.



O que se vê após essa eleição é que a diretoria se manteve praticamente a mesma, portanto os objetivos e propostas da CBDCR se mantiveram por mais quatro anos. Embora a partir desse ano a modalidade viva um novo momento de sua evolução.

#### **4.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: FOMENTO DA MODALIDADE – 2004, 2005 e 2006.**

Durantes esses três anos, a dança esportiva sobre rodas teve grande oscilação. Observamos momentos de grande defasagem em um campeonato e um grande ápice na competição posterior. É nesse período também que temos a primeira participação do Brasil em campeonatos internacionais.

##### **4.1 Ano 2004**

Em 2004, destacamos a busca por qualificação de mão de obra de pessoas envolvidas não só com a técnica da dança esportiva em cadeira de rodas, mas também com a organização/estruturação desta modalidade.

A pedido da CBDCR, por meio de um projeto, o Ministério de Esportes financiou a participação das professoras Eliana Lucia Ferreira e Rute Estanislava Tolocka, que preenchiem os critérios internacionais, para fazerem o curso de classificação funcional na Holanda, e assumirem posteriormente a

classificação funcional desta modalidade. A intenção era buscar independência capacitando recursos humanos.

Essa ação indicou, pela primeira vez, o interesse de órgãos públicos em incentivar a dança esportiva em cadeira de rodas e fazer com que a modalidade criasse independência internacional. Essa iniciativa indica o fortalecimento da dança em cadeira de rodas no país.

A partir da participação de tais professoras em campeonatos internacionais, criou-se uma relação junto às equipes de dança esportiva em cadeira de rodas de outros países. Desta aproximação ocorre o intercâmbio de atletas e profissionais da DECR.

Diante da falta de apoio financeiro institucional, os grupos de dança esportiva foram motivados, com apoio de outras instituições a se constituírem independentes e a buscarem apoio principalmente em seus estados. Alguns grupos tiveram êxito e outros não.

A CBDCCR entendia que era de extrema importância a participação dos atletas em campeonatos internacionais e por isso autorizou e apoiou a participação dos atletas baianos no campeonato de Malta. Sem levar em conta que não seria o campeão que representaria o país, e sim quem conseguisse financiamento para viajar.

Nesse mesmo ano, a dupla Luciene e Waldemir da Paraíba, também se empenhou e conseguiu apoio do governo estadual para ir ao campeonato da Polônia, mas por atraso da verba os mesmos não conseguiram ir. Esse cancelamento causou uma má impressão aos organizadores do evento e só foi revertida após muitas explicações.

Neste mesmo ano, a dupla brasileira Anete e Cabral, participou com o apoio da empresa PETROBRAS (Petróleo Brasileiro S/A), do *2th The Malta Open Wheelchair Dancesport Championship*<sup>17</sup>. Como ilustra a fala do atleta:

[...] foi quando surgiu a oportunidade “pros” seis primeiros do ranking brasileiro poder representar o Brasil em Malta, a gente procurou patrocínio, até conseguirmos o patrocínio e irmos a Malta. E lá na nossa categoria a gente ficou em primeiro lugar a gente conseguiu patrocínio da Petrobrás, conseguimos primeiro lugar, quando a gente voltou a gente fez tanta ação de mídia que a Petrobras ficou empolgada, aí pronto, agora a gente vai comprar a idéia de vocês, e vai investir [...] (Luiz Antônio).

O jornal “Correio da Bahia” destacou:

Os dançarinos foram convidados a representar o Brasil pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas. E fizeram bonito, dando conta da prova, que determinava amostras dos quatro ritmos da dança latina: samba, cha-cha-cha, rumba e jive (VIEIRA, 2005).

É importante chamar atenção para a fala da reportagem, pois os atletas não foram convidados pela CBDCCR, foram apoiados pela instituição. E vale ressaltar, sem desmerecimento, que a dupla foi campeã na categoria intermediária – 4 danças, e independente disso essa posição e participação dos atletas colocou o Brasil em destaque.

Ferreira (2005) afirma que estes corpos proclamam uma urgência de experimentar vivências corporais e de sobreviver socialmente. É uma espécie de necessidade, não apenas de encontrar um modelo de vida diferente, mas de

---

<sup>17</sup> O campeonato aberto de Malta caracteriza-se como um grande e respeitado evento da dança esportiva em cadeira de rodas contando com a participação de diversos países (DIÁRIO DE BORDO).

buscar a partir do contraste histórico entre dança e deficiência, uma identidade mais definida.

A fala da atleta revela o significado daquele momento:

[...] aí a gente dançou logo na classe iniciante a gente ficou em primeiro lugar. Claro que não era eu não era assim, né? Mas você sair do Brasil pra ir pra fora, a primeira vez e já ter o primeiro lugar... (choro)... o primeiro lugar... (choro). ...E todo mundo sabe ali eu tava representando todo um trabalho que tava sendo feito no Brasil e a gente queria mostrar a cara dele pro Brasil (Anete).

Abaixo temos as fotos que ilustram a primeira participação dos atletas brasileiros em um campeonato internacional de dança esportiva em cadeira de rodas.

**Fotografia 32:** Desfile das delegações.



**Fonte:** *2th The Malta Open Wheelchair Dancesport Championship - 2004.*

**Cedida:** pelos atletas.

**Fotografia 33:** Aquecimento dos atletas – Anete e Cabral.



**Fonte:** *2th The Malta Open Wheelchair Dancesport Championship - 2004.*

**Cedida:** pelos atletas.

Segundo Laban (1984), a experiência agradável de realização de movimentos, que é uma característica da dança, ocorre de acordo com os estágios do desenvolvimento humano. Estimula a atitude inerente aos sentimentos, causando uma sensação de satisfação.

Através da inter-relação de movimentos e ritmos, de forma harmoniosa, conflitante ou contrastante, a conscientização do movimento e as qualidades dos mesmos permitem-nos reconhecer e sermos reconhecidos através da dança.

Se por um lado, a dupla baiana Anete e Luiz Antônio, ganhou credibilidade por conseguir um grande patrocinador, ir para o evento e conseqüentemente abrir espaço internacional, por outro lado os demais grupos brasileiros encontravam-se divididos em seus sentimentos, pois existia um desejo individual de se legitimar enquanto dupla ou atleta brasileiro.

Mas de maneira geral, para a modalidade, esta ação da dupla de se aventurar nos terrenos internacionais da DECR, abriu portas para os demais atletas e trouxe um novo fôlego para as competições nacionais.

Além dos ganhos individuais existiram ganhos imensuráveis para a modalidade, como por exemplo, a criação da primeira escola municipal de dança em cadeira de rodas, que foi instituída pela Prefeitura Municipal de Santos.

Em 2005, houve um processo, uma parceria junto com a nossa Prefeitura, Prefeitura Municipal de Santos, entre os professores, o Conselho Municipal da cidade pra pessoas portadora, o COMDEF intermediou também este processo por ser uma parceria entre os professores e a Prefeitura. Foi quando em 2005 foi fundada a primeira Escola Municipal de Dança em Cadeira de Rodas do Brasil. Eu... É a única ainda. Que a gente tem registro como escola municipal que visa a formação do bailarino cadeirante, que trabalha as duas vertentes, que é um curso curricular é a única [...] (Alexandre Siqueira).

Tem-se aí, uma mobilização por parte de cada grupo para manter e legitimar essa modalidade.

É importante ressaltar também a participação especial da dupla Luciene e Waldemir, da cidade de João Pessoa, na novela América da Rede Globo, que foi ao ar no dia 02 de julho de 2005, em horário nobre da televisão brasileira. A demonstração desta modalidade no cenário das telenovelas demonstra o interesse e o reconhecimento social das pessoas com deficiência e as atividades desenvolvidas por elas.

Num país de dimensões territoriais como as nossas de cultura e de massa diversificada e fértil, que mistura tradição e modernidade, a televisão desempenha uma função marcante na consolidação da identidade nacional. Nossos programas prestam também um serviço de valor inestimável, embora quase imperceptível; o chamado “merchandising social” – campanhas de cidadania ou mobilização social propositalmente embutidas nas tramas das novelas (ZAHAR, 2003, p.8).

A influência que a televisão exerce na vida política e cultural do Brasil e da forma como vem ocorrendo, é uma experiência que poucos países podem relatar (SCALOPPE, 2003).

Os meios de comunicação têm a capacidade de incentivar o estabelecimento de padrões culturais específicos, agindo de maneira a proporcionar uma satisfação das carências humanas.

De acordo com a autora supracitada, o rádio, os jornais e em especial a televisão são unanimemente reconhecidos, como fatores de influência determinante no campo social. A televisão em especial combina palavras, imagens e música que interferem na própria linguagem usada por crianças e jovens que adotam o uso de gestos corporais, onomatopéias, gírias, palavras e expressões.

Instalada na intimidade dos lares, muitas vezes em uma “sala” especialmente dedicada a ela, a televisão molda comportamentos, sugere modismos, divulga produtos, incentiva o consumo e inculca valores.

Ah..., tem da novela da Globo, cara... Então a dança abriu muitas portas, entendeu, abriu várias portas que hoje eu sou grato e vou ser grato pro resto da vida. Uma dessas portas maravilhosas e principais foi essa da novela América da Rede Globo, né? Nós... isso foi logo nos primeiros anos que eu comecei com a Luciene, nós estávamos dançando pelo Brasil, sempre fazendo eventos, então nós fomos convidados pra Mostra Coreográfica de Dança de Salão, que aconteceu no Teatro Vila Lobos, no Rio de Janeiro em 2005, não minto, desculpa! Não foi no ano de 2005, foi ano de... 2003, ano de 2003 [...] (Waldemir Tavares).

Essa participação na novela rendeu frutos para a dupla, que se apresentou por todo país e também para a modalidade que foi vista por grande parte da população nacional.

Podemos aqui fazer uma análise em relação à dimensão simbólica do que significou essa participação para o atleta. O significado de uma pessoa com deficiência ter espaço no horário nobre da televisão brasileira, vai além do ganho pessoal, sugere uma aceitação social daquele indivíduo que, antes, era excluído.

Recentemente, no ano de 2010, uma outra dupla faz uma participação em um programa. A dupla Viviane e Luis Cláudio participam do Programa Mais Você, da apresentadora Ana Maria Braga, apresentando a dança esportiva.

Algo importante de ser mencionado é que essas participações na mídia e eventos internacionais foram iniciativas dos próprios atletas em parceria com seus clubes e patrocinadores, pois embora a CBDCCR os legitimassem enquanto atletas, eles tinham suas ações próprias e relações próprias em suas cidades e estados.

O campeonato brasileiro de 2004 foi realizado na cidade de São Paulo em 18 de dezembro, contando com o apoio do Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP), o qual foi responsável por grande parte da organização do evento.

Como não houve financiamento de nenhum órgão, a CBDCR buscou parceria com o CPSP, uma grande instituição que incorporou o campeonato a um evento tradicional da instituição.

A mostra de dança artística em cadeira de rodas – não aconteceu nos moldes das anteriores, ou seja, em um dia exclusivo para o evento – aconteceram apenas algumas apresentações artísticas nos intervalos da competição, pois o número de participantes presentes foi pequeno.

Embora esse evento tenha sido sem muita expressividade, a CBDCR cumpriu seu calendário anual de realização de competições e acumulou forças para a organização de um grande evento no ano seguinte.

## **4.2 Ano 2005**

O ano de 2005 foi marcado por um grande evento na cidade de Juiz de Fora – MG, pois a CBDCR em parceria com Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) realizaram de 21 a 27 de novembro, o IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas. Esse evento contou com a participação de pesquisadores da modalidade e também de professores internacionais. Um dos principais objetivos do evento foi capacitar os técnicos para que desenvolvessem suas equipes com o respaldo de uma experiência internacional.

O jornal a “Tribuna de Minas” anunciou:

Dessa forma, dentro da programação do IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas (SIDCR), diferentes segmentos da sociedade também participam de



conferências, mesas temáticas, cursos e exposição de trabalhos, que tiveram início ontem – tudo no sentido de contribuir para fomentar debates e ações que visam ao desenvolvimento da dança em cadeira de rodas no país, em nível acadêmico/artístico/desportivo (POSSANI, 2005).

A IV Mostra de Dança aconteceu no dia 24 de novembro de 2005, no Cine Theatro Central, da cidade de Juiz de Fora, contou com a participação de 10 grupos, cada um apresentando uma coreografia.

Os professores internacionais presentes eram os árbitros e treinadores Iwona Ciok e Wlodzimierz Ciok da Polônia, e de Malta, Pippa Roberts. Esses profissionais se destacavam nos campeonatos mundiais com suas duplas, e a presença desses resgatou atletas e fortaleceu a modalidade de um modo geral, no país. Portanto, nesse ano todos os cursos ministrados foram de dança esportiva em cadeira de rodas.

Os cursos foram realizados na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), registraram 128 pessoas inscritas para participar dos mesmos, o maior número de interessados em todos os anos de cursos oferecidos. E foi essa parceria com a universidade que possibilitou trazer três professores internacionais, além do incentivo recebido do Ministério dos Esportes.

O curso de arbitragem foi certificado pela UFJF e além de um representante de cada equipe, os participantes foram:

Quadro 10: Participantes do segundo curso de arbitragem	
Eliana Lucia Ferreira	Universidade Federal de Juiz de fora
Bettina Ried	Escola Superior de Educação Física de Jundiaí
Regina Cunha	Professora de Ballet
Helenice Barbosa de Santana	Escola Superior de Educação Física de Jundiaí
Maria do Carmo Rossler	Professora de Educação Física – Universidade Metodista de Piracicaba
Alessandro de Freitas	Professor de Educação Física – Universidade Metodista de Piracicaba
Saulo	Prefeitura Municipal de Juiz de Fora
Dalmo Jaenicke	Professor de Educação Física – Fundação de Brasília
Suzana	Professora de Educação Física - Fundação de Brasília

**Fonte:** documentos da CBD CR.

Os atletas que se sentiram menos preparados porque não tinham experiência internacional, como os atletas que foram para o exterior no ano de 2004, tiveram a oportunidade ter esse contato com grandes treinadores.

O IV Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas foi realizado no dia 26 de novembro de 2005, na Academia do Comércio de Juiz de Fora.

Após experiência internacional, a dupla baiana Anete e Cabral, destacou-se na competição e conquistou o primeiro título campeões brasileiros na categoria avançada – 5 danças latinas.

Na tentativa de fortalecer a dança esportiva no Brasil, durante esse campeonato de dança esportiva em cadeira de rodas, foi realizada a I Copa Mineira de Dança Esportiva, organizada pela professora e árbitra Bettina Ried.

Embora tal realização só tenha ocorrido uma vez no país, nos eventos internacionais essa parceria é comum, realiza-se a competição de andantes concomitante à competição dos cadeirantes, como acontece em Malta e no México (DIÁRIO DE BORDO).

### 4.3 Ano 2006

No ano de 2006, em parceria com a Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) realizou-se na cidade de Piracicaba – SP, no período de 14 a 17 de junho de 2006, o V Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, bem como o V Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e a mostra artística de dança. O evento da CBDCCR foi incorporada ao 4º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física – UNIMEP e ao 2º Congresso Latino-Americano de Motricidade Humana, diversos cursos e palestras foram ministrados em torno das temáticas. Em especial, três cursos que abordavam a dança em cadeira de rodas, mas não em sua vertente esportiva.

Embora tenha sido discutido pelos membros da CBDCCR, em 2003, que os simpósios seriam realizados a cada dois anos, neste ano foi necessária a organização do mesmo devido à parceria com a referida universidade de Piracicaba. A V Mostra de Dança artística, aconteceu no dia 14 de junho, e fez parte da cerimônia de abertura do evento.

Impulsionados pelo evento do ano anterior, e pela proposta de ampliar o número de adeptos à modalidade, concomitante ao campeonato foi realizada uma competição não oficial com novas duplas, seguindo uma tendência internacional, visualizada pela professora Rute Estanislava Tolocka, na Holanda, o que incentivava o crescimento do esporte.

Fora das regras oficiais de competição, permitiu-se que atletas do mesmo gênero dançassem juntos, não foram cobradas a execução das figuras básicas de cada ritmo e tampouco se julgou a capacidade dos dançarinos de dançarem no ritmo correto; tudo isso para que os mesmos experimentassem

aquele ambiente de competição e pudessem se interessar pela prática do esporte.

Esse modelo não foi repetido, mas foi aprovado recentemente em reunião extraordinária da CBDCR<sup>18</sup> que voltará a acontecer no campeonato de 2011, com a mesma proposta.

Em novembro de 2006, após participação no campeonato brasileiro, no qual obtiveram primeiro lugar, a dupla Anete e Cabral, ainda patrocinados pela PETROBRAS, tiveram a oportunidade de participar novamente do campeonato internacional de Malta - *3th The Malta Open Wheelchair Dancesport Championship*, agora como campeões brasileiros.

A dupla não obteve resultado expressivo e esse pode ser um dos motivos para que esse episódio não tenha sido comentado pelos mesmos. No entanto, a participação desses atletas brasileiros pela segunda vez consecutiva, demonstra a busca pela evidência no cenário mundial e pelo aprendizado.

Mas diferente do ano de 2004, a CBDCR passou a permitir que somente as duplas que ocupassem as três primeiras posições no campeonato pudessem representar o país com a garantia prévia do apoio financeiro. Assim percebemos um novo momento da confederação da modalidade no Brasil.

---

<sup>18</sup> A reunião extraordinária foi realizada em 12 de fevereiro de 2011, com o intuito de discutir as novas diretrizes da dança esportiva em cadeira de rodas.

## **5.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: ESTABILIDADE DO ESPORTE – 2007 e 2008.**

Nestes dois anos sentiu-se uma estabilidade no esporte, por isso CBDCR entendia que era o momento dos grupos e suas instituições assumirem a organização dos campeonatos. Assim criou-se uma configuração um pouco diferente dos eventos anteriores, fora do ambiente universitário e com uma conotação mais esportiva.

### **5.1 Ano 2007**

Nesses dois anos, 2007 e 2008, a CBDCR entendendo que a modalidade já dispunha de certa estabilidade estrutural, parte para uma nova estratégia de organização dos campeonatos. Visto que o esporte era de interesse dos atletas, a confederação buscou parceria com os grupos e atletas, para que os mesmos mobilizassem sua região para a realização dos campeonatos.

Portanto, em 2007, o VI Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, o VI Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e a VI Mostra de dança foram realizados no período de 15 a 17 de novembro de 2007 em João Pessoa no estado da Paraíba, com apoio do Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD.

O simpósio foi realizado com a participação dos profissionais do Brasil, pois acreditava-se que, naquele momento, os técnicos e árbitros já tinham

domínio das técnicas da DECR e eram capazes de transmitir seus conhecimentos, ministrando oficinas.

A mostra de dança aconteceu no dia 16 de novembro de 2007, no Teatro Paulo Pontes – Espaço Cultural, e contou com diversas apresentações dos alunos da FUNAD.

Além disso, os cursos também realizados propunham-se a atender ao interesse local, por isso foram realizadas oficinas sobre diversos temas.

Pela primeira vez, o evento saiu da região sudeste do país, mas nem por isso deixou de ganhar visibilidade. O campeonato ganhou grande atenção da mídia local, porque a dupla do estado da Paraíba era bicampeã brasileira e ainda possuía a fama trazida pela novela. O “Jornal A União” noticiou:

A Paraíba vai sediar a sexta edição do Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. Na oportunidade, poderá sair com a conquista do tricampeonato caso a dupla paraibana Luciene Rodrigues, 51, e Valdemir Tavares, 24 – aquela que ficou nacionalmente conhecida depois que apareceu nas telas das TVs brasileiras, na novela América, exibida em 2005 pela TV Globo, vençam [...] (BRAZ, 2007).

Já no VI Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, do dia 17 de novembro, surge uma dupla do Rio de Janeiro, que apresenta um trabalho técnico. A dupla Viviane Macedo e Valdeci Clemente, ficou em primeiro lugar na categoria avançada – 5 danças, colocando a competição em um nível mais elevado. É importante lembrar que a primeira participação da atleta Viviane aconteceu no campeonato do ano de 2006, quando aconteceu a competição extraoficial. Agora com um novo parceiro, a dupla destacou-se na competição.

Uma observação importante a ser feita, é que nesse ano de 2007, deveria ter havido uma nova eleição, pois terminaria o mandato (2004 -2007) da diretoria. No entanto, a eleição só foi realizada no ano seguinte.

## 5.2 Ano 2008

Seguindo a nova lógica de organização do campeonato, a equipe de Santos assumiu a responsabilidade e realizou, na cidade de Santos – São Paulo, no período de 16 a 20 de julho de 2008, com total apoio da Prefeitura Municipal, o VII Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e VII Mostra de Dança Artística.

A mostra de dança<sup>19</sup> foi realizada no dia 18 de julho no Teatro Coliseu de Santos, contando com um grande público.

Os organizadores desse evento, além de grande interesse na realização do campeonato, contavam com uma ótima infraestrutura, acessível para a recepção dos atletas.

É importante ressaltar que a acessibilidade não se resume à possibilidade de se entrar em determinado local ou veículo, mas na capacidade de se deslocar pela cidade, através da utilização dos vários meios existentes de transporte, organizados em uma rede de serviços e, por todos os espaços públicos, de maneira independente (SANTOS, 2010). Segundo Ferreira (2003) tal realidade não é comum na maioria das cidades brasileiras.

Além de se garantir a mobilidade das pessoas com deficiência pela cidade, também deve ser promovido o acesso a prédios públicos, estabelecimentos de comércio, serviços e áreas de lazer.

Em 2008 nós fomos..., nós conseguimos sediar pela primeira vez o Campeonato Brasileiro em Santos que modéstia parte foi um campeonato maravilhoso, tentamos fazer o máximo que pudemos, foi excelente, eu acho que você deve ter gostado, e, 2006 então nós fomos com uma dupla, 2007 com duas duplas, e 2008 nós apresentamos três duplas no campeonato... em

---

<sup>19</sup> Faz-se importante o relato de que nesse ano houve meu primeiro contato com a modalidade.

2008 nós levamos três duplas, nós tivemos, obtivemos segundo e terceiro lugar na classe três danças e o vice campeonato na classe quatro danças [...] (Alexandre Siqueira).

Passados cerca de sete anos começaram a aparecer novos atletas, que foram treinados pela primeira geração de atletas brasileiros de dança esportiva em cadeira de rodas.

A partir de 2006 os atletas começaram a investir na formação de atletas, transmitindo seus conhecimentos à nova geração de competidores que se apresentou, o que sem dúvidas fortalece a modalidade no Brasil.

E essa consciência de que há necessidade de se iniciar o processo de aprendizagem desde a infância e adolescência, comprova que está havendo uma transformação cultural em torno da prática da dança esportiva em cadeira de rodas.

[...] e aí a gente montou realmente a Cia. Rodas no Salão, primeiro a gente se baseou em... montar o corpo de profissionais, aí conseguimos um psicólogo, um professor de música e uma professora de dança e balé... e dança contemporânea. E aí a gente montou a Cia. Rodas no Salão e aí a gente vem até agora com esse trabalho. E esse trabalho ta sendo bom porque através da dança a gente ta resgatando pessoas pra sociedade de forma que a gente nem imaginava que pudesse acontecer, a gente previa uma melhora na vida das pessoas, mas não tão forte. Pessoas que mal saíam de casa hoje [...]

 (Luis Antônio).

O quadro a seguir ilustra o aumento do número de participantes nesse período e verificamos a permanência dos mesmos na modalidade.



<b>Quadro 11: Número de atletas nas competições</b>		
Edição do Campeonato	Data	Número de Atletas
1° Campeonato	26/novembro/2002	26
2° Campeonato	14/novembro/2003	30
3° Campeonato	18/dezembro/2004	08
4° Campeonato	27/novembro/2005	14
5° Campeonato	17/junho/2006	16
6° Campeonato	17/novembro/2007	14
7° Campeonato	19/julho/2008	20
8° Campeonato	12/dezembro/2009	21
9° Campeonato	09/julho/2010	16

**Fonte:** Documentos da CBDCCR.

A oscilação do número de atletas nos apresenta mais um indício de que a dança esportiva em cadeira de rodas vem se legitimando, e portanto passando por um processo de construção de identidade no país (ROCHA FERREIRA, 2005). A dança esportiva começa a ser introduzida lentamente na cultura das pessoas com deficiência e de seus parceiros andantes.

Para Elias (1976), esse processo de mudança social pode ser entendido como um momento de consideração das figurações sociais, das relações de poder, das emoções e mudanças comportamentais.

Esse processo permitiu que os primeiros atletas formassem uma nova geração de atletas a partir de suas experiências e conhecimento, passando alguns à posição de técnicos esportivos.

Ferreira (2005), diz que:

Ao nos aprofundarmos no estudo da história da dança em cadeira de rodas, percebemos que, aos poucos, ela está desempenhando um papel importante na sociedade e, sobretudo, na vida de cada dançarino. Nesse sentido, a dança, para essas pessoas, é uma forma de perceber o mundo e ser percebido nele; interagir com o mundo e ser nele integrado. Por isso, embora apareça com vestiduras e valores diferenciados, a dança em cadeira de rodas precisa e deve ser desenvolvida em sua plenitude com liberdade e autonomia (p.16).

Neste ano foi realizada a eleição da nova e atual diretoria da CBDCCR (gestão 2008 – 2011), assim constituída:

<b>Quadro 12: Terceira Formação da Diretoria da CBDCCR</b>		
<b>Cargo</b>	<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>
Presidente	Eliana Lucia Ferreira	Professora universitária
Vice-presidente	Luis Antônio Lacerda Barros Cruz	Designer gráfico e bailarino
Secretário Geral	Luciene Rodrigues Fernandes	Professora de dança e atleta
1º. Secretário	Érico Rodrigo Gomes Ferreira	Professor de dança
Tesoureiro Geral	Suzana Quinaud Jaenicke	Professora de educação física
1º. Tesoureiro	Dalmo Jaenicke	Professor de educação física
Diretor de Relações Públicas	Anete Otília Cardoso de S. Cruz	Professora
Conselho Fiscal	Helena Prioste Pimenta	Professora de artes
	Luciana Carla Ramos	Professor de dança
	Maria Beatriz Rocha Ferreira	Professora universitária

**Fonte:** www.cbdcrcr.org.br (2010).

Além desse momento de transformação interna no país, há uma maior participação dos atletas nos eventos internacionais.

Em 28 de outubro de 2008, as duplas da Bahia (Cabral e Anete) e do Rio de Janeiro (Viviane e Luiz Cláudio Passos) participaram do campeonato mundial - *6th World Wheelchair Dancesport Championship*, em Minsk – Bielorrússia.

Essa foi a primeira vez que duplas brasileiras participaram do campeonato mundial. Como a dança esportiva em cadeira de rodas ainda não faz parte dos jogos paraolímpicos, o campeonato mundial é o evento máximo e de maior importância da modalidade. As duplas não apresentaram desempenho expressivos mas inseriram o Brasil em um novo espaço internacional da DECR. E essa troca de experiências e contatos no exterior motivaram as competições no país, as disputas ficam mais acirradas pois há uma melhoria técnica dos atletas.

Ainda em 2008, no mês de novembro as duplas baianas – Cabral e Anete, Marinaldo Santos da Silva e Daniele Oliveira Sousa, marcaram presença no *4th The Malta Open Wheelchair Dancesport Championship* – em Malta.

Assim podemos perceber que, ao longo desses anos, os atletas brasileiros adquiriam mais experiência, passaram a ter mais confiança e investiram nos eventos internacionais. Tais fatos contribuíram para o desenvolvimento das duplas e também para o fortalecimento da modalidade no país. Essas participações contribuíram para o estreitamento das relações institucionais e é isso que verificamos nos próximos anos.

## **6.0 DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: LEGITIMIDADE E SUSTENTAÇÃO – 2009, 2010 e 2011.**

Nesse momento da dança esportiva em cadeira de rodas entendeu-se que o esporte está se desenvolvendo e se tornando uma modalidade legítima no país. Portanto o interesse da CBDCCR foi buscar maior aprimoramento dos atletas para começar a fazer parte das disputas internacionais e do círculo de fomentadores da dança esportiva em cadeira de rodas, no mundo.

### **6.1 Ano de 2009**

A Universidade Federal de Juiz de Fora, centro de estudos da dança em cadeira de rodas, sediou novamente os eventos em parceria com a CBDCCR, no período de 08 a 13 de dezembro de 2009.

A VII Mostra de Dança foi realizada no dia 09 de dezembro, no Teatro Pró-Música, e destacamos nesse evento a participação de um grupo da Universidade Federal de Santa Maria, que se prontificou a colaborar com a CBDCCR, se comprometendo com a organização dos eventos de 2011.

Nesse ano a CBDCCR identificou a necessidade de capacitar e reciclar o seu *staff* de arbitragem, contando assim com a participação de professores internacionais. Os árbitros que participaram do curso e também os novos árbitros que começam a se formar aparecem no apêndice (APÊNDICE C).

Em 2009, o jornal “Tribuna de Minas” noticiou:

O simpósio que começou ontem e segue até domingo, com uma programação que inclui palestras, workshops, mesas redondas e exposições. O objetivo, segundo Eliana, é promover uma discussão a respeito dos indivíduos portadores de quaisquer tipos de deficiência física. Os dançarinos cadeirantes tiveram curso prático de dança esportiva em cadeira de rodas com a professora Pippa Roberts, da Ilha de Malta (Mar Mediterrâneo), conta (POSSANI, 2009).

Internacionalmente, a dupla da Ilha de Malta apresentava um grande crescimento na modalidade e por esse motivo, novamente a professora Pippa Roberts foi convidada para dar continuidade ao curso de capacitação para os técnicos e atletas brasileiros. A professora fez uma análise das duplas brasileiras, durante reunião com os árbitros<sup>20</sup>, e comparando-as com as duplas européias, confirmou:

[...] O potencial é imenso, eu fiquei muito impressionada, embora eu tenha visto muitos problemas. Outra coisa também é a técnica dos parceiros andantes, há 12 ou 15 anos atrás, vocês estariam no topo, mesmo com a dança que vocês têm atualmente. Mas agora na Europa e no mundo, o andante tem se tornado bem mais treinado, o cadeirante também tem treinado mais. Portanto, o padrão é muito, muito alto. Porque os países usam competidores, dançarinos andantes que já competem, e essa experiência não tem valor [...] (ROBERTS, 2009).

Neste evento contou-se também com a presença da classificadora funcional do IPC – Dorit Sharet<sup>21</sup> – de Israel. A necessidade de trazer a classificadora funcional teve um ponto fundamental, o fato de que a classificadora funcional brasileira, Rute Estanislava Tolocka, qualificada para

---

<sup>20</sup> Como árbitra da CBDCCR em formação, pude participar da reunião, com autorização para filmar e utilizar as transcrições e anotações na pesquisa. As professoras internacionais Pippa Roberts e Dorit Sharet, responderam às dúvidas dos presentes.

<sup>21</sup> Classificadora funcional do IPC.

tal função, desligou-se das atividades da CBDCR, por motivos pessoais. Isso como consequência, acumulou um grande número de novos atletas sem classificação funcional oficial.

A participação de Dorit permitiu que estudantes de pós-graduação de educação física se aproximassem dos conhecimentos dessa atividade<sup>22</sup>, assistindo a classificação dos atletas, fotografando e filmando, mas a mesma fez considerações:

[...] Geralmente tirar foto, fazer vídeo não é permitido. Geralmente nenhuma pessoa pode ficar lá, nem alunos (escrevendo). Mas eu acho assim quanto mais você aprende você pode fazer melhor, e quanto melhor você faz você pode ensinar também fazer aquilo. E é importante desenvolver isso no país de vocês. Se fosse o IPC, sem câmera, sem pessoas escrevendo, conversando. Mas é bom vocês aprenderem [...] (SHARET, 2009).

Essa abertura internacional permitiu a aquisição de conhecimento que era buscada pelo Brasil desde 2002, mas isso só ocorreu anos mais tarde com a participação de Dorit Sharet.

Aproveitando o momento de flexibilidade, os pesquisadores da DCER solicitaram à classificadora, a oportunidade de realizar uma pesquisa durante o mundial de 2010. Esse pedido não é negado, mas fomos orientados a começar em eventos menores, como por exemplo, o aberto de Malta. Mas fica evidente a valorização da pesquisa brasileira (DIÁRIO DE BORDO) e reafirma o Brasil como mais um país que desenvolve esta modalidade, constituindo assim como membro o IPC.

Temos também nesse ano mais uma participação internacional, a dupla Anete e Cabral. Dessa vez na Copa dos Continentes, na Bielorrússia,

---

<sup>22</sup> Enquanto aluna do curso de mestrado da UFJF participei da classificação funcional dos atletas, junto com o professor de Educação Física Otávio Rodrigues de Paula.

representando o país em um novo cenário. Essa ousadia dos atletas brasileiros resulta em futuras relações da CBDCCR com outros países.

## **6.2 Ano 2010.**

No ano de 2010 temos um novo cenário e importante passo na história da dança esportiva no Brasil.

O IX Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas em 09 de julho deste ano foi realizado novamente na cidade de Santos – SP. E também a IX Mostra de Dança Artística, no dia 10 de julho no Teatro Coliseu.

Como vimos anteriormente, a equipe de Santos começou a investir no treinamento de novos atletas, principalmente pelo trabalho desenvolvido na escola municipal. Em função disso, nesse ano, foi criada no campeonato a categoria juvenil, devido à demanda desse público, o que nos mostra que temos no país uma terceira geração de atletas que vêm despontando no cenário esportivo da dança, ainda que de forma discreta.

Na reunião da CBDCCR foi discutido que a confederação precisava assumir novas ações para motivar os atletas brasileiros a investirem no campeonato nacional. A ausência da equipe baiana nesse campeonato, bem como ausência da dupla carioca na mostra de dança, demonstrou que o campeonato brasileiro precisaria ser fortalecido, já que os grupos estabeleceram uma relação internacional independente do resultado nacional e da CBDCCR.

A partir da decisão tomada no congresso técnico pelos sócios presentes de unificar esforços para impulsionar da DECR, a CBDCCR se propõe a levar os campeões brasileiros ao campeonato mundial de dança esportiva, no mês de novembro, desse mesmo ano, assumindo algumas responsabilidades financeiras.

Por isso a dupla Viviane e Luiz Cláudio, campeões brasileiros na categoria cinco danças latinas, que já tinham uma experiência internacional foram para Hannover na Alemanha, para representar o país, com o apoio da Universidade Federal de Juiz de Fora, através da CBDCCR.

A dupla vice-campeã, Alexandre Aguiar Siqueira e Adelina Perez, também participou desse mundial, mas como aconteceu nos anos anteriores, as despesas foram arcadas por patrocinadores. A TV Tribuna não só patrocinou a dupla como enviou dois jornalistas para fazer a cobertura do evento.

A TV Tribuna noticiou após o campeonato:

Além dos dançarinos da Secretaria Municipal de Cultura de Santos, Alexandre e Adelina, representaram o país os atuais campeões brasileiros, Viviane Pereira Macedo e Luiz Cláudio da Silva Passos, do IBDD (Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência), que ficaram em 20º no mundial. Para participarem da competição, os quatro atletas contaram com o apoio da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, e incentivos da Universidade Federal de Juiz Fora, da TV Tribuna, afiliada Rede Globo na Baixada Santista e Vale do Ribeira, e da Merck Brasil (OLIVEIRA, 2010).

Devido à participação no campeonato mundial do ano de 2008, o Brasil passou a fazer parte do grupo de países que desenvolvem a DECR, e passou a ser membro da sociedade internacional da modalidade. Por isso, o país foi convidado a participar do Fórum Mundial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, com direito a voz e voto e, para tal participação, o CPB indicou a



presidente da CBDCCR – Eliana Lucia Ferreira, para representar o Brasil, que foi acompanhada da conselheira fiscal da CBDCCR, Maria Beatriz Rocha Ferreira.

Toda modalidade após seus campeonatos mundiais reúne representantes dos países participantes para discutir as diretrizes da modalidade. O Fórum Internacional de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, organizado pelo IPC, tem o objetivo de trazer atualizações, levantar discussões e definir ações da modalidade para os próximos anos.

Tratou-se de novas regras, *ranking* e futuros eventos do IPC. E quanto aos futuros passos da dança esportiva em cadeira de rodas foram votados pelos delegados de cada país. Portanto, pela primeira vez, os atletas brasileiros foram acompanhados de uma delegação da CBDCCR.

A questão da falta de árbitros na América foi apresentada no fórum, pois em toda América Latina, não há árbitros credenciados pelo IDSF.

Para sanar esta situação o México buscou apoio no IPC para realizar cursos de preparação de árbitros. A proposta foi que após três cursos, pode-se certificar os participantes como árbitros training reconhecidos pelo IPC reconheceria os árbitros buscando assim amenizar essa situação. Atentos a essa oportunidade três árbitros brasileiros participaram do curso em 2010.

Em um novo momento, a CBDCCR enquanto entidade que fomenta a dança em cadeira de rodas no Brasil, começou a se fazer presente no cenário internacional, tanto nesse papel de entidade quanto no papel de grupo que desenvolve pesquisas na área, em parceria com a UFJF.

Assim, no mês de dezembro três pesquisadoras brasileiras são autorizadas a realizar uma coleta de dados para uma pesquisa no decorrer do *5th The Malta Open Wheelchair Dancesport Championship*, então nos dias 27 e 28 de dezembro pesquisadoras participam do evento, com parte das despesas financiadas pela UFJF.

Nesse momento diversos professores e atletas se prontificam a vir para o Brasil para ministrar cursos e também para uma troca cultural, pois embora

os atletas brasileiros não se destaquem na técnica, há um diferencial na forma de dançar, e isso é de interesse dos demais países.

Percebe-se aqui uma credibilidade aos estudos brasileiros e também o interesse dos grupos internacionais para impulsionar estudos nessa área, considerando que nos países europeus e no mundo, as pesquisas nessa modalidade ainda não acontecem.

O interesse da CBDCCR estava voltado para a realização de pesquisas científicas e fortalecimento das relações internacionais preestabelecidas no mundial de dança. Ainda com esses objetivos a CBDCCR incentiva a participação de três árbitras<sup>23</sup> no *4º Curso Nacional de Danza Desportiva sobre Silla de Ruedas*, realizado no México, de 12 a 17 de dezembro de 2010.

Dentro deste contexto podemos ver que essa modalidade está se fortalecendo no Brasil e no mundo, e mesmo que os atletas brasileiros ainda não ocupem posições de destaque nas competições, eles começam a transformar o esporte típico da cultura europeia em algo cultural no país.

O ano de 2010 trouxe muitas experiências, tanto para os atletas quanto para os pesquisadores por isso foi necessária a reunião extraordinária da CBDCCR, para discutir as diretrizes da modalidade e tomada de decisão sobre algumas ações em torno da modalidade. Entre elas apontamos o interesse da direção da CBDCCR em implantar o estilo *duo dance* no país, algumas normas foram instituídas para a participação internacional dos atletas e a organização do próximo campeonato brasileiro.

Para ano de 2011, a Universidade Federal de Juiz de Fora estabeleceu parcerias com a Universidade Federal de Santa Maria, para juntas darem continuidades as ações da CBDCCR.

É importante ressaltar que outras ações estão sendo estabelecidas como: participação na feira Reatech, realização do curso de extensão de dança esportiva em cadeira de rodas (na modalidade a distância), realização de

---

<sup>23</sup> Árbitras: Maria do Carmo Rossler de Freitas, Regina Cunha e Michelle Aline Barreto.

cursos práticos de DECR com professores internacionais, organização do II Encontro de Acessibilidade e coleta de dados na Copa dos Continentes de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas na Rússia.

## **7.0 ANÁLISE E DISCUSSÃO**

### **7.1 Ações e atores da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil.**

A implantação da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil, vem de um logo processo de construção e dedicação de alguns professores de educação física que se destacaram como atores no desenvolvimento desta modalidade como veremos a seguir:

1 - O trabalho inicial de estudos da dança em cadeira de rodas realizado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) estimulou e embasou outros grupos de dança e trabalhos de pesquisas sobre o tema, sendo o ponto de partida, dos primeiros estudos de pós-graduação.

Apolônio Abadio do Carmo – este professor se destaca no cenário acadêmico como pesquisador da área de Educação física e pessoas com deficiência. Baseado nas suas pesquisas o mesmo orientou os primeiros estudos acadêmicos de dança em cadeira de rodas. Foi ele, que, em 1994,

através da universidade e de um centro de intercâmbio acadêmico, trouxe ao Brasil a professora Gertrude Krombholz, pesquisadora de dança em cadeira de rodas da Universidade de Munique, que incentivou a busca por avanços na dança em cadeira de rodas no Brasil.

2 – É importante mencionar que à partir do ano de 1990, sob a orientação do professor Apolônio iniciou-se o primeiro estudo científico de dança em cadeira de rodas na literatura.

Eliana Lucia Ferreira – estudante do curso de Educação Física da UFU foi a primeira aluna de iniciação científica sobre dança em cadeira de rodas. Seus estudos foram aprofundados através de dois cursos de especialização ainda orientados pelo mesmo professor. A pesquisadora motivada a estudar dança em cadeira de rodas, uma área que até então não tinha nenhum referencial teórico específico dessa modalidade na literatura científica, buscou respaldo no curso de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas, instituição que naquele momento que se destacava nas pesquisas em Educação Física Adaptada.

3 – Maria Beatriz Rocha Ferreira – professora da UNICAMP, apostando em novas propostas de pesquisas, iniciou o trabalho de orientação da professora Eliana no curso de mestrado e posteriormente no curso de doutorado sobre dança em cadeira de rodas. Estas pesquisas tornaram-se referenciais para os novos estudos que se iniciaram por outros pesquisadores. E foi a professora Maria Beatriz que esteve à frente da organização dos simpósios internacionais de dança em cadeira de rodas de 2001 e 2002, reunindo naquele momento, profissionais para discutir o tema.

4 - Sérgio Coelho de Oliveira – esteve presente no I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e por sua experiência no esporte paraolímpico e conhecimento da legislação esportiva, foi ele quem apontou a possibilidade de constituir uma confederação de dança para abarcar os anseios dos diversos grupos de dança no Brasil presentes no evento. O mesmo

orientou e auxiliou no processo de constituição do estatuto e registro da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas.

5 – Rute Estanislava Tolocka – com doutorado em educação física adaptada e por sua experiência profissional em atividade física para pessoas com deficiência, foi fundamental para se instituir enquanto classificadora funcional de DECR.

6 – Bettina Ried – professora de dança de salão e de educação física, por sua experiência e sua nacionalidade alemã, contribuiu no processo de arbitragem da modalidade e na aprendizagem dos de passos básicos.

Além desses atores, é importante citar outros professores da área de Educação Física Adaptada que tiveram sua importância no desenvolvimento dessa modalidade: professor Dr. Marco Túlio de Melo, professora Dra. Elizabeth Matos, professora Dra. Vera Aparecida Madruga Forti, Ms. Sigrid Bitter, professora Dra. Márcia da Silva Campeão, entre outros.

É importante mencionar a participação de alguns grupos de dança em cadeira de rodas que consideramos, aqui, como pioneiros da DECR no Brasil, são eles: Companhia de Dança Rodas no Salão, Grupo Roda Vida, Grupos Fases da Lua, Studio Dança em Cadeira de Rodas e Grupo Artes sem Barreira.

A proposta da CBDCR atraiu principalmente os grupos que eram considerados grupos processos pelo VSA, que encontram respaldo e apoio, e se tornaram adeptos da modalidade e membros da instituição, inclusive ocupando cargos na diretoria.

No entanto, sem a aceitação e investimento desses grupos, a modalidade não teria se consolidado e desenvolvido no país. E são os membros dessas equipes que, hoje, estão formando os novos atletas da modalidade.

Ai de repente a gente criou uma escola. Começou com duas alunas, eu ajudei, ela que criou, eu ajudei a trabalhar com as duas alunas. Hoje a gente chega em 2009 com mais de 20 alunos inscritos, com um grupo muito grande desde criança até..., ahh..., a gente diria a terceira idade também da dança em cadeira de cadeiras de rodas. (Alexandre).

É importante ainda destacar que a parceria: dança em cadeira de rodas, CBDCR, universidade e instituições, foram proporcionados pelos personagens acima citados que permanecem até hoje, buscando o desenvolvimento acadêmico e esportivo da dança em cadeira de rodas no Brasil.

## **7.2 A relação de instituições e a dança esportiva em cadeira de rodas.**

Como se viu neste trabalho, a DECR nasceu de esforços de grupos de dança com apoio de professores universitários. Sendo assim, a seguir apresentaremos as principais instituições que apoiaram e incentivaram o desenvolvimento da dança esportiva em cadeira de rodas e suas ações.

### **Ação 1 – As universidades e os eventos científicos**

O fato de a modalidade ter sido apresentada ao Brasil dentro de um evento científico em uma instituição de ensino, possibilitou que seu desenvolvimento fosse amparado por outras faculdades e universidades, ao longo de sua história.

Os simpósios organizados para discutir a dança em cadeira de rodas proporcionaram não só o desenvolvimento prático desta modalidade tanto

como arte ou esporte. Estes se configuraram como um local de discussão da dança em cadeira de rodas que envolveu pesquisadores de diversas áreas. E a cada ano abarcam novos adeptos.

O quadro abaixo demonstra a relação das atividades científicas com as atividades de capacitação de recursos humanos:

<b>Quadro 13: Eventos de dança em cadeira de rodas e as parcerias com as universidades</b>								
Simpósios Ano	I 2001	II 2002	III 2003	IV 2005	V 2006	VI 2007	VII 2009	VII 2011
Realização	UNICAMP	UNICAMP E CBDRC	Univ. Brás Cubas, Faculdade do Clube Náutico Mogiano e CBDRC	UFJF E CBDRC	UNIMEP E CBDRC	CBDRC E FUNAD	UFJF E CBDRC	UFJF E CBDRC
Produção de material científico	Anais	Anais 2 livros	Anais 2 livros	Anais 2 livros	Anais 1 livro	Não houve	Anais	
Professores ministrantes de cursos	Herbert Hausch	Herbert Hausch; Miriam de Hass	Herbert Hausch	Pippa Roberts Iwona Ciok Wlodzimmierz Ciok	---	---	Pippa Roberts Dorit Sharet	

**Fonte:** Anais dos simpósios e documentos da CBDRC. Tabela elaborada pela autora.

Vale ressaltar que a CBDRC sempre estimulou e incentivou a participação ativa dos atletas nos eventos científicos. Isso influenciou vários atletas a buscarem formação acadêmica na área e até desenvolverem estudos sobre a dança em cadeira de rodas, como podemos ver nos trechos das entrevistas a abaixo:

Aí eu comecei a falar, olha eu tinha muita vontade de entrar no mestrado, muuuuuita, né? E aconteceu na minha vida de entrar. Aí eu falei o que eu gostaria de pesquisar, o que a matemática tinha na dança em cadeira de rodas, porque tem muita matemática. E do nada ele começou me incentivar, aí professor começou me perguntar, você vai pesquisar o que? Aí começaram fazer perguntas justamente pra eu fechar, afunilar aquilo que eu queria. Aí falaram pra mim: daria um ótimo trabalho, tente fazer! (Anete).

E eu como professora, fui bastante contaminada, fiz o curso de Educação Física que estou terminando em 2010, buscando o mestrado, buscando o doutorado, buscando talvez, chegar numa plataforma, de todo esse tempo de experiência prática, de técnica, poder realmente construir a história científica do início da minha história, entendeu? (Luciene).

Então a dança abriu essa porta, uma das portas que mais.... mais legais que dança me abriu hoje foi a faculdade. Me abriu os olhos e me abriu portas também pra fazer faculdade... E um sonho pra mim... e é um sonho, uma realização muito mais pra minha mãe. E eu to na faculdade, to formando acho que daqui a um ano e meio ainda, fisioterapia, e sou um futuro fisioterapeuta, bem breve (Waldemir).

É importante notar que a CBDCR sempre esteve envolvida e envolveu seus atletas com o meio universitário.

## Ação 2 – Incentivo dos órgãos de fomento

A parceria com as universidades proporcionou a CBDCR uma postura diferenciada das demais confederações esportivas. Possibilitou a organização de um simpósio com respaldo científico e com a participação de profissionais renomados da área da Educação Física.

Outro benefício dessas parcerias é a possibilidade de buscar financiamento nos órgãos de fomento à pesquisa, e ao longo desses anos essa



foi a solução encontrada pela CBDCCR, para fomentar essa modalidade. Em 2001 o simpósio foi financiado pelo CNPq, e os cursos de capacitação pelo Ministério do Esporte e Turismo. Isso é possível porque a CBDCCR é uma instituição responsável pela administração do esporte.

Esta relação vem se repetindo conforme pode ser verificado no quadro abaixo:

<b>Quadro 14: Órgãos financiadores dos eventos</b>		
Ano	Órgão financiador do evento científico	Órgão financiador de cursos de capacitação e competições
2001	CNPQ	Ministério dos Esportes e Turismo
2002	Ministério dos Esportes e Turismo	Ministério dos Esportes e Turismo
2003	Ministério dos Esportes e Turismo	Ministério dos Esportes e Turismo
2004	---	Clube dos Paraplégicos de São Paulo
2005	FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais	Governo Federal – através da UFJF
2006	FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; CNPq; CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior Universidade Metodista de Piracicaba.	Ministério dos Esportes e Turismo
2007	Governo Estadual da Paraíba	Governo Estadual da Paraíba
2008	---	Governo Municipal de Santos
2009	FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais	Governo Federal – através da UFJF
2010	---	Governo Municipal de Santos

**Fonte:** anais dos simpósios e documentos da CBDCCR.

O que podemos ver é que a parceria CBDCCR e universidades, para a realização dos eventos científicos, artísticos e esportivos, foi de extrema importância. Foi por meio de projetos de professores/atores envolvidos com a academia que foi possível angariar verba para os eventos, inclusive financiamento para trazer professores de outros países para desenvolver a técnica da dança esportiva em cadeira de rodas.

Uma outra contrapartida dessas relações, principalmente com os programas de pós-graduação das universidades, foram as publicações de livros de distribuição gratuita. A CBDCCR, ao longo desses anos, publicou os seguintes livros sobre dança em cadeira de rodas:

- 2002 - Interfaces da dança para pessoas com deficiência (2002);
  - Dança em cadeira de rodas: o movimento dos sentidos na linguagem não verbal
- Subsídios para competições oficiais de dança esportiva em cadeira de rodas (2003);
- Dança artística e esportiva para pessoas com deficiência: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal (2005);
- Corpo – movimento – deficiência: as formas do discurso da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação (2005);

Atualmente o Brasil se desponta na literatura científica através do seguinte acervo: livros, dissertações e teses, artigos científicos e materiais didáticos, que descrevem sobre a dança em cadeira de rodas com diversos enfoques.

Também as linhas de pesquisa das universidades se aprimoraram e abriram oportunidades para o desenvolvimento de trabalhos outros sobre a dança em cadeira de rodas, criando assim um aparato teórico de discussão, destacando-se no cenário internacional. Sendo assim esse aparato teórico fomenta a dança em cadeira de rodas no Brasil.

O site da CBDCCR, criado em 2003, tem sido um meio de divulgação da dança em cadeira de rodas, pois além de divulgar as atividades dessa modalidade, disponibiliza as publicações científicas, permitindo que todos possam ter acesso aos materiais produzidos.

Durante a realização desse trabalho uma das propostas era organizar e atualizar o site da confederação, que até o ano de 2009 se encontra desatualizado e sem funcionamento efetivo.

É importante ressaltar que muitos dados desta pesquisa foram buscados nesse site, e em contrapartida foi a partir dessa pesquisa que esse site foi atualizado.

Ação 3 – Parcerias com instituições de desenvolvimento do esporte adaptado no país.

No Brasil, por volta de 2000, havia um universo propenso ao desenvolvimento de modalidades esportivas para pessoas com deficiência. Os esportes eram desenvolvidos por associações.

Para a implantação a dança esportiva em cadeira de rodas contava com os seguintes acontecimentos que facilitaram seu desenvolvimento: havia diversos grupos de dança artística em cadeira de rodas espalhados pelo país; o estudo de mestrado da professora Eliana, que retratava e levantava o desenvolvimento dessa prática e apontava a necessidade de discutir a dança em cadeira de rodas; e também o apoio de diversas instituições e associações que desenvolviam outras modalidades esportivas em cadeira de rodas.

Dentre as instituições espalhadas pelo Brasil, destacamos algumas que foram sócias fundadoras e incentivadoras da CBDCCR:

- ABRADecAR – que apoiou a divulgação e organizou o I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas.

- ANDE – que esteve presente no simpósio citado, apoiando a instituição da CBDCCR.
- FUNAD – que apoiou e desenvolveu a dança esportiva em cadeira de rodas no estado da Paraíba;
- CPSP – em 2004, assumiu a organização do campeonato e tinha uma equipe bastante numerosa em relação às demais;
- CPB – embora não reconheça a DECR integralmente, hoje apóia o desenvolvimento da modalidade, mesmo sem financiar o esporte;

Essas instituições apoiaram e ampararam o esporte cada uma a seu modo, mas todas contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento da dança esportiva em cadeira de rodas.

#### Ação 4 – A influência da mídia

A CBDCCR, bem como os organizadores, sempre buscaram divulgar a DECR e seus eventos. As reportagens analisadas nos permitem entender o quanto era inusitado a dança em cadeira de rodas, nos anos iniciais da confederação. Os atletas eram vistos como vencedores somente pelo fato de conseguirem dançar, e não por serem atletas e por isso campeões. Veja a citação do jornalista a seguir:

Muitas pessoas com algum tipo de necessidade especial possuem talento e, mais que isso, força de vontade para desenvolver atividades físicas e artísticas...(BIANCARELLI, 2003).

Mas também foi essa mesma mídia que, anos mais tarde, em uma postura diferente, em 2005, leva a dança em cadeira de rodas para uma novela da televisão brasileira. Essa ação fez com que a modalidade alcançasse as mais diversas regiões do país e o mais importante, trazia à tona as questões de inclusão das pessoas com deficiência.

De um modo geral, a mídia tem auxiliado na difusão da dança em cadeira de rodas no país e na promoção da inclusão. Vale aqui uma observação, embora já tenha sido discutido no texto, o quanto esse reconhecimento através de jornais, revistas, novelas e programas de televisão significa para as pessoas com deficiência.

### **7.3 Dificuldades, desenvolvimento e evolução da dança esportiva em cadeira de rodas.**

Desde 2001 quando foi apresentada a técnica da dança esportiva em cadeira de rodas aos dançarinos brasileiros, esse esporte vem transformando social e culturalmente os indivíduos envolvidos com a modalidade, e se transformando de forma a se adequar à realidade do país.

Em um quadro diferente dos demais países, a dança esportiva em cadeira de rodas não se desenvolveu no Brasil a partir das competições de dança esportiva. Pois a prática oficial de competições de DECR são anteriores às competições de dança esportiva para andantes.

Isso dificultou e ainda dificulta a implantação do esporte, pois houve dificuldade de entendimento dos profissionais da dança sobre o que seria a dança esporte. E por isso os coreógrafos brasileiros, talvez por desconhecimento, não tiveram interesse em desenvolver a dança esportiva em

cadeira de rodas, o que também pode justificar o pequeno número de adeptos à modalidade (FERREIRA, 2003).

Nesse momento podemos nos remeter a discussão do entendimento da dança como arte e dança como esporte. Para Ferreira (1998) uma das formas mais antigas de expressão artística, a dança pode ser considerada desde uma modalidade esportiva, um tipo de manifestação cultural até um novo estilo de terapia. Embora muitas pessoas adotem essa concepção, outras defendem a dança apenas como arte.

Tolocka (2005) afirma que a dança esportiva em cadeira de rodas deve ser entendida dentro uma perspectiva européia, que é a cultura de origem do esporte. E ainda diz que para esse esporte torne-se cultural no país é necessário um tempo, para que as pessoas conheçam e entendam essa prática.

Outro fator complicador para o desenvolvimento da DECR é que essa modalidade é administrada internacionalmente pelo IPC e pelo Subcomitê Técnico de Dança Esportiva, que incorpora as regras da International Dance Sport Federation (IDSF).

Por isso nas competições que são administradas pelo IPC, como os campeonatos mundiais e europeus, a arbitragem é feita exclusivamente pelos árbitros da IDSF (IPC, 2010).

Quatro anos após a fundação da CBDCR, foi então criada Confederação Brasileira de Dança Esportiva (CBDance) foi fundada em 18 de junho de 2005, segundo ata de fundação (ANEXO F). Embora esta instituição já esteja em seu sexto ano, a mesma não tem seu *staff* de arbitragem reconhecido pela IDSF.

E hoje ainda ocorre dessa maneira, os árbitros ainda buscam qualificação no exterior e não na confederação de dança esportiva do Brasil, pois a mesma não tem árbitros internacionalmente reconhecidos e com experiência com dança em cadeira de rodas.

Essa situação torna-se um impasse para o Brasil, pois os árbitros da dança esportiva em cadeira de rodas do país, não são reconhecidos pelo IPC, uma vez que não são árbitros da dança esportiva filiados a IDSF.

Normalmente, o que se vê é que os atletas andantes do Brasil, iniciaram suas práticas na dança esportiva a partir da experiência com os cadeirantes. Certamente pela dança esportiva não ser cultural no país e também por questões que passam pela inclusão das pessoas com deficiência.

Tanto que nas participações internacionais dos atletas brasileiros, as críticas feitas recaem principalmente sobre a baixa qualidade técnica dos andantes, o que prejudica fatalmente a dupla (DIÁRIO DE BORDO).

Uma forma de sanar essa dificuldade é investir na formação técnica dos andantes, trazendo professores com experiência, mas que não tenham foco no desenvolvimento do cadeirante, como tem ocorrido ao longo desses anos. Os atletas brasileiros não convivem rotineiramente com competições de dança esportiva, por isso há dificuldade de se incorporar essa cultura.

Algo que nos chamou atenção nos eventos internacionais, e a partir de então inserimos como tópico de análise dessa pesquisa, refere-se às roupas utilizadas pelos atletas.

Embora haja regras que orientem sobre a vestimenta (RIED et al., 2003), o padrão de beleza, luxo e estilo, que há nessas competições mostra que os atletas brasileiros destoam muito da realidade internacional (DIÁRIO DE BORDO). Vide páginas 38 a 43.

Por isso a sequência de fotografias apresentada como *corpus* de análise, foi criada, também com o objetivo de visualizar a evolução dos figurinos dos atletas brasileiros.

Foi possível verificar que os modelos, maquiagens e cores dos figurinos dos atletas vêm evoluindo ao longo dessa história dos campeonatos, mas pouco se comparam aos padrões internacionais. Principalmente se comparáramos os valores de tais figurinos.

Em uma visão ampla do desenvolvimento, sustentação e evolução da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil, podemos dizer que esta vem evoluindo e conquistando gradativamente novos adeptos.

As relações entre pesquisadores que se engajaram no desenvolvimento do esporte, universidades e instituições são de grande importância para a real incorporação do esporte à cultura brasileira. E embora haja dificuldade para tal, os atletas brasileiros e a CBDCCR, mostraram ao longo desses anos grande interesse na solidificação da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil.



## CONCLUSÃO

A partir de toda a reconstrução da história da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil, foi possível entender como essa modalidade se manteve e se mantém como prática no país. A dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil apresentou uma história diferente dos demais esportes adaptados, pois seguiu sua trajetória mesmo sem efetivos financiamentos dos órgãos de fomento dos esportes.

É possível identificar o marco zero da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil e a partir daí o caminho que foi trilhado pelo esporte buscando subsídios nas instituições de ensino. Essa estratégia foi uma opção que permitiu o desenvolvimento da modalidade. A Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, prevendo em seu estatuto, se constituiu ao longo desses anos, mantendo suas relações com as universidades, baseados na experiência dos primeiros simpósios de dança.

Percebe-se que a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas sofre influência direta de sua presidente Eliana, e por isso conseguiu manter-se com o respaldo de instituições de ensino. Embora seja difícil imaginar como estaria o esporte em outra circunstância.

Acreditamos que até que essa modalidade se torne um esporte paraolímpico, e receba financiamento do Governo Federal essas relações devem ser mantidas e aprimoradas, principalmente buscando-se convênios que garantam formalmente esse apoio, através da realização de eventos científicos e de pesquisa.

Outro passo importante dado pela confederação foi a busca por relações internacionais enquanto instituição. Isso garantiu o reconhecimento do país pelo IPC, como um fomentador da modalidade. E uma das formas para se chegar a esse cenário internacional foi buscando recurso para realizar

pesquisas no exterior, mais uma vez nos mostrando o quanto é importante essa parceria com as universidades.

Essa situação foi minimizada devido à ousadia das duplas brasileiras, principalmente Anete e Cabral, que se aventuraram no exterior mostrando o trabalho do Brasil, e também pela relação acadêmica que se criou entre o International Paralympic Committee e os pesquisadores do Brasil, o que mais uma vez comprova que as pesquisas alavancam o esporte no país.

O que se viu em um contexto geral é que o Brasil pode se desenvolver dentro da modalidade, mas o que é urgente para o país é buscar novos adeptos para a prática do esporte e qualificar os andantes.

É necessário investir na formação de novas equipes e também novas duplas, pois os atletas que iniciaram seus trabalhos em 2001, hoje já não têm potencial para se desenvolverem nos níveis em que a modalidade exige atualmente.

E finalmente, é importante mencionar que o reconhecimento da dança esportiva em cadeira de rodas pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro, irá alavancar essa modalidade assim como ocorreu em outros esportes. E enquanto academia, a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas deve incentivar e apoiar as pesquisas científicas aprimorando o esporte e sendo reconhecida internacionalmente também pelas pesquisas desenvolvidas.

Também neste sentido é preciso incentivar esses atletas brasileiros a desenvolverem um trabalho interno em seus clubes, estados e também no país, pois eles têm grande experiência, e serão os responsáveis pela manutenção e perpetuação da dança esportiva em cadeira de rodas.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Alzira Batalha. **O Ensino de História Tradicional: Um Muro Já Transposto?** Niterói: Faculdade de Educação da UFF, 1995.

BARRETO, Michelle Aline, FERREIRA, Eliana Lucia. Participação de atletas na dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil. In: **III Congresso de Ciência do Desporto – II Simpósio Internacional de Ciência do Desporto. Campinas**. Anais... Campinas/ SP: FEF/UNICAMP, 2009.

BERNABÉ, Rosângela. **Dança e deficiência: uma proposta de ensino**. 2002. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas.

BIANCARELLI, Aureliano. Dança propõe novo olhar sobre deficiente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.6. 28 nov. 2002.

BIANCARELLI, Aureliano. Grupos fazem mostra de dança em cadeira de rodas durante simpósio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 nov. 2003. Cotidiano, p.6.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**, SP: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei nº 8.672**, de 6 de julho de 1993.

BRASIL. **Lei nº 9.615**, de 24 de março de 1998.

BRAZ, Patrícia. JP sedia campeonato de dança em cadeira de rodas. **Jornal A União**. João Pessoa, 14 nov. 2007. Cultura. Disponível em: [http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com\\_content&task=view&id=11984&Itemid=35](http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=11984&Itemid=35). Acessado em: 21/12/2010.

CARMO, Apolônio Abadio do. Aspectos Históricos, Filosóficos e Sociológicos da Deficiência. In: FERREIRA, Eliana Lucia. (Org.). **Atividade Física para Pessoas com Deficiência Física: aspectos sócio-culturais da deficiência**. Juiz de Fora: Editora UFJF, vol.1. p.25-9. 2008.

CARMO, Aplônio Abadio. Inclusão escolar e Educação Física: que movimentos são estes? In: **Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Campinas. Anais...Campinas/ SP: UNICAMP, 2001.

COSTA, Alberto Martins. de; SOUSA, Sônia Bertoni. **Educação Física e Esporte Adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio, 2004.

COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: [www.cpb.org.br](http://www.cpb.org.br). Acessado em: 25 de julho de 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. Disponível em: CBDCCR, <http://www.cbdc.org.br>. Acessado em: 19 de maio de 2010.

CUNHA, Maria Auxiliadora Terra. **A utopia da aventura em cadeira de rodas: um imaginário da dança como (re)descoberta das linguagens corporais**. 2004. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação Física – Universidade Gama Filho. São Paulo.

CRUZ, Anete Otília Cardoso de Santana. **Simetria na dança: vestígios matemáticos na prática da dança esportiva em cadeira de rodas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) — Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

DE PAULA, Otávio Rodrigues. **Intensidade de esforço na competição de dança esportiva em cadeira de rodas**. 2010. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física e Desportos – Universidade Federal de Juiz de Fora.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1976.

FERREIRA, Eliana Lucia. **Dança em cadeira de rodas: os sentidos da dança como linguagem não verbal**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

\_\_\_\_\_. Dança em cadeira de rodas: uma proposta de desenvolvimento de dança para pessoas portadoras de deficiência física. In: **Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Campinas. Anais...Campinas/SP: Rvieira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Corpo-movimento-deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

\_\_\_\_\_. Corpo Possível. In: FERREIRA, Eliana Lucia (org.). **Dança Artística e Esportiva para Pessoas com Deficiência: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal**. 1ª ed., Juiz de Fora, MG: CBD CR, 2005.

\_\_\_\_\_. Dança em Cadeira de Rodas. In: FERREIRA, Eliana Lucia (Org.). **Atividade Física para Pessoas com Deficiência Física: aspectos sócio-culturais da deficiência**. Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, p. 153-272, 2008.

\_\_\_\_\_. Práticas Corporais Inclusivas. In: FERREIRA, Eliana Lucia (Org.). **Esportes e Atividades Físicas Inclusivas**. Niterói: Intertexto, vol. 4, p. 119 – 257, 2009.

\_\_\_\_\_. Dança em Cadeira de Rodas. In: FERREIRA, Eliana Lucia (Org.). **Atividade Física, Deficiência e Inclusão Escolar**. Niterói: Intertexto, vol.5, p.15-140, 2010.

FERREIRA, Eliana Lucia; ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. **A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas**. Revista Brasileira de Ciência & Movimento, São Caetano do Sul, v.12, n. 4, p. 13-17, 2004.

FERREIRA, E. L.; CARMO, A. A. Dança moderna para pessoas com deficiência física: uma proposta de montagem coreográfica. In: **Congresso Latino Americano de Esportes, Educação e Saúde do Movimento Humano**, 3. 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. TOPOI. Revista de história, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 9, p. 314-332, 2004. Disponível em: [http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Historia\\_tempopresenteehistoriaoral.pdf](http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Historia_tempopresenteehistoriaoral.pdf). Acessado em: 09/09/2010.

FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves de. **Gente em cena: fragmentos e memórias da dança em Goiás**. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, vol.7, n.1, 2010. Disponível em: <<<http://www.revistafenix.pro.br/vol22valeria.php>>>. Acessado em: 09/09/2010.

FREITAS, Alessandro de. **Elaboração de um Instrumento de Análise da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências da Saúde – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2007.

FREITAS, Maria do Carmo Rossler de. **Desvendando as emoções da dança esportiva em cadeira de rodas**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências da Saúde – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

GALLEGOS, S.S. O; MASSUCATO, J.G.; SIMÕES, A.C.; PROUVOT, P. de A.; YOSHIKAWA, R.M.S. **Competitividade e performance esportiva em tenistas profissionais**. Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo, vol.16 n.2, p.144-159, 2002.

GORGATTI, Márcia Greguol; GORGATTI, Tiago. O Esporte para Pessoas com Deficiência. In: **Atividade física adaptada; qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. GORGATTI, Márcia Greguol, COSTA, Roberto Fernandes da. (org.) – 2ª ed. Ver. ampl. – Barueri, SP: Manole, 2008.

HART, G. I., EDWARDS, A. T. S. **Wheelchair dances**. 2. ed. Nova York: Wheelchair Dance Association, 1976.

HULLU, Ondine; KLEPPE, T. Z. M. **Classification: Wheelchair Dance**. Warsaw: EPC, 2002.

International Paralympic Committee. Disponível em: [http://www.ipc-wheelchairdancesport.org/About the Sport](http://www.ipc-wheelchairdancesport.org/About_the_Sport). Acessado em: 28/11/2010.

KROMBOLZ, Gertrudez. Wheelchair dance: wheelchair dance sport. In: **Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Campinas, 2001, Anais... Campinas: UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida em 08 de Abril de 2004. Munique. Não publicada.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. Barcelona: Paidós, 1984.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **Mediação: esporte de rendimento e esporte na escola**. Revista Movimento, 2001, vol. 7 n.5, 107-118.

MINISTÉRIO DOS ESPORTES. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/institucional/ministerio.jsp>. Acessado em: 07/03/2011.

Mogi sedia simpósio internacional – cidade terá uma série de trabalhos envolvendo dança de cadeira de rodas com simpósio e competição. **Mogi News**, Mogi das Cruzes, 12 nov. 2003. Esportes, p.5

NEVES, Lucília de Almeida. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade**. Revista de História Oral, n.3, p. 109-116, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

OLIVEIRA, Emanuelle. **Santistas voltam do mundial motivados**. Disponível em:  
<http://sat.grupoatribuna.com.br/tvtribuna/vitrineonline/blog/?idCategoria=&mes=11&ano=2010>. Acessado em: 05/01/2011.

POSSANI, Maria Judith. IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas – Arte sem limites. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, p.1. 22 nov. 2005.

POSSANI, Maria Judith. Unidos pela vontade de dançar. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 09 dez. 2009. Disponível em:  
<http://www.tribunademinas.com.br/doi/doi30.php>. Acessado em: 26/09/2010.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v.8, n.11, p.59-71, 2002.

REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA – SOBAMA, Campinas, v.5. n.1, nov. 2000.

REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA – SOBAMA, Campinas, v.6. n.1, nov. 2001.

REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA – SOBAMA, Campinas, v.7. n.1, nov. 2002.

RIED, Bettina; FERREIRA, Eliana Lucia; TOLOCKA, Rute Estanislava. **Subsídios para Competições Oficiais de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas**. Campinas, SP: CBDCCR, 2003.

ROBERTS, Pippa. **Técnicas Básicas de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas**. Reunião de árbitros da CBDCCR em 13 de Dezembro de 2009. Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. Vídeo produzido pelo Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino à Distância, 2009.



ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. Pesquisa da Dança em Cadeira de Rodas: um enfoque antropológico. In: **Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Campinas. Anais...Campinas/ SP: UNICAMP, 2001.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. Possibilidades de Movimentos Artísticos sobre uma Cadeira de Rodas e a Volta dos Espetáculos de alta Performance. In: FERREIRA, Eliana Lucia (org.). **Dança Artística e Esportiva para Pessoas com Deficiência: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal**. 1ª ed., Juiz de Fora, MG: CBDCCR, 2005.

ROSE JUNIOR, Dante de. **Situações específicas e fatores de stress no basquete de alto nível**. Tese (Livre-Docência) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

RODRIGUES, David. A Educação Física perante a Educação Inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Rev. da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003.

SAMULSKI, Dietimar e NOCE, Franco. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. **Rev. Bras. Med. Esporte**. Vol.8, n.4, p.157-166, 2002.

SANTOS, Cristiane da Silva. Acessibilidade urbana, escolar e esportiva. In: FERREIRA, Eliana Lucia (Org). **Atividade Física, Deficiência e Inclusão Escolar**. Niterói: Intertexto, vol.4, p.13-48, 2010.

SHARET, Dorith. **Classificação Funcional na Dança Esportiva em Cadeira de Rodas**. Reunião de árbitros da CBDCCR em 13 de Dezembro de 2009. Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. Vídeo produzido pelo Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino à Distância, 2009.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA. Disponível em: SOBAMA, <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inicio.htm>. Acessado em: 14/11/2010.

SCALOPPE, Marluce de Oliveira Machado. As potencialidades e responsabilidades da televisão pública no Brasil. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2003.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. 1, 2001, Campinas. **Anais do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 192.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. 2, 2002, Campinas. **Anais do II Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Campinas: UNICAMP/FEF: CBDCCR, 2002, p. 54.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. 3, 2003, Campinas. **Anais do III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Mogi das Cruzes: CBDCCR, 2003, p. 86.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. 4, 2005, Campinas. **Anais do IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Juiz de Fora: CBDCCR, 2005, p. 194.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. 5, 2006, Campinas. **Anais do V Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Piracicaba: UNIMEP/CBDCCR, 2006, CD-ROM.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. 6, 2009, Campinas. **Anais do VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Juiz de Fora: UFJF/CBDCCR, 2009, CD-ROM.

STRUNA, Nancy. L. Pesquisa histórica em atividade física. In: THOMAS, Jerry R. e NELSON, Jack. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TEIXEIRA, Carlos Alberto Quentin; ZYCH, Anizia Costa. O Esporte como Alternativa de Conteúdo para a Educação Física Escolar numa Perspectiva Inclusiva. **Revista Eletrônica Lato Sensu** – Ano 3, nº1, p. 1-14, 2008.

TOLOCKA, Rute Estanislava. Esporte na Reabilitação. In: FERREIRA, Eliana Lucia (Org.). **Atividade Física para Pessoas com Deficiência Física: aspectos sócio-culturais da deficiência**. Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, p. 115-152, 2008.

TOLOCKA, Rute Estanislava. Multiplicidade, fragmentação e complexidade: atividades artísticas e esportivas para pessoas com deficiência. In: FERREIRA, Eliana Lucia(org.). **Dança Artística e Esportiva para Pessoas com Deficiência: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal**. 1ª ed., Juiz de Fora, MG: CBDCCR, 2005.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. UNICAMP. Disponível em: [http://www.reitoria.unicamp.br/manualdeeventos/eventos/protoeventos\\_cientificos.shtml](http://www.reitoria.unicamp.br/manualdeeventos/eventos/protoeventos_cientificos.shtml). Acessado em: 18/01/2011.

VERY SPECIAL ARTS. VSA. Disponível em: <http://www.ctac.gov.br/vsa.htm>. Acessado em 18/01/2011.

VIEIRA, Camila. De amor e de rodas – casal baiano tira o primeiro lugar em concurso internacional de dança de salão para cadeirantes na Itália. **Correio da Bahia**. Salvador, 10 jan. 2005. Aqui Salvador, p.6.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Reflexões de uma socióloga sobre o uso do Método Biográfico. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.) **Re-introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo, Xamã, p. 83 a 91, 1996.

WINNICK, Joseph. P. Introdução à Educação Física e Esportes Adaptados. In: WINNICK, Joseph. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3ª ed. Barueri, SP: Manole, 2003.

ZAHAR, Jorge. **Dicionário da TV Globo: programas de dramaturgia e entretenimento**. Projeto memória das organizações Globo. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2003.

**ANEXOS**

## ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PRO-REITORIA DE PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF  
36036900- JUIZ DE FORA - MG - BRASIL

Parecer nº 297/2009

**Protocolo CEP-UFJF:** 1893.237.2009 **FR:** 300779 **CAAE:** 0190.0.180.000-09

**Projeto de Pesquisa:** Dança Esportiva em Cadeira de Rodas: construção/constituição, equívocos e legitimidade.

**Pesquisador responsável:** Michelle Aline Barreto

**Orientadora:** Eliana Lúcia Ferreira

### Sumário/comentários

O CEP analisou o Protocolo 1893.237.2009, Grupo III e considerou que:

- Justificativa: objeto bem delimitado, tema relevante para a área ciências da saúde. Esta atividade surgiu paralelamente aos movimentos históricos das pessoas com deficiência, e suas manifestações ocorreram ao mesmo tempo em diversos países. A dança em cadeira de rodas foi inicialmente cancelado na década de 70 pela *English Folk of Dance* (Dança Folclórica Inglesa) e *Song Society* (Sociedade do Som). Atualmente a dança esportiva em cadeira de rodas é praticada nos cinco continentes e indicada pelo comitê Paralímpico Internacional para fazer parte do calendário das atividades Paralímpicas.
- Objetivo: compreender as especificidades da dança em cadeira de rodas e desenvolver uma instrumentalização que permita um maior acesso das pessoas com deficiência nessa nova proposta de esporte.
- Metodologia: pesquisa qualitativa.
- Revisão e referências: pertinente ao estudo.
- Características da população a estudar: participarão dessa pesquisa os atletas sócios desde 2001 da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, que queiram participar voluntariamente do estudo. O n da população de estudo é composto de 20 atletas, sendo assim pretende-se trabalhar com a totalidade da amostra independente de faixa etária, sexo ou condição física (deficiente ou não deficiente). O critério de exclusão será se o atleta não for associado desde 2001.
- Instrumento de coleta de dados: será realizada entrevista individual, que será gravada. As respostas serão confrontadas com os vídeos dos eventos brasileiros, que se encontram nos arquivos da CBDDR.
- Orçamento: de responsabilidade da pesquisadora
- Cronograma; pertinente ao estudo. A coleta de dados será realizada em fevereiro e março de 2010.
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, está em linguagem adequada e clara para compreensão do sujeito, explícita indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa e informa o sujeito da pesquisa como fazer contatos com a pesquisadora.
- Qualificação da pesquisadora: especialista com experiência compatível com o projeto de pesquisa.
- Salientamos que a pesquisadora deverá encaminhar a este comitê o relatório final da pesquisa.

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

**Situação:** Projeto Aprovado  
Juiz de Fora, 10 de dezembro de 2009

  
Prof./Dr. Alfredo Chaoubah  
Coordenador em Exercício – CEP/UFJF

RECEBI

DATA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

ASS: \_\_\_\_\_

## **ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA**

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF - 36036900**

**JUIZ DE FORA - MG – BRASIL**

**PESQUISA:** Dança Esportiva em Cadeira de Rodas: construção/constituição, equívocos e legitimidade.

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** MICHELLE ALINE BARRETO

**ENDEREÇO:** FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UFJF – JUIZ DE FORA – MG

**FONE:** (35) 9931-3529.

**E-MAIL:** MICHELLE.BARRETO@YAHOO.COM.BR

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Dança Esportiva em Cadeira de Rodas: construção/constituição, equívocos e legitimidade”. Neste estudo pretendemos compreender as especificidades da dança em cadeira de rodas e desenvolver uma instrumentalização que permita um maior acesso das pessoas com deficiência nessa nova proposta de esporte.

A dança em cadeira de rodas, desde 2001, tem sido subsidiada por professores internacionais, dificultando a expansão da mesma. Considerando a amplitude do país e as características dos atletas brasileiros, vemos a

necessidade de sistematizar a modalidade. Pretendemos aqui compreender as especificidades desta atividade e desenvolver uma instrumentalização que permita um maior acesso das pessoas com deficiência nessa nova proposta de esporte.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: faremos um levantamento histórico da modalidade. Para tal, utilizaremos a metodologia da história oral, que consiste em ouvir do indivíduo que está envolvido com a história e assim permitimos legitimar a histórias de classes minoritárias. Por isso nossa pesquisa se constituirá inicialmente por entrevistas, que serão gravadas em áudio, buscando conhecer a dança esportiva em cadeira de rodas a partir das experiências dos atletas.

A pesquisa oferece riscos mínimos e os sujeitos terão possibilidade de contribuir para a história da modalidade. E caso haja qualquer dano aos sujeitos, os mesmos serão indenizados.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão e o pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, na Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_  
fui informado (a) dos objetivos do estudo “Dança Esportiva em Cadeira de Rodas: construção/constituição, equívocos e legitimidade”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

---

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

---

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

---

Nome	Assinatura testemunha	Data
------	-----------------------	------

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o: CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UFJF - CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF - PRÓ-REITORIA DE PESQUISA - CEP 36036.900 FONE: (32) 3221 0378.

Para contato com a pesquisadora: Michelle Aline Barreto – Endereço: Rua José Ferreira da Costa, 65 Lavras – MG 37200-000. e-mail: michelle.barreto@yahoo.com.br Fone: (35) 9931-3529



## **ANEXO C – ESTATUTO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS.**

### **PRIMEIRA ALTERAÇÃO ESTATUTO SOCIAL**

#### **CAPÍTULO I - DA ENTIDADE, DENOMINAÇÃO, FINALIDADE E SEDE**

**Art.1º** - A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS, doravante denominada CBDCCR, fundada em 06 de novembro de 2001, Faculdade de Educação Física da Unicamp, à Rua Zeferino Vaz, Barão Geraldo, na Cidade de Campinas/SP é uma entidade civil, não governamental, de caráter esportivo, artístico e educacional, sem finalidade lucrativa, com personalidade jurídica e patrimônios próprios, responsáveis pela administração, direção, difusão, promoção e incentivo da modalidade de dança em cadeira de rodas, praticado por dançarinos com e/ou sem deficiência física no Brasil.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** O desporto brasileiro, no âmbito das práticas formais e informais é regulado por normas nacionais e internacionais e pelas regras de prática desportiva de cada modalidade, que deverão ser aceitas pelas respectivas entidades nacionais de administração do desporto, conforme estabelecido o inciso I do artigo 1 da lei 9.615 de 24/03/1988, que institui normas gerais sobre o desporto.

**Art. 2º** - A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS tem prazo e duração indeterminados e será representada ativa e passivamente, judicial e extra judicialmente pelo presidente, que exercerá suas atribuições mediante restrita obediência ao estatuto social e regimento interno, com vínculo direto e/ou indireto com a prática da modalidade de dança em cadeira de rodas no Brasil.

**Art. 3º** - A CONFEDERAÇÃO tem por objetivo precípua, a representação do Brasil na área do desporto e da prática da dança para pessoas portadoras de deficiência física, especificamente a prática de dança.

**Art. 4º** - O Patrimônio da entidade será constituído de móveis e utensílios, imóveis, veículos, contribuições dos sócios e outros donativos em dinheiro ou em espécie, auxílios oficiais, quaisquer dotações previstas em lei ou subvenções e de qualquer tipo de aplicação financeira de quaisquer espécies entre ativos da sociedade.

**Art. 5º** - Compete exclusivamente a CBDCR:

**a)** convocar oficialmente dançarinos brasileiros indicados para a participação em eventos promovidos pelas Associações Nacionais (Associação Brasileira do Desporto em Cadeira de Rodas - ABRADecAR; Associação Nacional de Desportos para Deficientes - ANDE; Associação Brasileira de Desportos para Amputados - ABDA; Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB);

**b)** formar delegações indicando representantes dos Estados brasileiros para a participação em campeonatos e mostras nacionais, internacionais e mundiais, assembleias, congressos, reuniões técnicas relativas à modalidade promovidas por órgãos afins, no âmbito nacional e internacional;

**c)** dirigir, difundir, incentivar, promover em todos os Estados brasileiros a prática da modalidade de dança, por dançarinos com e/ou sem deficiência física, em caráter amador ou profissional;

**d)** realizar campeonatos e mostras oficiais em todo o território nacional respeitando os resultados apresentados pelas coordenações regionais, para possíveis e/ou prováveis convocações nacionais e internacionais;

**e)** expedir as coordenadorias regionais, qualquer ato necessário à organização, funcionamento e disciplina das atividades da modalidade, inclusive penalidades nos limites de suas atribuições, se desobedecidas as normas estatutárias, regulamentares e legais;

**f)** manter atualizadas os registros de dançarinos clubes e coordenações regionais, bem como proceder à atualização de informações, normas e regulamentos de interesse da modalidade;

**g)** superintender e incrementar a promoção da divulgação da dança para um maior aproveitamento, aperfeiçoamento e desenvolvimento;

**h)** defender os interesses dos grupos e ou coordenações regionais e nas suas relações com os poderes públicos, quando necessário;

i) cumprir e fazer cumprir as leis e regulamentos, deliberações e demais atos dos poderes ou órgãos superiores, aplicáveis à dança em cadeira de rodas.

**Art. 6º** - A CBDCR constitui-se de federações estaduais, clubes, associações, ligas e agremiações e Grupos de dança, igualmente legais e que mantenham a prática da modalidade, e ainda aquelas que venham a filiar-se, após a implantação da modalidade, obedecida às disposições estatutárias.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** São fundadores da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas os grupos, associações ou agremiações, universidades e pessoas físicas, que desenvolvem e praticam a modalidade de dança para os dançarinos com e/ou sem deficiência física de forma direta ou indiretamente, constantes na Ata de Assembléia de Constituição e sua respectiva relação anexa.

**Art. 7º** - A CBDCR possui sede e foro na cidade de Mogi das Cruzes- SP, a Rua Benedito Sérvulo Santana, n. 501, sala 02, Vila Lavinia, CEP: 08.735-430.

## **CAPITULO II - DA ORGANIZAÇÃO DOS PODERES E COMPOSIÇÃO**

**Art. 8º** - A organização e funcionamento da CBDCR, respeitando o disposto neste estatuto, obedecerá aos regulamentos e regimento geral emanando da Assembléia Geral, completado com as normas e instrumentos resultantes dos poderes de acordo com suas competências.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** As obrigações contraídas pela CBDCR, não se estendem aos seus filiados, nem lhes criam vínculos de solidariedade. Todas as rendas e recursos financeiros, inclusive aquelas provenientes das obrigações que assumir, serão exclusivamente empregadas na realização dos seus fins sociais.

**Art. 9º** - A CBDCR é dirigida pelos seguintes poderes:

I - Assembléia Geral

**II - Diretoria**

**III - Conselho Fiscal**

**Art. 10** - São inelegíveis para o desempenho de funções e cargos eletivos, nos poderes da CBDCCR, mesmo os de livre nomeação, os dançarinos desportistas:

- a)** condenados por crime de qualquer ordem;
- b)** inadimplentes na prestação e contas de recursos públicos, em decisão administrativa definitiva;
- c)** inadimplentes na prestação de contas da própria entidade, afastado de cargos eletivos, de confiança e de gestão patrimonial e financeira irregular ou temerária da entidade;
- d)** inadimplentes das contribuições previdenciárias e trabalhistas além dos falidos; e
- e)** aqueles que estiverem cumprindo penalidades impostas pelos órgãos da justiça desportiva.

**Art. 11** - Compete a cada poder elaborar e aplicar o seu regimento interno desde que aprovados em Assembléia Geral.

**Art. 12** - Fica vetada a acumulação de mais de um cargo ou poder, ainda que transitoriamente, no exercício de cargo de qualquer natureza, aos membros da CBDCCR.

**PARÁGRAFO ÚNICO** - As resoluções dos poderes da CBDCCR possuem força executiva e serão cumpridas imediatamente após a publicação oficial.

**Art. 13** - No caso de vacância em qualquer dos poderes da CBDCCR, estes serão preenchidos por quem o estatuto determinar, respeitadas as disposições deste estatuto, ficando estabelecido que o vacância perdurará tão somente pelo tempo que falta para o término do mandato.

**Art. 14** - As eleições serão realizadas por escrutínio secreto e, no caso de empate, haverá novo escrutínio e, permanecendo o empate, será empossado o candidato mais idoso; e no caso de empate por idade, através de sorteio. A gestão dos poderes da CBDCCR terá a duração de 4 anos.

**Art. 15** - O cargo de Presidente somente poderá ser ocupado por brasileiro, maior de 21 anos de idade, preferencialmente com escolaridade de curso superior, com vínculo direto e/ ou indireto com a prática de dança em cadeira de rodas, dotado de reconhecida competência, ilibado conceito público por virtudes cívicas, morais, sociais e desportivas.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** Fica vetada toda e qualquer remuneração, distribuição de lucros, bonificações ou dividendos aos membros da Diretoria e Conselho Fiscal, sob qualquer pretexto ou justificativa.

**Art. 16** - Nenhum Grupo poderá ser filiado a CBDCCR se não fizer prova do preenchimento dos seguintes requisitos:

- a) ter existência legal;
- b) estar habilitado para funcionar na forma da lei desportiva;
- c) manter legalmente o desenvolvimento da modalidade de dança, no seu grupo;
- d) disputar e participar de campeonatos e mostras promovidos pela CBDCCR.

### **CAPÍTULO III - DA ASSEMBLÉIA GERAL**

**Art. 17** - A Assembléia Geral é o poder máximo da CBDCCR, tendo funções legislativas e deliberativas, compostas por representantes de clubes e agremiações, devidamente credenciada e a ela diretamente vinculada, não sendo permitida a representação cumulativa.

**a)** Somente poderão tomar parte nas Assembléias Gerais, os filiados que estejam em pleno gozo dos seus direitos, perdendo o direito ao voto quando da não participação em mais de dois campeonatos ou mostras oficiais consecutivos promovidos pela CBDCR.

**b)** Nas Assembléias Gerais destinadas à eleição dos poderes da CBDCR, os filiados far-se-ão representar pelos respectivos presidentes, ou no impedimento, por pessoa credenciada pelo presidente;

**c)** Quaisquer acontecimentos relevantes, somente poderão ser deliberados pela Assembléia Geral, ou na presença do presidente e com voto da maioria absoluta da diretoria.

**PARÁGRAFO ÚNICO** - Em Assembléias Gerais, os filiados terão direito a voto, desde que preenchidas as condições prescritas no caput.

**Art. 18** - A Assembléia geral reunir-se-á:

**a)** ordinariamente - por convocação do presidente e mediante calendário, e,

**b)** extraordinariamente e por solicitação de 2/3 dos filiados;

**Art. 19** - A Assembléia Geral reunir-se à ordinariamente para:

**a)** discutir e aprovar os relatórios de atividades e financeiros da CBDCR

**b)** alterar este estatuto no todo ou em parte, atendendo a legislação vigente;

**c)** autorizar ou não as despesas extra-orçamentárias solicitadas pela diretoria;

**d)** preencher vacâncias nos cargos, bem como suspender o mandato de qualquer membro, desde que ocorra comprovação de infração grave;

**e)** conceder títulos honoríficos às pessoas físicas ou jurídicas que tenham prestado relevante contribuição à CBDCR;

**f)** aprovar a dissolução da CBDC em reunião extraordinária;

**g)** resolver os casos omissos neste estatuto;

**h)** eleição ou renovação de mandato dos membros da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal, além de referendar em ocasião oportuna os mesmos do Conselho Consultivo.

**Art. 20** - A Assembléia Geral será presidida pelo Presidente da CBDCR ou seu substituto legal, que terá direito a palavra.

**Art. 21** - As votações e resoluções da Assembléia Geral da C serão tomadas pela maioria dos votos presentes, respeitados os números mínimos estabelecidos como quorum, podendo votar os filiados em dia com as obrigações.

#### **CAPÍTULO IV - COMPOSIÇÃO E COMPETÊNCIA DA DIRETORIA EXECUTIVA**

**Art. 22** - A Diretoria da CBDCR compõe-se de:

**Presidente, Vice-Presidente, Secretário Geral, 1º Secretário, Tesoureiro Geral e 1º Tesoureiro, Diretor de Relações Públicas.**

**Art. 23** - A Diretoria Executiva será eleita pela Assembléia Geral Ordinária, e seu mandato terá a duração de 4 (quatro) anos, sem limite de reeleição, ocorrendo sempre no mês de novembro.

**§ 1º** - No caso de vacância de cargo de Presidente, o Vice-Presidente o substituirá até o fim do mandato. Se as vagas ocorrerem em qualquer dos demais postos da Diretoria, as mesmas serão preenchidas através da indicação do presidente em exercício.

**§ 2º** - Aos membros da Diretoria é proibido receber qualquer tipo de remuneração pelo exercício das funções de cargo.

**Art. 24** - À Diretoria compete:

- a)** cumprir e fazer cumprir este Estatuto;
- b)** exercer a Administração superior da confederação;
- c)** defender, em qualquer ocasião, os interesses dos sócios da Confederação;
- d)** encaminhar ao Conselho Fiscal inicialmente, e depois à Assembléia Geral, o relatório anual e o balanço financeiro;
- e)** reunir-se em sessão ordinária, no mínimo uma vez por ano, devendo as decisões serem tomadas pela maioria dos votos presentes cabendo ao Presidente, além do seu voto, o de qualidade;
- f)** decidir sobre as propostas de novos sócios e recomendar ao Conselho Consultivo as penalidades estatutárias;
- g)** propor por ocasião de Assembléia Geral a atualização do valor das anuidades;
- h)** homologar pedidos de afastamento dos sócios;
- i)** representar a CBDCCR junto ao CPB;
- j)** nomear os representantes estatuais da Confederação;
- k)** resolver os casos omissos.

**Art. 25** - Ao Presidente compete:

- a)** exercer a representação legítima da Confederação em juízo ou fora dele;
- b)** presidir as reuniões da Diretoria Executiva;
- c)** assinar conjuntamente com o Tesoureiro Geral, os documentos que representem valores;
- d)** convocar as reuniões da diretoria e Assembléia Geral;



e) proclamar os resultados das competições promovidas pela Confederação adotando as medidas cabíveis quanto às questões de ordem técnica.

f) abrir sub-sedes em qualquer unidade da Federação.

**Art. 26** - Ao Vice-Presidente compete:

a) colaborar com o Presidente e substituí-lo em suas ausências e impedimentos legais;

b) suceder o Presidente em caso de vacância do cargo, até o final do mandato.

**Art. 27** - Ao Secretário Geral compete:

a) assinar, com o Presidente, diplomas concedidos pela confederação;

b) manter em ordem e atualizados os registros de filiados e dançarinos;

c) secretariar as reuniões, assembléias gerais organização de eventos internos e externos, elaborando atas e/ou registros;

d) organizar os serviços de secretaria;

e) vistoriar instalações para alojamento adequado de dançarinos, respeitando-se necessidades características de deficiências físicas;

f) providenciar recursos complementares da CBDCCR.

**Art. 28** - Ao Primeiro Secretário compete substituir o Secretário Geral em seus impedimentos e suceder-lo em caso de vacância do cargo, até o final do mandato.

**Art. 29** - Ao Tesoureiro Geral compete:

a) dirigir e ter sob sua responsabilidade a tesouraria da Confederação;

b) efetuar o recebimento de anuidades;

- c) assinar, juntamente com o Presidente, os documentos que representem valores;
- d) apresentar à Diretoria Executiva, para encaminhamento ao Conselho Fiscal até novembro o Balanço anual do exercício anterior.
- e) abertura e encerramento de conta bancária
- f) organização de balancetes
- g) execução de processos de cobrança e pagamento

**Art. 30** - Ao Primeiro Tesoureiro compete substituir o Tesoureiro Geral em seus impedimentos e suceder-lo em caso de vacâncias, até o final do mandato.

**Art. 31** - Ao Diretor de Relações Públicas compete:

- a) divulgar por meios apropriados as atividades desenvolvidas pela CBDCR
- b) constituir o Departamento de Relações Públicas com quantos membros forem julgados necessários, devidamente aprovado pelo presidente da CBDCR e pela Diretoria;
- c) convocar sempre que necessário, reunião de seu Departamento;
- d) apresentar anualmente à Diretoria da CBDCR, relatório das atividades seu Departamento;

## **CAPÍTULO V - DO CONSELHO FISCAL**

**Art. 32** - O Conselho Fiscal compor-se-á de três membros efetivos e dois suplentes, eleitos pela Assembléia Geral, com mandato de 04 anos.

**PARÁGRAFO ÚNICO.** O conselho fiscal funcionará com a maioria dos seus membros, devendo na primeira reunião eleger seu presidente e vice-presidente;

**Art. 33** - O Conselho Fiscal reunir-se-á ordinariamente nas seguintes hipóteses:

- a) anualmente - para examinar e dar parecer sobre atividades e resultados financeiros para encaminhamento à Assembléia geral;
- b) apresentar relatório sobre as atividades do Conselho Fiscal para a apreciação e aprovação da Assembléia geral.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** O Conselho Fiscal reunir-se-á extraordinariamente quando necessário, mediante convocação do presidente da CBDCCR e/ou, da Assembléia Geral.

**Art. 34** - Compete ao Conselho Fiscal:

- a) examinar a escrituração e documentos do departamento de finanças e/ou contabilidade;
- b) fiscalizar o cumprimento de deliberações da Assembléia Geral e Conselho Nacional do desporto;
- c) denunciar erros administrativos ou infrações na obediência dos estatutos;
- d) opinar sobre qualquer matéria financeira, aquisição ou alienação de bens imóveis da CBDCCR;
- e) convocar Assembléia Geral desde que por motivo justificado;
- f) fiscalizar a execução orçamentária;
- g) comparecer nas Assembléias Gerais quando convocado.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** Não poderá ser membro do Conselho Fiscal, o ascendente, descendente, cônjuge, irmão, padrasto ou enteado do presidente da CBDCCR.

## **CAPÍTULO VI - Dos Órgãos Auxiliares da Administração**

### **SEÇÃO I - Dos Delegados Estaduais**

**Art. 35** - Cada Estado terá um Delegado Estadual que atuará como representante da Confederação no Estado, e cujas funções são estabelecidas, neste Estatuto, com mandato coincidente com a da Diretoria Executiva.

**§ 1º** - Cada Delegacia Estadual terá um Delegado e um suplente, eleitos pelos Associados de cada Estado presentes na Assembléia Geral.

**§ 2º** - A sede da Delegacia Estadual coincidirá sempre com o domicílio do Delegado Estadual eleito.

**§ 3º** - Ao Delegado Estadual compete:

- a)** representar o Presidente da Diretoria Executiva da Confederação em seu Estado;
- b)** repassar as informações das ações da Confederação e informações recebidas, exceto a convocação da Assembléia Geral.

### **SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO CONSULTIVO**

**Art. 36** - A CBDCCR contará com a colaboração e apoio de um Conselho Consultivo, para sugerir e debater atividades em curso ou a serem desenvolvidas pela Confederação, objetivando o aprimoramento do desporto e a dança em cadeira de rodas.

**§ 1º** - O Conselho Consultivo será constituído por pessoas físicas, nacionais ou estrangeiras, de notório saber nos diversos campos do conhecimento, com

efetiva representação na sociedade, oriundos das esferas pública ou privada, e que, sob deliberação da Diretoria Executiva, possam colaborar com as atividades desenvolvidas pela CBDCCR e de seus órgãos subordinados.

**§ 2º** - Os membros integrantes do Conselho Consultivo serão distinguidos pela CBDCCR, mediante a emissão de um documento específico estabelecendo esta condição de participação e colaboração com a Confederação.

**§ 3º** - Deverá ser dado amplo conhecimento aos sócios da CBDCCR da relação dos membros integrantes do Conselho Consultivo, devendo ser mantida a sua permanente atualização.

## **CAPÍTULO VII Das Eleições**

**Art. 37** - As Eleições na CBDCCR efetivar-se-ão mediante a inscrição de chapas completas, (Diretoria Executiva, Conselho Consultivo e Conselho Fiscal) e, por escrutínio secreto.

**§ 1º** - As chapas deverão ser registradas na Secretaria Geral da Confederação até uma hora antes da instalação da Assembléia Geral.

**§ 2º** - O requerimento de registro da chapa deverá conter o nome completo de cada ocupante de cargo, sua qualificação e assinatura.

**§ 3º** - Para fins de elaboração de material indispensável à eleição, será respeitada a ordem da inscrição das chapas eleitorais.

**§ 4º** - A Diretoria Executiva nomeará a Comissão Eleitoral composta por 3 (três) sócios, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias para a instalação da Assembléia Geral.

**Art. 38** - Compete a Comissão Eleitoral:

- a) dirigir os trabalhos de eleição;
- b) preparar o material necessário para a eleição;
- c) proceder a apuração dos votos;
- d) divulgar o resultado oficial e empossar a chapa eleita imediatamente.

### **CAPÍTULO VIII - Das Disposições Gerais**

**Art. 39** - Os sócios não respondem, solidária ou subsidiariamente pelas obrigações que a Diretoria e seus representantes legais contraírem tácita ou expressamente em nome da entidade.

**Art. 40** - A CBDCCR estabelece que não remunera, nem concede vantagens ou benefícios por qualquer forma ou título, a seus diretores, conselheiros, sócios, instituidores, benfeitores ou equivalentes.

**Art. 41** - A CBDCCR estabelece que a entidade é sem fins lucrativos e não distribui resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcela do seu patrimônio sob nenhuma forma ou pretexto.

**Art. 42** - A CBDCCR estabelece que em caso de dissolução ou extinção, destina o eventual patrimônio remanescente à entidade registrada no CNAS ou outra instituição municipal, estadual ou federal, que persiga fins idênticos ou semelhantes.

**§ 1º** - o patrimônio remanescente será devolvido à Fazenda do Estado, do Distrito Federal ou do Território, no qual esteja a sede da associação, se não houver entidade similar no local da sua sede;

§ 2º - por deliberação da assembleia geral os associados que contribuíram para a formação do patrimônio social, poderão, antes da destinação de remanescente do patrimônio social receber a restituição dessas contribuições, atualizadas.

## **CAPÍTULO IX - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS**

**Art. 43** - Esta alteração estatutária entrará em vigor imediatamente após a sua aprovação pela Assembleia Geral e o devido registro no cartório competente.

Santos, 18 de Julho de 2008.

-----

**Eliana Lucia Ferreira – Presidente**

## ANEXO D – ATA DE CRIAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS

1

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS  
PROTOCOLADO E MICROFILMADO SOB NO. 1112.602

FLS. 02


**CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA**

**EM CADEIRA DE RODAS**

**Ata de criação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas**

Às 11 horas e quarenta minutos do dia 06 de novembro de 2001 na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas na rua Zeferino Vaz, Barão Geraldo, Campinas SP, reuniram-se em Assembléia Geral um grupo de pessoas, dançarinos, dirigentes e pesquisadores da modalidade de dança em cadeira de rodas, para discutirem a fundação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas. Para presidir a Assembléia foi aclamado a pessoa de Sérgio Coelho de Oliveira, que convidou a mim Márcia da Silva Campeão para secretariar os trabalhos e redigir a presente ata. O senhor presidente esclareceu acerca da manifestação de vontade dos presentes em associarem-se com o fito de constituírem uma Confederação de Dança em Cadeira de Rodas. A seguir procedeu-se a escolha da primeira diretoria provisória da Confederação por aclamação, por um período provisório de 02 anos: **Presidente:** Eliana Lucia Ferreira, brasileira, casada, professora universitária, CPF 503450606/87, carteira de identidade no M2-551.715 - SSPMG, residente à Rua Cel Quirino, 2075 ap33 Cambuí, Campinas SP, CEP 13025003. **Vice presidente:** Luciene Rodrigues Fernandes, brasileira, casada, professora de dança, CPF 110.096.084-87, carteira de identidade no :273099 SSP/PB, residente à rua .Golfo da China, nº400, Edifício Lapidus, aptº103 - Intermares - Cabedelo-PB, CEP:58310000. **Secretária Geral:** Márcia da Silva Campeão, brasileira, divorciada, professora universitária, CPF 006725657-06, carteira de identidade no 3.802.887 IFP, residente à Rua Chile, 106 b ap07, Alto da Serra, Petrópolis - RJ. CEP 25635-030. **1º Primeira Secretária:** Anete Otília Cardoso de Santana Cruz, brasileira, casada, professora, CPF - 548265945-34, carteira de identidade no 41.4156.803 SSP/BA, residente à Av. San Rafael - Cond. Bosque Império - Bloco 23 ap 01 - São Marcos Salvador - BA - CEP - 41250-400. SP. **Tesoureiro Geral:** Andréa Passarelli G. e Melo, brasileira, solteira, professora de dança e artes, CPF 266287508-92, carteira de identidade no 224.671.169 SSP-SP, residente à Rua Davi Hume 163 apto 101 Bairro Vila Mariana - São Paulo - SP, CEP 04116-130. **1º Tesoureiro:** Sebastião Edson Neto, brasileiro, solteiro, desenhista, CPF - 431.590.526-72,

REGISTRO CIVIL  
AS JURÍDICAS  
da Arruda  
Assuda Senhorini  
Oficial  
wtsu@brs  
criada  
Det. do São Paulo





CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA

EM CADEIRA DE RODAS



carteira de identidade no M- 2.606.127 SSP/MG, residente à rua Barretos, 155 - Bairro Resende Junqueira - Uberlândia - MG, CEP 38400-318. **Diretor de**

DE REGISTRO CIVIL  
SOAS JURÍDICAS  
de Aruda  
de Aruda Senherini  
do Oficial  
Kamatahoro  
Autorizada  
- Bot. do São Paulo

**Relações Públicas:** Rosângela Bernabé, brasileira, casada, professora universitária, CPF 418384407-04 carteira de identidade n. 418.384.407-04, residente à rua Otaocara, 70 Santa Rosa Pé Pequeno na cidade de Niterói RJ, CEP 24240-100. **Conselho Fiscal:** Helena Prioste Pimenta, brasileira, casada

professora de artes, CPF641.508.368-68, com carteira de identidade no 2.324.819 SSP/SP residente à Rua Adib Daher Saad, 393 Jardim Soraia, São José do Rio Preto SP, CEP15075-120. Sérgio Coelho de Oliveira, brasileiro, casado, professor, CPF113.569.607-15, carteira de identidade no 020.179.433-6; residente à Rua Tavares de Macedo, 131 - ap 903, Niterói- RJ , CEP - 24220-210; Ninfa Cunha de Santana, brasileira, solteira, relações públicas, CPF 668898045-20 , carteira de identidade no 04768276-04 SSP/BA;

residente à Av. General Graça Lessa, 414, Edif. Valle , Apt.704, Bairro: Ogunjá - Salvador - Bahia CEP: 40240-500. **Conselho Fiscal Suplente** Luís Antônio L Barros Cruz, brasileiro, casado, designer gráfico, CPF 430.500.935-87, carteira de identidade no 03343637-13 SSP/BA, residente à Av. San Rafael - Cond. Bosque Império - Bloco 23 ap 01 - São Marcos - Salvador - BA - CEP - 41250-400; Maria Rachel Digenio C Alvarenga, brasileira, casada, professora de dança, CPF 94.398.257-20, carteira de identidade no 0738745669 SSP/BA residente à rua São Paulo, 443 - ap 05 - Pitupa - Salvador Ba . **Conselho**

**Consultivo** Márcia Maria Conceição de Souza, brasileira, solteira, professora universitária, CPF 440.584.976-53; carteira de identidade no M1239981 SSP/MG; residente à rua Taquari, 529 – Renascença, na cidade de Belo Horizonte, MG; Maria Beatriz Rocha Ferreira, brasileira, casada, professora universitária, CPF.658.942.948-00, carteira de identidade no 4.699.681 residente à Rua Mário de Nucci, 472, cidade Universitária, Campinas SP, CEP 13083-290; Ademir Gebara, brasileiro, casado, professor universitário, CPF 412.354.368-53, carteira de identidade no 3600901, residente à Rua Ana Teles Alves de Lima, 521 Jardim Chapadão, Campinas SP, CEP 13066-800.

Processada a eleição, o senhor presidente fez circular a palavra



### CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS

**REGISTRO CIVIL DAS JURÍDICAS**

1.º de Novembro  
Rua do Senhorini  
1.º andar  
Windsurf  
Praça  
1.º de São Paulo

entre os presentes, que dela usaram para emitir opiniões sobre o evento. Ao que depois, o senhor presidente declarou empossado os membros da diretoria assim como do conselho fiscal agradecendo a presença e a colaboração de todos e declarou como natural, constituída a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, cuja sede fica determinada na rua Elzelino da Cunha Glória, 735 bloco c ap 12 – Rodeio Condomínio Safira – Mogi das Cruzes – SP. Nada a mais a ser tratado, o senhor presidente deu por encerrado os trabalhos e eu Márcia da Silva Campeão, lavrei a presente ata que depois de lida, foi aprovada por unanimidade, e vai assinada por mim e pela presidente eleita..

Campinas, 06 de novembro de 2001

*Eliana Lucia Ferreira*  
Eliana Lucia Ferreira  
Presidente



*Marcia da Silva Campeão*  
Márcia da Silva Campeão  
Secretária

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL - CAMPINAS - SP - FONE/FAX (0XX19) - 3209 1532  
Maria Ceis de Camargo Penteado - Oficial  
RECONHECO por semelhança 0002 firmat(s) de:  
ELIANA LUCIA FERREIRA E MARCIA DA SILVA CAMPEÃO  
07/12/2001 EM TÍT. DA VERDADE.  
RODRIGO APARECIDO PADOVAN - ESCRITURANTE AUTORIZADO  
Custas: \*\*\*\*3,66 Carimbo: 098745  
Selo(s): 16126-AA



# CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS



## LISTA DE PESSOAS JURÍDICAS PRESENTES NA ATA DE ASSEMBLÉIA DE CONSTITUIÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS, NA QUALIDADE DE SÓCIOS FUNDADORES

REGISTRO CIVIL  
DE PESSOAS JURÍDICAS  
1ª Oficial  
Rua XV de Novembro, 2765 - Alto da XV - Curitiba/PR - CEP 80050-000  
Fone/Fax: (0xx41) 362-8215 -  
Representante - Irajá de Brito Vaz, - CPF - 169.342.619-68

**ABAD - Associação Baiana de Deficientes/BA - CNPJ - 025.667.616/0001-74**  
R. Frederico Costa, 55 - ap 101 - Brotas - Salvador - BA - 40255-350 - Fone/fax - 071 - 3831239  
Representante - Anete Otília Cardoso de Santana Cruz - CPF - 548265945-34

**ABRADECAR - Associação Brasileira de Deporto em Cadeira de Rodas/PR**  
CNPJ 31.109.564/000190  
Rua XV de Novembro, 2765 - Sala 25 - Alto da XV - Curitiba/PR - CEP 80050-000  
Fone/Fax: (0xx41) 362-8215 -  
Representante - Irajá de Brito Vaz, - CPF - 169.342.619-68

**AMDF - Associação Mogiana de Deficientes Físicos - CNPJ - 74501.255.0001-74**  
R. Elzelino da Cunha Glória, 735 - Bloco C - Ap 12 - Rodeio - Condomínio Safira  
Mogi das Cruzes - SP - 08775-530 Fone - 011 - 4799-0660 - Fax - 011 - 4799-3236  
Representante - Paulo Jesus de Souza - CPF - 045.524.278-06

**ANDE - Associação Nacional de Desporto para Deficiente/RJ - CNPJ.: 29.992.716/0001-02**  
Rua Visconde de Inhaúma, 39 sl 901 - Palácio dos Esportes - Centro, Rio de Janeiro - CEP.: 20.091-007 Tel.: (21) 233.2526 / (21) 413.4866 -  
Representante - Márcia da Silva Campeã - CPF 006725657-06

**APDEF: Associação Petropolitana de Deficientes Físicos**  
Rua Souza Franco, nº 474 - Centro, RJ -  
Tel.: (24) 245-0847  
CNPJ.03593070/0001-99:  
Representante - Márcia da Silva Campeã - CPF 006725657-06

**ARDEF - Associação Riopretense dos Deficientes Físicos - CNPJ - 51.852.440/0001-08**  
Rua Paulo Menezelo, 495  
São José do Rio Preto - SP - CEP - 15092-140  
Tel - 2274862  
Representante - Helena Prioste Pimenta - CPF 641.508.368-68

**CPSP - Clube dos Paraplégicos de São Paulo/SP - CNPJ - 51172088/0001-60**  
R. Pedro de Toledo, 1651, - Sala 20 - Vila Clementino - São Paulo - SP - 04039-034  
Fone - 011 - 5575-6675 - Fax - 3766-3486 -  
Representante - Andréa Passarelli Gallão e Melo - CPF 266287508-92

**FUNAD:Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência./PB**  
Endereço:R. Orestes Lisboa S/N - Conjunto Pedro Gondim - CEP:58033  
João Pessoa-PB - TEL - -(083)2440707 - CNPJ:24.507.865/0001-07.  
Representante - Luciene Rodrigues Fernandes - CPF 110.096.084-87.

**Faculdade De Educação Física - UNICAMP/SP - CNPJ - 046.068.425/0001-33**  
Rua Érico Veríssimo, 701 - Barão Geraldo - CX 6134 - Campinas - SP- CEP - 13083-970 -  
Representante - Vera Aparecida Madruga Forti - CPF: 822.986.708-97

**Faculdade De Educação Física - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA/MG**  
Rua Benjamin Costant, 790 - Juiz de Fora - MG - CEP - 36015-400 - Tel - 32293281  
CNPJ - 21.195.755/0001-69  
Representante - Rommel Jaenicke - CPF - 155.781.196/20

*Gláucia Luciane Arraújo*

## CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS



### LISTA DE PESSOAS JURÍDICAS PRESENTES NA ATA DE ASSEMBLÉIA DE CONSTITUIÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS, NA QUALIDADE DE SÓCIOS FUNDADORES

REGISTRO CIVIL  
DE PESSOAS JURÍDICAS  
Cidade de São Paulo

Faculdade De Educação Física – UNIVERSIDADE DE ITAÚNA/MG  
Campus Universitário - Rodovia MG, 431 – Km 45,5 - Itaúna – MG  
Tel – 037 – 3249-3025 - CNPJ – 21256425/0001-36  
Representante - Márcia Maria C de Souza - CPF 440.584.976-53;

Instituto de Psicologia Clínica Educacional e Profissional/RJ - CNPJ – 33981408/001-40  
Rua Tavares de Macedo, 131 - ap 903 - Niterói- RJ - Cep - 24220-210  
Representante - Sérgio Coelho - CPF - 113569607-15.

### LISTA DE PESSOAS FÍSICAS PRESENTES NA ATA DE ASSEMBLÉIA DE CONSTITUIÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS, NA QUALIDADE DE SÓCIOS FUNDADORES

Ademir Gebara - CPF.: 412.354.368-53  
Rua Ana Teles Alves de Lima, 521 Jd. Chapadão - Campinas SP - CEP.: 13066-800

Eliana Lúcia Ferreira - CPF - 503.450.606/87  
Rua Cel Quirino, 2075 - ap33 - Campinas/SP - CEP - 13025003

Maria Beatriz Rocha Ferreira - CPF.: 658.942.948-00  
Rua Mário de Nucci, 472, cidade Universitária, Campinas SP - CEP.: 13083-290

Ninfa Cunha de Santana - CPF: 668898045-20  
Av. General Graça Lessa, 414, Edif. Ville, Apt.704, Bairro: Ogunjá -  
Salvador - Bahia - CEP: 40240-500

Rosângela Bernabé - CPF 418384407-04;  
Rua Otaocara, 70 Santa Rosa Pé Pequeno - Niterói RJ - CEP 24240-100

*Eliana Lucia Ferreira*

## ANEXO E – DOCUMENTO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA SOBRE RODAS



Associação Brasileira de Dança sobre Rodas

**ABDR**

Niterói, 11 de dezembro de 2001.

Prezados Companheiros,

Em maio deste ano foi fundada com sede em Niterói, Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Dança Sobre Rodas, reunindo representações de portadores de deficiência de todo o país. Entre seus principais objetivos estão:

1. Incentivar a pessoa portadora de deficiência na prática de atividades artísticas, culturais e competitivas que auxiliem seu processo de reabilitação e reintegração em atividades sociais;
2. Incentivar a formação, a iniciação e o desenvolvimento da prática de dança em cadeiras de rodas;
3. Organizar, apoiar e promover congressos, cursos, debates, apresentações, exposições e outros eventos nacionais e internacionais que visem ao engrandecimento das pessoas portadoras de deficiência e a formação e capacitação de recursos humanos;
4. Ter representatividade junto aos poderes constituídos para defender os interesses das pessoas portadoras de deficiência física na elaboração de programas culturais e artísticos;

Desta forma, estamos convidando as entidades de portadores de deficiência física a constituírem grupos de dança sobre rodas, tendo em vista a participação no Primeiro Festival Brasileiro de Dança Sobre Rodas, que a ABDR pretende organizar ainda no primeiro semestre do ano que vem. O principal propósito de evento será divulgar nacionalmente a prática de dança sobre rodas, não tendo de forma alguma, aspectos competitivos ou classificatórios. Paralelo à mostra será realizado também um congresso técnico sobre a modalidade, dirigido aos profissionais que atuam nas associações de portadores de deficiência.



Associação Brasileira de Dança sobre Rodas

**ABDR**

Para aqueles que pretendam constituir grupos, a diretoria da ABDR coloca-se a disposição para repassar informações técnicas, podendo até mesmo promover pequenos cursos de capacitação para as associações interessadas no assunto.

Para que possamos melhor organizar nosso calendário de trabalho, estamos solicitando que as entidades interessadas nos remetam uma correspondência até o fim da primeira quinzena de janeiro, informando sobre seu desejo de participar do festival e suas necessidades em termos de capacitação e/ou informações técnicas. As cartas devem ser postadas para o novo endereço da ABDR: Estrada Velha de Maricá, 4.830 - Rio do Ouro - Niterói - Rio de Janeiro - CEP 24330-000, ou enviadas pelo tel/fax: (0xx21) 2718-7580.

Aguardando contato em breve, despedimo-nos, renovando votos de alta estima e consideração.

Atenciosamente,

Tânia Rodrigues  
Presidente

À  
Sua Senhoria, o senhor  
Presidente do Clube dos Paraplégicos de São Paulo

# ANEXO F – ATA DE FUNDAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA

## Ata da Assembléia de Fundação da Confederação Brasileira de Dança Esportiva

Ata da Assembléia Geral de Constituição e aprovação do Estatuto Social e Eleição da Diretoria da Entidade CBDE – Confederação Brasileira De Dança Esportiva realizada em dezoito de Junho do ano de dois mil e cinco às treze horas na Alameda Mário de Oliveira Souza, número cento e oitenta e sete, na cidade de Valinhos no Estado de São Paulo.

Esta Entidade será constituída sob a forma de sociedade civil com personalidade jurídica, sem fins lucrativos e será regida conforme o estatuto aprovado.

O Sr. Ralph Torsten Ried foi eleito por unanimidade para presidir os trabalhos e a Sra. Bettina Ried para secretariá-lo.

Por unanimidade ficaram assim eleitos os membros desta Diretoria:

Carla Salvagni	(Presidente);
Ralph Torsten Ried	(Vice-Presidente);
Cleuza Maria de Almeida	(Secretária Geral);
Marcela Molena Bonin	(Conselho Fiscal);
Peng Cheung Wong	(Conselho Fiscal);
Markus Gem	(Conselho Fiscal);
Ana Cristina Benvindo	(Suplente do Conselho Fiscal);
Helenice Barbosa de Santana	(Suplente do Conselho Fiscal);

A finalidade precípua da Entidade é a representação do Brasil na área da dança esportiva perante pessoas, entidades e órgãos governamentais e não-governamentais no âmbito nacional e internacional, bem como a divulgação e promoção da modalidade no território nacional.

O mandato dos cargos eletivos será de quatro anos, tendo como a data de término do mandato da diretoria ora eleita o dia trinta de junho de dois mil e nove.

A nova Assembléia Geral Ordinária Eletiva será realizada no primeiro semestre do ano de dois mil e nove e o novo mandato iniciar-se-á no dia primeiro de julho do ano de dois mil e nove.

As reuniões serão realizadas conforme definido no Estatuto, em hora e local a serem marcados.

A sede desta Entidade localizará-se-á à Rua Rodrigo Soares de Oliveira, número trezentos e cinquenta e três no bairro Anhangabaú na cidade de Jundiaí, Estado de São Paulo.

Será realizado um Boletim semestral ou anual, contendo informações técnicas, cronogramas, calendário e resultados de provas anteriores.

Lista de presença da Assembléia de Fundação da Confederação Brasileira De Dança Esportiva realizada no dia dezoito de junho do ano de dois mil e cinco.

1. Carla Salvagni RG 17.384.524
2. Douglas Kenji Watanabe RG 11.566.914
3. Markus Gem RG 25.809.445-X
4. Ana Cristina Benvindo RG 22.092.719-4
5. Peng Cheung Wong RG 8.925.799-6
6. Alice Kimie Fukuma RG 14.494.283
7. Marcela Molena Bonin RG 40.912.497-7
8. Helenice Barbosa de Santana RG 25.800.395-9
9. Mario Lizenor da Costa RG 5.968.642
10. Ralph Torsten Ried RNE W216742-K
11. Bettina Ursula Weissler Ried RNE W216743-I
12. Cleuza Maria de Almeida RG 7.608.832-7

As dezesseis horas deu-se por encerrada a reunião tendo como todos os itens aprovados pelos membros presentes.



*Carla Salvagni*  
Assinatura do Presidente

*Ralph Torsten Ried*  
Assinatura do Presidente da Assembléia

*Cleuza Maria de Almeida*  
Assinatura da Secretária

ORÇ. Nº 28 - SUBDISTRITO DO JARDIM PAULISTA

Reconheço, por semelhança, a firma de: CARLA SALVAGNI,  
São Paulo, 28 de junho de 2005.  
Em testemunho da verdade.

Valido somente com selo de autenticidade  
'Preço da firma R\$ 2,50' Valor total R\$ 2,50.



## ANEXO G – REPORTAGENS ANALISADAS – 2001 A 2010

### Coreografia com cadeira de Rodas

Campinas, 04 de novembro de 2001 – Jornal: Semana da UNICAMP

## Coreografia com cadeira de rodas

Uma mostra de coreografias criadas com a participação de pessoas usuárias de cadeira de rodas será realizada no teatro do SESC Campinas, dia 6 de novembro, às 20 horas. A apresentação faz parte da programação do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas organizado por uma equipe de pesquisadoras coordenada pelas professoras Vera Aparecida Madruga Forti e Maria Beatriz Rocha Ferreira, do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, da Faculdade de Educação Física da Unicamp, e da professora Eliana Lucia Ferreira, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Entre mesas-redondas, conferências e reuniões com representantes de todo o Brasil, o evento está direcionado à discussão e à análise desta modalidade como arte e esporte. A expectativa, segundo a professora Eliana, uma das idealizadoras do simpósio, é estimular pesquisas na área. Segundo a professora Graciele Massoli Rodrigues, o evento nasceu da necessidade de uma discussão diante do número crescente de grupos que praticam

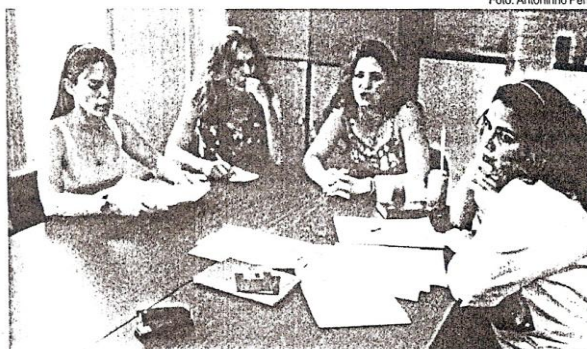


Foto: Antoninho Perri

Pesquisadoras que atuam na Faculdade de Educação Física: evento será dividido em três sessões

esta atividade.

O evento será dividido em três sessões, sendo que a primeira é dedicada a um minicurso de dança em cadeira de rodas, a ser ministrado nos dias 5 e 6 de novembro, às 8h30, no Ginásio da FEF, pelo professor Herbert Rausch de Colônia/Alemanha. A segunda sessão é dedicada às discussões científicas, que contam com a participação de

professores do ensino de arte e de atividades para pessoas portadoras de deficiência física.

As inscrições, gratuitas, podem ser realizadas na Secretaria do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada (Deafa/FEF), das 9 às 11h30 e das 14 às 16h30, ou pela página [www.unicamp.br/fef](http://www.unicamp.br/fef). Informações: (19) 3788-6616, e-mail: [danca.cr@fef.unicamp.br](mailto:danca.cr@fef.unicamp.br).



## Arte sem barreiras

Campinas, 06 de novembro de 2001 – Jornal Folha de São Paulo

ORREIO POPULAR CAMPINAS, TERÇA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 2001

Enviar: LIA RUIZ - lruiz@populart.com.br  
Editor-assistente: JOAO NUNES - nunnes@populart.com.br

# Arte sem barreiras

CARLOTA CAFFIERO  
Do Corcício Popular  
carlotac@populart.com.br

Hoje, andantes e cadeirantes se encontram para assistir a espetáculos com dançarinos sobre cadeiras de rodas. Dois eventos simultâneos em Campinas visam discutir e quebrar a exclusão social das pessoas com necessidades especiais. São eles: 1º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e 1º Festival Sul-Sudeste de Artes Sem Barreiras, organizados respectivamente pela Unicamp e PUC-Campinas.

Dançarinos que têm comprometimento visual ou mental também atuam em alguns espetáculos. Cadeirante já é um termo utilizado entre aqueles que fazem uso da cadeira de roda. A dançarina e pesquisadora Graciele Massoli Rodrigues, doutoranda na Faculdade de Educação Física, da Unicamp, foi quem organizou a mostra de dança hoje, no Sesc-Campinas. "Procuramos não classificar uma pessoa como portadora de deficiência física, pois, desse modo, é como se ela carregasse um fardo", diz.

Graciele prefere "pessoas com necessidades especiais". "O mundo não está adaptado a esses indivíduos, portanto, eles necessitam de uma atenção especial, e não excludente", explica. Mas é fato que o acesso ao palco do teatro interno do Sesc-Campinas, onde serão apresentadas as coreografias, não está adaptado aos dançarinos sobre rodas. "Para se chegar à coxia, o dançarino tem de subir uma escada com cerca de dez degraus. Fora isso, todo o Sesc-Campinas tem acesso aos cadeirantes", observa Graciele.

Os grupos que se apresentarão hoje no evento da Unicamp vêm de várias cidades: Leveza Mística e Ciad (Campinas); Grupo Arte Sem Barreira (São Paulo); Amaral e Teama (Jundiaí); Três Mulheres e Uma Dança (Santa Bárbara d'Oeste); Rodança e Rodarte (Salvador); Roda Viva e Cia de Dança Helena Holanda (João Pessoa); e Brasília (Brasília). Cada coreografia tem cerca de dez minutos.

Já o 1º Festival Sul-Sudeste de Artes Sem Barreiras, organizado pela PUC-Campinas, tem música e exposições, além da dança, feitos por pessoas com necessidades especiais. O Festival, que começou ontem, no Teatro Castro Mendes, com apresentação de coral, piano e coreografias, continua hoje com a dança do Grupo Alma, de Buenos Aires (Argentina), Ekilíbrio (Juiz de Fora) e Limite de Dança (Curitiba).

Amanhã, a Associação dos Beneficentes e Amigos de Meninos Bailarinos Atores (Abamba) de Barão Geraldo, se apresenta no Festival. A necessidade especial dos meninos da Abamba não é de origem física, mas financeira. São adolescentes advindos de comunidades de baixa renda, que aprendem a dançar com o coreógrafo e professor Beto Regina.

**GRUPOS DE DANÇA INTEGRADOS POR 'CADEIRANTES' – PESSOAS EM CADEIRAS DE RODAS – PARTICIPAM DE EVENTOS ORGANIZADOS PELA PUC-CAMPINAS E UNICAMP**



As organizadoras do 1º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas: da esquerda para direita, Graciele Massoli Rodrigues, Rute Tolocka, Eliana Lúcia Ferreira e Jacqueline Dourado Penafort

## Espectáculo de vida

Um espetáculo de dança que se transforma num espetáculo de vida. Essa é a ideia que Graciele Massola Rodrigues – organizadora da mostra de dança em cadeira de rodas – tem quando assiste a uma apresentação de pessoas com comprometimentos físicos ou mentais. No Brasil, segundo levantamento feito pela professora Eliana Lúcia Ferreira, da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), há cerca de 35 grupos vinculados às universidades, formados por pessoas com necessidades especiais.

"Há muito mais grupos como estes, pois não contamos os formados em acadêmias, companhias independentes ou ONGs (Organizações Não Governamentais)", lembra Graciele. O 1º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas é um evento organizado por uma equipe de pesquisadoras coordenada pelas professoras Vera Aparecida Madruga Forti e Maria Beatriz Rocha Ferreira, do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp, e pela professora Eliana Lúcia Ferreira, da Universidade Federal de Juiz de Fora. A Abradecar (Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas) também está na organização.

Mesas-redondas, debates, conferências e um mini-curso, além da mostra de dança, completam a programação do Simpósio (veja quadro). O objetivo do evento, segundo Graciele, é aumentar a visibilidade da dança e discutir as três tendências que estão surgindo: a terapêutica, esportiva e dança-arte. Na mostra de hoje, o público poderá conferir essas tendências em forma de espetáculo. A procura das pessoas com necessidades especiais por atividades que exploram o corpo está aumentando. "A maioria vinculada à educação física, que descobre e desafia as possibilidades do corpo", diz Graciele. (CC)

## Uma nova proposta

A Unicamp está realizando, desde ontem, no Sesc-Campinas, o 1º Encontro Internacional de Educação Somática. São mesas-redondas, palestras, cursos, vivências e apresentações de teatro e dança que utilizam técnicas de educação somática (que trabalham o corpo em toda a sua unidade: física, psíquica e emocional). Nomes nacionais e internacionais foram convidados, como a professora de dança Sylvie Fortin, do Canadá; o bailarino e coreógrafo neozelandês Warwick Long, que trabalha junto a companhias internacionais como DV8 Physical Theater de Londres e a Cie Flak de Montreal; Ana Terra, da Universidade Anhembi-Morumbi; Sílvia Soter (UniverCidade-RJ); Marai Emilia Mendonça (presidente da Associação Brasileira de Ginástica Holística-SP); José Antônio Lima (PUC-SP) e Patrícia Lacombe (Ginástica Holística de Campinas).

Da Unicamp, participam os professores Carmen Lúcia Soares, Ana Angélica Albano e Márcia Strazzacappa. Os espetáculos cênicos serão apresentados entre amanhã e quinta-feira, às 21h, no Sesc-Campinas. As atividades do 1º Encontro Internacional de Educação Somática estão marcadas para começar às 9h, com os cursos; às 14h, as vivências; e quarta e quinta, às 16h, as mesas-redondas. (CC)

## Dança propõe um novo olhar sobre o deficiente

Campinas, 28 de novembro de 2002 – Jornal Folha de São Paulo

# Dança propõe novo olhar sobre deficiente

AURELIANO BIANCARELLI  
ENVIADO ESPECIAL A CAMPINAS

Na elegância do negro de seus trajes, a dupla Anete Cruz e Luis Antonio Cabral entra no salão sob aplausos e a provocação do samba "Aquarela do Brasil". Olho no olho, gestos sincronizados, movimentos ágeis e surpreendentes, os dois percorrem o salão sob a admiração do público e do olhar "pontuador" dos jurados.

O ritual segue as regras de um concurso de dança de salão, como tantos outros. A diferença é que além dos dois pares há uma cadeira de rodas, e que o item mais valorizado são os movimentos de quem perdeu boa parte dos movimentos. Cabral, 37, ficou paraplégico dez anos atrás num acidente de carro. Anete, hoje sua mulher, conheceu-o nos carnavais de Salvador, onde os dois costumam "sambar" por cinco dias e cinco noites.

O cadeirante Cabral e a andante Anete formam uma das 13 duplas que na noite da terça-feira participaram do 1º Campeonato Brasileiro de Esporte Dança em Cadeira de Rodas. A apresentação aconteceu na Sociedade Hípica de Campinas e o evento —histórico no país e na América Latina— faz parte do 2º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas promovido pela Unicamp, a Universidade de Campinas.

Num país de tantos ritmos e musicalidades, criatividade e dança não surpreendem ninguém. Mas num país onde parte dos cadeirantes nem cadeira de rodas tem, o simpósio internacional e o primeiro campeonato da "categoria" significam um novo olhar sobre um universo ainda excluído e discriminado.

O esporte dança em cadeira de rodas, ou dança de salão, segue as regras estabelecidas pela Federação Internacional de Dança em Cadeiras de Rodas que, por sua

vez, está ligada ao Comitê Paralímpico Internacional. Diante de regras preestabelecidas, jurados internacionais estabelecem quem são os melhores. O primeiro campeonato internacional aconteceu em 1992. O campeonato de ontem foi vencido pela dupla santista Célia Regina Diniz e Alexandre Siqueira (leia textos na página).

Esse é o lado esportivo e competitivo desse tipo de dança. O outro tipo é a dança artística, onde os grupos agem com toda liberdade, misturando cadeirantes e andantes e elaborando coreografias variadas. Dois numa cadeira de rodas, três empurrando uma cadeira de rodas, vale tudo.

Uma apresentação desse tipo de dança acontece hoje à noite, no Sesc Campinas, na 2ª Mostra de Dança em Cadeira de Rodas, também dentro do simpósio internacional. São cerca de 30 grupos do país inteiro que mostram suas coreografias. "Esse tipo de dança envolve todos os ritmos, pode ser individual, combinada, em grupo", diz Maria Beatriz Rocha Ferreira, coordenadora geral do simpósio, antropóloga e professora de educação física da Unicamp. Maria Beatriz já dirigiu o Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, uma área de pesquisa sobre todos os tipos de deficiência. A iniciativa de promover o simpósio internacional de dança em cadeira de rodas nasceu desse grupo de pesquisadores.

Eliana Lúcia Ferreira, outra coordenadora do simpósio, é presidente da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas e está preparando o primeiro doutorado no Brasil sobre o assunto. "No Brasil, não há academias nem universidades que se dedicam a essa questão", ela diz.

Para assistir à apresentação da Mostra de Dança em Cadeira de Rodas hoje à noite, no Sesc Campinas, é preciso retirar ingressos antes; endereço: rua Dom José I. Bonfim



Casais participam do 1º Campeonato Brasileiro de Dança em Cadeira de Rodas, em Campinas (SP)

## Grupos fazem mostra de dança em cadeira de rodas durante simpósio

Campinas, 28 de novembro de 2002 – Jornal Folha de São Paulo

# Grupos fazem mostra de dança em cadeira de rodas durante simpósio

AURELIANO BIANCARELLI

DA REPORTAGEM LOCAL

A dançarina de braços estendidos exibe a graça dos movimentos. O dançarino, em trajes elegantes, está sentado numa cadeira de rodas. Quando a música inicia, os dois se entrelaçam em giros, jogos de olhares e de ombros que fazem o público duvidar qual parceiro anda e qual é paraplégico. Várias duplas “rodam” no palco.

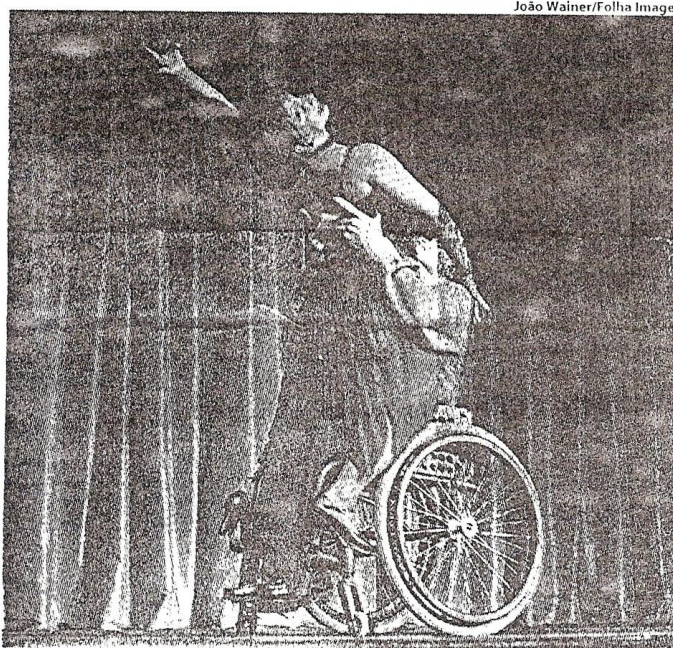
Esta é uma das cenas da 3ª Mostra de Dança em Cadeira de Rodas dentro do 3º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e que foi mostrada quinta à noite. O evento termina hoje, em Mogi das Cruzes, Grande São Paulo. É promovido pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), e pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas.

São dois gêneros distintos de apresentações. O primeiro, mostrado na quinta, reúne grupos que têm a liberdade para criar coreografias e juntar na cena quantos cadeirantes e andantes desejarem.

No ano passado, eram cerca de 150 dançarinos, número que precisou ser limitado neste ano por conta de tantas inscrições.

Num país de tanta musicalidade, tamanha procura não estranha. O estranho é encontrar motivação onde muitos cadeirantes não tem sequer cadeira.

O outro gênero é o da dança esportiva em cadeira de rodas. Precisa seguir regras estabelecidas desde o primeiro campeonato, em 1992, e suas performances são



João Wainer/Folha Imagem

Casal do grupo Roda Viva, da Paraíba, dança em Mogi das Cruzes

avaliadas por um júri.

Para participar de campeonatos internacionais, o país precisa ter feito pelo menos cinco concursos internos. O Brasil está fazendo o terceiro e já fará parte, no próximo ano, da competição internacional a ser realizada no Japão.

As equipes brasileiras disputarão na categoria dos ritmos latinos, samba, tchá tchá tchá, rumba, passo-doble e jive.

Os encontros sempre mesclam a dança livre e a dança de competição, com apresentações científicas, por ser um campo de experimentação e de recuperação. A dança propicia também um en-

contro entre quem quase não se move com quem tem o movimento como arte. “A cada novo cadeirante que adere à dança, temos um andante que passa a dançar com ele”, diz Eliana Ferreira, uma das coordenadoras do simpósio e presidente da confederação.

Na sua tese de doutorado, Eliana Ferreira defende que o cadeirante dança com um “corpo imaginário”. “O que eles dançam, não é o que nós vemos. Se eles pensassem no corpo aleijado que têm, jamais ousariam dançar e se expor”, afirma Ferreira.

Site: [www.cbdc.com.br](http://www.cbdc.com.br)

## Mogi sedia simpósio internacional

Mogi das Cruzes, 12 de novembro de 2003 – Jornal Mogi News

# Mogi sedia simpósio internacional

*Cidade terá uma série de trabalhos envolvendo Dança de Cadeira de Rodas com simpósio e competição*

Mogi das Cruzes vai sediar o III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas a partir de amanhã até sábado. O evento prevê uma ampla programação composta por cursos, palestras, debates, mostra e campeonato de dança em cadeira de rodas. Além de reunir profissionais das mais renomadas universidades brasileiras, o simpósio contará com a participação de palestrantes do exterior.

A cerimônia de abertura ocorre às 14 horas, na Universidade Braz Cubas (UBC). Após uma breve retrospectiva dos eventos de 2001 e 2002, será iniciada a primeira conferência, que abordará o tema "Reabilitação, Identidade e Imagem Corporal: perspectivas da dança em cadeira de rodas". Consta também na programação do dia 13 uma mesa redonda e a III Mostra de Dança em Cadeira de Rodas.

Nos dias 14 e 15 de novembro, as atividades serão na Faculdade do Clube Náutico Mogiano (FCNM). Às 8 horas do dia 14, o público poderá conferir um mini-curso sobre "Dança Esportiva em Cadeira de Rodas", ministrado pelo professor Herbet Rausch, da Universidade de Munique. Dando continuidade à programação, o evento reserva ainda exposição de pôsteres, debates, palestra, mesa redonda e para completar, a realização do II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.

Rita de Cássia, do Tradef, se apresenta durante o Campeonato de Dança de Cadeira de Rodas. Ela representará Mogi na competição deste ano.



Das 23 duplas inscritas no campeonato, quatro são de Mogi das Cruzes. Segundo a coordenadora de Marketing do Trabalho de Apoio ao Deficiente (Tradef), Rita de Cássia Ferreira, serão premiados os casais que conquistarem a primeira e a segunda colocação nas categorias LW1 (maior comprometimento dos membros superiores) e LW2 (menor comprometimento dos membros superiores). "O objetivo do simpósio é difundir a dança e ampliar a integração social", explica Rita, que já conquistou os títulos de campeã paulista e brasileira de dança em cadeira de rodas.

Os pares deverão ser constituídos por um homem e uma mulher, sendo um deles usuário de cadeira de rodas. Os ritmos

de dança envolvidos são samba, tango

e rumba. O tempo para a apresentação de cada estilo é de um minuto e meio. No último dia do evento, o simpósio começa às 8h30 com a apresentação de dois mini-cursos que ocuparão todo o período da manhã. Após um breve intervalo, ocorre, às 16h45, a conferência sobre a "Diversidade Humana e Escolaridade", que antecederá o encerramento do evento, previsto para acontecer às 18h30.

Neste ano o simpósio está sendo organizado pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCR) em parceria com o Tradef, tendo como órgão financiador o Ministério do Esporte. Na opinião de Rita, Mogi foi escolhida para sediar um evento desse porte por

possuir infraestrutura apropriada. "Por ser uma modalidade nova no Brasil, poucas entidades estão envolvidas. Então, nossa proposta (Tradef) foi aprovada sem muita dificuldade. Além disso, a parceria que mantemos com a Faculdade do Clube Náutico Mogiano e a Universidade Braz Cubas ajudou bastante em termos de infra-estrutura".

A expectativa de Rita é que o simpósio chegue a reunir cerca de 300 alunos por dia e Mogi consiga registrar um bom desempenho na competição.

O evento tem o patrocínio da Mizuta Veículos, Restaurante Auguri, Photótica do Mogi Shopping, R.A. Center Copy, Programa Cidade Vida, Outdoor Comunicação Visual e Brindes, Sesi, Max Lowe, Davi Hyper, Academia Regina Ballet e Valtra.

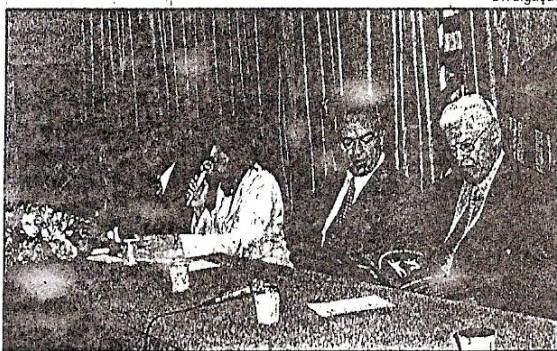
## Simpósio integra portadores de deficiência

Mogi das Cruzes, 14 de novembro de 2003 – Jornal O Diário

# Simpósio integra portadores de deficiência

“Interagindo com o meio e as pessoas, os portadores de deficiência redescobrem suas habilidades. Pelo terceiro ano, o simpósio se consolida como um evento científico”. A afirmação é da professora Eliana Lúcia Ferreira, presidente da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, no 3º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, aberto ontem, no Campus II da Universidade Braz Cubas (UBC). Hoje, haverá minicursos, debates, palestras, mesa redondas, exposição de pôsteres e o II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, no Clube Náutico Mogiano.

O evento, que discute o tema “Inclusão, Participação,



Divulgação

**À FRENTE** - Abertura do evento, no Campus II da UBC, na tarde de ontem, foi presidida pelo pró-reitor Administrativo, Saul Grinberg

Cidadania e Dignidade” segue até amanhã.

O pró-reitor Administrativo da UBC, Saul Grinberg, recepcionou os convidados e destacou a importância da inclui-

tiva. “É preciso parar e pensar nos portadores de deficiência para que possamos ter um Brasil melhor. Por isso, as empresas que não pensarem no social estão fadadas ao fracasso. A

UBC faz sua parte, com a ajuda de seus parceiros”, disse.

A professora e psicóloga Iêda Boucault, presidente do Trabalho de Apoio ao Deficiente (Tradef), enfatizou o envolvimento dos mogianos na realização do simpósio internacional. “Estamos em um caminho sem volta e para a convivência sadia, não podemos ficar estagnados em um mundo cheio de vida. Neste evento poderemos dialogar sobre esta diversidade chamada deficiência”, conclui.

O secretário municipal de Esportes, Fernando Soraggi, representou o prefeito Junji Abe e disse que espera abrir novos horizontes para a melhoria da qualidade de vida dos portadores de deficiência.

## Cadeirantes dançam em Mogi

Mogi das Cruzes, 13 de novembro de 2003 – Jornal Folha de São Paulo

# Cadeirantes dançam em Mogi

▼ III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas poderá ser conferido na Cidade de hoje a sábado, e discute o tema "Inclusão, Participação, Cidadania e Dignidade". O encontro, realizado pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, é organizado pelo Trabalho de Apoio ao Deficiente, Universidade Braz Cubas (UBC) e Regina Ballet

Mogi das Cruzes vai sediar o III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, de hoje até sábado. O evento prevê uma ampla programação composta por cursos, palestras, debates, mostra e campeonato de dança em cadeira de rodas. Além de reunir profissionais das mais renomadas universidades brasileiras, o simpósio contará com a participação de palestrantes do exterior.

A cerimônia de abertura acontece às 14 horas, na Universidade Braz Cubas (UBC). Após uma breve retrospectiva dos eventos de 2001 e 2002, será iniciada a primeira conferência, que abordará o tema "Reabilitação, Identidade e Imagem Corporal: perspectivas da dança em cadeira de rodas". Consta também na programação do dia 13 uma mesa redonda e a III Mostra de Dança em Cadeira de Rodas.

Amanhã e sábado, as atividades acontecem na Faculdade do Clube Náutico Mogiano (FCNM). Às 8 horas desta sexta, o público poderá conferir um mini-curso sobre "Dança Esportiva em Cadeira de Rodas", ministrado pelo professor Herbert Rausch, da Universidade de Munique. Dando continuidade à programação, o



Divulgação

**TÉCNICA** - Os pares para o concurso de dança em Cadeira de Rodas deverão ser constituídos por um homem e uma mulher, sendo um deles usuário de cadeira de rodas; entre os ritmos desenvolvidos estão o samba, jive e rumba

evento reserva ainda exposição de pôsters, debates, palestra-mesa redonda e para completar, a realização do II Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.

Das 23 duplas inscritas no campeonato, quatro são de Mogi. Segundo a coordenadora de Marketing e Financeiro do Trabalho de Apoio ao Deficiente (Tadef), Rita de Cássia Ferreira, serão premiados os casais que conquistarem a primeira e a segunda colocação

nas categorias LW1 (maior comprometimento dos membros superiores) e LW2 (menor comprometimento dos membros superiores). "O objetivo do simpósio é difundir a dança e ampliar a integração social", explica Rita, que já conquistou os títulos de campeã paulista e brasileira de dança em cadeira de rodas.

Os pares deverão ser constituídos por um homem e uma mulher, sendo um deles usuário de cadeira de rodas. Os rit-

mos desenvolvidos são samba, jive e rumba. O tempo para a apresentação de cada estilo é de um minuto e meio.

No último dia do evento, o simpósio começa às 8h30 com a apresentação de dois minicursos que ocuparão todo o período da manhã. Após um breve intervalo, acontece às 16h45 a conferência sobre a "Diversidade Humana e Escolaridade", que antecederá o encerramento do evento, previsto para acontecer às 18h30.

## Entidade beneficia portadores de necessidades especiais

Mogi das Cruzes, 13 de novembro de 2003 – Jornal Folha de São Paulo

# Entidade beneficia portadores de necessidades especiais

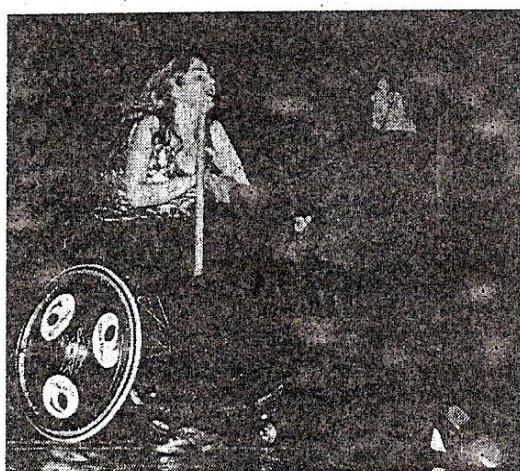
Muitas pessoas com algum tipo de necessidade especial possuem talento e, mais que isso, força de vontade para desenvolver atividades físicas e artísticas, seja pintura, esportes, música ou dança.

A dançarina Rita de Cássia Ferreira, com deficiência motora em consequência de poliomielite, chegou a Mogi das Cruzes há onze anos e conheceu o Tradef, uma entidade que visa atender pessoas carentes portadoras de deficiência física, mental, auditiva, visual ou múltiplas.

Com apoio da entidade, Rita começou a dançar, em 2000, com a orientação da professora Regina Cunha, treinando no SESI.

Sua primeira grande conquista foi em Campinas, no Campeonato Brasileiro de Dança de Salão de 2002, em que ganhou a medalha de ouro na categoria para competidores com maiores comprometimentos nos membros superiores. Em seguida foi o primeiro lugar no Campeonato Paulista, realizado em Jundiá, patrocinado pelo Tradef.

Em 14 de novembro próximo, a dançarina competirá novamente, em Mogi das Cruzes, onde será realizado o Campeonato Brasileiro de Dança de Salão.



ARQUIVO TRADEF

Rita de Cássia dançando durante um espetáculo

O modalidade dança em cadeira de rodas, ou dança de salão, segue as regras estabelecidas pela Federação Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, que está ligada ao Comitê Paraolímpico Internacional. Diante de regras preestabelecidas, jurados internacionais estabelecem quem são os melhores. O primeiro campeonato internacional aconteceu em 1992.

Da equipe de Rita participam mais três casais, que recebem apoio apenas do Tradef, o que dificulta muito, devido à necessidade de figurinos, transporte e as despesas do evento.

A campeã brasileira diz que, apesar das dificuldades, tem grande amor pela dança. (Diego Ferreira)

## Modalidades

Um dos trabalhos mais importantes do Tradef para o portador de necessidades especiais são as práticas esportivas, desenvolvidas há quatro anos.

As modalidades disponíveis são natação, atletismo, bocha, dança, vôlei sentado, futebol, tênis de mesa e basquete. Cada modalidade é formada, em média, por dez atletas, alguns dos quais já conquistaram medalhas em campeonatos este ano.

As conquistas incentivam os pacientes e fazem com que eles se valorizem perante a comunidade, como verdadeiros atletas. (Renato Morrioni)

## De amor e de rodas

Salvador, 10 de janeiro de 2005 – Correio da Bahia

# De amor e de rodas

Casal baiano tira o primeiro lugar em concurso internacional de dança de salão para cadeirantes na Itália

Camila Vieira

**O** romance começou em uma festa de amigos. A professora, Anete Cruz Cabral, 33 anos, da Universidade Católica do Salvador (Uosal), conta que ficou apaixonada pela alegria de Luís Cabral, 39 anos. Cabral, formado em eletrotécnica e esportista desde menino, ficou paraplégico aos 27 anos, depois de acidentalmente, voltando do Pólo Petroquímico de Camaçari. A limitação não o impediu de fazer o que mais gostava: boliche, natação, mergulho e basquete continuam sendo praticados até hoje. A dança de salão também não deixou de ser seu hobby predileto, o que despertava o ciúme da esposa. "A dançarina cadeirante dele me deixava louca. Então pensei: 'vou aprender a dançar e serei parceira dele'", conta. A ideia deu certo. O casal baiano conquistou o primeiro lugar no Campeonato Internacional de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, realizado no último dia 13, no sul da Itália, reunindo 109 duplas de 14 países.

Com o quarto lugar no ranking brasileiro da modalidade, que determina a formação da dupla por um portador de deficiência cadeirante e um não portador e andante, os dançarinos foram convidados a representar o Brasil pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas. E fizeram bonito, dando conta da prova, que determina

amostras dos quatro ritmos da dança latina: samba, cha cha cha, rumba e jive. "Nem acreditamos quando anunciaram o nosso nome como os vencedores", diz Anete. Ela faz questão de ressaltar que o casamento é o fator diferencial da dupla. "A dança vai além dos movimentos do corpo. É também a sintonia do olhar e da fisionomia do rosto, e nisso estamos em total harmonia. Os juízes levaram isso em conta", acrescenta.

Parar, nem pensar. O casal terá um ano atribulado. Eventos na Polônia e Alemanha, preparação para o campeonato mundial, em novembro, na Holanda, e a participação nas Paraolimpíadas fazem parte dos planos. "A dança está incorporada às nossas vidas. Vamos aprimorar ainda mais para fazer bonito lá fora", diz Cabral. A dupla pretende ainda montar em Salvador uma companhia de dança de salão em cadeira de rodas. "Queremos capacitar outras duplas para representar o Brasil no exterior e fomentar essa modalidade na Bahia", ressalta o dançarino.

Em 2000, Cabral passou a integrar o Grupo de Dança Artística em Cadeiras de Rodas, quando a data do casamento se aproximava. Na mesma época, surgiu o convite para o I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, mas por falta de patrocínio, apenas dois dos sete integrantes do grupo puderam participar. A esposa foi como acompanhante e resolveu ser parceira do marido em

um minicurso. "No início, a gente só dançava em festa, mas depois desse evento, vimos a possibilidade de dançarmos juntos e representarmos a Bahia", diz Anete.

**Iniciativa**—Ela conta que antes do minicurso nunca tinha feito dança artística. Depois da decisão de formar uma dupla de dança, os ensaios eram realizados no quintal da casa da mãe de Anete, no Jardim das Margaridas. O casal foi à luta e enfrentou as dificuldades financeiras e a limitação física de Cabral. "Foi tudo por conta própria. Depois de muito sacrifício, conseguimos alguns parceiros como a Petrobras, a Braskem, a Estrelato e a 220 Wats, que ajudaram no nosso figurino e nas viagens", conta Anete.

O amante dos esportes não consegue mesmo ficar parado. Cabral filiou-se à Associação Baiana de Atletas Deficientes (Abad) em 1998, e foi responsável por muitos avanços da instituição. Conseguiu montar a estrutura para os deficientes praticarem basquete, atletismo e tênis de quadra. "Desde quando estava na barriga de minha mãe, só fazia chutar. Nasci para o esporte", diz. Quanto à limitação física, ele declara: "Ela me estimulou a me adaptar aos esportes, ou adequá-los a minha condição. Desistir nunca", acrescenta. "Esquiciei de um detalhe. Não sou só o melhor da dança, mas também o primeiro representante da Bahia no arco e flecha e segundo no Norte/Nordeste", conclui, todo orgulhoso.



O ciúme fez a professora Anete encarar o desafio de virar parceira do marido, que ficou paraplégico em um acidente



## **JP sedia campeonato de dança sobre cadeira de rodas**

João Pessoa, 14 de novembro de 2007 – Jornal A União

### **JP sedia campeonato de dança sobre cadeira de rodas**

A Paraíba vai sediar a sexta edição do Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. Na oportunidade, poderá sair com a conquista do tricampeonato caso a dupla paraibana Luciene Rodrigues, 51, e Valdemir Tavares, 24 – aquela que ficou nacionalmente conhecida depois que apareceu nas telas das TVs brasileiras, na novela América exibida em 2005 pela TV Globo, vençam.

A disputa promete ser acirrada e acontece neste sábado (17) no ginásio do Colégio Marista Pio X, em João Pessoa, a partir das 19h30. Antes, a contar da quarta-feira, o estado, em especial, a comunidade pessoense, vai poder conferir ainda VI Mostra Nacional de Dança Artística para Pessoas com Deficiência e a I Copa Aberta Funad de Dança de Salão e mais a X Mostra de Arte Especial promovida pela Fundação. Na oportunidade, vão ser homenageados o governador do Estado, Cássio da Cunha Lima, o poeta e ex-governador Ronaldo Cunha Lima e o secretário de Educação, o professor Neroaldo Pontes.

Serão quatro dias de intensa programação em que o universo do ilimitado vai estar sendo testado pelas dezenas de deficientes que integram a família Funad provando que o limite está apenas na visão curta da maioria das pessoas que insistem no entendimento de que pessoas portadoras de deficiências não têm condição de levar uma vida normal. Ao contrário, muitas delas mais que tocam a vida na normalidade. Elas curtem a vida. E é isso o que poderá ser visto nestes próximos dias, mais que talento, vigor em superar as dificuldades impostas pela condição física.

A disputa do VI Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas tem dois fortes concorrentes. A supracitada Luciene e Valdemir e mais Luís Antônio Cabral, 42, e Anete Cruz, 30, de Salvador, que também estão no páreo pelo tricampeonato. Se der vitória para a Paraíba, sem dúvida, será uma grande consagração para o esforço que o Governo do Estado através da Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (Funad) vem empreendendo nos últimos tempos. Mas a presença dos dois no cenário nacional que permeia a disputa já é uma vitória não apenas deles, mas de todos os que representam e que não vêm na cadeira de rodas um limite para brigar pelos seus sonhos.

A própria realização da competição em terras paraibanas já é uma vitória. Essa é a primeira vez que um estado do Nordeste recebe a prova, antes só disputada em estados do Sul e Sudeste. É tão assim que a competição do próximo ano já está marcada e será em Santos, cidade do litoral paulista. Os árbitros são de Brasília e de São Paulo e têm nível de julgamento internacional.

**JP sedia campeonato de dança sobre cadeira de rodas**  
João Pessoa, 14 de novembro de 2007 – Jornal A União

Presidente da CBDR estará no evento

Vai estar presente ao campeonato a presidente da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDR), a professora doutora Eliana Lúcia Ferreira. Nesta versão serão 15 competidores vindos de cinco estados da Federação: além da Paraíba, também integram a competição, duplas de São Paulo, Maranhão, Bahia e Rio de Janeiro.

A dupla premiada paraibana existe há cinco anos. Tudo começou quando Luciene que já dançava e fazia coreografias tomou conhecimento da modalidade esportiva. Ela conta que buscou entre os beneficiados com os serviços de apoio ao deficiente da Funad um parceiro que quisesse com ela investir na carreira artística e que, segundo o marido dela, Jorge Maquieira, servidor público e coordenador cultural do programa Ciranda de Serviços desenvolvido pelo Governo, se dedicar a dança de acordo com as regras internacionais da modalidade que teve origem na Europa – entre as exigências, a de que um dos participantes seja cadeirante, e o outro, andante. Assim, em 2001, formou a dupla e já no ano seguinte, venceu a primeira competição. "Não é fácil. É preciso muito esforço e disciplina", revelou Maquieira.

Patrícia Braz

Repórter

## **Campeonato de Dança Esportiva será realizado em Santos**

Santos, 17 de julho de 2008 – Jornal Baixada Santista

Campeonato de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas é realizado em Santos

Por: Depto. Imprensa - Prefeitura Municipal de Santos

A cidade sediará, pela primeira vez, o 7º Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e a 7ª Mostra Nacional de Dança Artística em Cadeira de Rodas. A mostra terá início nesta quinta-feira (17), às 19h, no Teatro Coliseu, com diversas apresentações de dança. Já o campeonato será promovido no sábado (19), a partir das 19h, no Clube Internacional de Regatas, com grupos de Salvador, Rio de Janeiro, João Pessoa, Mogi das Cruzes e Santos.

Na mostra, o público poderá conferir apresentação de sete grupos de dança em cadeira de rodas, incluindo o grupo Studio de Dança, da Secult (Secretaria de Cultura). No local também haverá apresentações de convidados, como Silia Ceci Dance Theatre, Cia Athos de Dança e grupo de dança de rua.

Quinta-feira, (17), às 9h, e sexta-feira (18), às 17h, haverá também cursos de dança esportiva e dança em cadeira de rodas, na escola municipal João Papa Sobrinho (Rua Goiás, 145 – Gonzaga). Cada curso custa R\$ 25,00. Já na sexta-feira, às 14h, no mesmo local, ocorrerá a assembléia da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas.

O evento é realizado pela Confederação com apoio da TV Tribuna e posto Portal de Santos. As atrações no Coliseu (Rua Amador Bueno, 237 – Centro Histórico) e no Clube Internacional de Regatas (Av. Almirante Saldanha da Gama, 5 – Ponta da Praia) têm entrada franca. A programação completa pode ser conferida pelo site: [www.cbdc.org.br](http://www.cbdc.org.br).

**VII Mostra de Dança em Cadeira de Rodas acontece nesta quarta**

Juiz de Fora, 08 de dezembro de 2009

[www.ufjf.br/dircom/2009/12/08/vii-mostradedancaemcadeiraderodas](http://www.ufjf.br/dircom/2009/12/08/vii-mostradedancaemcadeiraderodas).

## **Diretoria de Comunicação – UFJF**

### **VII Mostra de Dança em Cadeira de Rodas acontece nesta quarta**

Publicada em: 8 de dezembro de 2009 - Visualizada pela 104ª vez



Nesta quarta-feira, dia 9, ocorre a VII Mostra de Dança em Cadeira de Rodas, no Teatro Pró-Música, às 19h. O evento faz parte do VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Roda promovido pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (Faefid/UFJF).

A Mostra conta com a participação de grupos de dança das cidades de Santa Maria (RS), Santos (SP), Rio de Janeiro, Salvador e João Pessoa. Diferente do VIII Campeonato Brasileiro de dança na modalidade, que acontece no sábado, dia 12, a Mostra terá apresentações livres e não há júri. A entrada é franca.

O Simpósio começou nesta terça-feira, 8, e vai até domingo, 13. Serão realizadas, ainda, palestras, workshops, mesas redondas e exposições. Todos com a finalidade de oferecer à sociedade uma discussão a respeito dos indivíduos portadores de quaisquer tipos de deficiência física.

Segundo a professora da Faculdade de Educação Física da UFJF e coordenadora de Acessibilidade Educacional e Informacional (Caefi), Eliana Lúcia Ferreira, o Simpósio é direcionado aos profissionais que desejam se atualizar e se aprimorar em trabalhos voltados para assistência aos deficientes físicos.

Outras informações: (32) 2102-3283 (Caefi)

Programação do Simpósio

[« Anterior](#)

#### **Deixe seu comentário**

Nome (Obrigatório)

E-mail (Obrigatório)

Site

Digite os números da imagem

7387

Enviar comentário

Cadeiras mostram toda ginga no VII Simpósio Internacional de ... <http://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/noticias/2009/12...>

ACESA.com > Direitos Humanos > Notícias > Cadeiras mostram toda ginga no VII Simpósio...

Segunda-feira, 4 de dezembro de 2009, atualizada às 13h

### Cadeiras mostram ginga e consciência no VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas

Publio Cordeiro  
\*Colaboração

A partir da próxima terça-feira, 8 de dezembro, começa o VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, em Juiz de Fora. O evento é organizado pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (Faefid/UFJF) e traz na programação cursos práticos de dança, palestras, mesas redondas e um campeonato. As atividades ocorrem até o dia 13.



Trata-se da segunda vez que o simpósio é realizado na cidade. O principal objetivo é aliar a dança com a consciência da situação do deficiente físico. "O evento está relacionado, principalmente, com as complicadas barreiras arquitetônicas e com a dificuldade do próprio deficiente em se manifestar. A mobilidade e a motivação são focadas nas palestras que discutem a acessibilidade física, educacional e informacional da população", destaca a professora da Faefid e coordenadora de Acessibilidade Educacional, Física e Informacional (Caefi/UFJF), Eliana Lúcia Ferreira.

Paralelo à atuação do Caefi e à necessidade de informação e de trabalho junto aos deficientes no simpósio, Eliana ressaltou a importância de ações que permitam a pessoa com deficiência permanecer nas escolas e nas universidades. "As dificuldades encontradas são tantas que a pessoa desiste. A conscientização vem para facilitar este processo pedagógico, para que o aluno permaneça na instituição de ensino e tenha acesso ao material didático adequado."

Quinze duplas de estados brasileiros, como Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, estão inscritas no simpósio e irão disputar indicações para o Campeonato Mundial de 2010, realizado em Tóquio (Japão), em setembro do próximo ano. "Este é um novo esporte paraolímpico. O Brasil já levou representantes para o Campeonato Mundial", informa Eliana.

#### Difficultades

Para Eliana, as principais inadequações aos deficientes em Juiz de Fora são o transporte público, a acessibilidade a locais sociais, como cinemas, parques e restaurantes, e a falta de atendimento capacitado. "Notamos uma grande necessidade do deficiente de se mostrar. As mesas redondas e as palestras são justamente para facilitar e motivar este convívio e a inclusão social."

Para se inscrever no simpósio, o interessado deve acessar o site da **Confederação Brasileira de Dança em Cadeiras de Rodas** e fazer a matrícula gratuitamente. Cerca de 80 pessoas já estão cadastradas para o evento, que será traduzido na linguagem de sinais.

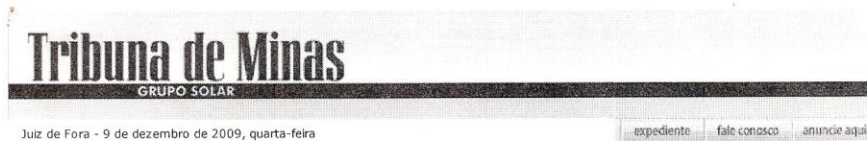
PROGRAMAÇÃO	
<b>08/12 - TERÇA-FEIRA</b> 08:00h Início do VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas 09:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 10:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 11:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 12:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 13:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 14:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 15:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 16:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 17:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 18:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 19:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 20:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 21:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 22:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 23:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas"	<b>08/12 - TERÇA-FEIRA</b> 08:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 09:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 10:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 11:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 12:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 13:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 14:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 15:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 16:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 17:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 18:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 19:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 20:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 21:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 22:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas" 23:00h Início do curso prático de dança "Dança em Cadeira de Rodas"

\*Publio Cordeiro é estudante do 9º período de Comunicação Social da UFJF

Envie para um amigo    Imprimir    Dé sua opinião    Assinar boletim    Topo    Home

Av. Barão do Rio Branco, 2390 - Centro - 36.016-310 - Juiz de Fora - MG - Fone: (32)2101-2000 | (32)3691-7000

© 1997 - 2009 | Todos os direitos reservados a ACESSA.com. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, retransmitido ou redistribuído sem prévia autorização.



Bem vindo, Livia!

Você está logado no  
Tribuna de Minas Online



#### CADERNO DOIS

### Unidos pela vontade de dançar

Hoje, o Pró-Música abre suas portas para o início da VII Mostra de Dança em Cadeira de Rodas, às 19h30. Integrada ao VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, da Faculdade de

Educação Física da UFJF, a mostra conta com a participação de dançarinos e atletas de cidades como Santa Maria (RS), Santos (SP), Rio de Janeiro, Salvador (BA) e João Pessoa (PB). "Esta é mais uma modalidade que pode ser indicada para os Jogos de Inverno de Vancouver (Canadá) em 2010", destaca a professora Eliana Lúcia Ferreira, coordenadora do evento.

O simpósio, que começou ontem, segue até domingo, com uma programação que inclui palestras, workshops, mesas redondas e exposições. O objetivo, segundo Eliana, é promover uma discussão a respeito dos indivíduos portadores de quaisquer tipos de deficiência física. "Os dançarinos cadeirantes tiveram curso prático de dança esportiva em cadeira de rodas com a professora Pippa Roberts, da Ilha de Malta (Mar Mediterrâneo)", conta.

Amanhã, o simpósio traz trabalhos científicos sobre dança em cadeira de rodas e acessibilidade para as pessoas com deficiência, além de lançamento de livros sobre o tema. Diferentes pesquisadores e arquitetos do Brasil, como adianta a coordenadora, estão escalados para o encontro.

#### Mostra de Dança

Hoje, às 19h30  
Pró-Música (Av. Rio Branco 2.329) Entrada gratuita

→ Comentar matéria

## **Faculdade de Educação Física e Desportos – UFJF**

### **UFJF sedia Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**

Data: 5 de dezembro de 2009



Mostrar que o esporte é também uma ferramenta de inserção social é o objetivo do VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Roda promovido pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (Faefid/UFJF). O evento acontecerá entre os próximos dias 8 e 13.

Criado na Universidade de Campinas (Unicamp), em 2001, o simpósio surgiu da necessidade de apoio aos deficientes físicos, principalmente no que se refere a escassa capacitação dos profissionais no Brasil. O congresso, então, possibilitou a oferta de cursos de arbitragem e de prática em dança de salão.



Eliana ressalta que o Simpósio é a oportunidade para profissionais que desejam se atualizar e se aprimorar em trabalhos voltados para assistência aos deficientes físicos.

O evento, que acontece anualmente no país e já foi realizado em Campinas, Mogi das Cruzes e Piracicaba, localizadas no Estado de São Paulo. A programação deste ano na UFJF conta com a participação de dançarinos de várias partes do Brasil e das árbitras do Comitê Para Olímpico Internacional, Pippa Roberts da Ilha de Malta, e Dorit Sharet, de Israel. Ambas ministrarão cursos para capacitar profissionais que trabalham com pessoas com deficiência física no Brasil.

Faz parte da programação do Simpósio a VIII Mostra de Dança em Cadeira de Roda e o VIII Campeonato Brasileiro de dança na modalidade. A mostra acontece no dia 9, quarta-feira, no Centro Cultural Pró-Música. Já o campeonato está marcado para as 20h do dia 12, sábado, no Colégio dos Jesuítas. A entrada é franca para ambos os eventos, e os ingressos para apresentação dos grupos, inscritos na mostra, podem ser adquiridos na bilheteria do Pró-Música.

Serão realizadas, ainda, palestras, workshops, mesas redondas e exposições. Todos com a finalidade de oferecer à sociedade uma discussão a respeito dos indivíduos portadores de quaisquer tipos de deficiência física.

Segundo a professora da Faculdade de Educação Física da UFJF e coordenadora da Coordenadoria de Acessibilidade Educacional e Informacional (Caefi), Eliana Lúcia Ferreira, o Simpósio é direcionado aos profissionais que desejam se atualizar e se aprimorar em trabalhos voltados para assistência aos deficientes físicos. Ela afirma também que "é de extrema importância que todos da comunidade de Juiz de Fora estejam presentes tanto na Mostra, quanto no Campeonato, pois um evento como esse não seria nada sem a presença de público".

Programação:

Cidade vai sediar campeonato de dança em cadeira de rodas

A Cidade de Santos sediará, pela segunda vez, o 9º Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e a 9ª Mostra Artística Nacional. Os eventos acontecem nos próximos dias 9 e 10, respectivamente.

As duas atrações são promovidas pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas. São esperados 60 competidores de vários estados que ficarão alojados na escola municipal João Papa Sobrinho, no Gonzaga.

O campeonato será realizado no Complexo Esportivo Rebouças, na Ponta da Praia, a partir das 19h, nas categorias três danças latinas (samba, rumba e jive) e cinco danças latinas, sendo acrescentados o cha cha chá e passo doble. A disputa será entre casais, sendo que um dos integrantes da dupla deverá ser usuário de cadeira de rodas.

O torneio é válido como seletiva para o campeonato mundial. A Escola Municipal de Dança em Cadeira de Rodas, da Secult (Secretaria de Cultura), participará com cinco duplas.

**Mostra**

A mostra artística terá o Teatro Coliseu como palco, às 20h. As apresentações não terão caráter competitivo. A entrada é gratuita nos dois eventos, mas os organizadores pedem a doação de um quilo de alimento não-perecível, que será encaminhado à instituição Missionária da Caridade Madre Teresa, do Rádio Clube, na Zona Noroeste. O campeonato e a mostra são patrocinados pela Transbrasa, com promoção da TV Tribuna e apoio da Prefeitura.





## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Entrevistado: **Alexandre de Aguiar Siqueira** – Companhia de Dança Studio Dança em Cadeira de Rodas – SECULT – Secretaria de Cultura Municipal de Santos. Entrevista realizada em: 10/12/2009.

Ah... Eu comecei na dança... Primeiro contato que eu tive com a dança, foi com a dança de salão, foi por volta dos 16 anos, hoje eu tô com 33. É, como dança social mesmo, pro lazer, eu comecei primeiro com o lazer, depois de seis ou sete meses, eu fui convidado pra dar aula. Ai eu passei a dar aula de dança de salão, nos bailes, nos cursos em Santos, né? Nas associações. Aí depois dessa fase ... é... eu fui convidado pra trabalhar com uma... com uma banda, que faz... é...de orquestra,né? Que faz banda show e tem a linha de show de frente mesmo. Então... eu peguei e fiquei durante um ano trabalhando com essa banda, então eu tive essa visão também de show.

Eh... após isso, eu ingressei na faculdade de arquitetura, que é a minha formação. Sou arquiteto, especialista em acessibilidade no patrimônio histórico. E depois dessa fase eu continuava ainda dando um pouco de aula particular e nesse mesmo tempo, de 2006 a 2009, 2005 a 2009. Não, 2005 a 2009, não. De 95 a 99, enquanto eu fazia faculdade, eh... eu ingressei o corpo docente da Faculdade da Terceira Idade da Uni- Santos. Eu também dava aula de dança de salão pra terceira idade, durante 3 anos, eu dei aula. E nesse meio tempo, em 2001, logo depois da minha formatura, em 2001. Eu... fui convidado pela Luciana Carla pra ajuda-la numa coreografia que ela tava montando na Companhia de Dança Arte de Viver da qual ela fazia parte. E ela tava montando uma coreografia de um tango e eles queriam justamente a posição do professor da dança vista pelo homem, feita pelo homem, pensando no casal tendo-se um bailarino cadeirante que era um homem no caso. Então eu fui convidado para ajuda-los a fazer esta integração, esta junção e... logo depois... desse trabalho que foi feito, dessa coreografia eu fui convidado por eles a integrar a Companhia de Dança Arte de Viver. Então foi o meu primeiro contato com dança em cadeira de rodas. Foi em torno de 2001, acho que março de 2001 e ai eu fui...fui me apaixonando pela Companhia. Ai sai do olhar do espectador que quase não tinha visto ainda dança em cadeira de rodas, achava novo, eu não sabia o que eu estava vendo, a Lú tava conhecendo e comecei a pesquisar e a Luciana foi me ajudando, foi me trilhando nesse

caminho, que ela já tinha um caminho maior com dança com deficiente e que me ajudou com dança em cadeiras de rodas. Ai nós fomos trilhando. Em 2002, se eu não me engano, acho que foi isso, quando houve o primeiro campeonato brasileiro, que foi em 2002, em Campinas, ela já tinha recebido o material pra poder fazer a parte do simpósio. Então ela foi pra lá pra fazer o simpósio em Campinas, nós ficamos, a Companhia de Dança ficou, a gente ia fazer a mostra artística e na semana que antecedeu o evento, antes do campeonato, eh, ela entrou em contato e ficou sabendo do campeonato, o primeiro campeonato brasileiro de dança de salão ou dança esportiva em cadeira de rodas, nós fomos pesquisar e vimos que a era a dança de salão internacional. Ela foi pra lá no domingo. Ela não nos avisou. Na segunda-feira ela liga pra gente: “Olha vocês estão inscritos no campeonato, vocês tratem de vir pra cá, pra..., vocês vão competir também.” Ai foi uma doideira, ela lá, o parceiro dela tava em Santos, eu e minha parceira estávamos em Santos, as duplas, e nós fomos para o campeonato. E... chegamos lá, a Eliana não tinha conhecimento do trabalho que eu exercia em Santos, não sabia da existência da Companhia de Dança Arte de Viver em Santos e fomos pegos de surpresa. Fomos para o campeonato e fizemos aquilo que nós já sabíamos fazer, que era fazer a dança de salão em cadeira de rodas. E por sorte, ou melhor, não só sorte, mas acho que por competência nossa também, pelo trabalho que a gente já tava desenvolvendo, isso é credito também muito nosso. A gente tentou muito assim, ser o mais coerente possível e sempre muito íntegro. E eu enquanto bailarino, ou melhor dançarino de dança de salão tentei sempre passar minha essência pra cadeira de rodas, aquilo que eu sabia eu adaptava, e... ai depois assim...desse processo a gente foi vendo o material do que tava acontecendo, as informações que a gente tinha pelo Brasil e algumas coisas fora, que geralmente era adaptado a ... ou facilitar demais o movimento, depende de como que era a lesão e tudo, a gente tentava adaptar o máximo possível do movimento, chegar mais próximo do movimento do andante, né? Então, bom, com este trabalho nós fomos, Santos foi, o primeiro campeão brasileiro de dança esportiva em cadeira de rodas, CBDCR, primeiro e terceiro lugar, isto foi em 2002, e a partir daí a gente começou a investir um pouco mais na dança

esportiva. Nós ainda ficamos juntos a esta Companhia mais uns dois ou três anos, aproveitando todos os cursos. Todos os campeonatos a gente sempre tava, então nós estamos desde o começo da formação da...da Confederação, participando e vendo tomo mundo crescendo. Nós éramos em dois, de repente nós ficamos em uma dupla só, só a Luciana e o Luciano e o último campeonato com essa Companhia foi em 2005 quando houve o primeiro campeonato em Juiz de Fora. O Luciano já estava se despedindo das pistas, não ia mais participar, né, ele já não tava mais agüentando esse pique por idade, problema de saúde, tanto que quando houve o primeiro paulista, e único paulista, eh... na Confederação, o único campeonato paulista em dança esportiva em cadeira de rodas, dois dias antes ele teve uma paralisia facial, de forma assim... tanto que a Luciana não pode vir dois dias antes. Então só competimos nós. E Santos detêm, além do título de primeiro campeão brasileiro, o primeiro título de primeiro campeão paulista de dança esportiva em cadeira de rodas, CBDCCR. E pra mim isso é muito gratificante, né, pra nós da Companhia, pra mim, pra Luciana e eu como bailarino principalmente, que o título inclusive foi com ele. Então isso é muito gostoso. Dentro da história, dentro da gente sempre conta, a gente tá desde o começo e fomos os primeiros. Nós fomos muito pioneiros em alguns trabalhos que a gente faz. E nesse meio tempo, em 2003, a Lú sempre já havia comentado a vontade da gente expandir esse trabalho, não ficar só ali nos dois bailarinos que a gente trabalhava, a gente precisava abrir mais, havia uma idade limite que não ia mais chegar. Foi quando a Luciana chegou pra mim assim oh: “quero começar a dar aula, então eu vou fazer isso, isso e isso, eu vou conseguir um espaço, conseguiu um espaço cedido, era gratuito, num domingo.” E eu falei, você tem certeza? Você vai ficar lá sozinha, ninguém vai aparecer e tudo. Não, mas eu quero, quero fazer. Bom, se você quer fazer, eu vou de apoiar e então vamos arrasar. Primeiro eu ri dela, não vai dar certo, você não vai conseguir, as pessoas não vão vir, não vão chegar até você. E para nossa surpresa numa primeira aula apareceu uma única aluna, era uma criança, acho que na época ela tinha cinco anos, a Vitória, se não me engano, e na semana seguinte, duas semanas depois apareceu mais uma, que é a Bruna, que inclusive este ano ta entrando nas pistas pela primeira vez. É

uma aluna que surpreendeu, a gente talvez achou muito trabalhar com ela com a dança esportiva, mas houve interesse dela, o crescimento dela enquanto bailarina foi muito legal. Então foi quando em 2003 foi fundado... a Escola de Dança em Cadeira de Rodas em Santos. Em 2005 houve um processo, uma parceria junto com a nossa Prefeitura, Prefeitura Municipal de Santos, entre os professores, o Conselho Municipal da cidade pra pessoas portadora, o COMDEF intermediou também este processo por ser uma parceria entre os professores e a Prefeitura. Foi quando em 2005 foi fundada a primeira Escola Municipal de Dança em Cadeira de Rodas do Brasil. Eu...É a única ainda. Que a gente tem registro como escola municipal que visa a formação do bailarino cadeirante, que trabalha as duas vertentes, que é um curso curricular é a única. Com isso, pra que tudo isso acontecesse, a Luciana teve que criar um método, colocar isso, essa metodologia toda no papel, o... a duração do curso, como que ia ser feito. Então assim, pra mim é muito gostoso porque primeiro eu fui convidado pro nada para ajudar uma coisa, fui inserido, eu gostei, fui trabalhar e entrei junto, entrei de cabeça junto com a Luciana, minha formação é só dança de salão. Mas, eh, ela junto com a formação dela, clássica, foi me orientando a fazer essa limpeza de movimento que talvez me faltasse pra umas outras coisas. Ai de repente a gente criou uma escola. Começou com duas alunas, eu ajudei, ela que criou, eu ajudei a trabalhar com as duas alunas. Hoje a gente chega em 2009 com mais de 20 alunos inscritos, com um grupo muito grande desde criança até..., ahh..., a gente diria a terceira idade também da dança em cadeira de cadeiras de rodas. Então 2005 foi a última vez que esta Companhia, esta companhia se desfez e a gente continuou o trabalho com a escola. E acho que foi a melhor coisa que a gente fez na vida e eu enquanto bailarino ganhei novas parceiras, e enquanto professor tenho enriquecido com essas novas alunas, esse novo desafio. Foram formatados, fomos formatar essas novas.... essas novas alunas. Ai em 2005 aconteceu isso. Quando foi em 2006 foi a primeira vez que eu entrei na pista com uma aluna, depois de um ano e meio de curso, que foi a Cida Guerreiro. Foi o campeonato que aconteceu em Piracicaba, foi um campeonato que foi muito interessante...foi um dos....foi o campeonato com o maior número de inscritos de competidores

depois, acho que, do primeiro campeonato. O primeiro campeonato teve bastante gente. Ah.., muitos grupos não continuaram, se desfizeram muitas duplas, infelizmente, e em 2006 em Piracicaba apareceu muita gente fazendo trabalho mesmo, de teses de faculdades, outras equipes, então teve um campeonato grande, tanto que a turma de iniciantes, que no caso eu estava como iniciante, com esta minha aluna, foram três baterias, acho, que de cinco ou seis duplas. Então nós estávamos em doze ou quinze participantes em cada dupla... só no iniciante. Esse ano foi muito legal. E como resultado nós fomos segundo lugar, vice campeões brasileiros no ano 2006. Em 2007 nós crescemos, nós fomos para João Pessoa com duas duplas. Eu já não dançava mais com essa aluna, ela não teria mais condições de continuar, ela não quis mais continuar e então desde 2007 eu to com a mesma bailarina, a mesma parceira que é a Adelina. Ai nós fomos para João Pessoa e eu levei..eu e Adelina e a Lídia com o Claudinho e nós fomos primeiro e quarto lugares na nossa categoria em João Pessoa. Em 2008 nós fomos..., nós conseguimos sediar pela primeira vez o Campeonato Brasileiro em Santos que modéstia parte foi um campeonato maravilhoso, tentamos fazer o máximo que pudemos, foi excelente, eu acho que você deve ter gostado, e, 2006 então nós fomos com uma dupla, 2007 com duas duplas, e 2008 nós apresentamos três duplas no campeonato, e inserimos também nesse campeonato a primeira equipe santista de dança esportiva, no caso, andante, que nós juntamente com a dança em cadeira de rodas nós sentimos necessidade da dança esportiva ser inserida ao público andante para eles também serem preparados a trabalhar com a dança em cadeira de rodas. Em 2008 nós levamos três duplas, nós tivemos, obtivemos segundo e terceiro lugar na classe três danças e o vice-campeonato na classe quatro danças. E pra satisfação nossa, em 2009 nós estamos trazendo quatro duplas. Então a gente vem numa crescente ai, crescendo. E em 2010 a gente pretende ta com mais duplas também, quem sabe até com as crianças. Enquanto bailarino isso é muito gostoso ver esse sucesso todo. No ano de 2009 eu inscrevi para o simpósio um texto intitulado Arquitetura da Dança: do Desenho a Construção de Uma Dupla, que justamente conta essa necessidade de juntar a dança esportiva andante, trazer

para o maior número de público possível, moldar essas pessoas para serem inseridas na dança de cadeira de rodas pra que não aconteçam erros bruscos demais como vêm acontecendo, a gente vê há alguns anos acontecendo, pessoas que estão lá, estão testando algumas coisas, um laboratório, sendo que no Brasil já tem muito material. Nós já estamos no oitavo campeonato. Há alguns erros de dupla não poderiam estar acontecendo. Só que infelizmente 2009 é um campeonato em que tem, só temos antigos grupos, não temos nenhum grupo novo este ano entrando. Mas tem novas duplas dentro desses núcleos, então a gente fica, eu fico muito feliz com isso. O trabalho tá crescendo, a escola está expandindo, eh.. eu desde dois mil e..., desde noventa e ..., sei lá, noventa e nove, noventa e cinco, eu nem me lembro mais o ano quando eu comecei com a dança de salão. Olha onde eu cheguei. Eu fui muito enriquecido com este trabalho todo e eu vi que foi possível, eu não perdi como dançarino de dança de salão pura, dança social. Eu agreguei, eu ganhei o dançarino da dança esportiva e o dançarino em cadeira de rodas, o bailarino da dança em cadeira de rodas, porque a gente tem desenvolvido tanto o lado artístico quanto o competitivo e nós achamos que andam juntos. O lado do trabalho artístico te dá uma limpeza de movimentos muito grande, né? Como todo mundo sabe, a gente precisa ter a limpeza de um bailarino clássico com a energia de um atleta pra ser um bom competidor em dança esportiva em cadeira de rodas ou somente dança esportiva, né? Então a gente vem desenvolvendo isso, então é nítido pra mim enquanto aí dançarino, eh, esse meu desenvolvimento, meu condicionamento, o meu físico, aonde eu posso ir até onde eu agüento, quanto tempo de apresentação e além disso tudo o trabalho e a idade né? Com 33 anos tem gente que tá parando com um monte de coisa. Eu acho que estou no auge ainda, e eu ainda tenho muito tempo. A dança de salão me permite estar muito tempo dançando ainda e competindo e dança esportiva também. É, você amadurece com, com... é muito, é legal você trabalhar com adolescente que é o nosso caso, o projeto da dança esportiva com adolescente, porque ele ainda é só uma massa que pode ser moldada e que vão se criar o molde da conscientização, juntar isso. Sabemos que nós trabalhamos com nossas

duplas não pro agora. Agora tem correspondência, mas temos trabalho a longo prazo, então, independente dos trabalhos que vão sendo desenvolvidos, desenvolvidos ou não, grupos que vão sumindo nós sabemos que o Studio, a Companhia de Dança em Cadeira de Rodas da Secretaria de Cultura de Santos, tem condições de manter por muitos anos, muitos e muitos anos a Confederação com duplas. Não temos ainda o lado administrativo, não temos a intenção de tomar conta da Confederação, queremos ser atletas, queremos fortificar o esporte, a arte, a dança em cadeira de rodas, e assim,... a gente sempre vem trabalhando nossos alunos também, com essa conscientização: Vocês vão para o palco mostrar o artista, e não vão para o palco mostrar a deficiência ou a cadeira de rodas. Eh. Na maioria das vezes, acho que em 100% do nosso trabalho a cadeira de rodas ta até esquecida. A gente tenta ser o mais limpo, o mais puro possível para que as pessoas vejam o artista e não o deficiente. Do nosso trabalho intenso da competição também que vejam a dupla, que a pessoa olhe a dupla: Nossa, ele roda, ela anda, não. Que veja uma dupla, uma harmonia e isso a gente tem conseguido. Eu, enquanto professor fico muito feliz e enquanto dançarino fico mais feliz ainda. E a gente tem tentado esses anos todos contribuir o máximo que puder para a Confederação. Acho sim, que em 2008, Santos conseguiu dar o marco em formatação de campeonato. A cidade permitia isso, isso a gente também sabe as condições de cada um. Cada um tem uma condição diferente. Nós sabemos que ela formatou de uma forma que todo mundo que quiser levar o campeonato para a cidade vai ter que correr atrás pra tentar alcançar o de Santos. Em termos de público, em termos de participação. Nós fizemos depois um levantamento no dia da mostra artística nós tivemos cerca de quase quinhentas pessoas assistindo dentro de um teatro histórico. E no campeonato quase oitocentas pessoas dentro do ginásio assistindo. Foi muito...foi um ganho muito grande de repercussão. Então eu como dançarino a gente vê esse crescimento lá com um grupinho que começou em 2002 no primeiro campeonato, o que foi acontecendo em 2003, 2004, a crescente, públicos maiores ou não, duplas, mais duplas ou menos duplas, mais uma crescente, uma constante, isso é legal. Então lógico, vontade pra sair do Brasil temos sim.



Né? Temos novos rumos ainda a ser seguidos que são os campeonatos internacionais, os opens, os mundiais, mais, nós queremos fortificar muito bem nosso trabalho dentro do Brasil, queremos fortificar o nosso seleiro primeiro pra depois entrar no seleiro dos outros. Então é isso, como dançarino a gente tem tentado aprimorar a minha técnica ao máximo que eu posso pra poder passar aos meus alunos, pras novas duplas que estão vindo, como o nosso aval, com a nossa assinatura. Então a gente tem aprimorado bastante, buscado coisas novas, técnicas novas, olhares diferentes sobre a dança, e ela vem desenvolvendo. A própria dança esportiva não está estagnada, ela tá, tá andando. Ela tá evoluindo. Hoje com as informações via internet, o acesso é muito rápido. Então aquele que diz que não consegue, o problema não está como parte de quem está passando, está no código genético, está na pessoa que não consegue fazer. Olha, as coisas estão na frente, a gente tem que correr atrás. É a minha história dentro da Confederação. Esses oito anos de Confederação acho que mais ou menos isso. É, foi muito gostoso, esse crescimento todo, esse ano colocando novas duplas adolescentes juntos. E foi justamente esse o processo da dança esportiva andante com a dança esportiva em cadeira de rodas que eu venho..., que eu tenho trabalhado. E nisso que eu tenho focado muito, a gente tem focado muito e eu principalmente como que nós vamos conseguir boas duplas. Eu acho que esse trabalho de base que tá faltando, que tem que ser muito forte. Que infelizmente dentro da Confederação não há este trabalho. Os núcleos trabalham e a Confederação dá o respaldo de organização e ainda acho que falta este outro respaldo, ver como estão estes núcleos. Como está trabalhando, porque como a gente vai pra um campeonato brasileiro ou um campeonato mundial a gente leva o nome da Confederação, leva o nome de um país. Talvez esteja faltando dentro dessa nossa estrutura de Confederação órgãos mais fiscalizadores nesse sentido como em outros esportes acontecem. E quem sabe chegar ao nível da gente tá tentando ir pros regionais e serem seletivos para o brasileiro e o brasileiro ser seletivo para mandar para os mundiais. Nesse processo, acho que a gente vai chegar nisso. Santos está trabalhando. Eu enquanto professor dançarino nós estamos trabalhando para conseguir bastante atletas pra gente poder fazer

justamente isso e não ter um único encontro no ano. A idéia é essa. Durante o ano não há contato entre Confederação e os confederados. Falta acho que maior contato, esse link maior, a gente até informa nós vamos ta fazendo isso, mas fica no informativo. Não tem um contato talvez maior e, era necessário que houvesse outros campeonatos menores, regionais, mesmo que não fossem seletivos. Que não fossem subsídios pra gente chegar no campeonato brasileiro, mas que houvesse esse maior contato dessa competição durante o ano outras vezes, para que o bailarino esteja mais preparado pro campeonato maior. Santos está tentando fazer isso, esses municipais, esses estaduais, eh..., infelizmente São Paulo é tão grande e não tem tantas duplas assim. As que começaram por não ter tido a pessoa certa no comando talvez pra passar o que deveria ser feito ou o olhar dessa pessoa estaria errado não consiga chegar nesse conjunto. (Atendeu celular). Eu não sei, tem uma coisa assim, a criação, o cabeça de uma Confederação Brasileira tem todo um peso, é muito legal você ter um suporte, você faz parte de uma coisa maior. Então..., é pena que ela ta pequena ainda. Pra oito anos ela ta muito ah... Eu não sei se nós enquanto confederados conseguimos atingir... É que a gente nunca pode esquecer que a gente trabalha com a dança em cadeira de rodas, ou seja, dança com deficiente, e ai nós criamos uma barreira assim, é, tem um grupo dentro do Brasil, acho que, dentro do mundo, que gente deficiente não pode competir, não deveria competir. Eu não acho que deficiente tem que ser tratado como coitado. Você tem que virar pra ele, ai que boni...que coitadinho, bonitinho, que qualquer coisa que ele fizer ta certo. Não, ta errado. Porque antes dele ser um deficiente, dele ter a deficiência ele é um ser humano, ele já tem o seu desejo, gosta de ser reconhecido. Né? E eu acho que... que é satisfatório, o andante, a pessoa dita normal, ganhar, ser reconhecida pelo seu mérito. Acho que o deficiente gosta desse mérito também. De saber que ta fazendo. E a gente ta num processo que o público já começa a olhar o trabalho da dança em cadeira de rodas de um jeito diferente. Ele se emociona? Ele se emociona. E ai com aquela história da superação, não sei o que, mas todo mundo que sobe no palco se supera, porque a pessoa pra se sentir artista tem que primeiro ficar livre de vários preconceitos, vários medos, tem o lance de

você encarar o público, você está se expondo. Né? O atleta não tem...tem o caráter competitivo, ele é reprovado mas ela não se expõe, porque o esporte é muito dizimado, muito, assim, dizimado não, é muito difundido. Então o esporte é legal. A dança é preconceito ainda dentro do Brasil. Você sofre preconceito se você faz dança, principalmente o homem, tal. Depende da dança não adequado para isso, nem adequado pra aquilo. Então tem certas limitações. Então você se expõe demais quando você trabalha com a dança, com a arte em si, você coloca sua emoção. O atleta tem uma energia, um foco pra aquilo, pra uma corrida, pra uma natação. Então a emoção ta focada na competição, em tudo, mas na hora que você trabalha com a arte, a sua emoção está muito ligada com a sua sensibilidade. Isso te desarma, a pessoa fica muito nua, de tudo, e a pessoa tem que expor tudo isso. Então, é, um desafio que a gente também trabalha com nossos alunos. Você primeiro se desnuda pra depois vestir um personagem. Toda apresentação a gente veste um personagem. Então isso é um trabalho, assim, intenso. Nós temos resultado com os alunos, assim surpreendente. É, pessoas que chegaram muito inibidas e vieram apenas procurar uma forma de praticar a dança, gostam de dançar, então acharam um lugar pra poder dançar livre, sem ninguém ficar reclamando, sem ninguém ficar com cara feia. Ai eu falo pra eles, perfeito, beleza! Só que se você quiser continuar, tem regras. Isso não é um curso de férias, é um curso curricular. Em 2010 nós 'tamos' com a primeira turma de formandos do Brasil. Com certeza nós vamos mandar um convite pra você. Vai ser um evento, vai ser um marco. Santos é muito pioneira, ai eu digo, na arte em geral. Não digo só na dança em cadeira de rodas. Grandes atores, grandes escritores saíram de Santos e estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Então nós somos muito marco, nós temos marco em relação a arte. Então a gente vem conquistando este espaço também. Ai a gente trabalha, tem trabalhado bem. Então a Confederação na verdade tem um ganho que é o caminho pra gente também ta mostrando esse trabalho e ta difundindo pra chegar ao campeonato. Então fazer parte desse processo todo é muito gostoso, e assim é muito legal você ta encorajando a contagem dessa história, que é uma história contada, mas não ta na literatura e as pessoas não tem acesso. Outra coisa com relação

a Confederação é que ela foi criada com um propósito, melhor, por causa de um propósito, e ainda ela tá muito enraizada dentro do mundo da Universidade, e não é todo mundo que tem acesso a Universidade, a informação da Universidade ainda. Eu acho que a gente enquanto confederação precisava difundir mais essa informação ao público que não tem acesso a Universidade, porque o nosso artista, o nosso bailarino, o nosso competidor cadeirante está localizado nessa massa que não tem acesso a universidade, que não tem acesso a uma internet. O deficiente físico, como no nosso caso, ainda está à margem da sociedade, porque se ele não teve uma base escolar, ele não consegue passar para o próximo passo, e não chega numa Universidade. Hoje o trabalho está sendo desenvolvido dentro de uma Universidade. A Universidade tem que chegar nessa ponta da sociedade, que é essa beirada. Então os núcleos estão crescendo dentro do Brasil porque estão buscando justamente esses atletas que ficam escondidos, os bailarinos que gostariam de fazer alguma coisa. A maioria deles vêm, sem a mínima intenção de competir, vem pra dançar, pra fazer um trabalho artístico e aí eles vão se apaixonando porque aquele que já compete faz e eles vão se envolvendo e quando vê, eles tão pedindo uma dupla. É muito difícil, é difícil você conseguir um deficiente físico para ser um atleta bailarino ou então dançarino. É muito difícil também achar andantes que queiram disponibilizar seu horário, que queiram responsabilidade com a dança em cadeira de rodas. Graças a Deus, Santos está conseguindo manter aí, umas duplas, pessoas que estão com vontade, tão se engajando, tão querendo estudar, mas não por um ponto social, nem nada, é porque vêem potencial no que estamos fazendo, querem dançar para ser artista junto, atleta junto. Então isso é muito gostoso, viver esse processo desde 2002, estar junto desse processo. A confederação também não é pra agora, tá tarde? Tá atrasada? Em oito anos não ter feito mais? Só que a Confederação também tá sendo estruturada mais pra frente. Então o trabalho que você está fazendo é legal pra isso, pra gente saber por onde vai seguir à frente. Porque ela não pode ser apenas um suporte, um nome, ela tem que ter um trabalho mais efetivo. Não temos pessoas ainda, pra isso, porque a Confederação também é feita, a direção da confederação é feita por atletas,

por dirigentes dos clubes, que também já estão muito envolvidos com seus clubes e não têm persistência ainda hábil também pra isso. Então cada clube difunde, cada clube está difundindo dentro do seu estado, dentro da sua cidade. Quando ela precisa de uma equipe, pra tá dirigindo, mas que tenha os olhos voltados pra dança em cadeira de rodas muito clara e não como uma empresa. Também como uma empresa, só que assim, pensando muito na dança em cadeira de rodas e não apenas no que ela pode trazer pessoalmente. Então nós estamos num momento de modificação? Estamos. Temos que continuar com as pessoas que estão mais envolvidas com a dança? Tem que tá lá. Mas acho que vamos chegar num momento, por exemplo, você, Michelle, está fazendo uma pesquisa que espero que não fique parada somente em uma pesquisa, pois o que nós temos visto é isto, os estudantes fazem o trabalho lá, de TCC, tanto de graduação, de pós-graduação e só. Estes estudantes que deveriam estar começando, fomentando a nossa diretoria para que os dirigentes de cada clube não tenha que tá tão envolvidos enquanto atletas, enquanto dirigentes e enquanto diretores. Nós precisamos de pessoas que queiram esse compromisso. Então eu espero que você não faça esse trabalho e fuja. E faça dele uma coisa mais prática. O que eu sinto falta dentro do trabalho da... realizado aí pela Eliana, é o compromisso do depois. E não é no caso da Eliana, porque a Eliana é o meio pra chegar os alunos. Ela vai semeando os alunos e espera que eles dêem retorno. O trabalho dela tá sendo feito. Eu acho que o que falta é resgatar esses semeados, esses que foram semeados. Éh..., pensa bem, oito anos, nós já estamos no sétimo simpósio. Pelo menos aí, umas quatro gerações de TCC já foram feitos, uns três ou quatro trabalhos de mestrado já foram realizados. Aonde estão esses pesquisadores? Aonde estão essas pessoas que deveriam estar juntas da Confederação, na direção da Confederação? Aonde estão essas pessoas que deveriam estar nos ajudando? Vêm... nos usam. Na verdade, a Confederação está sendo rato de laboratório. Os estudantes vêm, observam, observam, observam, vai tira sua nota e foge. E cadê os resultados dessas pesquisas que foram feitas durante anos? Que meia hora antes do campeonato vêm um monte de estudantes, com um monte de questionário,

vai responde, responde, cadê os resultados disso? Nós não sabemos nenhum resultado prático. Nós enquanto confederação, ai eu digo, nós enquanto atletas, os clubes, não tivemos acesso a nenhum material desse. Cadê o acervo da Confederação desses estudantes, que tudo está longe do nosso acesso, nas bibliotecas únicas e que ainda não foi difundido para nenhuma outra biblioteca. Então as vezes a gente também dificulta as pesquisas porque ninguém, porque são pesquisas que ficam paradas e não ficam pra gente. Serve... Essas pesquisas estão servindo pra outras pessoas continuarem pesquisando, mas os interessados não tendo acesso, não estão tendo a resposta disso. E essas pesquisas estão parando, eles não dando continuidade. Se pelo menos cada pesquisador conseguisse montar uma dupla, hoje teríamos um quadro, em 2009, um quadro de pelo menos umas cinqüenta duplas, no mínimo cinqüenta duplas. Porque os trabalhos não são só individuais, às vezes são trabalhos em grupos. São grupos de três, então só daí teria que formar uma dupla. Estamos no sétimo simpósio, então a gente faz um trabalho de formiguinha nas cidades, mas quem tem, quem detêm o poder de informação maior, de mais esclarecimento ta travando toda a interpretação. O processo vai ficar só dentro da biblioteca. O que ta acontecendo nesses anos todos é que o processo ta ficando dentro da biblioteca. Hoje nós temos pesquisas que vão avançando, né? No caso do Otávio dentro da preparação física, a sua acho que agora, com a história, talvez, a gente consiga... mas deveria. Sabe o que seria legal? Se isso virasse um livro e fosse mandado pra tudo em quanto é lado. Pra escola municipal, pras crianças, porque elas vão olhar de um jeito diferente. Talvez, uma leitura, quem sabe isso vira uma história infantil e ter um acesso maior das crianças, porque isso tem que ser desde base. Essas informações da confederação tem que ser desde base. Uma leitura prática, uma leitura pro leigo, não somente pra quem tem uma formação.... acadêmico. O que acontece é que todos os resultados de trabalho são muito acadêmicos. A pessoa às vezes não entende muita coisa. É bonito a nomenclatura, lindos, a pessoa olha pra aquele gráfico e não sabe o que está acontecendo. Os maiores interessados aos resultados da pesquisa não tem acesso. Como que nós enquanto atletas conseguimos andar se nós fazemos

pesquisas paralelas do movimento, da dança, de nossas coreografias e esses trabalhos didáticos que vocês tem feito, que os estudantes tem feito não ta tendo acesso pra gente, pra nos ajudar nesse trabalho agora. Oito anos, nós estamos no oitavo campeonato, eu, Alexandre de Santos, não teve acesso a nenhum anais. Os anais dos Simpósios. Então vem, os relatos de experiência, vem alguma coisa, uma coisa muito enxuta. O trabalho todo fica muito no subjetivo. Essas pesquisas ainda não mostrou nada prático. O atleta, o treinador precisa de um trabalho prático. A pesquisa muito no subjetivo, muito no intelectual é fala. Como transformar essa fala no prático pra poder melhorar a dupla, pra poder melhorar o nível do Brasil? Aonde está? Estão sendo escritas, ainda não ta pronta. Por isso que só um processo. A gente tem que pensar que os nossos resultados são do futuro. A gente vem conquistando agora, lógico, os títulos vão guardando e tudo. Esses atletas no futuro, na verdade, vão ter instituições atrás deles com títulos milhares. Mas eu espero que esse processo todo seja o mais prático possível. As pesquisas tem que ser mais práticas. Éh... deveria se pensar N coisas, a gente deveria estar pensando em várias estruturas, mas espero que a sua pesquisa seja um pouco mais prática. Não só contar, mas chegar há algum lugar. Não ficar só na biblioteca. Precisa, é um trabalho muito grande que você está fazendo. Cansativo. É uma pesquisa muito grande. Tem a parte material, documental, mas agora que você está fazendo a parte oral, que são os causos, são as histórias, que é o gostoso. E é isso que realmente diz como foi o processo e como que a gente vai trilhar pro futuro. Eu espero seriamente que a gente consiga ter acesso a sua história, dentro de um livro. Que isso se Deus quiser vai virar um livro. E que continue sendo a sua história. Eu espero que continue sendo a sua história, que não fique apenas uma pagina no seu trabalho, na sua vida pessoal N coisas acontecem, mas que não fique só no final da sua faculdade, numa folha, mas que vire sua história de vida junto. Tem que ser paralela a sua história. A gente tem que vestir a camisa da dança em cadeira de rodas e de qualquer coisa que a gente queira que ande direito. Então é só isto que eu tenho pra falar.

Entrevistada: **Anete Otília Cardoso de Santana Cruz** – Associação Baiana de Dança em Cadeira de Rodas. Entrevista realizada em: 10/12/2009.

Bom! Eu comecei nessa história da dança em 2001, 2000 mais ou menos, quando eu namorava com o Cabral, ele participava de esportes em cadeira de rodas, basquete, aí viajava. Eu comecei a viajar com ele, acompanhando ele. Mesmo ensinando, dando aula de matemática quando eu tinha oportunidade eu viajava com ele, com o grupo lá da Bahia, que era de uma outra associação. E nesses eventos que eu participava, via as meninas cadeirantes, praticando esportes. E eu era muito sedentária. Só sabia ensinar mesmo, dar aula de matemática. E ver aquelas meninas com tantas deficiências, amputadas ou pólio ou lesadas medulares, praticando esporte, me tocou muito, né? Porque eu me queixava muito do meu corpo, eu tinha problema de aceitação do meu corpo, da minha forma de ser. Eu não gostava de mim, me achava feia. E eu comecei a mudar, a mudar, a ver assim: “gente, eu to reclamando demais da minha vida”. O corpo com alguma deficiência, com alguma limitação e se acham lindas, e eram perfeitas. Eu achava aqueles corpos lindos. Tanto que eu comecei a criar uma atração muito grande por homens em cadeira de rodas, eu achava bonito, os homens. Eu não achava homem andante bonito, eu achava homem cadeirante bonito.

E aí eu comecei viver esse mundo, né? Só que assim, como eu era muito voltada a essa área da academia, gostava de estudar, eu queria tá vivendo justamente nessa parte de tá escrevendo, pesquisando. E aí num dos campeonatos de 2000, em João Pessoa, a gente encontrou a Eliana, que tava visitando, o pessoal pra participar do primeiro simpósio, que aconteceria na UNICAMP em 2001, e ela falou que ia apresentar a dança em cadeira de rodas, a dança esportiva em cadeira de rodas, ia trazer um técnico pra produzir interesse. Aí a gente já viu aquilo, a gente ia se casar no final do ano, aí nós nos casamos e na lua de mel a gente começou a pensar, que seria legal. Aí Cabral, nesse momento, ele fazia parte de um grupo de dança na Bahia e era dança artística, eu coordenava esse grupo junto com ele, com outro professor.



Aí, a gente decidiu que ia para o simpósio, aí fomos juntos. Na época, eu trabalhava com professora de matemática, em escola pública e ele aposentado, aí a gente foi na prefeitura com cara e coragem pra dizer que tinha esse simpósio, que era muito importante, que podia tá trazendo uma modalidade nova pra Bahia e a gente conseguiu verba pra gente viajar uma passagem de ônibus, aí saímos de Salvador pra Campinas, 36 horas, eu sozinha com ele, nunca tinha viajado muito tempo com ele de ônibus. Não tinha como carregar ele, então a gente ficou a base de maçã e Halls (risos), até lá, pra não ter dor de barriga, que ia ser bem pior. E aí fomos, ficamos no alojamento, tinha muita gente. E pra mim aquele mundo ali, era totalmente diferente. Aí Cabral foi, apresentou a dança e teve um curso de dança nesse período, de dança esportiva em cadeira de rodas, com o professor Hebert, veio da Alemanha. Ok, quando eu vi... não me encantei! Uma porque não era minha cara dançar, via aquele povo dançando, todo mundo que veio, na época já tinha a Luciene, o Alexandre, tinha a Luciana, tinha a Lila que era o Uruguai, a outra era da Argentina, as pessoas mais antigas da época. E todo mundo era da área de dança, e eu era a única patinho feio, num sabia nada, nenhuma experiência. O professor fazia o movimento... “ah, não é fácil”, eu olhava aquilo e não entendia nada. Aí ele ia pra um lado, eu ia pro outro, horrível! Então eu criei a maior geriza pela dança, do nada. Cabral, não a gente continua em Salvador, eu vou ensaiar com você, num sei o que e parara...

Cabral, lá gente procura uma professora de dança e você vai fazer com uma professora de dança, ele ficou insistindo e eu fiquei calada. Aí, nessa quando terminou o curso, não sei o que, e tudo animado e eu altamente desanimada, aí saí e falei com ele que eu não tinha interesse de continuar. Aí chegou a Eliana:”e aí tão animados pro campeonato no final do ano”? Vai ter o primeiro campeonato brasileiro... parara... eu disse não, eu não tenho vontade. Eu tenho vontade de chegar lá, procurar uma professora de dança, ele gosta de competir, eu nunca competi em nada, então não tenho interesse. Aí a Eliana, chegou falando: porque vai ter uma competição, ele tá com outra pessoa, vai ter viagem, então você num vai tá mais viajando com ele. Aí cheguei aqui e... ah... tudo bem pra mim. E quando cheguei de viagem comecei

a perceber que realmente ia ser bem difícil pra mim, ele viajar com outra pessoa e eu não viajar.

Aí pronto, a gente começou, a gente tentou, mas a gente não tinha grana ainda pra pagar aula de dança, e aí começamos a ensaiar. Só que eu era totalmente fora de ritmo, nunca conseguia dançar, assim eu dançava normal, mas aquela coisa assim metódica, de contar, não sentia, não percebia. Aí primeiro dia, quando a gente começou dançar, a gente brigava muito, Cabral é superperfeccionista e eu ficava agoniada, né? No entanto nos desentendemos muito, teve muitas brigas, muitas. Mas a gente conseguiu montar a coreografia do samba e jive, que foi... era a primeira dança que ia ter. Foi acompanhando um vídeo que a gente conseguiu que na época a Eliana mandou pra todo mundo. E fomos com cara e coragem pra lá, com cadeira de basquete, horrível, é muito aberta. Aí, dançou... ficou em quinto lugar aquela coisa e eu louca pra voltar, foi esse e acabou. Aí ele não a gente vai continuar... Cabral, não tem jeito, eu não sei dançar. E o pessoal falou, seu figurino preto, você tem a pele negra, devia usar uma cor mais alegre. Ele dança bem, tem expressão, mas você... Sempre alguma coisa, o elogio sempre era pra Cabral, pra mim sempre tinha alguma coisa a melhorar. Aí eu vi aquilo, ficou aquele negócio, sempre me chamando primeiro a atenção né? Aí no outro ano, insistiu, insistiu, pronto... de novo, 2003, ficamos em quinto lugar de novo. Aí pulamos pro quarto lugar...2003. Aí, 2004, a gente ficou rodando, rodando... Aí eu disse: Cabral eu quero fazer aula com um professor de dança de salão, se não, não rola. Aí nisso, eu fiquei procurando trabalho, porque tinha que arranjar um trabalho pra arranjar dinheiro. Aí por acaso apareceu uma vaga na universidade e me chamaram pra substituir a professora. Como eu não contava com essa grana, eu falei assim: Cabral, o que entrar de grana dessa universidade, que foi na Católica, eu vou investir tudo em aula de dança, balé, tudo que tiver. Porque não adianta eu quer ficar a vida toda ouvido o povo dizer que eu danço péssimo, que não tenho expressão, eu to cansada disso. Aí ele disse faça, não se preocupe não, o dinheiro que você receber, faça isso. Aí pronto, entrei na aula de pilates, aula de jazz, fazia todas as aulas, ficava cansada, ia pra escola dar aula, depois nos intervalos fazia aula de dança. E no

caso, a gente ficava intercalando com as aulas de dança. Foi aí que a gente encontro Carine, né?

A gente foi na academia de dança de salão que ela trabalhava e falei do nosso trabalho, falei que era um trabalho especial, aí a dona não ficou interessada, mas Carine se interessou. Eu pagava as aula pra ela na academia, mas ela se ofereceu como voluntária pra na hora do almoço dela ficar treinando a gente. Aí ela não sabia como que era a dança. E ela falou: olha eu não sei, posso ensinar vocês a brasileira, mas a dança esportiva eu nem sei pra onde vai. Aí Cabral falou: a gente não conhece, a gente vai estudar junto. E daí desde 2004, maio de 2004, ela ta com a gente, né? Então assim, a gente teve vários desentendimentos ao longo do processo, porque claro, como era coisa nova, então a gente brigava muito... porque era o desespero de está pesquisando... ela também se desmotivou em vários momentos, porque ela não conseguia pra estudar pra ta entendendo melhor, e a gente querendo mais dedicação dela e a gente ia pra fora, e a gente não sabia inglês direito. Aí, teve a oportunidade da gente representar o Brasil no Japão, mas só que não teve campeonato, né? E os três primeiros lugares do Brasil teriam direito, agora tinha que buscar a grana. Porque pra gente não da, a associação não tem grana. O que que a gente fez, botou um monte de projeto na rua lá em Salvador pra ver se conseguia. Aí, Carine através de uma amiga, mandou pra uma colega que tinha lá, na Petrobrás. E disse assim: eu vou mandar pra um rapaz. No.... só nessa a gente conseguiu um mês antes de viajar, que seria o campeonato pra gente ir. Aí tive que tirar passaporte e tudo, foi pra Malta. Aí conseguimos patrocínio de um figurino, sapato, mas tudo assim muito abarrotado. Aí três dias antes da viagem Carine sofreu acidente, caiu por cima do pé... fraturou, teve fazer cirurgia, não pode viajar com a gente.

Aí nesse período, a gente conheceu uma amiga de Cabral que mora na Itália, foi Viviane. Aí falamos pra Viviane que a gente tava com interesse pra lá. “Vocês vão ficar na minha casa, num sei o que”! E aí pronto... Ela foi colega de Cabral na época de arquitetura, quando ele fazia na faculdade, aí depois que...

do acidente ele parou. E aí, a Viviane nos recebeu, ofereceu e através de Carine, transmitiu a ela e ela foi acompanhando a gente lá em Malta.

Aí a turma ficou interessada em saber como que era o Brasil, aí conhecemos a Pippa, foi em 2004. Aí a gente viu... a gente começou a ver aquele povo dançando... olhava assim... Eu não vou dançar... Aquele movimento perfeito, aquela perna toda alongada, com saltos enormes e eu com um sapato de dança de salão, eu não conseguia dançar de sandália, a gente não é acostumada assim. E... dando aqueles giros rápidos, aquele movimento de cabeça e joga... Cabral que mico a gente vai pagar aqui! Aí Cabral: “A gente vai dar o melhor”! Aí eu fiquei quieta. Fiquei pensando, sabe de uma, já chegamos aqui, vou esquecer tudo, o objetivo é... eu vim pra isso... então vou ficar focada nele.

Aí a gente dançou logo na classe iniciante a gente ficou em primeiro lugar. Claro que não era eu não era assim, né? Mas você sair do Brasil pra ir pra fora, a primeira vez e já ter o primeiro lugar... (choro)... o primeiro lugar... (choro). Eu fico olhando assim, depois a gente ouviu o comentário: “Ah... mas vocês foram pra um país tão pequenininho, né... que... não tem expressividade na dança esportiva, e como é que o primeiro ia ser... E todo mundo sabe ali eu tava representando todo um trabalho que tava sendo feito no Brasil e a gente queria mostrar a cara dele pro Brasil.

A gente foi e quando a gente voltou, e em 2004 a gente não participou do brasileiro porque coincidiu. Aí 2005 quando a gente veio pro brasileiro, aí tinha um rapaz que eu não me lembro o nome dele, ele participava sempre. Ele disse: “olha... – falou pra Cabral em um momento que gente tava separados – olha, a palavra de ordem é humildade, que você seja humilde, que você conte tudo que vocês aprenderam lá, pra gente saber”. Eu entendi mas... Aí eu falei com Cabral... aí Cabral falou: ele falou a mesma coisa pra mim. Aí eu falei Cabral porque eu não to ganhando nada, porque a gente conseguiu ir pra lá... A Eliana disse a gente conseguiu por mérito, porque a gente conseguiu... ralou! E foi um problema... e esse ano, o bom de 2005, foi porque veio além da Pippa, veio o Ciok e veio a Ivonna, e na arbitragem vieram três árbitros, e a gente

ficou em primeiro lugar. Claro que a gente sempre fala, é uma coisa que a gente coloca, eu tava colocando no curso, ser primeiro lugar não que dizer que você é cem por cento, não é. Então você tem que ir lá fora, fazer cem por cento, mas pode ser que na hora tenha alguma falha, mas é naquele momento que destacou, podia ser que em outro momento a gente não conseguisse se destacar. Então, a gente tem todo um processo... é... a gente... tudo ali... tudo aquilo que você faz durante uma leva de anos, você tem que apresentar ali naquele momento, naqueles instantes, um minuto e meio de cada dança, ta mostrando aquilo que é melhor que você pode mostrar. E passa na cabeça várias coisas: a falta de grana, é...é... as brigas,né? Tudo! É até um filminho, né? E você querer zerar, para viver só aquele momento ali e pronto. Então, isso daí, isso me fez amadurecer muito. E aí pronto, a gente começou, ficou eu comecei a gostar.

E foi nessa época de 2004, antes de eu ir pra Malta, eu comecei perceber matemática na dança, por que até então tinha pra mim... não fazia sentido para mim ficar decorando, era uma coisa assim pra mim, muito angustiante pra mim, porque eu ficava repetindo os passos sem perceber. Quando eu comecei ver que tinha muito movimento, muito giro, muita... acho que vou estudar matemática que muito melhor. Aí comecei falar pra Carine: Carine, me conte essa música... conte não fique falando ta,ta,ta...tarara, não, conte, com número. Ela começou contar, caracterizar que quaternária, binária... aí eu comecei estudar e falei gente... porque ela não disse isso antes, tudo mais fácil. Aí eu comecei a falar isso, ela falou assim: o que você ta querendo fazer é maluquice, porque isso aqui não tem nada haver. Tem Caca, tem tudo haver. Ai falei pra Cabral, Cabral disse não, você ta ficando maluca. Eu disse tem... Aí eu cheguei e falei: não vou falar mais nada... e fiquei. 2005 a gente foi. Aí 2006 eu tava louca pra estudar, porque eu sempre gostei de estudar, mas parei porque tinha que trabalhar e entrei nessa questão da dança, e meu pai fala assim: "Vê se você não vai largar seu diploma de matemática pra ficar com negócio de dança". E aquilo eu não levava a sério, porque todo mundo chegava no campeonato e falava assim: você formou em Educação Física? Fez Educação Física? Eu falava não, eu fiz matemática. Matemática? Aí ficava

achando que não tinha nada haver ta... tá fazendo a dança. Aí 2006 eu recebi o convite de uma colega pra fazer parte de um grupo de educação matemática, que era de professores da rede pública de Salvador e professores universitários que pesquisavam, todo mundo em sala de aula, estudava a função das teorias matemáticas e tinha uns colegas que estavam fazendo mestrado fora da Bahia, em Rio Claro e outro fazia em São Paulo, na PUC. Aí eu comecei a falar, olha eu tinha muita vontade de entrar no mestrado, muuuuita, né? E aconteceu na minha vida de entrar. Aí eu falei o que eu gostaria de pesquisar, o que a matemática tinha na dança em cadeira de rodas, porque tem muita matemática. E do nada ele começou me incentivar, aí professor começou me perguntar, você vai pesquisar o que? Aí começaram fazer perguntas justamente pra eu fechar, afunilar aquilo que eu queria. Aí falaram pra mim: daria um ótimo trabalho, tente fazer! Aí comecei escrever amadurecer. Aí em 2007, chegou um congresso de matemática na... no interior da Bahia, o Continuar Baiano de educação matemática, que foi matemática e inclusão social, aí pessoal pediu pra gente dançar, e nós dançamos. Aí eu falei que tinha um grupo de dança em cadeira de rodas e que como era inclusão social, e que eu era professora de matemática, professora da Católica, aí resultado foi aceito o meu trabalho que eu mandei pra lá, falando dessa idéia que eu tava tendo. Aí o Cabral tinha vindo pra esse evento, e tinha um professor do Rio Grande do Norte, que é o meu orientador, aí ele me viu e eu falei com ele que eu queria fazer mestrado, disse que eu queria estudar matemática, geometria na esportiva em dança em cadeira de rodas, aí quando ele viu a gente se movimentando, só giro, movimentos. Aí ele falou: vai ter seleção no final do ano, mande seu projeto, se você passar, vai ter entrevista, você ta dentro do programa. Aí chegou o período do processo, eu tava há 10 anos sem entrar na universidade, porque você começa trabalhar, você entra num outro clima. Todos os acadêmicos e eu não tava sabendo mais de nada e muita coisa que eu não sabia. Milhões de livros pra ler, fazer a prova escrita, fazer o projeto do mestrado, raciocinar e a entrevista. Fiquei 3 meses, enrolada demais, só escrevendo e estudando. Desenvolvi um monte de furúnculo no meu corpo de estresse... e ainda tinha o campeonato pra participar. Aí depois

do campeonato de 2007, de João Pessoa, a gente foi de táxi pra Natal porque não tinha mais ônibus, que era a entrevista. Aí chegamos lá, fui, entrei com Cabral numa pousada lá e eu fui pra entrevista. Aí cheguei na entrevista, era meu orientador e o chefe do departamento, um americano, aí eu falei, ta... que queria... não sei o que... Aí se eu queria morar lá em Natal... eu falei moro...você não é casada? Mas eu falei, eu vou morar aqui, no fim do ano eu vou vir morar aqui. Ai fiz uns amigos. Cheguei na pousada e falei: Cabral vou vir pra cá. Quando vi Cabral estava todo pintado. Ai eu falei Cabral você está com febre. Ele tava com catapora. Tudo que ele sentia ele foi guardando, guardando, guardando, de ansiedade. Ai pronto, uma mudança de vida, de 2007 para 2008 eu tinha que ir pra lá. Ai a gente foi para buscar uma casa pra começar a morar. Porque era uma vida nova que tava começando. E todos os meus planos da dança esportiva em cadeira de rodas, essa coisa de estar focada, de ser possível entrar numa paraolimpíada e, num sei o que..., parará...Quer dizer, ta, mas a minha carreira profissional também é importante e ele me apoiou neste momento. E entra também aquela coisa de hoje, de sediar e não sediar. Adiei, porque eu adiei vários planos pessoais meu. Adiei de ter filhos por causa da dança e eu não ia adiar agora de fazer o mestrado por causa da dança. Então era o momento de ta assim. Pra mim cuidar de mim também e que pra mim o trabalho que eu fiz, era um trabalho que ia beneficiar várias pessoas, porque eu era uma mulher vivida dentro da academia e muitas vezes eles não reconhecem o que é feito na sociedade e eu comecei a gostar. E ai quando eu entrei na graduação no semestre seguinte eu já fiquei pesquisando na universidade o que que tinha. Ai eu vi que tinha curso de dança e eu consegui uma casa bem pequenininha, colada com a universidade, que eu vou andando ou vou de bicicleta. Ai tem um grupo de dança na universidade, teve uma audição, fiz o teste, passei. Ai tem um grupo de dança contemporânea. Ai desde o dia 29 de abril disse que a faculdade disse que ia abrir o curso de dança lá, o curso de graduação. Ai eu pensei, eu acho que vou querer fazer o vestibular. Tá fazendo hora com minha cara?... Oh Cabral se eu terminar o mestrado, eu faço logo o doutorado. Ai ele falou que quando eu terminasse o doutorado ele já teria se separado de mim, (risos). Cabral, num

separa por causa do mestrado não, deixa eu fazer, porque o que eu estou fazendo é bom para o nosso grupo. Eu queria muito, eu queria dentro de um espaço, num meio que eu entendesse, que eu tivesse formada. Eu queria ta falando como matemático e queria estar dentro da dança. Então eu vou fazer o que é bom pra mim, tanto que eu estava com medo de ninguém entender minha dissertação. Ai em novembro de 2.008 eu fui pra lá para fazer as provas e em seguida a gente viajou pra Rússia, pra Bielorrússia, pro campeonato com a Vivi e o Luis. Ai quando eu estava na Rússia eu tinha visto pelo meu orkut que eu tinha passado no vestibular, que as minhas amigas me passaram, eram minhas amigas do grupo de dança que me falaram. Ai pronto, comecei a fazer o curso, muito mais... eu aprendi de ficar olhando as meninas novinhas de de 18 anos, 17, 22, mas enfim mudou o padrão de quem é bailarino, que faz dança, num tem mais o padrão magrinho, tem muitas gordinhas que eu vejo, e muitas dançando muito bem... Porque é uma beleza que emana do interior e passa pra você. E fora que o curso nasceu da Educação Física que eu achei isso muito bacana, que era uma coisa que eu contestava na Bahia, que a Bahia não aceitava a dança esportiva em cadeira de rodas porque era esporte. Que era pra concordar que tava aceitando a Educação Física dentro de lá. E como partiu do grupo que eram professores de Educação Física que fizeram pós em dança e resolverem abrir o curso... era uma outra visão. Aí comecei estudar Laban, história da dança, técnicas de criação da dança... me apaixonei!!! Tanto que eu era muito faladeira na aula... falava, participava, ficava interagindo. Era tanta falação que eu pensava, se controla... mas eu fazia sempre relação com a matemática, pra eles perceberem que tinha isso. Aí tive que trancar o segundo semestre, fiz o primeiro, tranquei e tô voltando agora. Quando eu voltei uma professora até falou comigo: "Anete, a gente ta perdendo o referencial de matemática na dança porque você num tava aqui!"(risos) Aí eu falei assim, mas eu já to voltando. E isso é muito bacana, porque agora... tanto que quando eu comecei fazer a graduação, entrei no grupo de dança, morar em minha casa me fez amadurecer...

Eu sei que eu não sou uma bailarina excepcional e talvez não seja. Mas dentro do que eu era e do que eu sou agora... eu vi que eu melhorei muito! E



eu gosto do jeito que eu danço... claro que eu quero melhorar né... Em toda minhas férias agora eu fiz aula de dança diferentes. Fiz dança flamenca, dança afro e agora tô fazendo hip hop, tudo buscando assim... ter movimentos, descobrir movimentos que eu não conhecia no meu corpo. Então trabalhou também... melhorou também... refletiu na minha sexualidade, de conhecer meu corpo, de não ter frescura com nada, de permitir que o outro olhe pra mim e me ache bonita, porque na achava... de me aceitar do jeito que eu sou, que eu tinha essa coisa também de aceitação... do meu cabelo, ficava escondendo tinha que alisar, hoje em dia eu aceito. Tô pouco me lixando para o que as pessoas pensam... então esta questão de você... isso foi uma coisa bacana, e isso eu não consigo... a matemática não é aquela coisa racional, as pessoas tem a idéia de que seja racional mas não é, a dança veio humanizar a matemática que tá dentro de mim! Esse lado sensível de perceber, de ver o outro, de ver que eu tô ali dentro dançando e eu tô com o outro, to descobrindo o outro, eu to fazendo muito através da dança. Então isso foi muito bacana... Um ganho... de ter entrado nesse mundo, foi justamente isso, né? Que foi muito bacana, é um aprendizado que você leva para o resto da vida. Hoje em dia eu falo pra Cabral... se a gente um dia parar de dançar, de competir, eu não vou parar de dançar. Às vezes a gente tem umas crises, porque ele tem um gênio totalmente diferente do meu, então assim eu gosto de ta participando e tal, mas não é muito o meu forte, eu gosto assim... Eu gosto de superar a mim, pode ser que eu fique em último lugar, eu sei que eu fui melhor que o ano passado, num abaixei... então eu tô pensando no meu rendimento... se eu fiquei atrás de Viviane... problema... Tem que ver assim uma... Eu não tô aqui, Anete do ano passado pra cá, num é a Anete que se dedica a isso aqui, a Anete se dedica a várias coisas. Então, quer dizer, se ele vive disso tudo bem... então não me venha depois me falar: Poxa, você ano passado tava melhor, era pra ter melhorado. Você conhece minha vida, meu bem, você sabe... você banca minha vida... você não banca, então você não sabe. Então aqui é uma das minhas prioridades, mas não é a minha prioridade, porque eu tenho outras coisas também... Gostaria muito, como eu falo com Carine, gosto de estudar e dançar. Pois é... mais eu não posso viver disso Michelle.

No mundo que a gente vive, quando eu vou pra Europa, né? quando eu viajo, tenho oportunidade... acho máximo... fica todo mundo assim...porra, que máximo, mas assim a realidade. Eu quero ver os meus bailarinos, a minha companhia, porque eu tenho que fazer, quando eu tento levar o evento pra Salvador é assim, eu não quero que você fique de qualquer jeito em Salvador. Eu prefiro até que não tenha o evento, do que se faça um evento... num sei... que não tenha condições de organizar... não tem. Num dá pra fazer bem feito, se você não tem um projeto, não dá pra fazer de qualquer jeito. Porque eu acho que nem você e ninguém, muito menos a pessoa com cadeira de rodas, merece ficar jogado de qualquer jeito. Então isso pra mim... é muito sério... Eu num quero ter que colocar o bailarino na pista, trazer o bailarino pra cá. Porque eu quero que quando ele venha pra cá, ele se sinta outra pessoa. E uma coisa bacana é dançar. Se você perguntar a eles.... eu sempre tiro fotos deles em vários momentos deles lá na companhia, vê como eles eram antes, até a fisionomia ta mudada. Porque há transformação, muda, né?

Então isso que a dança me permitir, e o próximo.... foi algo assim algo que tinha que passar pela dança, tinha que conhecer ta nesse mundo. Vou finalizar, sem dúvida a graduação, junto com meu doutorado, mas não pra ser uma acadêmica quadrada, rígida, mas para ser uma pessoa que tem um título, por causa da "porra" da universidade que cobra esse título, pra ter um trabalho na universidade, mas que vai tentar fazer o máximo pra *ta linkando*, trazendo esse atleta. Pra mostrar, olha isso aqui é possível. Se tivesse a primeira aula dentro daqui (universidade) de dança, você poderia ta aprendendo várias coisas, questão de física, questão de dinâmica, equilíbrio, cinemática, um monte de assunto... a biologia, sociologia e matemática também. Só que você ia aprender de uma outra forma, sob,... de uma outra perspectiva e é isso que pra mim a dança torna. E fora essa questão de consciência, de auto-conhecer, acho que ela permite muito isso. Ela permite você... Eu converso muito com as meninas, com a Ed, com a Carine principalmente, quando você começa a conhecer essa questão de corpo, quando você começa a trabalhar o seu corpo, que esse corpo que não é separado do corpo intelectual, o corpo sensível, é tudo uma conexão só e se você começa a trabalhar essa relação com outro,

que eu questiono muito a relação minha com Cabral, eu falo muito com ele essa questão assim: “Eu comecei porque te amo e te admiro, mas eu sei que nem eu te completo totalmente e nem... é... você me completa totalmente”. Então assim, a gente tem que começar a ver como a gente pode tá resolvendo isso. E é isso...

Entrevistado: **Luiz Antônio Lacerda Barros Cruz** – Associação Baiana de Dança em Cadeira de Rodas. Entrevista realizada em: 10/12/2009.

Meu nome é Luiz Antônio Lacerda Barros Cruz, não tem nada haver com Cabral. Cabral é um apelido que eu ganhei na escola técnica federal, quando eu fazia eletrotécnica, aí eu fiz uma peça de teatro em que um dos papéis era Cabral, aí foi logo no início da escola técnica o pessoal me chamava de Cabral, porque na peça Cabral era casado com Cabrália, que falava pelos cotovelos, aí ele abandonou Cabrália, virou “viado”, encheu o navio de macho e foi navegar os sete mares. Só que aí na luneta ele viu uma terra cheia índio nu, aí ele abandonou todo mundo no navio e foi pro Brasil, assim ele descobriu o Brasil. Essa foi a nossa peça. Aí todos os cantos que eu ia tinha gente da Escola Técnica, né? E eu era muito conhecido lá e aí ficou Cabral e eu adotei como nome artístico Cabral.

Então... eu sempre fui esportista e sempre gostei de farra, saía muita pras festas, pra dançar e tudo mais... aí aos 27 anos de idade sofri um acidente automobilístico, esse me deixou paraplégico e não me tirou a vontade de nada que eu fazia antes, pelo contrário, eu tive que me adaptar e adaptar as coisas a mim, a minha nova situação, situação de paraplégico. Então continuei procurando esporte, praticando esporte. Eu pratiquei... comecei com natação, depois eu fiz mergulho adaptado, mergulho autônomo, conheci o boliche, até hoje jogo boliche. Aí eu conheci... eram sempre esportes individuais, né? Porque não existia na... em Salvador esporte adaptado. Até que...quando se iniciou em Salvador um grupo de basquete. Ai eu comecei a praticar o

basquete. Comecei a praticar o basquete, junto com basquete veio atletismo, tênis de quadra, essas coisas... e aí eu comecei a viajar pra competição.

E eu meio que... num, num tempo foi dois mil... Em 1999 foi um curso... tinha um grupo de dança em cadeira de rodas em Salvador, e eles viram minha desenvoltura no esporte e eles me convidaram pra dançar. Eu tava de casamento marcado com a Anete, aí eu disse que depois do casamento eu resolvia se eu dançava ou não... risos. E eu fiquei naquilo... se eu... dava pra dançar em cadeira, se era uma coisa que eu conseguiria fazer e tudo mais. Não só por questão de habilidade, mas de... de...se eu ira me desenvolver realmente.

Aí no casamento, a gente saiu de lua de mel e Anete me incentivou bastante e... eu decidi fazer parte do grupo de dança. Aí eu fiz, quando eu voltei aceitei o convite com uma exigência...bonzão... com exigência... queria que nesse grupo eu tivesse a liberdade de criar uma coreografia, que nessa coreografia, eu pudesse demonstrar o valor que eu dava a cadeira de rodas na minha reabilitação... aí o pessoal topou... legal! Aí passei um tempão treinando, ensaiando e montando essa coreografia minha, né, que é um solo. E... eu peguei a sinfonia de Beethoven, a Sétima Sinfonia de Beethoven e fui criando em cima dela. Aí chegou um campeonato de basquete na Paraíba que eu vi a Eliana. A gente... eu tava com meu grupo de basquete num barzinho, tomando uma cervejinha, aí ela passou do outro lado da rua, ai viu um bocado de cadeirante. Aí chegou, encostou e perguntou se... eu conhecia... de onde eu era? O que é que estava acontecendo pra ter tanto cadeirante ali. Eu disse não, ta tendo um campeonato de basquete, tal e a gente é de Salvador ta vindo pra cá. Ela ah... você é de Salvador? Você conhece algum grupo de dança em cadeira de rodas lá em Salvador? Ou alguém que dance em cadeira de rodas? Eu conheço... o meu grupo. Eu faço grupo de dança...tal. Ela oh... que massa! Eu to montando um simpósio internacional de dança em cadeira de rodas, vai ser em Campinas e tudo mais... Aí eu queria convidar vocês para irem pra lá. Aí eu peguei, dei meu contato a ela, aí voltei pra Salvador. E nisso a gente começou fazer... comecei a me interessar mais na dança, eu comecei a me

dedicar mais, a gente começou a fazer apresentações, né? E montamos um espetáculo pra se apresentar num teatro em Salvador... aí nesse espetáculo eu estreei esse solo... todo mundo gostou, ta... adorou! Aí pronto... Veio o convite de Eliana pra o Simpósio, o primeiro Simpósio Internacional. E aí a gente ficou numa “perrenga” porque não conseguimos patrocínio pra levar o grupo todo. Só conseguimos duas passagens e de ônibus. Aí a gente fez uma reunião pra escolher quem iria representar o grupo. A gente tinha coreografia de duo, de grupo, solo. Aí ficou certo que eu iria e apresentaria meu solo, aí como ia sobrar uma passagem Anete viria me acompanhando... Aí eu viajei 36 horas de “buzu”, 36 horas sentado e fomos pra Campinas.

Lá em Campinas a gente participou da mostra de dança, foi onde eu conheci outros grupos. Parecia que pela primeira vez eu tava vivenciando uma situação de ter vários companheiros de dança, no mesmo espaço, apresentando seus trabalhos e tudo mais. E realmente eu me senti muito empolgado com isso, que antigamente eu dançava... antes desse grupo eu dançava muito em discoteca, festa. Eu criava movimentos pra mim poder acompanhar os andantes e no grupo eu comecei também a usar essa técnica e ajudar nas coreografias. Quando eu vi esse mundo eu fiquei encantado! Eu beleza, aqui eu consigo me expressar... meus sentimentos, minhas idéias legal e não preciso ficar falando. Agora é tentar conseguir me expressar com o corpo e a resposta foi muito boa lá em Campinas na mostra de dança, né... e a gente teve a oportunidade de participar do workshop do Hebert Haush, sobre a dança esportiva em cadeira de rodas. Quando eu vi o nome dança esportiva aquilo já me arregalou logo os olhos... atleta... aí eu ótimo... vou juntar o útil ao agradável. E aí fizemos os workshops, a Anete no desespero porque ela nunca tinha participado de dança e eu tava colocando ela numa “esparrela”, coloquei ela nessa “esparrela”. Só que aí como a gente tava nos primeiros anos do nosso casamento e tudo mais... A gente fez o seguinte, vamos montar essa dupla, eu e você, e a gente sempre vai dançar um pro outro, a gente participa de campeonato e tudo, mas é uma coisa que a gente vai unir o útil ao agradável, tanto na parte de esporte, como dança, como pro nosso casamento. Que a gente vai ta sempre dançando junto, sempre viajando junto e tudo mais.

Então a gente fechou nessa intenção e aí também com a Eliana cutucando a gente o tempo todo pra representar a Bahia com essa dupla. Aí a gente chegou em Salvador sem nenhum incentivo com relação da dança esportiva, porque ninguém sabia nada e a gente começou tentar colocar o nosso grupo de dança artística também pra participar da dança esportiva. Chegamos a trazer alguns pra outros simpósios, mas não deu certo, a gente não conseguiu montar dupla nenhuma. O grupo também tava numa fase ruim de brigas internas, ele acabou, e separamos o grupo. E aí, eu e Anete a gente montou a Companhia Rodas no Salão, aí a gente começou a praticar a dança esportiva e montar coreografias artísticas pra mostra de dança e quando convidassem a gente pra algum lugar a gente se apresentar. E aí a gente fazia o que, nossa coreografias... a gente inventava histórias, né? Legais, pra contar ao público e nessas histórias a gente transformava em corpos em movimento. E era muito bom quando a gente apresentava que o pessoal entendia a história, né? (risos). E tava dando certo isso..."pô" ta legal! Tá massa! E também vinha jogando também na parte da dança esportiva, só que a gente fazia o que... assistia vídeo, ia pra casa dos pais de Anete, aí na garagem da casa deles a gente pegava e começava ensaiar, aí a gente copiava os passos e eu pegava e fazia uma arrumação nos passos junto com Anete, criava alguns outros movimentos e criava a coreografia a gente mesmo e aí ensaiava, ensaiava, ensaiava e vinha pro campeonato.

Aí no primeiro campeonato que a gente participou de 13 duplas a gente ficou em quinto lugar. Quando a gente chegou no congresso técnico começaram a falar da dança esportiva... dança esportiva um bocado de coisa, e é isso e aquilo... é dessa forma... aquilo outro... E o restante das duplas já conhecia várias músicas da dança esportiva, conheciam várias regras e toda dupla tinha um professor de dança dançando. Eu e Anete olhou um pro outro assim... Anete vamos levantar aqui de fininho e vamos embora! (risos). Aí a galera... Não, vocês não podem não... vocês já tão aqui, tem que participar e e vamos aprender e tudo mais. Eu disse não... aprender a gente tem a sede de aprender, agora tá complicado dessa forma. A gente tá lá do outro lado do país e só a gente... e dá Paraíba, do nordeste, o resto São Paulo, Rio e sei lá mais

qual das quantas... E aí a gente foi com a cara e a coragem pro campeonato e aí ficamos em quinto lugar, pra gente foi o ouro, né? Aí retornamos pra Salvador e ainda não conseguimos um profissional, continuamos treinando, treinando, treinando no outro campeonato a gente ficou em quinto lugar de novo, mas dessa vez com 17 duplas. Aí eu oh... já estamos progredindo.

Aí em 2004, Anete resolveu investir tudo na dança, ai ela começou a fazer aula de dança e conheceu a Carine. E a Carine veio trabalhar com a gente, de voluntária, aí todo dia na hora do almoço dela, a gente ia pro clube que eu sou sócio e a gente começava a treinar com ela.

E começamos a aprender juntos, começamos a procurar vídeos e tudo mais, até que a gente conseguiu montar coreografias mais técnicas, ela limpar bastante os movimentos da gente e aí a gente se sentiu realmente uma dupla de dança esportiva. Foi quando surgiu a oportunidade “pros” seis primeiros do ranking brasileiro poder representar o Brasil em Malta, a gente procurou patrocínio, até conseguirmos o patrocínio e irmos a malta. E lá na nossa categoria a gente ficou em primeiro lugar a gente conseguiu patrocínio da Petrobrás, conseguimos primeiro lugar, quando a gente voltou a gente fez tanta ação de mídia que a Petrobrás ficou empolgada, aí pronto, agora a gente vai comprar a idéia de vocês, e vai investir. Só que a gente fez um projeto pra ampliar, não ser só eu e Anete. E aí a gente montou realmente a Cia. Rodas no Salão, primeiro a gente se baseou em... montar o corpo de profissionais, aí conseguimos um psicólogo, um professor de música e uma professora de dança e balé... e dança contemporânea. E aí a gente montou a Cia. Rodas no Salão e aí a gente vem até agora com esse trabalho. E esse trabalho ta sendo bom porque através da dança a gente ta resgatando pessoas pra sociedade de forma que a gente nem imaginava que pudesse acontecer, a gente previa uma melhora na vida das pessoas, mas não tão forte. Pessoas que mal saíam de casa hoje... já tão indo pra Europa casar e morar lá... que é o exemplo de Dani. Pessoas tetraplégicas que não faziam nada e hoje já tão dançando, já tão viajando, coisa que nem imaginavam e várias formas de atuação que a gente pega as pessoas com quase nenhuma visão do que vai ser no futuro e a gente

da um norte, ou prepara a consciência dele como cidadão, no meio das diversidades... isso a gente tá vendo que todos os nossos dançarinos cresceram muito, muito mesmo em... como cidadãos, como pessoas e principalmente como dançarinos também e isso é que é o bom da dança pra gente. Que a gente tá conseguindo através da dança realizar sonhos que não são só nossos, mas sonhos de outros que não imaginavam que elas iam fazer.

E resumindo a dança ela me dá a principal ferramenta pra poder... trabalhar de uma forma mais social que eu consegui ter. Eu pratico muito esporte, pratiquei muitos esportes individuais que me deu sempre coragem pra vencer todas as dificuldades por mim mesmo. Foi bom eu praticar esses esportes individuais e depois os esportes coletivos que me deu uma virtude de socialização e de inclusão realmente. E ver que o eu tinha e poderia passar pra outros e eu torço mesmo com o coração pra isso, que eles sintam, aprendam que dança pode trazer muita coisa, independente de dinheiro, se vai trazer uma profissão ou não, se a gente vai fazer shows remunerados ou não, certo? Aquela dança ali tá fazendo um crescimento interno muito grande e que esse crescimento interno muito grande, vai proporcionar a eles a galgarem coisas fora. E a gente tá conseguindo isso. Então cada vez que eu danço eu lembro disso! Aí tento dançar melhor ainda.

Esse ano eu tô meio... complicado porque eu também tô comprando a idéia de Anete, que é o mestrado dela, e a gente tá muito tempo sem treinar. Mas eu aproveitei esse tempo sem treinar pra me doar mais um pouco aos nossos dançarinos e trabalhar mais com eles, todas as formas. Não só na dança ajudando Carine, mas na formação deles. E aí a gente vai seguindo o barco, tá sendo muito gratificante.

O bom da dança é aquilo que eu te disse no início e eu reforço cada vez mais... Eu consigo falar com as pessoas sem precisar dizer nada a elas. Eu cada dia tô conseguindo me expressar mais com o meu corpo. Eu conheço cada pedacinho do meu corpo e eu tô utilizando cada pedacinho pra que as pessoas conheçam o que eu quero falar e eu tô conseguindo isso muitas vezes. É isso!



Entrevistado: **Luciene Rodrigues Fernandes** – FUNAD - Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência. Entrevista realizada em: 10/12/2009.

Meu nome é Luciene Rodrigues e sou de João Pessoa - Paraíba, nasci na cidade de Campina Grande, que é uma cidade da Paraíba, mas estou em João Pessoa há mais de 25 anos e a minha história com a dança em cadeira de rodas, ela começou em 1991, quando eu conheci a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD), que é uma instituição não-governamental que funciona na cidade de João Pessoa e que atualmente ela atende quase três mil portadores de necessidades especiais, pessoas com deficiência, de todos os tipos de deficiência, ou seja, deficiência física, visual, auditiva, síndromes, paralisia cerebral, síndrome de Down. E eu iniciei esse trabalho nessa época, com o laboratório corporal, que especificamente, trabalhava com deficiência... com deficientes auditivos, e a minha história com de deficiente começou a partir daí com a deficiência auditiva. Tive um bailarino fantástico, que todos os desafios da audição ele superou, porque ele tinha um ritmo, que nem um ouvinte conseguia ter um ritmo tão eficiente. E nós tivemos a oportunidade, a partir daí de conhecer o Very Special Arts, ou seja, o arte sem barreiras e eu comecei a minha trajetória com conhecimento com os deficientes artistas nessa época. E com esse deficiente auditivo eu comecei a percorrer a nível nacional, em algumas capitais que aconteceram esse evento, tais como Aracajú, Brasília... é.... Belo Horizonte, e aí tive a oportunidade de conhecer alguns outros deficientes principalmente em cadeira de rodas, com a dança em cadeira de rodas e foi uma coisa que me chamou atenção. Até então, eu entendia da dança com andante, mas nunca tinha parado pra pensar como seria você dançar, exatamente com membros inferiores, né? Sem a condição necessária pra você manter o seu corpo em pé. E aí eu comecei a conhecer muita gente, né? Conheci alguns grupos do Brasil, entre eles o grupo de São Paulo, de Santos, que foi um grupo assim, que na época tinha um trabalho muito bom com dança artística, e eu fui começando a procurar

conversar com essas pessoas que dançavam em cadeira de rodas, e fiquei vislumbrada com esses movimentos da cadeira de rodas.

Foi aí que voltando pra João Pessoa, comecei a observar alguns deficientes e tive a oportunidade de conhecer uma bailarina, uma menina de 16 anos e tinha... era sequelada de neurofibromatose, o que aconteceu aos 10 anos que ela ficou paraplégica, e aí ela tinha assim uma vida, uma vontade de viver muito interna, e queria dançar. E aí eu comecei a experimentar a dança em cadeira de rodas e aí nós começamos a dançar, e começamos assim a... a mover o corpo com a cadeira, e todas essas coisas, as possibilidades da dança, eu fui exatamente, vendo o que eu poderia ser uma professora de dança em cadeira de rodas. Então o primeiro passo também foi, me sentar em uma cadeira e perceber o que eu poderia, as possibilidades de fazer com ela. E aí assim, quase que mais pelo extinto, do que próprio pelo conhecimento, eu fui adaptando a emoção dança e a curiosidade de entender o movimento da dança em cadeira de rodas. E aí conseguimos fazer alguns trabalhos artísticos que foram assim incríveis. A princípio era quase que a minha força, para que movesse o corpo dela, depois a gente começou a chegar num equilíbrio em que as forças começavam a se combinar, se fundir e a dança começava a ter uma outra proporção, né? E daí começamos a dançar com muito mais entusiasmo, eu comecei a me sentir muito mais segura com relação ao corpo, ao meu corpo e o corpo do outro e isso assim, fluiu maravilhosamente bem. Foi aí que a neurofibromatose atacou em outra parte do corpo dessa minha bailarina, e que eu tenho assim muito orgulho de dizer, a Tamara. A Tamara foi quem motivou o grupo que hoje tem o nome em homenagem a ela, Grupo Roda Viva, o escolhido por ela, certo? E aí foi... chegou o momento em que ela teve, é... se instalou essa doença muito mais forte na região do intestino e aí surgiram outros problemas e deu é... chegou um momento muito crítico com relação a vida dela, ela foi colocada pra fazer cirurgia e foi na hora da cirurgia, que abriram pra verificar, chegaram a um diagnóstico, que ela só teria trinta dias de vida, ou retirava o... como é que se diz... o tumor, ela morria na mesma hora ou a gente daria trinta dia de vida pra que ela pudesse viver. E foi assim a maior experiência que eu tive com deficiente, e talvez daí eu realmente assumi

a dança, certo? Com trinta dias eu acompanhei até o arquejar da morte, que eu nunca tinha me deparado com isso, foi fantástica a experiência que essa menina me trouxe com relação a vida e a morte.

Passei um ano quase, sem querer mais dançar após perde-la, mas depois tudo foi revertido numa alegria profunda. Foi aí que Deus me presenteou com Waldemir Tavares, um atleta saudável, cheio de energia, novo, com muita vontade de viver, de crescer, de aparecer. Tudo que um ser humano na idade que ele tem, tava apto pra aquilo. Eu tive uma certa rejeição até por conta da idade dele, achei muito novo, e eu já um pouco mais experiente, mas eu disse bom, se esse que eu tenho é esse que eu vou fazer.

E comecei a partir do processo mesmo da reabilitação, porque Bibi, por ser um menino muito novo, de uma classe social pouco... não tão abastarda, certo? Ele tinha muitos vícios de fala, de comportamento, de tudo. Então assim, foi realmente um momento, outro fantástico, na minha vida, porque eu reabilitei a partir do falar, do agir, do sentir, do se portar até chegar ao dançarino, certo? E aí foi quando, em um desses momentos que começamos a dançar, até então a dança artística e nós... eu tive a oportunidade de vir a Campinas, em 2001, onde eu conheci a Dra. Eliana Lúcia Ferreira, professora de dança em cadeira de rodas, e após conhece-la, também vi o histórico que era da cidade, em Uberlândia em 1983, com o grupo, se não engano, Giro, começava sua trajetória de dança em cadeira de rodas. E me apaixonei, pela professora Eliana, né? Porque ela era pior do que eu, era mais louca, do que eu (risos), e aí eu disse: eu acho que com a loucura dessa professora talvez eu consiga aprender mais um pouquinho. E aí participei do primeiro Congresso Internacional que nessa época também foi efetivado e fundado a Confederação de Dança em Cadeira de Rodas, e também por coincidência, ironia do destino, sei lá o que, fui também eleita vice-presidente da confederação e aí foi uma coisa que me deu bastante condição pra que eu pudesse caminhar mais ainda, a passos largos, e com mais vontade de ir mais distante. Então foi quando eu comecei a estudar sobre a dança esportiva, onde a Universidade de Campinas, a Universidade Federal de Juiz de Fora, a UNIMEP em Piracicaba, algumas

dessas universidades que já conhecia alguns instrutores, técnicos e doutores da área, internacional da dança em cadeira de rodas, foi me apresentado vários professores, né? Entre eles, o... Hebert, né? Professor alemão, com uma experiência vasta, na área de fisioterapia, e médica e também, como dançarino e competidor, e reabilitador, professor de dança esportiva. Depois tivemos outros profissionais da Polônia, da Inglaterra.

E aí começa a fazer o que, primeiro Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva, simplesmente, devido já a eu pertencer a uma área assim, que não é muito privilegiada, que é a região nordeste, principalmente Paraíba, foi assim também, um desafio penetrar numa região mais é... mais assim, perto da cultura, com muito mais experiência, com muito mais história. E assim, foi difícil meu primeiro contato, me sentia assim, o que estou fazendo aqui, não pertence a esse meio. Mas assim, foi fantástico a experiência, porque tive essa oportunidade logo de cara, de ficar em segundo lugar. E junto com um grupo que tinha história, que era o grupo de São Paulo, e nós não tínhamos a experiência que esse grupo de São Paulo tinha, e daí foi assim, uma coisa divertida. O Waldemir teve assim, muita garra e a gente começou realmente a intensificar e estudar cada vez mais. E o campeonato, começou assim a ter aquela coisa gostosa, a “cachaça”, a brincadeira boa, o atleta, a competição em si, entendeu? E que veio assim, dinamizar essa nossa história da dança esportiva.

Então assim, nós dois, estamos completando oito anos de confederação, oito títulos de campeonatos, dos quais temos: dois de primeiro lugar, dois de segundo lugar, três de terceiro lugar e hoje, 2009, nós estamos precisamente, nós estamos no dia 12 de dezembro, estamos hoje a algumas horas de sabermos que lugar nós vamos ocupar e fechar os oito anos de trajetória da competição. Hoje também, comecei aos 47 anos competindo, tenho hoje 53 anos, a parte que mais moveu da experiência disso foi o grande social que foi na vida de Waldemir Tavares. Waldemir Tavares hoje, está cursando o segundo ano de fisioterapia, Waldemir Tavares hoje não pertence a Paraíba, pertence a um time de basquete de São Paulo. E eu como professora, fui

bastante contaminada, fiz o curso de Educação Física que estou terminando em 2010, buscando o mestrado, buscando o doutorado, buscando talvez, chegar numa plataforma, de todo esse tempo de experiência prática, de técnica, poder realmente construir a história científica do início da minha história, entendeu? Então assim, é muito emocionante, sou muito apaixonada... (choro)... mexe muito comigo... amo o que faço. E todas as oportunidades da minha vida, mesmo as decepções fora sempre preenchidas pelo amor que eu tenho a dança (choro). Então antes de competir, acima de tudo, eu agradeço a Deus pela oportunidade, de ser possível, talvez eu seja assim, tenha grandes ganhos como reabilitadora, porque também venho de uma história, de... um meio social, não adequado hoje a minha história, mas foi o início da minha história. Que me fez crescer, que fez ta hoje num patamar de Brasil, a nível nacional (choro), respeitada, acariciada, por tudo que faz. Isso é uma pequena parte da minha história.

Tenho uma filha de 25 anos, que é artista, cantora lírica, e graças a Deus, dentro da minha história, consegui contamina-la um pouco mais com a história dela. Ainda tenho uma mãe maravilhosa, que me fortalece bastante. Tenho uma família muito pequena, mas tenho uma família maior... que são todos os deficientes que já passaram por minha vida e que eu consegui contribuir com alguma coisa na vida de cada um, certo. E é só isso.

Entrevistado: **Waldemir Tavares** – FUNAD - Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência. Entrevista realizada em: 10/12/2009.

Waldemir Tavares, mas conhecido como Bibi, né? Iniciou a dança no ano de 2000, com a minha parceira que até hoje, estou com ela, a Luciene Rodrigues. E... comecei a dança com um proposta de ser um futuro atleta dessa área. Antes da dança eu já fazia basquete em cadeira de rodas, esporte que eu amo de paixão. E a Luciene veio pra um simpósio aqui em São Paulo e no simpósio foi fundada a Confederação Brasileira de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e quando ela retornou pra Paraíba, ela chegou com a proposta de montar esse trabalho esportivo com dança esportiva em cadeira de rodas pra deficiente e daí ela foi na minha equipe de basquete lá, em cadeira de rodas, eu já estava na equipe. Então ela foi até lá convidar alguns atletas, né? Pra começar dança, de início uma lúdica, uma coisa básica, né? Pra futuramente iniciar numa competitiva. Só que daí ela teve uma grande decepção que ninguém quis aceitar o convite dela pra dançar... ah... há 8 anos atrás o machismo imperava, que hoje ainda impera ainda, mas é menor que antigamente, então naquela época era mais forte, então ninguém queria dançar, porque achava que aquilo era coisa de homossexual ou de bicha, ou bitola, como quer que julgue né? Então tinha uma cisma muito grande e eu fui o único que decidi aceitar o convite dela pra começar a dança, porque me chamou atenção, porque eu sempre quis... sempre fui uma pessoa que... gostava de... e gosto de experimentar coisas novas, né? De novas experiências, né? Então assim, eu queria, eu acho que pra mim, dançar iria fazer bem pra mim e na verdade fez. Então, só que pra minha decepção ela não aceitou, ela não quis dançar comigo, porque ela alegou que eu era muito novo, e na verdade era, eu tava saindo da adolescência, eu tinha 16 anos, ia fazer 17, no final do ano, praticamente quando ela me convidou e eu ia fazer 17 em fevereiro, então ela não quis, acho que eu não ia ter postura de dançarino, achou que eu não ia ter responsabilidade e vários e vários, outros motivos. Aí então tudo bem, ela foi embora, ficou sem nenhuma pessoa, então foi a

procura de mais alguém. Como que nessa vida não é por acaso, né? E por ironia do destino ela não conseguiu ninguém e como ela tinha que montar um trabalho, ela retornou a equipe e perguntou se eu ainda queria, né? Na maior cara de pau e eu falei pra ela: “Claro que quero, com certeza”. É uma coisa que eu acho bonito. Eu aceitei de cara, vai que ela desistisse de novo (Risos).

E daí eu aceitei, esse convite, nós começamos a ensaiar. Lembro que era muito difícil pra mim, eu era muito duro, muito travado, ainda tinha aquela timidez de adolescente, né? E o próprio corpo era muito travado devido ao basquete, que um esporte muito bruto, um esporte de muita força. E eu tava em constante mudança ainda, mas aí graça a Deus deu tudo certo, nós começamos trabalhando devagarzinho, com alguns “passoszinhos”, com alguns movimentos e foi crescendo, foi evoluindo, até nós conseguirmos montar uma coreografia de um bolero. Não esqueço nunca dessa coreografia, que nós montamos, esse bolero e ficou muito bonito graças a Deus, ficou muito legal. E eu lembro que primeira vez que eu apresentei, fiquei superemocionado, meio bobo pra caramba, errei algumas coisas ainda, mas foi ótimo, pra foi uma emoção única.

E de lá pra cá não paramos mais, continuamos dando sequência no nosso trabalho e começamos a montar outras coreografias artisticamente e depois de um ano nós... viemos pra São Paulo, pra fazer o simpósio aqui, e daí nós tivemos o simpósio e daí já houve o primeiro campeonato. Então assim, um ano que nós passamos ensaiando nós conseguimos umas montar cinco coreografias artísticas e montar eu acho que três daquele tempo, acho que começou três era o samba, o jive e a ruma. Então nós conseguimos essas três já dentro dos padrões técnicos da dança competitiva e viemos pra São Paulo em 2001, foi o nosso primeiro campeonato de dança.

E nós estávamos com uma cadeira superfeia, horrível, né? Sem estrutura nenhuma, era uma cadeira adaptada que eu tinha pego do basquete, pra dançar. E daí, tudo bem, era o que nós tínhamos então foi o que nós levamos. Dançamos com ela e graças a Deus conseguimos ser vice-campeão nesse ano, perdemos pro casal de Santos, que hoje não dança mais, que é o

Luciano cadeirante, e continuamos trabalhando. Bom e no ano seguinte, nós continuamos trabalhando forte e no ano seguinte, acho que foi em São Paulo o campeonato, é foi em São Paulo sim, e daí nós conseguimos ser campeão já. E no primeiro ano, no segundo ano campeão, continuamos trabalhando mais forte, no segundo ano bi-campeão seguido. E daí continuamos trabalhando, e daí surgiu... vão surgindo novos casais como o caso do Cabral e Anete, a Viviane do Rio de Janeiro e assim, eu acho que não é questão de “relaxo”, de alguma coisa. Acho que é questão de técnicas e evolução, e daí eu fui bicampeão seguido e continuamos trabalhando, e Cabral veio também pra competição, e conseguiu experiência internacional, acho que dois anos seguidos, e veio muito forte pro campeonato. E no ano seguinte ele foi campeão, e no ano seguinte bi-campeão e aí apareceu Viviane.

É até engraçada essa história, porque eu fui bicampeão seguido, o Cabral bicampeão seguido e no ano que era pra gente desempatar que ia ser tri, apareceu a Viviane, que é muito boa também, né? E foi campeã, no ano que gente esperava ser campeão, ou eu ou o Cabral. E no ano que a Viviane foi campeã, o Cabral foi vice e eu fiquei em terceiro. No ano seguinte, novamente a Viviane foi campeã, o Cabral foi vice e eu fiquei em terceiro. Nesse evento que vai acontecer aqui, amanhã, então alguém vai ter que ser tricampeão, não tem jeito. Então amanhã, alguém vai ter que ser tricampeão, imperar aí um ano com esse título, né?

E essa é um pouco da história competitiva, né? E como que nasceu a dança pra mim e com certeza ela tem me feito muito bem, né? Embora eu esteja pensando em parar de competir, por outros motivos aí, mas é uma modalidade muito boa, muito gratificante pra quem participa, acho que faz muito bem. Ela tem ótimos benefícios pra trazer pra que a pratica.

Ah..., tem da novela da Globo, cara... Então a dança abriu muitas portas, entendeu, abriu várias portas que hoje eu sou grato e vou ser grato pro resto da vida. Uma dessas portas maravilhosas e principais foi essa da novela América da Rede Globo né? Nós... isso foi logo nos primeiros anos que eu comecei com a Luciene, nós estávamos dançando pelo Brasil, sempre fazendo



eventos, então nós fomos convidados pra Mostra Coreográfica de Dança de Salão, que aconteceu no Teatro Vila Lobos, no Rio de Janeiro em 2005, não minto, desculpa! Não foi no ano de 2005, foi ano de... 2003, ano de 2003. Eu iniciei a dança no ano 2000 e no ano de 2003 houve essa mostra. E daí o evento foi muito bonito, muito deslumbrante. Inclusive teve a participação do Carlinhos de Jesus, dançando com cadeirante lá, inclusive tive o privilégio de conhece-lo, né? E no término desse evento, houve o coquetel de encerramento e o coquetel do evento, realizou o coquetel na Estudantina Musical, onde é realizado um dos grandes bailes de dança de salão do Rio de Janeiro e também é usado com cenário da Rede Globo pra gravar cenas de dança "pras" novelas. E nesse encerramento, quem tava lá era a Glória Peres e o Guilherme Karan, a autora da Rede Globo. E daí ela ficou sabendo que teve uma participação de cadeirante no evento, ficou sabendo da minha participação, que eu dancei um tango. O que chamou atenção dela, que ela é amante da dança de salão, ela vai muito na Estudantina pra dançar. E ela pediu ao produtor do evento pra ele falar comigo pra dançarmos pra ela ver nesse coquetel, já que ela não pode ir no teatro assistir a mostra, né? Daí o produtor veio falar comigo, né? E eu tava... tava tudo muito formal né? Sem figurino, estava com a cadeira da dança, porque eu já andava com ele, porque geralmente quando eu vou competir eu não levo duas cadeiras, normalmente levo uma só, até pra evitar bagagem. Daí ela pediu e, daí não tinha tango nesse momento pra dançar, então ela queria ver a coreografia nossa do tango e daí tentaram arrumar um tango lá e não conseguiram, aí arrumaram uma coisa muita parecida com tango, mas não era tango e nós improvisamos, né? Pra Glória Perez, ninguém ia negar, não tinha como, né Michelle? (risos). Então nós dançamos lá, o produtor pediu pra esvaziar o salão, porque estava cheio do coquetel, pediu pra esvaziar, o salão esvaziou e eu dancei com a Luciene o tango, improvisamos lá pra encaixar a coreografia na música. E ficou muito legal, ela amou de paixão, ficou muito feliz, até muito emocionada, né? E nos chamou no canto e nesse momento ela fez o convite pessoalmente. Falou: "olha, amei a dança de vocês, algo muito bonito e eu gostaria muito de ver essa participação, dançando realmente, vocês, uma participação, na novela

que eu to escrevendo e que ainda vai ao ar daqui a dois anos ainda. Daí eu já to escrevendo ela, e quero a participação de vocês. Deixa todos os contatos de vocês que assim que a novela for começar vocês serão contactados”.

Deixamos todos os contatos com ela, pra não ter risco. Emocionado da vida, aparecer na Rede Globo, fazer novela. Então foi uma coisa bastante legal. Daí beleza, deixamos contato com ela, ela tirou várias fotos comigo, inclusive sentada no meu colo, tenho essas fotos até hoje. Com o Guilherme Karan também. Aí tudo bem, damos sequência o coquetel continuou, e continuamos dançando, se divertindo lá no coquetel e fui bora.

Dois anos, realmente, contados a novela foi ao ar e nada da gente ser chamado, e agente ficou naquela expectativa. A novela já tava indo ao ar, capítulos e mais capítulos, né? E a gente, na espera, aquilo, caramba ela não vai chamar, que droga. Já ta aí, muita gente já se apresentando, acho que antes de mim, já tinha havido a apresentação de dois deficientes visuais cantando, acho que Coco de Rodas, um negócio bem interessante. Mas tudo bem, aí acho que depois que a novela foi ao ar, dói exibido na faixa de 10 a 15 capítulos, aí eu recebi uma ligação na minha casa. Quem ligou? O próprio Guilherme Kran, pessoalmente, ligou pra mim. “E aí Waldemir, aqui é o Guilherme Karan”. Cara... eu tomei um susto. “Aqui é o Guilherme Karan. Ator da Rede Globo, e tal.... Nossa cara, fiquei muito emocionado (risos), foi por aí mesmo, fiquei supernervoso que eu gaguejei. Ah... tudo bem Guilherme? Ele: “tudo ótimo! Você lembra de mim lá da Mostra”? Claro.... com certeza, então... (risos)... Aí ele falou: “olha a Glória quer a participação de vocês... no capítulo na semana que vem. Então, nós estamos mandando a passagem pra vocês viajarem depois de amanhã”.

Caramba... Eu fiquei vermelho... “a passagem ta chegando amanhã e vocês viajam depois de amanhã”. Eu caramba.... e digo a ta tudo bem. “Quando você chegar aqui, a gente trata tudo de contrato, essas coisas, direito de imagem”. Ah ta tudo bem, tudo tranquilo.

Nossa quando eu desliguei, fiquei superemocionado, minha mãe também, a família inteira. Aí depois que ele ligou pra mim, ele ligou pra Luciene também pessoalmente, também. Aí depois que ligou pra Luciene, a Luciene liga toda... eu disse é eu já to sabendo, num sei o que, tal... Aí foi muito interessante, nós viajamos pro Rio, e daí eles pegaram a gente no aeroporto, colocaram a gente no hotel, tudo muito chique, tudo muito deslumbrante. Passamos uma semana no Rio, pra gravar, esperando pra gravar. E acho que já tava na mente da Glória Perez, a minha cena foi gravada justamente onde ela me viu dançando, na Estudantina Musical. Onde que o forró, dentro da novela chamado Forró da Vila, onde aconteciam as apresentações lá no bairro da novela, tal. E nós passamos acho que o dia inteiro gravando com os atores, as atrizes da novela, passando cena por cena, passando som, luz, câmera, essas coisas de novela. Tudo muito chique, tudo muito maravilhoso (risos). E daí nós gravamos a novela, na Estudantina Musical, e acho que foi ao ar duas semanas depois. Nós gravamos no dia e foi ao ar duas semanas depois. Então pra mim, foi uma experiência maravilhosa, acho que eu não vou esquecer nunca. Nossa..... e aí vem essa história também, né? Que foi outra coisa louca da minha vida. Quando a novela foi ao ar, eu tava em casa, porque eu sabia, eles falaram pra gente o dia que ia passar e daí a gente se preparou, eu gravei a novela inteira e depois eles mandaram o DVD pra nós com a cena. Eles até nos deram o script da novela inteira pra nós, pra acompanharmos a novela. Até uma questão de já saber o que ia rolar na novela. Porque nós estávamos com o script todinho, com todas as falas dos atores das atrizes. Então foi muito legal, acho que a Paraíba inteira parou pra ver essa cena. E a Paraíba inteira ficou sabendo, porque antes de ir pra novela eu dei várias entrevistas, né? Em São Paulo também, dei muitas entrevistas, pra todos os jornais, Folha de São Paulo, Estadão, O Globo, então esse ano foi um ano maravilhoso pra mim, foi o ano da minha pessoa, da pessoa da Luciene, realmente fomos a estrela da dança. E é interessante assim, que a gente não tinha esse costume, né? Então era muita entrevista, televisão, jornais, autógrafos (risos). E daí quando a cena foi ao ar na Paraíba...nossa... foi muita emoção. Você te vendo no horário nobre e minha cena foi a única que teve quatro minutos de horário nobre da

Rede Globo, foi a gravação e a cena, e única, que eu acho que passam pela novela. Porque além de mim teve mais, acho que dois cadeirantes dançando lá, teve um dançou samba, outro dançou outra coisa. Mas o meu, foi a única cena que foi arquivada pra sempre no site da Globo, né? Então, foi a única cena da novela que tá arquivada no site da Globo. Então tá lá no site da Globo, até hoje. A novela foi em 2005 nós estamos em 2009, tá lá até hoje, 2010, 30, 40, 50, vai tá lá. É só entrar lá no site da Globo, colocar meu nome lá no setor de busca – Waldemir Tavares – que aparecer a cena da novela. Pode ver. Então foi muito valorizado nosso trabalho, depois que a novela foi ao ar, milhões e milhões de telefonemas do Brasil inteiro ligando, dizendo que tinha assistido parabenizando, feliz da vida. E é o seguinte, no ano da novela, foi o ano que eu mais dancei da minha vida, porque eu fui muito contratado, pra abrir evento, pra fechar evento, pra fazer evento, e o ano todo eu tava dançando pelo Brasil inteiro, sabe? Da Paraíba a Foz do Iguaçu, eu contratado. Pra mim foi muito gratificante, muito bom. Então a dança abriu essa porta, uma das portas que mais.... mais legais que dança me abriu hoje foi a faculdade. Me abriu os olhos e me abriu portas também pra fazer faculdade... E um sonho pra mim... e é um sonho, uma realização muito mais pra minha mãe. E eu to na faculdade, to formando acho que daqui a um ano e meio ainda, fisioterapia, e sou um futuro fisioterapeuta, bem breve. Então assim, foi muito legal, muito interessante, então a dança realmente contribuiu muito pra minha vida, mas muito mesmo. Eu vou ser eternamente grato a dança, porque ela realmente mudou a minha vida, assim como o basquete também. Foi muito bom porque assim, a dança, acho que ela... ela transforma, entendeu? Principalmente pra quem é deficiente, pelo fato de ser deficiente ela se torna mais porque o deficiente não se acha capaz de dançar, porque... a metodologia que se tem hoje é que dançar significa executar passos com pernas, e na verdade não é. Eu acho que a dança pra mim é movimento corporal, a perna faz parte do corpo, mas não é o total, não é só perna. Então eu consigo fazer o meu corpo dançar mesmo numa cadeira de rodas. Daí isso pra mim foi muito legal, isso me fez muito bem. Ai eu lembro que a primeira vez que eu cheguei num baile, num show sozinho eu consegui dançar com outras pessoas que nem

conheciam dança em cadeira de rodas. Então isso pra mim foi muito gratificante. Então eu acho que isso mais ou menos que eu tenho pra falar e ah.. sei lá, se for pra eu falar acho que nós vamos ficar até meia noite e eu não vou terminar. Porque eu gosto de falar e tenho muitas histórias ainda, não sei se é isso Michelle. Então além da Globo tem uma história, dois fatos interessantes, que eu acho que vai ficar na memória pra sempre. Uma foi um evento que eu fiz de basquete lá no Ceará e lá neste evento, enquanto o evento teve um show e esse show era oferecido para os atletas. Ai nós fomos convidados, eu fui pra esse show e dai eu tava lá, era um show de forró, eu tava lá quietinho na minha, e tal, comecei a dançar um pouco sozinho, e depois comecei a dançar com mãe de um amigo meu, e depois que eu dancei com ela eu fiquei parado, e quando eu estava de costas na mesa assim, e chegou uma mão e bateu no meu ombro, quando eu olhei pra trás, modéstia parte, eu não vou esquecer nunca, porque era uma mulher linda....maravilhosa, espetacular, me convidando pra dançar. Então assim, isso nunca vai sair da minha cabeça. Um convite irrecusável. Quando eu olhei pra trás, eu tomei um susto né? Pela beleza que ela tinha, pelo corpo que ela tinha e pelo fato de ser uma pessoa andante né? Que não tinha contato nenhum com deficiente ou com a dança em cadeira de rodas me chamar para dançar, ela disse, não eu queria dançar com você. Eu olhei pra trás e fiquei pensando, será que isso é comigo mesmo? (risos). “É que eu achei muito bonito você dançando e tal e eu queria ter esta experiência de dançar com você.” Ah... por mim com certeza, será um prazer enorme pra mim, a recíproca vai ser a mesma. Então assim dancei com ela acho que umas duas ou três músicas de forró, consegui interagir bem com ela, no começo, logo na primeira música foi meio complicado porque ela era..., ela ficava muito nervosa, muito meio que assim com medo, com vergonha, questão de expressão corporal mesmo, mas ao longo da música eu fui dando alguns toques pra ela, ela foi pegando e a gente conseguiu dançar legal. Então essa foi uma coisa que me marcou também, que é interessante.

E a outra foi muito parecida com essa. Foi lá Paraíba mesmo, no show do Calypso, eu gosto muito de balada, eu gosto muito de show. Ai eu fui pro show do Calypso sozinho até, porque eu tinha combinado com um amigo meu

e ele acabou não indo. E como eu queria muito ir, eu fui sozinho. Eu tava lá no show sozinho se divertindo da vida, dançando pra caramba, tranqüilo, e ai acho que quase no finalzinho do show do Calypso, apareceu uma outra menina do meu lado, ai eu olhei pra ela assim, ela deu um sorriso, eu dei outro sorriso, né, tal. Ai eu chamei ela pra dançar. Ela... “sabe eu não sei dançar, ta, e assim, não vai ser complicado não?” Eu falei: Não, não vai cara, vamos dançar, fica tranqüila, relaxa que eu te ensino. Daí eu comecei a dançar com ela, tal. Ela gostou, ficou super feliz. Daí nós começamos a conversar e acabou a gente ficando no show né? Ficamos no show, continuamos dançando e ficando, e vai, no final do show trocamos telefone né? E, continuamos telefonando e depois nós começamos a namorar e hoje estou noivo com esta pessoa. Então acho que essa é as duas histórias mais interessantes que eu já tive com a dança. Acho que eu talvez não me lembre outra, mas já fiz. Tiveram outras, né? Que eu não me lembro, mas que não foi tão relevante quanto estas duas. Ok. Michelle.

## APÊNDICE B

### TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DE ÁRBITROS – COM AS PROFESSORAS INTERNACIONAIS PIPPA ROBERTS E DORIT SHARET.

Realizada em– 13/12/2009 – traduzida simultaneamente pela tradutora Bárbara Duarte, gravada em vídeo e transcrita posteriormente pela pesquisadora.

Pippa: Os casais estavam pensando na rotina que eles tinham que já estavam fazendo há séculos e pouco antes da competição eu falo: não faça isso, não faça aquilo e não faça aquela outra coisa. Depois da competição se eles esquecerem as rotinas, eles tem mais meses pra aprender tudo, então não vai ter problema. Eles vão ter tempo pra concentrar no que a gente ta discutindo, porque eles não vão estar pensando que precisam competir, ok? No mais o compromisso de todos foi muito bom, mas uma coisa que eu percebi em todos é a questão do tempo. E isso é algo que todos vão ter que trabalhar bastante. Em toda competição só havia uma pessoa que estava no tempo certo, ninguém mais. Teve aqueles que ficaram às vezes no tempo e às vezes fora do tempo, mas não muitos. Ah, desculpa foram dois casais que estavam no tempo, um foi do iniciante e outro no nível mais avançado, estes ficaram no tempo em todas as danças. Então é o tempo a coisa mais importante, porque se você quiser ir para o exterior você vai desperdiçar seu dinheiro, a não ser que você trabalhe isso. O potencial de todos é muito, muito bom, mas com o potencial há um problema, o ritmo natural que a pessoa sente tem que ser controlado. É como se você tivesse um fogo, ele pode te aquecer ou pode te queimar sua casa ir a baixo. Você tem que controla-lo, mas quando você está controlando você não quer perder a energia e o sentimento da dança que vem naturalmente para os brasileiros.

O potencial é imenso, eu fiquei muito impressionada, embora eu tenha visto muitos problemas. Outra coisa também é a técnica dos parceiros

andantes, há 12 ou 15 anos atrás, vocês estariam no topo, mesmo com a dança que vocês têm atualmente. Mas agora na Europa e no mundo, o andante tem se tornado bem mais treinado, o cadeirante também tem treinado mais. Portanto o padrão é muito, muito alto. Porque os países usam competidores, dançarinos andantes que já competem, e essa experiência não tem valor. Por exemplo, os andantes na Inglaterra, na Holanda, se eles quiserem, eles podem ter uma competição todo final de semana, e uma competição não é nada, eles não se preocupam com nada, pois se eles não forem bem essa semana na próxima eles têm outra competição. Aqui vocês são muito parecidos, como em Malta, nós temos pouquíssimas competições, então todos têm muito desejo de ir bem, porque a próxima vai ser daqui a seis meses ou um ano. Então o que eu sugeriria, é que vocês trabalhem juntos para terem competições com as regras básicas. Isso vai dar a vocês a experiência de como andar na pista, de como mover na pista sem pessoas nela. Por exemplo, os encontros não precisam ser só competições, podem ser pequenos campeonatos, encontros amigáveis de equipes, misturarem as equipes, os times, por exemplo, um time pode ter você, você... Um de cada um, dessa forma você não vai ter rivalidade. Você vai ter entre os times, mas não vai ter individualmente.

Eu gostaria de saber dos árbitros quais foram os problemas que vocês perceberam ontem?

Suzana: Eu percebi assim, eu tive muita dificuldade, eu achei que todos estão muito próximos, todos estão muito iguais, no nível avançado, eles ficaram todos muito iguais. E eu tive que me apegar aos detalhes pra classificar. Vamos supor, ritmo, praticamente todos fora.

Pippa: Só tinha um que estava no tempo, e de fato eu olhei pra ele aqui no canto meu olho muito, muito, muito, porque eu queria ver se ele estava saindo do tempo. E na primeira dança, na primeira roda, ele tava muito nervoso, ele tava no tempo certo, mas ele tava pressionado, mas ele não saiu do tempo, não tava fora do tempo. E os outros estavam e não estavam, e uma das razões vem da coreografia. Se você não pode girar o parceiro



adequadamente, vai demorar mais, então você faz 1, 2 depois espera, aí você faz um cha-chá, faz qualquer outro passo, mas vai demorar mais.

O que eu gostaria de ver os casais fazendo, na rotina deles, fazer pequenas rotinas, dividir cada passo. Um passo, pratica, pratica, pratica 100 vezes. Outro passo, 100 vezes de novo. Junta os dois, 100 vezes. Terceiro passo, 100 vezes. Junta com os outros 100 vezes. 1, 2, 3... 100 vezes, continua indo assim. Quem treina essas pessoas tem que ter um plano de treinamento.

Eliana: Nós temos de demonstração dos passos básicos vídeo da Guertrudes, e nós não conhecemos outros vídeos, se ela tem algum pra mandar para eles?

Pippa: Eu vou fazer um para você, se eu mandar um para você manda para os outros, ou eu posso mandar um DVD, você copia e passa para todo mundo. Todos vão pegar uma cópia daquele teste de competição? Vocês usaram ontem!

Para que eles tenham a música. E quando vocês estiverem ensaiando... Quanto tempo vocês gastam para ensaiar mais ou menos?

Alguém: 2 ou 3 horas!

Pippa: Algum momento depois dessas 2 horas, ou no final da sessão. Você precisa de 20 minutos. Faça competição, exatamente como ela seria feita. Cada casal vai ter um número, aí eles vão andar, eles vão se abaixar, eles vão para o lugar deles. Vão fazer o samba, o cha-cha-cha, a rumba, tudo acontecendo exatamente como se fosse a competição. Uma vez por semana, ou até mais frequentemente se vocês quiserem. Aí você vai treinar o cérebro deles para esse momento de competição. Aí vocês podem assistir como treinadores ou como árbitros e ter um papel para fazer comentários do que está errado. Se você tiver 4 casais você pode marcar um contra o outro. Uma prática para vocês como árbitros - vocês podem fazer comentários o braço ta muito alto, ta sem conexão, não estão baixando.

Uma das coisas que eu não vi ontem, não vi isso em ninguém, foi baixar através dos pés. O problema com o andante para mim é pior do que com os cadeirantes, porque as pernas são mais difíceis para você mexer do que as rodas, você tem muito mais opções para fazer com as pernas do que para fazer com a roda. E essa parte é a pior porque as competições no exterior elas são muito boas. Também sugiro que vocês olhem no youtube, as roupas, tudo, idéias de como começar, a posição de começo. Não comece em uma posição que você necessita que alguém te segure, porque se você tiver que balançar e a música começa errada, você tem que ficar assim. Agora se você começa assim (em pé) não tem problema, quando a música começa você balança. E em competições top acontecem problemas com a música.

Outra coisa é que, alguns casais começaram muito rápidos, eles não deram tempo para ouvir a música. Começou a música eles foram. De novo, se eles treinarem essas competições, ensaiarem, eles vão ficar melhor. Aí você vai poder dizer para eles, não comece cedo, você pode usar seus olhos, você pode olhar a seu redor, mas não comece muito cedo. É melhor você está atrasado mas no tempo, do que começar e fora do tempo.

Eliana: Eu gostaria de comentar algo que me chamou atenção ontem, é que eles não tinham muita ligação uns com os outros, eram momentos, momentos estanques que eles faziam, e uma diversidade se um ia bem no samba... E aí é assim, quando eles estavam seguros eles iam bem... quando eles estavam inseguros eles perdiam a conectividade um com outro, dali você já sabia que eles estavam inseguros. E isso foi muito, muito... Inclusive no casal que eu acredito que ela ta citando, eu achei que eles não tinham essa relação.

Pippa: Essa conexão é muito importante. Se eu estou ao lado dela aqui, o meu corpo ainda assim tem que ter uma conexão. Meu corpo pode ir pra frente mas eu sinto a conexão, e a minha conexão vai pra lá e tem que voltar para ela. Mas novamente, isso só surge depois da prática, da prática. E vocês têm que ser firmes, porque se vocês não forem eles não vão fazer essas alterações.

A menina que eu treino, por exemplo, ela tava assim... com lágrimas, literalmente chorando. Ai eu falei, sem lágrimas, faça de novo. E no fim eu disse: vai para casa e decida se você quer dançar, porque eu não quero ver você fazendo isso comigo. E todo mundo disse, que mulher horrível! Mas ela voltou fazendo o passo certo na outra vez. E isso tem que ser feito se você quer chegar lá no topo.

Uma coisa que eu também percebi na maioria dos casais é que não havia uma boa transição de um passo para o outro, ele na fluía. Esse passo terminava... agora a gente vai fazer outro passo... deveria ser contínuo. E isso é algo que vai acontecendo com tempo, se você pratica os passos divididos e depois você junta as partes uma a outra e repete... e como se você estivesse construindo uma casa, gradualmente ela vai crescendo, mas se você não colocar os alicerces direito, a casa não fica boa.

Eliana: Ontem nós percebemos muita emoção, quase todos choraram... mas que essa emoção toda, eu acredito, que seja pela presença de vocês que traz um peso à competição.

Pippa: Até eu tava chorando. Eu sou muito dura, firme, na forma que eu tenho de pensar, mas eu sempre olho para as coisas como meio cheias, não como meio vazias. Então quando vocês estiverem avaliando... por exemplo eu, eu não olho para as coisas que estão certas, eu olho as coisas que estão erradas. Se meu casal me pede uma opinião eu nunca, nunca digo ah... isso foi bom... eu digo você pode fazer melhor. Eu não falo que foi ruim, mas você pode fazer melhor. E vocês têm que ter esse objetivo também, de nunca colocar ninguém para baixo, não importa o quão ruim essas pessoas sejam. Se você tá ali no chão, você só tem um lugar que você pode ir... para cima. Então seja muito positivo em tudo que você fizer mesmo que algo seja negativo. Aprenda com os erros e se possível não repita os mesmos erros, certo?

Vocês têm talento, eu nunca vi tanto talento. E é muito empolgante para mim fazer parte disso... porque quando eu vim há 4 anos atrás... risos... Hoje

eu vejo coisas muito boas... eu vejo coisas ruins mas também vejo coisas muito boas, e potencial de todos!

Eliana: Enquanto confederação, nós permitimos que qualquer grupo que consiga verba, por si só, já que o governo não financia que represente o Brasil em especial em Malta e agora eles foram para o mundial. Você acha isso uma boa atitude ou nós devemos permitir que saiam do Brasil aqueles grupos selecionados, em especial que se unifiquem?

Pippa: Não, você pode deixar qualquer pessoa ir para o exterior para a competição e você pode dizer, eles vieram do Brasil. Mas o representante de um país caso haja uma competição, deve ser o campeão. Mas se alguém consegue ser financiado, quanto mais para o Brasil vai ser melhor. Então eles são do Brasil, fazem parte do Brasil, mas não são os campeões do Brasil. E é esse campeão que deve estar representando nas competições superiores.

Dorith: O campeão tem que ser financiado pelo governo, se não for financiado pelo governo... tem que achar alguém dentro do governo para insistir, para que alguém financie essa pessoa. Aí os outros eles podem ir financiados por outras empresas, mas o campeão tem que de alguma forma ter a relação com o governo federal.

Pippa: Em cada campeonato você pode mandar três casais, então se você tiver dinheiro, você pode manda o primeiro, segundo e terceiro lugares, como representantes do país. Mas assim, vale dizer que quando você vai para uma competição, em alguns países você tem excelentes competidores, oito ou até nove casais, e no campeonato mundial somente os campeões podem participar. Então se você vai para uma competição grande, não é o campeonato mundial ou campeonato europeu, você pode ter um casal muito, muito bom, mas eles não estarem incluídos no time daquele país. Mas ainda assim eles podem ir para esse campeonato e até quem sabe ganhar como convidados. O campeão de Malta foi para Alemanha e ganharam o campeonato lá. É bom ter oportunidades assim, as pessoas vão ter chance de ganhar uma competição. É uma boa experiência estar na competição.

Carine: Então qualquer dupla pode ir para competição?

Pippa: Qualquer pessoa, qualquer casal, em grandes competições, na Holanda, Alemanha e Malta, na Rússia, eles têm níveis mais baixos, eles têm competições para iniciantes. Não a Rússia não! A Holanda tem quatro danças, não cinco danças. Então você vai ter a chance de ir e ganhar algo que vai te incentivar.

Eliana: Nós não identificamos em lugar nenhum, como se calcula o ranking, dos campões da dança em cadeira de rodas. Então nós utilizamos de outros esportes, existe como calcular isso?

Pippa: Bom nesse momento não precisa preocupar muito com isso, mas o ranking é feito de acordo com as normas do IPC, e depende da sua posição quando você para uma competição do IPC, isso que vai orientar o ranking. No momento acho que isso não é muito importante, o mais interessante vocês mandarem uma ou duas pessoas para fora com tudo pago para competir. Mas por exemplo no caso de vocês que não estão num nível alto de competidores não vai fazer muita diferença.

Suzana: E o ranking nacional?

Pippa: o ranking vem de quem ganha a competição. Então por exemplo, pode ser, se você participou de uma competição internacional você ganha tantos pontos, se for uma nacional você ganha tantos, se é local tantos... Pessoalmente eu não concordo com isso, porque frequentemente o melhor dançarino não é o que ganha os maiores pontos, porque às vezes por causa do trabalho ele não pode participar da competição, do treinamento. Então você não vai ta conseguindo o melhor ranking. Para mim o melhor é o que você pode dançar ou não, nada mais.

Não esqueçam de simular competições entre vocês, na escola, entre vocês. Para vocês praticarem. Se alguém tiver algum problema me mande um e-mail.

\*\*\*\*\*

Eliana: Nós nunca pegamos autorização para nossas competições no IPC, até porque a gente achava que não tinha um nível suficiente para registrar. O nosso campeonato não é reconhecido pelo IPC, e nós também nunca solicitamos.

Dorith: Porque se você fizer uma competição do IPC, você tem que ser nos padrões deles, e não foi. Por exemplo, eu fiz a classificação sozinha, geralmente são três classificadores, um do país e outros dos outros (países), e isso permite que nós vejamos mais coisas juntos e até podemos compartilhar algumas idéias. Porque quando você está ali avaliando é diferente de quem está ali sentado olhando, você vê coisas diferentes. Então quando um não está certo daquilo que ele avaliou você pode discutir com o colega. E isso foi algo que eu senti falta, por exemplo, ontem. Por isso quando eu sentei-se à mesa da competição e tive os formulários comigo, então eu pude ver outras coisas de fora e isso me deu uma figura do todo.

Eliana: Uma das coisas... que a gente não pede o IPC, é que a gente nunca sabe se o governo vai apoiar ou não, até porque não é o governo, é via universidade que a gente tem conseguido. Por isso que gente não pede, porque a gente só vai saber se a universidade vai apoiar dois meses antes e aí é um risco. Mas aí de qualquer forma eu gostaria de saber o que ela nos aconselha, já que nós estamos no oitavo campeonato no Brasil.

Dorith: Então, por exemplo, você não tem um plano do que vai acontecer ao longo do ano aí você vai à universidade e procura saber sobre um financiamento, um suporte?

Eliana: Não, a universidade não funciona assim.

Dorith: Porque se você tiver unida com o IPC você tem que estar preparada meses antes. Por exemplo, na Rússia eles queriam fazer uma competição do IPC e eles já começaram a organizar as coisas com IPC agora e a competição vai ser só em setembro do ano que vem (2010). Demora... troca de contratos e tal...e o IPC é muito restrito.

Nós fizemos em Israel, o Open Israel, era uma competição aberta a todos os países, era uma competição internacional, mas não era do IPC. Foi a primeira vez que a gente tentou fazer a competição. Depois de termos mais experiência e aprendermos todos os regulamentos, aí fica mais fácil pra gente fazer a competição Internacional do IPC. Até mesmo em Malta, eles não fazem a competição do IPC, eles fazem uma competição internacional porque é bem mais fácil.

Eliana: Eu gostaria de saber qual a vantagem para o Brasil de ter a competição cadastrada no IPC?

Dorith: Depende de quem você pergunta. Se você perguntar para Pippa ela vai dizer o IPC tem muito problema, não tem dinheiro... Mas a competição internacional do IPC é muito nova. Então talvez a delegação, os competidores vão saber que tem alto padrão, é feito de uma forma correta, honesta.

Eliana: Você acha uma boa sugestão, nós fazermos ao invés do brasileiro, o aberto?

Dorith: sim, principalmente do continente, e outros. Porque cada continente tenta construir a sua competição na Rússia, na Europa e talvez aqui também.

Eliana: Como a gente fazer para adquirir as regras do IPC, para pensar numa possibilidade futura?

Dorith: Eu posso mandar para você as regras da competição, vocês não têm?

Eliana: nós temos até 2005...

Dorith: Atena... eu vou te dar todos que você precisa. Tem um novinho, agora mesmo tem um novo.

Eliana: Nós gostaríamos de falar sobre a dança com dois cadeirantes. Desde quando passou a ser uma modalidade de competição?

Dorith: Eu não sei desde quando, mas há alguns anos eles fazem isso.

Eliana: Quando se faz o curso de classificação funcional já incorpora as diferenças desse estilo?

Dorith: Todos já foram classificados antes?

Eliana: Todos. Foi uma reclassificação.

Dorith: Não tem nenhuma diferença na classificação funcional na *duo dance*. Se você fizer a *duo dance*, você classifica cada um individualmente. Aí você pergunta, você ta dançando a *duo dance*? Aí você pergunta que é seu parceiro? Aí eu checo, eu vejo os pontos um tem 13 o outro 17 juntos vocês são classe dois.

Eliana: então é a soma dos dois.

Dorith: Na minha última apresentação, tem um quadro de como se classifica classe um ou classe dois. Se você trocar de parceiro... eu faço resumo dos pontos e falo, você ta aqui, ou não você ta ali.

Eliana: Qual a possibilidade de ir um grupo para fazer um curso do IPC em Malta?

Dorith: Para fazer um curso do IPC, tem que ser em uma competição do IPC, Malta não é competição do IPC. Geralmente é na Holanda. Mas eu posso perguntar para eles e falar pra você depois. Você precisa pelo menos de pelo menos um classificador nacional.

Eliana: Nós já tivemos outros classificadores aqui, como o Hebert e a Miriam, mas foi a primeira vez que um classificador deu abertura da gente filmar e discutir. E num primeiro momento nós até ficamos receosos... Mais importante que ser um classificador, no interessa aprender.

Dorith: Geralmente tirar foto, fazer vídeo não é permitido. Geralmente nenhuma pessoa pode ficar lá, nem alunos (escrevendo). Mas eu acho assim quanto mais você aprende você pode fazer melhor, e quanto melhor você faz



você pode ensinar também fazer aquilo. E é importante desenvolver isso no país de vocês. Se fosse o IPC, sem câmera, sem pessoas escrevendo, conversando. Mas é bom vocês aprenderem.

Eliana: Realmente nós vamos mandar três pessoas para o próximo curso, mas nossa maior dificuldade é inglês. Gostaríamos de saber da possibilidade de mandar um tradutor. Quando eu fui para Holanda, com Ondine, eles não permitiram.

Dorith: É possível sim, você não é o único país que tem problema com o inglês. Mas no meu curso já teve tradutores. A gente só não pode ficar parando, tem que ser bem rápido.

**APÊNDICE C – TABELAS RESUMO DOS EVENTOS DE DANÇA EM  
CADEIRA DE RODAS NO BRASIL.**

Resumo dos eventos de 2001			
<b>Evento</b>	<b>Simpósio</b>	<b>Mostra</b>	<b>Campeonato</b>
Edição	1ª.	1ª.	---
Data	05 a 07 de novembro	06 de novembro	---
Cidade	Campinas	Campinas	---
Local	Faculdade de Educação Física – UNICAMP Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP	Auditório do SESC - Campinas	---
Coordenação Geral	Maria Beatriz Rocha Ferreira Irajá de Brito Vaz		---
Organizadores	Eliana Lucia Ferreira Rute Estanislava Tolocka	- Graciele Massoli Rodrigues	
Número de participantes	...	11 grupos	---
Número de coreografias	---	14 coreografias	---
Árbitros	---	---	---
Classificador Funcional	---	---	---
Conferência (conferencista)	* Dança em cadeira de rodas e dança esporte em cadeira de rodas (Herbert Hausch) * Inclusão escolar e educação física: que movimentos são estes? (Apolônio Abadio do Carmo)	---	---
Curso (ministrante)	* Dança em cadeira de rodas (Herbert Hausch)	---	---
Mesa redonda	* Perspectivas das pesquisas de dança em cadeira de rodas no Brasil.	---	---

	<p>* Proposta de métodos de dança em cadeira de rodas.</p> <p>* Dança e pessoa portadora de deficiência.</p>		
Encontro	* Perspectivas organizacionais da dança esporte em cadeira de rodas no Brasil	---	---
Relato de experiência (autor)	<p>* Tributo à cadeira (Anete Otilia Cardoso de Santana Cruz e Luis Antônio Lacerda Barros Cruz).</p> <p>* Grupo de dança Roda Vida (Luciene Rodrigues).</p> <p>* Associação de Educação Terapêutica Amarati (César Rálio)</p>	---	---
Realização	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Universidade Estadual de Campinas</li> <li>- Faculdade de Educação Física – UNICAMP</li> <li>- Departamento de Estudos da Atividade Física Adapta – UNICAMP</li> <li>- Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas - ABRADCAR</li> </ul>		
Apoio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exército Brasileiro</li> <li>- SESC Campinas</li> <li>- CNPq</li> <li>- Toque A toque</li> <li>- Escola Superior de Educação Física de Jundiaí</li> <li>- Ministério dos Esportes e Turismo</li> <li>- LABURB/IEL/UNICAMP</li> <li>- Universidade Federal de Juiz de Fora</li> </ul>		
Produção Científica	Anais do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas		

**Fonte:** Anais do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e documentos da CBDCCR.

Resumo dos eventos de 2002			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	2ª.	2ª.	1ª.
Data	25 a 29 de novembro	28 de novembro	26 de novembro
Cidade	Campinas	Campinas	Campinas
Local	Faculdade de Educação Física – UNICAMP	SESC - Campinas	Sociedade Hípica de Campinas
Coordenação Geral	Maria Beatriz Rocha Ferreira		
Organizadores	- Eliana Lucia Ferreira - Vera Aparecida Madruga Forti	- Eliana Lucia Ferreira e - Graciele Massoli Rodrigues	- Eliana Lucia Ferreira - Bettina Ried - Sigrid Bitter - Rute E. Tolocka
Número de participantes	---	21 grupos	2 duplas – LWD1 11 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	26 coreografias	2 ritmos – samba e jive
Árbitros	---	---	- Bettina Ried - Torsten Ried - Sigrid Bitter - Eliana Lucia Ferreira - Herbert Hausch
Classificador Funcional	---	---	Mirian de Hass
Conferência (conferencista)	* Falando de inclusão em tempos de exclusão (Júlio Romero Ferreira)	---	---
Cursos (ministrante)	* Modalidades de dança esporte em cadeira de rodas: <i>latin dance e standard</i> (Herbert Hausch) * Desenho e coreografia – improvisação – consciência corporal (Edson Claro) * Método Laban e dança para	---	---

	<p>peessoas com deficiência.</p> <p>* Dança-arte em cadeira de rodas (Rosângela Bernabé)</p> <p>* Dança folclórica e pessoa com deficiência (Evandro Passos)</p>		
Oficina (ministrante)	* Oficina de psicodrama (Maria Cecília Ugate)	---	---
Mesa redonda	<p>* Dança como forma de conhecimento.</p> <p>* Dança como forma de comunicação.</p> <p>* As interfaces do movimento corporal.</p>	---	---
Comunicação	Sistema de classificação na dança esporte em cadeira de rodas.	---	---
Debate	Programa e visão da mídia sobre dança em cadeira de rodas	---	---
Relato de experiência (autor)	<p>* Deficiência, movimento e dança (Luis Antônio Cruz)</p> <p>* Dançando com o coração (Marlene de Lourdes Ferreira)</p> <p>*Corpo e dança (Carla Pinto)</p> <p>* Corpo, dança e movimento (Isis Maria de Almeida Ramos)</p>	---	---
Realização	<p>- Universidade Estadual de Campinas</p> <p>Faculdade de Educação Física;</p> <p>Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada;</p> <p>- Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas;</p>		
Órgão Financiador	---		
Apoio	<p>- Sociedade Hípica de Campinas</p> <p>- SESC Campinas</p> <p>- Ministério dos Esportes e Turismo – Secretaria Nacional de Esportes</p> <p>- Banco do Brasil</p> <p>- Escola de Cadetes – Campinas</p> <p>- Tokeleve</p>		

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Universidade Federal de Juiz de Fora</li> <li>- LABEURB/IEL/UNICAMP</li> <li>- Faculdade I. Einsten de Limeira</li> <li>- ESESF – Juindiaí</li> </ul>
Produção Científica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Anais:</b> Anais do II Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas</li> <li>- <b>Livro:</b> Interfaces da dança para pessoas com deficiência;  <ul style="list-style-type: none"> <li>Dança em cadeira de rodas: o movimento dos sentidos na linguagem não-verbal;</li> </ul> </li> <li>- <b>Tese de doutorado:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Corpo – movimento – deficiência: as formas do discurso da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação – Eliana Lucia Ferreira – Universidade Estadual de Campinas.</li> </ul> </li> </ul>

**Fonte:** Anais do II Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e documentos da CBDCCR.

Resumo dos eventos de 2003			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	3ª.	3ª.	2ª.
Data	13 a 15 de novembro	13 de novembro	14 de novembro
Cidade	Mogi das Cruzes	Mogi das Cruzes	Mogi das Cruzes
Local	Universidade Braz Cubas	Teatro da Universidade Braz Cubas	Faculdade do Clube Náutico Mogiano
Coordenação Geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eliana Lucia Ferreira</li> <li>- Rute Estanislava Tolocka</li> </ul>		
Organizadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eliana Lucia Ferreira</li> <li>- Rute Estanislava Tolocka</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eliana Lucia Ferreira</li> <li>- Graciele Massoli Rodrigues</li> <li>- Regina Cunha</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bettina Ried</li> <li>- Rute E. Tolocka</li> <li>- Ronaldo G. de Oliveira</li> </ul>
Número de participantes	...	11 grupos	4 duplas – LWD1 12 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	26 coreografias	3 ritmos – samba, rumba e jive.
Árbitros	---	---	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bettina Ried</li> <li>- Torsten Ried</li> <li>- Maria do Carmo Rossler Freitas</li> <li>- Eliana Lucia Ferreira</li> <li>- Rogério Lima</li> <li>- Herbert Hausch</li> </ul>
Classificador Funcional	---	---	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Herbert Hausch</li> <li>Auxiliares</li> <li>- Rute E. Tolocka</li> <li>- Elisabeth Mattos</li> </ul>
Conferência (conferencista)	* Reabilitação, identidade e imagem corporal: perspectivas da dança em cadeira de rodas (Maria	---	---

	<p>Consolação Tavares).</p> <p>* Diversidade humana e escolaridade (Apolônio A. Carmo)</p>		
<p>Cursos (ministrante)</p>	<p>* Dança esportiva em cadeira de rodas (Herbert Hausch).</p> <p>* Dança artística em cadeira de rodas (Andréa Bertoldi).</p> <p>* Dança esportiva em cadeira de rodas (Herbert Hausch)</p>	---	---
<p>Mesa redonda</p>	<p>* Dança em cadeira de rodas: proposta inclusiva.</p> <p>* Dança em cadeira de rodas: ensino e pesquisa.</p>	---	---
<p>Palestra (palestrante)</p>	<p>* Dança em cadeira de rodas e aspectos psicológicos (Ademir de Marco)</p>	---	---
<p>Relato de experiência (autor)</p>	<p>* A lua não precisa estar inteira para brilhar (Regina Cunha).</p> <p>* A paralisia dança (Roberta Claro Leisa Alexandre).</p> <p>* Adaptação para a inclusão (Carlos Pinheiro F. Alves e Iêda Tereza Boucault).</p> <p>* Dança e inclusão social: desafios e possibilidades (Janaína Pessato, et al.).</p> <p>* Dança para todos: sensação, ritmo, percepção, cidadania, expressão, troca, valorização, prazer, respeito, inclusão (Roberto Ciasca et al.).</p> <p>* Dançando a ginástica geral em cadeira de rodas (Sílvia Mayeda et al.).</p> <p>* Dançar com um cadeirante (Anete Cardoso Cruz).</p> <p>* Inclusão da pessoa com deficiência através da dança (Luciene Rodrigues).</p> <p>* Inclusão pela dança folclórica (Janete T. de Carvalho et al.).</p> <p>* No ritmo da dança (Noemia</p>	---	---



	<p>Moreira Santos).</p> <p>* Organização de um campeonato (Ronaldo G. de Oliveira).</p> <p>* Recursos de produção gráfica e a implantação da dança esportiva me cadeira de rodas no Brasil (Fernanda Gomes da Silva).</p> <p>* Redescobrimo a dança com os surdos (Anete Cruz e Andréa Grilo).</p> <p>* Relação: corpo, deficiência e cadeira de rodas (Luis Antônio Cruz).</p>		
Realização	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas</li> <li>- Universidade Brás Cubas</li> <li>- Faculdade do Clube Náutico Mogiano</li> <li>- Trabalho de Apoio ao Deficiente</li> </ul>		
Órgão Financiador	Governo Federal		
Apoio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Universidade Federal de Juiz de Fora</li> <li>- LABEURB</li> <li>- UNICAMP</li> <li>- UNIMEP</li> <li>- SESI</li> <li>- Comitê Paraolímpico Brasileiro</li> <li>- Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes</li> <li>- Jornal da Dança</li> <li>- Escola Regina Ballet</li> <li>- MAXLOVE</li> <li>- AMDF</li> <li>- D'avó Hiper</li> </ul>		
Produção Científica	<p><b>Anais:</b> Anais do III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas.</p> <p><b>Livro:</b> Subsídios para competições oficiais de dança esportiva em cadeira de rodas.</p>		

**Fonte:** Anais do III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e documentos da CBDCR.

Resumo dos eventos de 2004			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	---	---	3ª.
Data	---	---	18 de dezembro
Cidade	---	---	São Paulo
Local	---	---	Ginásio Baby Barione
Organizadores	---	---	Bettina Ried
Número de participantes	---	---	2 duplas – LWD1 2 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	---	4 ritmos – samba, rumba, jive e cha cha cha.
Árbitros	---	---	- Chery Wony - Douglas Braga - Maria do Carmo Rossler Freitas - Helenice Barbosa - Carla Salvagni
Classificador Funcional	---	---	- Rute E. Tolocka - Eliana Lucia Ferreira - Bettina Ried
Conferência (conferencista)	---	---	---
Cursos (ministrante)	* Noções básica em arbitragem e classificação funcional em dança esportiva em cadeira de rodas (Eliana Lucia Ferreira, Rute Estanislava Tolocka e Bettina Ried).		---
Mesa redonda	---	---	---
Palestra (palestrante)	---	---	---

Relato de experiência (autor)	---	---	---
Apoio	Clube dos Paraplégicos de São Paulo		
Produção Científica	---		

**Fonte:** documentos da CBDCCR.

Resumo dos eventos de 2005			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	4ª.	4ª.	4ª.
Data	21 a 27 de novembro	24 de novembro	26 de novembro
Cidade	Juiz de Fora	Juiz de Fora	Juiz de Fora
Local	Faculdade de Educação Física – UFJF	Cine Theatro Central	Academia do Comércio
Coordenação Geral	Eliana Lucia Ferreira		
Organizadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Carlos Alberto Camilo Nascimento</li> <li>- Maria Elisa Caputo Ferreira</li> <li>- Rute Estanislava Tolocka</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Regina Cunha</li> <li>- Saulo Silva da Silveira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bettina Ried</li> <li>- Eliana Lucia Ferreira e</li> <li>- Rute Estanislava Tolocka</li> <li>- Emerson Rodrigues Duarte</li> <li>- Douglas Messias Fedocio</li> <li>- Ricardo Wagner Campos Rosa</li> </ul>
Número de participantes	...	10 grupos	1 duplas – LWD1 10 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	10 coreografias	5 ritmos – samba, rumba, jive, paso doble e cha cha cha.
Árbitros	---		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pippa Roberts</li> <li>- Iwona Ciok</li> <li>- Wlodzimmierz Ciok</li> <li>Árbitros cegos</li> <li>- Bettina Ried</li> <li>- Sigrid Bitter</li> <li>- Maria do Carmo Rossler Freitas</li> <li>- Eliana Lucia</li> </ul>

			<p>Ferreira</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Rute E. Tolocka</li> <li>- Dalmo Jaenicke</li> <li>- Suzana Quinaud</li> <li>- Saulo Silveira</li> <li>- Regina Cunha</li> </ul>
Classificador Funcional	---		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rute E. Tolocka</li> <li>- Eliana Lucia Ferreira</li> <li>- Bettina Ried</li> </ul>
Conferência (conferencista)	<ul style="list-style-type: none"> <li>* A reabilitação através do esporte: maleabilidade corporal e social (Marco Túlio de Melo).</li> <li>* Educação e diversidade humana (Apolônio Abadio do Carmo)</li> </ul>	---	---
Cursos (ministrante)	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Arbitragem em DECR (Iwona Ciok e Wlodzimmierz Ciok)</li> <li>* Técnica de dança esportiva em cadeira de rodas (Pippa Roberts)</li> </ul>	---	---
Mesa redonda	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Processo de criação do movimento para dança em cadeira de rodas.</li> <li>* Possibilidades de movimentos artísticos sobre uma cadeira de rodas.</li> <li>* Multiplicidade, fragmentação e complexidade: atividades artísticas e esportivas para pessoas com deficiência.</li> <li>* Fundamentação teórica e prática da educação motora no desenvolvimento humano – implicações para as pessoas com deficiência.</li> </ul>	---	---
Work shop (ministrante)	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Vivência prática do método Laban (Cyane Fernandes)</li> <li>* Técnicas básicas de dança de salão em cadeira de rodas (Iwona Ciok, Wlodzimmierz Ciok e Pippa Roberts).</li> </ul>	---	---

Relato de experiência (autor)	<p>* A dança em cadeira de rodas e a mídia (Luciene Rodrigues)</p> <p>* O Brasil no circuito internacional da dança esportiva - The Malta Open Wheelchair Dance Sport Championship (Anete Cruz)</p> <p>* Novo imigrante (Alexandre Aguiar Siqueira)</p> <p>* Proposta de política pública em esporte adaptado (Emerson Rodrigues)</p> <p>* De la danza integradora (Lilá Nuldeman)</p>	---	---
Realização	<p>- Universidade Federal de Juiz de Fora</p> <p>- Faculdade de Educação Física e Desportos</p> <p>- Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas</p> <p>- Prefeitura Municipal de Juiz de Fora</p>		
Órgão Financiador	<p>- Governo Federal</p> <p>- FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais</p>		
Apoio	<p>- UNIMEP</p> <p>- SESC – Minas Gerais</p> <p>- Instituto Viana Júnior</p> <p>- 4º. Depósito de Suprimento do Exército</p> <p>- Academia do Comércio</p>		
Produção Científica	<p>- <b>Anais:</b> Anais do IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas.</p> <p>- <b>Livro:</b> Dança artística e esportiva para pessoas com deficiência: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal;</p> <p>Corpo – movimento – deficiência: as formas do discurso da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação.</p> <p>- <b>Dissertação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desvendando as emoções na dança esportiva em cadeira de rodas – Maria do Carmo Rossler de Freitas – Universidade Metodista de Piracicaba.</li> </ul>		

**Fonte:** Anais do IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e documentos da CBDCR.

Resumo dos eventos de 2006			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	5ª.	5ª.	5ª.
Data	14 a 17 de junho	14 de junho	17 de junho
Cidade	Piracicaba	Piracicaba	Piracicaba
Local	Faculdade de Ciências da Saúde – UNIMEP	Faculdade de Ciências da Saúde – UNIMEP	Faculdade de Ciências da Saúde – UNIMEP
Coordenação Geral	- Rute Estanislava Tolocka		
Organizadores	- Rute Estanislava Tolocka - Eliana Lucia Ferreira	- Regina Cunha	- Maria do Carmo Rossler de Freitas - Eliana Lucia Ferreira
Número de participantes	...	...	2 duplas – LWD1 6 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	...	5 ritmos – samba, rumba, jive, paso doble e cha cha cha.
Árbitros	---	---	- Maria do Carmo Rossler Freitas - Eliana Lucia Ferreira - Dalmo Jaenicke - Suzana Quinaud - Regina Cunha
Classificador Funcional	---		- Rute E. Tolocka
Conferência (conferencista)	---	---	---
Cursos (ministrante)	* Técnicas de Manejo em Cadeira de Rodas (Alberto Martins da Costa) * Dança Esportiva em Cadeira de Rodas (Maria do Carmo Rossler	---	---

	Freitas e Alessandro Freitas) * Processos Criativos em Dança: Improvisação e Composição Coreográfica (Carla Cristina Oliveira de Ávila)		
Mesa redonda	* Educação Física e Dança em Cadeira de Rodas	---	---
Realização	- Universidade Metodista de Piracicaba - Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas		
Órgão Financiador	---		
Apoio	- Faculdade de Ciências da Saúde. - Ministério do Esporte e do Turismo - FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - CNPq - UFJF - CAPES - Natural life - VasTur - SELAM		
Produção Científica	- <b>Anais:</b> Anais do V Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas. - <b>Livro:</b> Dança e diversidade humana. - <b>Dissertação:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração de um Instrumento de Análise da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas – Alessandro de Freitas – Universidade Metodista de Piracicaba.</li> </ul>		

**Fonte:** Anais do V Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e documentos da CBDCR.



Resumo dos eventos de 2007			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	6ª.	6ª.	6ª.
Data	15 a 17 novembro	16 de novembro	17 de novembro
Cidade	João Pessoa	João Pessoa	João Pessoa
Local	FUNAD	Teatro Paulo Pontes – Espaço Cultural	Ginásio do Colégio Marista Pio X
Coordenação Geral	Eliana Lucia Ferreira		
Organizadores	- Rute Estanislava Tolocka - Eliana Lucia Ferreira	- Regina Cunha	- Maria do Carmo Rossler de Freitas - Regina Cunha
Número de participantes	...	9 grupos	9 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	13 coreografias	5 ritmos – samba, rumba, jive, paso doble e cha cha cha.
Árbitros	---	---	- Maria do Carmo R. de Freitas - Eliana Lucia Ferreira - Dalmo Jaenicke - Suzana Quinaud - Regina Cunha
Classificador Funcional	---		- Rute E. Tolocka
Conferência (conferencista)	---	---	---
Palestras (ministrante)	* Dança em cadeira de rodas (Eliana Lucia Ferreira) * Dança Reabilitação (Rute Estanislava Tolocka)	---	---
Oficina (ministrante)	* Dança em cadeira de rodas (Regina Cunha) * Fundamentos básicos da ginástica artística para pessoas	---	---

	com Síndrome de Down (Dalmo Jaenicke)  * Atividade física básica lúdica para 3ª. idade – força, agilidade e alongamento (Suzana Quinaud)		
Realização	Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas		
Órgão Financiador	Governo da Paraíba		
Apoio	FUNAD		
Produção Científica	---		

**Fonte:** documentos da CBD CR.

Resumo dos eventos de 2008			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	---	7ª.	7ª.
Data	---	18 de julho	19 de julho
Cidade	---	Santos	Santos
Local	---	Teatro Coliseu de Santos	Clube Internacional de Regatas
Organizadores	---	- Luciana Carla Ramos - Regina Cunha	- Maria do Carmo Rossler de Freitas - Michelle Aline Barreto - Carolina Lessa Cataldi
Número de participantes	...	10 grupos	1 dupla – LWD1 9 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	12 coreografias	5 ritmos – samba, rumba, jive, paso doble e cha cha cha.
Árbitros	---	---	- Maria do Carmo Rossler Freitas - Alessandro de Freitas - Suzana Quinaud
Classificador Funcional	---	---	- Eliana Lucia Ferreira
Conferência (conferencista)	---	---	---
Palestras (ministrante)	---	---	---
Oficina (ministrante)	---	---	---
Realização	Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas		
Órgão Financiador	---		
Apoio	- Prefeitura Municipal de Santos - TV Tribuna - Santos		
Produção Científica	---		

**Fonte:** Documentos da CBD CR.

Resumo dos eventos de 2009			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	7ª.	8ª.	8ª.
Data	08 a 13 de dezembro	09 de dezembro	12 de dezembro
Cidade	Juiz de Fora	Juiz de Fora	Juiz de Fora
Local	Faculdade de Educação Física - UFJF	Pró-Música	Ginásio do Colégio Jesuítas
Coordenação Geral	- Eliana Lucia Ferreira		
Organizadores	- Eliana Lucia Ferreira - Michelle Aline Barreto	- Regina Cunha - Michelle Barreto - Eliana Lucia Ferreira	- Michelle Barreto - Eliana Lucia Ferreira e - Otávio Rodrigues de Paula - Maria do Carmo Rossler Freitas
Número de participantes	...	4 grupos	2 duplas – LWD1 9 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	8 coreografias	5 ritmos – samba, rumba, jive, paso doble e cha cha cha.
Árbitros	---	---	- Pippa Roberts - Maria do Carmo Rossler Freitas - Eliana Lucia Ferreira - Alessandro de Freitas - Dalmo Jaenicke - Suzana Quinaud - Regina Cunha Árbitros cegos - Michelle Barreto -Carine da Silva

			Pinheiro - Érico Rodrigo Ferreira - Diogo de Carvalho de Souza - Bárbara Schwarz
Classificador Funcional	---		- Dorit Sharet
Conferência (conferencista)	* Corpo e Poéticas do Deslocamento (Edna Resende de Alcântara)	---	---
Cursos (ministrante)	* Curso Avançado de Técnica de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas (Pippa Roberts). * Dança esportiva em cadeira de rodas (Pippa Roberts).	---	---
Mesa redonda	* Perspectivas e Possibilidade de Movimentos da Dança para Pessoas com Deficiência * Acessibilidade/Subjetividade: Caminhos a serem percorridos.	---	---
Relato de experiência (autor)	* Dança promovendo a cidadania (Luciene Rodrigues) * Método LAS: utilizado como base de ensino da primeira escola municipal de dança em cadeira de rodas do Brasil (Luciana Ramos) * Arquitetura da dança: do desenho a construção de uma dupla (Alexandre Siqueira)	---	---
Realização	- CBDCR - Faculdade de Educação Física e Desportos – UFJF - CAEFI - Coordenação de Acessibilidade Educacional, Física e Informacional - CEAD – Centro de Educação a Distância da UFJF		
Apoio	- UFJF - Prefeitura Municipal de Juiz de Fora – Secretaria de Esporte e Lazer		

	- Associação dos Cegos de Juiz de Fora - Colégio dos Jesuítas
Produção Científica	- <b>Anais:</b> Anais do VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas

**Fonte:** Anais do VII Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas e documentos da CBDCCR.

Resumo dos eventos de 2010			
Evento	Simpósio	Mostra	Campeonato
Edição	---	9ª.	9ª.
Data	---	10 de julho	09 de julho
Cidade	---	Santos	Santos
Local	---	Teatro Coliseu de Santos	Ginásio Rebouças
Organizadores	---	- Luciana Carla Ramos - Regina Cunha	- Maria do Carmo R. Freitas - Michelle Aline Barreto
Número de participantes	...	7 grupos	1 dupla – LWD1 7 duplas – LWD2
Número de coreografias	---	10 coreografias	5 ritmos – samba, rumba, jive, paso doble e cha cha cha.
Árbitros	---	---	- Maria do C.R. Freitas - Regina Cunha - Bettina Ried Árbitros cegos - Michelle Barreto -Carine da Silva Pinheiro - Érico Rodrigo Ferreira - Diogo de Carvalho de Souza - Bárbara Schwarz
Classificador Funcional	---	---	- Eliana Lucia Ferreira
Conferência (conferencista)	---	---	---
Palestras (ministrante)	---	---	---
Oficina (ministrante)	---	---	---
Realização	Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas		
Órgão Financiador	---		

Apoio	- Prefeitura Municipal de Santos - TV Tribuna - Santos
Produção Científica	- <b>Dissertação:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Simetria na Dança: vestígios matemáticos na prática da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas – Anete Otília Cardoso de Santana Cruz – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.</li><li>• Intensidade de Esforço na Competição de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas – Otávio Rodrigues de Paula – Universidade Federal de Juiz de Fora.</li></ul>

**Fonte:** Documentos da CBDCCR.